

**STAR TREK**  
**JORNADA NAS**  
**ESTRELAS**

Inclui  
reportagem  
ilustrada  
sobre a  
produção do  
filme

## **Δ NOVA GERAÇÃO**

Um romance de J. M. Dillard  
autora de: *A Terra Desconhecida*  
baseado na história de  
Rick Berman, Ronald D. Moore e  
Brannon Braga

EDITORA  
**ALEPH**

# STAR TREK®

*Audaciosamente indo aonde ninguém jamais  
esteve*

## A NOVA GERAÇÃO



E o fenômeno *Trek* explode  
mais uma vez, como uma  
super nova (Richard Zoglin - Time)

Acho que deve haver muitas  
pessoas que vão me adorar por  
matar o capitão Kirk!  
(Malcom McDowell - vilão)



Av Dr. Luiz Migliano, 1110 - 3ª and  
05711 001 - S.Paulo (011) 843-3202

# J. M. DILLARD

# JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA GERAÇÃO

Tradução: *Humerto Kawai*

Título original: *Generations* Copyright

© Paramount Pictures Corporation, Todos os direitos reservados



STAR TREK é uma Marca Registrada da Paramount Pictures Corporation

Publicado mediante contrato firmado com Pocket Books, New York



Todos os direitos da tradução para o Brasil reservados à **Aleph Publicações e Assessoria Pedagógica Ltda.**

Av. Dr. Luiz Migliano, 1110 - 3º and. - Morumbi

CEP 05711-001 -São Paulo-SP - Tel: (011)843-3202/ 843-0514

Diretor Editorial: **Pierluigi Piazza** Diretora Administrativa: **Betty Fromer**

Editor Chefe: **Renato da Silva Oliveira** Editor de FC: **Roberto de Sousa Causo**

Ilustrações internas: **Leonardo Bussadori** Consultoria: **Frota Estelar Brasileira**

CP 14592 CEP 03698-970 S.PAULO SP



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

DILLARD, J. M.

A Nova Geração/ J. M. Dillard; tradução de Humberto Kawai

São Paulo; Aleph, 1995 - (Coleção Star Trek: v. 20)

Acima do título: Jornada nas Estrelas.

1. Ficção Científica norte-americana I. Titula IL Série

91-2908

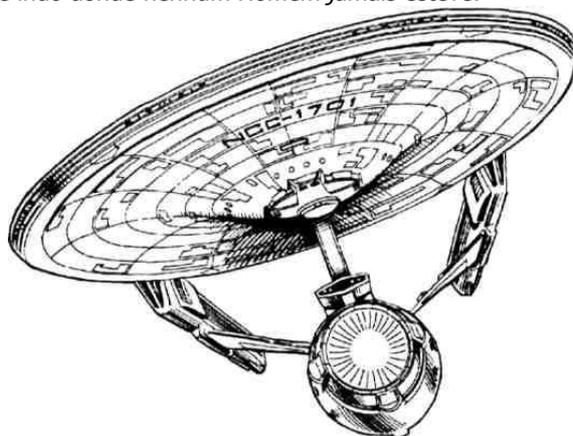
CDD-813.0876

índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Século 20 : Literatura norte-americana  
813.5
2. Ficção Científica: literatura norte-americana  
813.0876
3. Século 20: Ficção : Literatura norte-americana

"O Espaço, a fronteira final.

*Estas são as viagens da nave estelar Enterprise, em sua missão de cinco anos para explorar novos mundos, pesquisar novas vidas, novas civilizações, audaciosamente indo aonde nenhum Homem jamais esteve."*



#### U.S.S. ENTERPRISE NCC-1 701A

A *Enterprise* utilizada na missão exploratória de cinco anos foi a única sobrevivente das doze naves de classe *Constitution* construídas. Após o término da missão, ela foi inteiramente reformada, incorporando o que havia de mais atual em termos de tecnologia. Novos motores de dobra, novos sistemas de impulsão e defesa, computador mais potente, novos armamentos. A reformada *Enterprise* revelou-se tão extraordinária que a Frota Estelar decidiu construir outras naves, criando uma nova classe: a classe *Enterprise* de cruzadores pesados. Durante a missão Gênesis o capitão Kirk se viu forçado a explodir a *NCC-1701* usando o sistema de auto-destruição da nave em órbita em torno do planeta Gênesis. Algum tempo depois, uma outra nave da classe, a *USS Ti-Ho*, foi rebati-zada de "*Enterprise*", recebendo o código *NCC-1701 A*.



James Tiberius KIRK é o comandante da *Enterprise*. O mais jovem capitão , e também o mais jovem almirante da Frota Estelar tem uma destacada folha de serviços. Natural do planeta Terra. Após a missão exploratória de cinco anos, foi promovido a almirante e designado para chefe de operações da Frota.

Depois de dois anos e meio voltou ao comando da *Enterprise* durante a missão contra VGER. Rara resgatar o corpo de Spock no planeta Gênesis e levar o *katra* do vulcano ao seu planeta, Kirk e sua tripulação desobedeceram às ordens da Frota e seqüestraram a *Enterprise*. Quando voltavam à Terra para serem julgados por seus atos, Kirk e seu pessoal salvaram o planeta ameaçado por uma sonda espacial de origem desconhecida. Novamente sua coragem foi reconhecida, mas por desobedecer ordens foi rebaixado a capitão, podendo assim, continuar a fazer o que melhor sabia: comandar uma nave estelar.



O imediato e oficial de ciências da nave *Enterprise* é o capitão SPOCK. Filho de um vulcano e uma terrestre possui uma mente extremamente analítica. Recebeu a educação de um vulcano, treinado em lógica, computação e controle das emoções. Terminada a missão de cinco anos voltou a Vulcano para se submeter à doutrina do *Kolinahr*. Durante os eventos envolvendo VGER reuniu-se à antiga equipe decidindo voltar à ativa. Durante a missão Gênesis sacrificou a vida para salvar a *Enterprise* e sua tripulação. Antes de morrer passou seu *katra*, sua alma, para McCoy que a levou até Vulcano e através da cerimônia do *fal tor pan* reunificou-a ao corpo de Spock regenerado pelo "efeito gênesis".



Leonard H. McCOY é o oficial médico-chefe da *Enterprise*. Um médico da Terra apegado às tradições e pouco afeito à tecnologia de seu tempo - reflexo de seu temperamento extremamente humanista e romântico - que não o impede de ser um exímio conhecedor do uso dos modernos e sofisticados instrumentos médicos. É amigo pessoal e conselheiro do capitão Kirk. Após a missão de cinco anos retirou-se para fazer pesquisas médicas, só retornando à ativa após ser convocado para a

missão contra VGER. Quando Spock morreu salvando a *Enterprise*, o vulcano fez com que McCoy fosse o Guardião do seu *katra*.



Comandante Montgomery SCOTT, Capitão de engenharia da *Enterprise*. Um escocês que possui profundo conhecimento da alta tecnologia utilizada nas astronaves, sendo considerado uma das maiores autoridades no assunto. É o responsável pela engenharia e manutenção da nave.

Comandante Nyota UHURA, oficial de comunicações da *Enterprise*. Nasceu nos Estados Unidos da África e seu nome significa "liberdade" na linguagem *swahili*. Excelente em matemática e física. Colecionadora de canções e magnífica musicista.

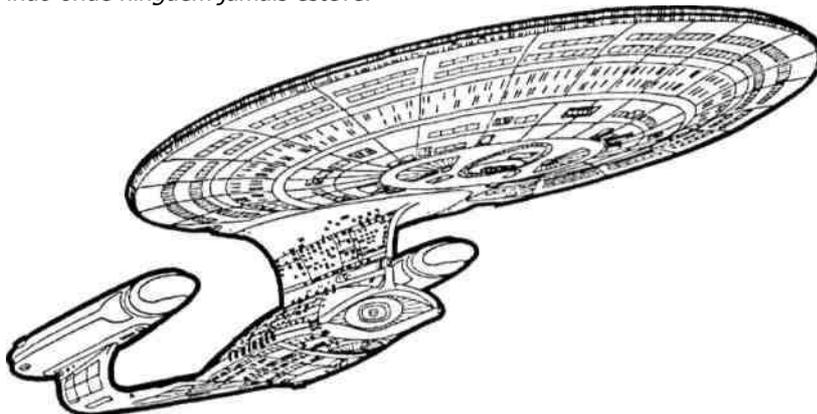
Capitão Hikaru Kato SULU, Ex-piloto da *Enterprise*. É o atual capitão da *USS Excelsior*. Um oriental apreciador de botânica e de personalidade romântica. Campeão interplanetário de esgrima, colecionador de armas antigas e especialista em artes marciais.



Comandante Pavel Andreievich CHEKOV, navegador e chefe da segurança da *Enterprise*. Um russo que freqüentemente proclama as qualidades de seus ancestrais soviéticos, que alegavam ter inventado e descoberto quase tudo no universo. É jovial, impulsivo e de espírito alegre.

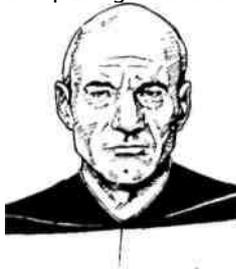
*"O Espaço, a fronteira final.*

*Essas são as viagens da nave estelar Enterprise, prosseguindo em sua missão para explorar novos mundos, pesquisar novas vidas, novas civilizações, audaciosamente indo onde ninguém jamais esteve."*



### **U. S. S. Enterprise NCC-1701-D**

A United Space Ship Enterprise, cruzador de exploração da classe Galaxy, é a quarta nave herdeira do número de matrícula, NCC-1 701, maior e mais rápida que suas predecessoras. Sua missão de trinta anos é expandir as fronteiras territoriais, científicas e culturais da Federação de Planetas. Construída nos estaleiros de Marte, seu casco é feito de uma liga especial de tritanium/duranium. Tem um comprimento de 642,5m, largura de 467 m e altura de 137,5m. Sua velocidade máxima de cruzeiro é feita em dobra 9. A nave foi construída para que, em casos de emergência, o disco principal --onde estão as famílias dos 800 tripulantes, cerca de 300 passageiros entre cônjuges e crianças -- se separe da seção de batalha.



 Capitão Jean-Luc **PICARD**, é o comandante da nova Enterprise. Nasceu na França. Com vasta experiência em missões de exploração e pesquisa no espaço, tem uma extraordinária capacidade de comando. Possui uma lógica clara, muita perspicácia e ação decisiva. Tem um senso de justiça, honra e conduta bem definidos. É sagaz, decidido, romântico e diplomático, além de verdadeiro gentleman.



Comandante **William T. RIKER**, é o imediato da Enterprise. Sua maior responsabilidade é a defesa e proteção da vida do capitão. É de sua competência também, certificar-se que a nave se mantenha operacional e sua tripulação treinada. Lidera os grupos de exploração. Possui inteligência arguta e um senso de humor apurado que o auxilia no relacionamento com seus subordinados.



Tenente-comandante **DATA**, piloto da nave por ser um andróide não sente emoções e tem grandes dificuldades em entendê-las. Tem pele dourada, olhos amarelos e enorme força física. É muito literal e se confunde facilmente quando se usam figuras de linguagem. Registra em seu cérebro positrônico tudo o que aprende ou vê.



Conselheira **Deanna TROI**. Nasceu no planeta Betazed, mas é apenas meia betazóide - seu pai é um oficial terrestre da Frota. Possui a capacidade de sentir as emoções da maioria dos seres vivos da Galáxia herdada de seus ancestrais betazóides. Usa suas e sua empatia para auxiliar o Capitão Picard a tomar decisões.



Tenente **Geordi LA FORGE**, é o navegador da Enterprise Mesmo cego de nascença, consegue "enxergar" graças ao **visor**, um aparelho que funciona como um órgão sensorial capaz de distinguir várias faixas do espectro eletromagnético - luz, infravermelho, ultravioleta, raios-x - além de ampliar as imagens como um microscópio.



O tenente **WORF**, é o oficial de armamentos. E o primeiro oficial klingon nos quadros da Frota. Quando criança, foi o único sobrevivente de um ataque dos romulanos ao planeta Khitomer. Adotado por um oficial da Frota viveu, desde então, entre os humanos. Procura sempre manter o autocontrole, apesar de sua natureza agressiva .



**WESLEY Crusher**, filho da doutora Crusher, é um adolescente superdotado. Possui incrível facilidade para visualizar e projetar sistemas de circuitos eletrônicos. Tem paixão por física avançada, comandos computadorizados das dobras espaciais e tecnologia de raios tratores e repulsores.



Doutora **Beverly CRUSHER**, é a médica-chefe. Nasceu na colônia Alveta III, onde apaixonou-se pela medicina após observar sua avó improvisar um tratamento à base de ervas para salvar seu planeta de uma epidemia. Seu marido foi morto numa missão comandada por Picard e, apesar de não culpá-lo, tem emoções conflitantes a esse respeito. Possui personalidade forte e vibrante

Tenente **Natasha YAR**, é a chefe da segurança. Natural do planeta Nova Paris, onde humanos formaram uma colônia que degenerou em violência e selvageria. Nunca conheceu o pai e foi abandonada pela mãe aos cinco anos de idade, passado a viver nas ruas e aprendendo a defender-se sozinha. Venera a Frota Estelar, por tê-la salvo do caos de seu planeta e ter-lhe dado uma nova oportunidade de vida.

## *Parte Um*

### Doca Espacial, Terra 2293, Antiga Data Terrestre.

#### *Um*

No alojamento do capitão a bordo da *Enterprise-A.*, o relógio náutico quebrou o silêncio e soou a hora, anunciando suavemente a passagem do tempo. James Kirk endireitou o corpo diante da mala aberta sobre o leito — tendo nas mãos sua túnica civil cuidadosamente dobrada — a fim de escutá-lo tocar. Naquele instante, outro relógio começou a soar a hora: um antigo relógio de mesa em cerejeira polida, ao qual Kirk havia dado corda pela primeira vez em muitos anos, especialmente para aquela ocasião.

Mil e novecentas horas. Spock e McCoy deveriam chegar a qualquer momento para acompanhá-lo até a longa tortura que seria a tradicional festa de queima de fogos, na qual a tripulação celebrava a última noite a bordo de uma nave, ao término de uma longa missão.

Mil e novecentas horas, era o som do tempo que avançava inexoravelmente. A noite já começara e caminharia rápido demais para seu inevitável fim.

Kirk jogou a túnica dentro da mala e foi até a parede, onde apertou um controle e digitou um código. Um painel se abriu, de dentro do qual Kirk apanhou diversas caixinhas, cada qual contendo uma medalha. Não parou para examiná-las, apenas colocou-as cuidadosamente na mala, tal como fizera diversas vezes na vida ao deixar o alojamento do capitão, daquela mesma maneira, perguntando a si mesmo se seria a última.

Tinha sentido o mesmo, muito tempo atrás, quando ainda jovem, na ocasião em que a primeira nave estelar chamada *Enterprise* retornou à doca espacial, ao término de sua primeira missão de cinco anos. Ficara enfurecido ao perceber que o Almirante Nogura estava determinado a forçá-lo a aceitar uma promoção ao almirantado e um cargo de escritório. Já não havia mais raiva nem frustração, apenas tristeza e uma enorme sensação de perda. Além de um tênue frêmito de orgulho, ao lembrar-se de como, tantos anos no passado, havia lutado para conseguir sua nave de volta, enfrentando o próprio Heihachiro Nogura, o chefe da Frota Estelar, e fora bem sucedido.

Desta vez, Kirk não estava imaginando se aquela seria a última noite que passaria a bordo da *Enterprise* como seu capitão. Não havia mais dúvida disso. Kirk e a nave seriam ambos aposentados, juntamente com os membros mais antigos da tripulação da ponte: Spock, McCoy, Uhura e até mesmo Scotty, que havia preferido aposentar-se a permanecer na Frota sem a oportunidade de servir com aquela tripulação em particular.

Não haveria mais estratégias nem ardis para retomar sua nave e driblar o inevitável. Tinha exaurido todos os recursos. Ele próprio estava exausto depois de lutar por tantos anos para se manter no comando. Massageou, distraído, um músculo dolorido nas costas, que machucara recentemente ao trabalhar nas minas da colônia penal klingon de Rura Penthe. Não tinha achado necessário incomodar McCoy a respeito daquilo. Seria admitir que estava ficando muito velho para suportar os rigores do posto de capitão.

Procurou ver se faltava algo para guardar na mala. Apanhou uma holografia de cima da cômoda e fitou o rosto sorridente do filho que tivera com Carol: David. David também caíra vítima do tempo, havia alguns anos, ao morrer nas mãos dos klingons. Kirk colocou gentilmente a holografia de volta no lugar, ao lado do relógio de mesa e do antigo livro de papel ali colocados especialmente para aquela ocasião. A holografia de David era a primeira coisa que colocava em uma cabine, ao tomar posse dela, e a última a colocar na mala, ao deixá-la. Ficaria ali sobre a cômoda até a manhã seguinte, quando então seria guardada na mala juntamente com seu uniforme de capitão.

O intercomunicador apitou.

Fez uma careta de dor, sentindo uma pontada nas costas ao voltar-se abruptamente para pressionar o botão e responder:

— Kirk falando.

Uma conhecida voz feminina soou através da grade do alto-falante.

— Aqui fala Uhura, capitão. Eu... Ele a interrompeu.

— Pensei que estivesse indo para a festa de queima de fogos, comandante.

— E estou, senhor. — Ele pôde ouvir-lhe o sorriso. — Mas ainda me restam alguns minutos e gostaria de passá-los em serviço.

— Compreendo — disse Kirk, brandamente.

— Senhor, a interferência espacial diminuiu. Consegui finalmente abrir um canal para a base estelar vinte e três. Já posso colocá-la no visual, mas aviso que não estamos recebendo muito bem.

— Você é maravilhosa, Uhura.

— Sei disso, senhor.

— Transmita o que puder para o meu alojamento.

Percebendo uma rápida aceleração no ritmo cardíaco, caminhou até o visor e fitou a estática visual na tela, que aos poucos foi clareando até formar a imagem esverdeada e levemente borrada de Carol Marcus, no que reconheceu ser seu leito de hospital na base estelar. Ele a visitara ali, antes de ser convocado para o que a mídia já estava chamando de missão Khitomer, sua última missão a bordo da *Enterprise*. Carol fora quase mortalmente ferida num aparente ataque klingon e ficara inconsciente durante todo o tempo em que estivera com ela, temendo nunca mais voltar a vê-la.

Prometera a si mesmo que se tivesse outra chance de falar com ela, seria para dizer-lhe que estava voltando para ficar a seu lado e nunca mais deixá-la. Sentiu amenizada a dor da perda da *Enterprise* ao saber que Carol estava bem e estaria esperando por ele.

— Carol? — as palavras brotaram rapidamente. — Carol, graças a Deus! Não tem idéia de como é bom vê-la acordada. Quando a deixei, tive tanto medo que...

Ela falou ao mesmo tempo:

— Jim! Oh, meu Deus, Jim. Disseram-me que os klingons o condenaram pelo assassinato de Gordon e o enviaram para aquela terrível prisão. Fiquei com tanto medo...

Ambos interromperam ao mesmo tempo o que diziam e riram brandamente, com alegria.

— Parece que você sobreviveu — disse Carol, por fim. Era difícil dizer, por causa da péssima recepção, mas o tom esverdeado do rosto de Carol parecia estar da mesma cor de seu cabelo, que normalmente era louro, e do travesseiro no qual estava encostada, dando a Kirk a impressão de que ela estava terrivelmente pálida. Entretanto, parecia lúcida e tinha uma prancheta no colo. Estivera trabalhando. Ele sorriu.

— Como sempre. E quanto a você?

— Os médicos disseram que poderei sair dentro de um dia ou dois, no máximo. Mas você está bem mesmo?

— Estou. Só que vou deixar o cargo, a partir de amanhã. Estou na doca espacial, Carol. Estão nos aposentando.

Tentou fingir que não se importava, mas a tristeza transpareceu apesar de seus esforços. Ela deixou de sorrir. Ficou silente por um instante, então disse:

— Sinto muito, Jim. De verdade.

— Não que eu não soubesse que iria acontecer. — Deu de ombros e conseguiu parecer mais alegre. — Então... o que vai fazer daqui a um dia ou dois?

O seu rosto se iluminou, e ela se endireitou na cama. Ele imaginou perceber um brilho de emoção nos olhos dela, como sempre acontecia quando falava de um trabalho que considerava importante.

— Vou reconstruir a estação de pesquisa Themis, Jim. Agora que a situação com os klingons está se acalmando...

Ele a interrompeu.

— Carol, você quase *morreu*. É hora de levar as coisas com um pouco mais de calma, não de assumir correndo uma tarefa enorme.

Ela torceu os lábios, com raiva carinhosa.

— Quem é você para me dizer isso? Quantas vezes *você* já quase chegou a morrer? Nem assim consegui afastá-lo da sua maldita nave, nem mesmo usando um raio trator...

— Bem, você tem essa chance agora. — Ele tentou manter o tom de ironia na voz. — Atualmente, tenho bastante tempo disponível. E quero passá-lo a seu lado.

— Ora, é claro. Sabe que sempre fico feliz em vê-lo, Jim. Mas Themis não é o melhor lugar para se passar as férias. Não há nada para se ver além de uma estação de pesquisa incendiada...

— Droga — disse ele, gentilmente. — Quer me ajudar um pouco nisto? Não estou falando de passar um fim-de-semana em Themis enquanto você trabalha. Estou falando de uma lua-de-mel.

Ela deixou escapar uma pequena risada de surpresa e apesar da recepção pouco nítida pareceu ficar um pouco ruborizada.

— Jim — disse ela, sorrindo, e com essa única palavra deu a entender: "Você está brincando, não está?"

— Estou falando sério — disse ele. — Não me diga que não esperava por isso. — Pensava ter deixado bem claro. Tentou em vão recordar-se da conversa que tiveram e quais haviam sido exatamente as palavras que usara para dizer-lhe que se casaria com ela assim que se aposentasse, mas a memória lhe falhou.

— Não esperava por isso. — Ela deixou de sorrir, passando a aparentar preocupação. — Jim, sabe que o tempo que passamos juntos foi muito especial para mim, mas... nunca falamos em casamento de papel passado.

— Estou falando agora. Amo você, Carol. Sempre achei que ficaríamos juntos assim que me aposentasse e que formaríamos um lar. Você até mesmo chegou a dizer que Marcuslabs poderia precisar de alguém como eu...

— No que se refere a Marcuslabs, eu o contrataria num piscar de olhos, se você quisesse. Você tem contatos que lhe permitiriam ir a qualquer lugar da galáxia, facilitando a criação de novas estações de pesquisa. Haveria muitas viagens e oportunidades para usar seu talento diplomático. Mas eu

não poderia viajar com você. — Ela deu um longo suspiro. — Jim, eu amo você. Mas sabe muito bem que você jamais conseguiria criar raízes, mesmo que quisesse. Estará sempre agitado, inquieto, procurando coisas excitantes para fazer até o dia em que morrer. Se está sugerindo que compremos um condomínio em algum lugar e passemos o dia a cuidar da casa... isto seria pior do que a morte para nós dois.

— Compreendo — disse, em voz baixa.

— Jim, não fique magoado.

— Não... não. Você está certa — admitiu debilmente. E o que era pior, realmente concordava com ela. Em algum lugar, no fundo de sua mente, já tinha assistido aquela cena antes, sabia que aquilo iria acontecer. Mesmo assim, sentiu como se o convés tivesse sido puxado dele. - Não estou magoado... apenas cansado. Procurando um lugar para descansar. Esta última missão foi muito puxada.

— Então, venha me ver. Precisamos conversar.

Atrás dele, a porta soou. Ele virou-se para a porta e depois voltou-se novamente para Carol.

— Preciso ir. É a festa de queima de fogos.

— Amo você, Jim.

Ele tocou a tela, como se fosse segurar a mão dela, tentando mantê-la ali no presente, mas sentiu que ela lhe escapava por entre os dedos, tal como o tempo, tal como a nave em que se encontrava.

A tela escureceu. Kirk voltou-se para a porta e disse:

— Entre.

Spock entrou, trazendo dois pacotes: um menor em cima de outro maior, ambos precisamente embrulhados em papel colorido. Spock hesitou à porta, parecendo constrangido e um pouco embaraçado.

— O que é isso? — gesticulou Kirk com fingida surpresa ao ver os pacotes.

— Um presente, senhor. — Spock entregou-lhe a caixa maior. — Talvez não seja esse o costume, mas pareceu-me... de certa forma apropriado para comemorar o final de nossos anos de serviço juntos.

Kirk sorriu discretamente, sentindo-se tocado, e sentou-se na cama para abrir o pacote. Removeu o papel com cuidado. Dentro da caixa, envolto em papel de seda, havia um reluzente sextante de bronze e madeira polida: um secular instrumento outrora usado pelos navegantes que se orientavam pelas estrelas.

— Para ajudar-me a encontrar o meu caminho? — perguntou Kirk gentilmente, passando, admirado, os dedos pelo instrumento. — Spock... obrigado. É muito bonito... Enquanto falava, a porta soou outra vez.

— Entre — disse Jim, e McCoy entrou.

Havia um amplo sorriso nos lábios do doutor e duas garrafas empoeiradas nas mãos. Mas, para Jim, o sorriso pareceu forçado. Havia olheiras arroxeadas sob os gélidos olhos azuis de McCoy. Parecia tão abatido quanto Kirk, após todo o sofrimento em Rura Penthe.

*Meu Deus*, pensou Kirk. *Como ele está velho... e eu também.*

— Bem — disse McCoy alegremente, erguendo as garrafas. — Vejo que o vulcano me passou a perna. Eu também trouxe presentes.

— *Duas* garrafas? Espero que ambas sejam para mim. — Kirk apertou os olhos para enxergá-las, desejando estar com seus óculos.

— Nem pensar. — O médico ergueu uma delas e soprou no rótulo. Kirk ergueu as mãos para se proteger da nuvem de pó que o envolveu. — Esta é a mais velha, portanto é sua.

Kirk apanhou a garrafa e sorriu ao ver a data no rótulo.

— Pelos velhos tempos — disse McCoy, com um discretíssimo tremor na voz, ou teria sido apenas a imaginação de Kirk? — E esta...

Soprou o rótulo da segunda garrafa e a entregou a Spock.

— Ora, Dr. McCoy — disse o vulcano, levemente surpreso. — Isto é álcool.

— O bom e velho conhaque sauriano, para ser exato — disse o médico, com prazer. — Beba e lembre-se de mim... e da importância de relaxar um pouco de vez em quando.

— Eu o farei — respondeu Spock. — Se procurar lembrar-se da importância da lógica quando olhar para isto. — Entregou a McCoy o pacote menor.

McCoy desembulhou o pacote e ergueu um círculo de metal polido, do tamanho da palma da mão, no qual estava gravado um complicado desenho de figuras geométricas. Franziu a testa.

— É muito bonito, Spock... mas... o que é isto?

— Uma mandala vulcana. O indivíduo deve contemplá-la, a fim de acalmar a mente e as emoções, ao preparar-se para receber a lógica.

— Oh, obrigado. — McCoy guardou-a no bolso da jaqueta. — Prometo que vou olhar para ela toda vez que achar que preciso de um pouco de lógica. Já que você não vai mais estar por perto para provê-la...

— Senhores — Kirk ergueu-se e caminhou até a cômoda. — Não sei embrulhar presentes, mas... estes são para vocês. — Entregou o pequeno livro de papel para Spock.

Spock olhou para o livro e permitiu apenas a mais tênue sombra de um sorriso cruzar-lhe as feições.

— *Horatio Hornblower*. Obrigado, capitão.

— Para lembrar-se de mim — disse Jim. McCoy ergueu uma sobranceira.

— Não acha que *Don Juan* seria um pouco mais apropriado?

— Cuidado com a língua, doutor, ou não lhe darei o seu presente — rebateu Kirk, apontando para o relógio de mesa. — Estava mesmo me sentindo tentado a guardá-lo para mim. — Abriu a tampa de cristal e voltou o ponteiro dos minutos até o doze. O relógio começou a soar, com um timbre melódico e sonoro que reverberou nas paredes de metal da nave. McCoy ficou escutando, boquiaberto de prazer e totalmente encantado.

— Para lembrar os bons tempos — sorriu Kirk.

— Jim... é lindo! Acho que é o melhor presente que já me deram... com exceção de meus netos, é claro. — O rosto do médico ficou subitamente sombrio ao fixar os amigos. — Não posso imaginar o que vai ser da vida sem vocês dois. Isto não é o fim de verdade, é? Depois de todos esses anos, não pode terminar. ..

— Não me venha com sentimentalismo, doutor - a voz de Jim soou mais firme. Teriam uma longa noite pela frente. Uma noite na qual lhe perguntariam uma centena de vezes o que iria fazer quando já não tivesse mais a *Enterprise*. E por uma centena de vezes teria que responder de modo gentil. Não queria começar a noite deprimido. — Pare de falar como se nunca mais fôssemos nos ver de novo.

— Bem... *Quando é* que vamos nos ver novamente?

— Que tal amanhã? Estava pensando em ir para Yosemite e achei que vocês dois poderiam gostar de passear por lá comigo novamente...

— Não vai dar — disse McCoy, taciturno. — Vou visitar a família de Joanna e estávamos planejando viajar até o setor B'renga para algumas pesquisas. E Spock vai para casa...

— Para casa? — Jim olhou rapidamente para o primeiro oficial, pedindo confirmação.

Spock fez que sim com a cabeça.

— Estou... estudando a possibilidade de realizar um trabalho diplomático com o embaixador Sarek. Voltarei para Vulcano amanhã. Sinto não poder acompanhá-lo até Yosemite.

— Entendo — disse Jim, brandamente. Pela primeira vez, percebeu que não estava se despedindo por apenas alguns meses de licença, mas, sim, dizendo adeus a seus dois melhores amigos.

Foi dominado por uma súbita e indescritível solidão, composta de melancolia mesclada com premonição. Numa rápida imagem mental, viu-se a si mesmo, anos antes, sentado diante de uma fogueira de acampamento no parque Yosemite, sorrindo para o rosto alaranjado dos amigos iluminados

pela fogueira.

Certo. Havia escalado o El Capitan, o pico mais escarpado do parque, e caído. Spock agarrou-o. E Magro, ultrajado como sempre pela temeridade de seu capitão, perguntou-lhe se estivera tentando se matar.

*É estranho*, respondera Kirk naquela ocasião. *Mesmo quando estava caindo, sabia que não ia morrer... porque vocês dois estavam comigo. Sempre soube que morreria sozinho.*

Spock não estaria mais lá para agarrá-lo nem McCoy para explodir seu ultraje. Finalmente compreendeu que estava perdendo tudo o que lhe era mais querido: Carol, Spock, Magro, a *Enterprise*. Estava sozinho, sem porto e sem âncora.

Sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. *Tem alguém andando em cima da minha sepultura...*

Mas o pensamento lhe pareceu por demais carregado de autopiedade. Dispensou-o com resolução, forçando-se a sorrir.

— Bem... vamos nos encontrar de novo, em algum lugar. — Ergueu-se. — Senhores, obrigado pelos presentes. Acho que é hora de irmos para a festa.

— A última festa de queima de fogos. — McCoy suspirou profundamente e sentiu um nó na garganta ao fitar os amigos.

— Estamos mesmo preparados para isto?

— De jeito nenhum — respondeu Jim, com sinceridade. — Vamos.

## *Dois*

Um ano mais tarde, Pavel Chekov, comandante da Frota Estelar, estava no meio de um vasto e ondulante mar de trigo e olhava para o céu azul sem nuvens. Estivera observando pacientemente já havia muito tempo, o suficiente para sentir-se encalorado e ofuscado pelo sol brilhante. O suficiente, com certeza, para meditar a respeito do que estava procurando.

Os mares paralelos de azul e dourado, um acima e outro abaixo, pareciam infinitos e evocavam a mesma sensação atordoante de liberdade e desligamento que vinha sentindo durante todo o ano que se passara, desde que deixara a *Enterprise* e seu trabalho. As transições nunca eram fáceis, mas como oficial da Frota Estelar, Chekov aprendera a fazê-las rapidamente. Porém, nenhuma tinha sido tão desafiadora quanto aquela. Um ano ou dois antes, imaginara que conseguiria evitar essa sensação reatando velhos relacionamentos. Fora procurar Irina Galliulin, sua antiga namorada da época da Academia e a mulher com quem desejava passar o resto da vida. Mas descobriu que ela estava para se casar.

Sendo assim, comprou uma pequena *dacha* perto de Moscou, onde passava sozinho seu tempo de folga, com exceção das ocasiões em que tinha a chance de reunir-se com os velhos amigos. Quando recebeu o convite da Frota Estelar para comparecer ao lançamento da *Enterprise*<sup>^</sup>, aproveitou a oportunidade sem demora.

Estava ao lado de Montgomery Scott, que também franzia a testa olhando para o céu. Gostava da companhia de Scott, em parte porque Scott estava obviamente apreciando muito sua aposentadoria. Scott havia se estabelecido em sua terra natal, na Escócia, com a família da irmã, adotando prazerosamente o papel de tio velho, e produzindo rapidamente grande quantidade de artigos de engenharia para revistas técnicas. Contara a Chekov, com visível orgulho, que a Frota Estelar o contratara como consultor de meio-período no desenho de novas naves. Ainda assim, a família e seu trabalho de amor pela Frota Estelar lhe deixavam tempo para reunir-se com os velhos amigos. Para Chekov, Scott parecia mais saudável do que nunca. Tinha o rosto bronzeado, com um discreto brilho avermelhado que denotava mais alegria do que uísque. Apesar de continuar atarracado, aos olhos de Chekov parecia ter ficado mais magro.

Chekov invejava-o. Talvez, com o tempo, ele, Chekov, também viesse a encontrar seu próprio nicho, como Scott o fizera. Mas, naquela ocasião, ele se identificava mais com o capitão... com Jim, corrigiu-se silenciosamente. Era difícil, quase impossível, dispensar a noção de hierarquia depois de

todos aqueles anos. Soava tão estranho quanto ouvir Scott chamá-lo de *Pavel*. Kirk estava visivelmente dominado pela mesma inquietude e insatisfação que Chekov sentia a cada dia. Percebera isso nos olhos do capitão... isto é, Jim.

O devaneio de Chekov foi subitamente interrompido, ao avistar um pequeno ponto preto no meio de todo aquele azul. Ergueu o braço e apontou, voltando-se, animado, para Scott

— Lá está... ali, mais para o sul!

Scott ergueu uma mão à testa enrugada, elevando a franja prateada enquanto protegia os olhos da luz. Depois de procurar um momento, estalou a língua.

— O que há com você, está cego? Aquilo é uma ave.

Chekov apertou os olhos, pronto para protestar, quando distinguiu as asas. Deixou cair os ombros, perdendo o entusiasmo.

— Escalar a Fossa Cristalina — disse subitamente Scott, no mesmo tom de indignação. — Surfar em torrentes de lava... paraquedismo orbital... Até parece que o sujeito está competindo numa maldita olimpíada pela galáxia afora.

Chekov não gostou do tom de desaprovação na voz de Scott. Por certo não havia nada de errado em se praticar paraquedismo orbital. Na verdade, ele próprio, Chekov, tinha pensado em experimentar, depois de ver Jim Kirk fazê-lo. Abriu a boca para dizer algo em defesa do capitão. Talvez Scott, com sua confortável vida familiar, não compreendesse o que era sentir-se inquieto, solto no espaço, ávido de emoções.

Mas Chekov nem teve chance de explicar coisa alguma a Scott Sua atenção foi desviada por um estrondo sônico, seguido quase que imediatamente por outro.

— Deve ser ele, desta vez - disse. — Acho que acabou de cruzar a barreira do som.

Os dois protegeram os olhos do sol e fitaram o céu. Por alguns segundos Chekov imaginou que talvez tivesse se enganado novamente. Mas então, um pouco mais a leste do que previra, um ponto escuro apareceu no meio do azul celeste. Foi ficando maior e maior. Definitivamente não se tratava de uma ave, mas, sim, da silhueta de um homem pendurado em um pára-quedas.

O homem planou rapidamente até o chão e aterrissou sem cerimônia a vários metros dali, caindo de costas sobre o trigo. Chekov e Scott correram em sua direção.

Kirk sentou-se e tirou o capacete, revelando um enorme e prazeroso sorriso de criança.

— Bem no alvo! Pulei de cima da Península Arábica... e vim parar aqui, bem na mosca. - Ergueu-se, afastando as tentativas de ajuda que lhe ofereciam os dois amigos, sem se importar, com meio à sua alegria, com os fios de fumaça que ainda subiam da roupa queimada e chamuscada.

— Na verdade, capitão — disse Chekov —, seu alvo era mais precisamente a trinta e cinco metros... — apontou para o oeste — ...naquela direção.

Kirk torceu os lábios, do mesmo modo que Chekov o vira fazer tantas vezes na ponte, quando Spock fornecia detalhes concisos porém não desejados. Talvez, pensou Chekov, tivesse fornecido a informação justamente porque Spock não estava ali para fazê-lo.

— Obrigado pela informação — disse. Começou a tirar a veste, mas logo parou e subitamente fez uma careta de dor.

Scott estava balançando a cabeça em franca desaprovação.

— Eu lhe avisei a respeito de suas costas. Devia consultar um médico para dar uma olhada nisso.

Kirk emitiu um ruído de pouco caso e começou a retirar a vestimenta.

— Amanhã — disse a Chekov, animado, sabendo que aquele homem mais jovem compartilhava melhor de seu entusiasmo pelas proezas temerárias do que seu ex-engenheiro — quero dar um salto tri-elíptico. Para isso é preciso saltar de cima da China e completar três órbitas completas antes de iniciar a reentrada...

Chekov estava sinceramente interessado nos saltos tri-elípticos, talvez até os experimentasse pessoalmente, mas Kirk parecia estar sofrendo de um lapso de memória. A simples idéia de que o capitão poderia estar ficando esquecido deixou Chekov embaraçado. Gentilmente, disse:

— Capitão. Acho que o senhor se esqueceu de que amanhã será a cerimônia de lançamento...

Kirk não havia se esquecido. Um breve ricto de irritação cruzou-lhe as feições, transformando-se em teimosa resolução, ao dizer laconicamente:

— Não irei. — Fez uma pausa, então começou a desembaraçar-se das tiras de sua vestimenta. — Scotty, ajude-me com este pára-quedas.

Scotty deu um passo à frente e estendeu a mão para as tiras, voltando a exhibir uma expressão severa e reprovadora.

— Como assim, não vai? Você prometeu.

— Quando me aposentei, jurei a mim mesmo que nunca mais poria os pés em uma nave estelar. E pretendo cumprir esse juramento.

— Capitão... — reprovou Chekov, brandamente, querendo dizer: *Sabemos que não foi bem isto o que quis dizer, senhor.* Não estava bem certo do que causara aquela crise de teimosia em Kirk, exceto, talvez, a recente e

desapontadora notícia de que Spock e McCoy não poderiam juntar-se a eles na cerimônia de lançamento. Nem Uhura, que tirara férias em uma região remota da galáxia antes de voltar a ensinar na Academia. Nem Sulu, que estava em serviço, no comando da *Excelsior*.

— Não quero mais ouvir falar nisso — disse-lhes Kirk. — Não vou e ponto *final!*

Sim, *senhor*, quase disse Chekov, mas trocou com Scott um rápido olhar. Tinha percebido a incerteza no tom de voz do capitão e não ficaria nem um pouco surpreso se Kirk mudasse de idéia novamente pela manhã.

Um instante antes de se abrirem as portas do turboelevador, Jim Kirk inspirou profundamente e enrijeceu o corpo. Um ano antes, em seu momento final como capitão, na ponte de sua nave, jurara nunca mais pôr os pés em uma nave estelar... pela simples e dolorosa razão de que nunca mais estaria na cadeira de comando. Contudo, apesar da declaração feita a Scott e Chekov no dia anterior, tinha cedido ao chamado do dever e da responsabilidade, sem mencionar a curiosidade, e acompanhara os amigos ao lançamento da *Enterprise-B*.

Porém, desde o momento em que chegara à doca espacial, não conseguia se desfazer do sentimento de que fora um erro estar ali, de que havia algo indescritivelmente *errado* naquela situação. Talvez fosse apenas o peso do passado e de sua atual existência sem sentido que o estivessem incomodando, ou talvez o simples desapontamento de saber que os amigos que deveriam estar a seu lado, Spock e Magro, não poderiam estar ali. Spock estava envolvido em uma missão diplomática para os vulcanos e não podia deixar de lado seus compromissos. Mas enviou uma breve e elegante mensagem, prestando louvores à antiga tripulação da *Enterprise-A* e cumprimentando a nova tripulação da *Enterprise-B*. Quanto a McCoy, ele e a família estavam assistindo a formatura da neta na Academia de Ciências de Vulcano. McCoy também havia enviado uma cortês mensagem de congratulações à Frota Estelar, além de uma mensagem particular a Jim, dizendo: *Sinto saudades, velho amigo. Estarei com você em espírito...*

A inquietação de Jim começara com uma noite agitada, cheia de sonhos perturbadores. Naqueles poucos segundos em que ficou olhando para as portas do turboelevador, sua mente foi invadida por imagens coloridas da noite anterior, de sonhos que foram uma mescla de lembranças e imaginação:

Yosemite. El Capitan. Estava escalando, agarrando a fria rocha com os dedos e as mãos, aspirando o doce ar da Terra, observando os falcões que passavam voando. Spock apareceu literalmente do meio do azul, distraíndolo a atenção, e então:

A queda, tal como acontecera anos atrás, tão rápida que lhe tirou o ar dos pulmões, fazendo-o sentir-se atordoado ao se debater, tentando em vão agarrar-se à rocha lisa...

Subitamente, viu sobrepor-se àquela imagem uma outra, na qual estava sentado diante de uma fogueira de acampamento, ao lado de Spock e Magro, explicando por que não tivera medo.

*...mesmo quando estava caindo, sabia que não ia morrer... porque vocês dois estavam comigo...*

Capitão, dissera Spock, mudando novamente de cenário, desta vez estavam no alojamento de Jim na *Enterprise-A*, em sua última noite como capitão. *Estou voltando para Vulcano.*

Em seguida, estava caindo novamente, caindo no infinito, além de El Capitan, sobre a Península Arábica com o ar rugindo nos ouvidos, esperando que Spock o agarrasse.

Mas Spock tinha ido embora... para Vulcano... e Magro não estava em lugar algum, tampouco. Jim estava sozinho... pela primeira vez estava realmente sozinho, aterrorizado e em queda livre. Mesmo assim, ouviu a voz do médico sussurrar-lhe ao ouvido: *Sinto saudades, velho amigo...*

E então, a pergunta que Magro fizera a Spock, havia muito tempo, na Ave-de-Rapina klingon, pouco depois de o vulcano ter retornado à vida: *Qual é a sensação de se estar morto?*

Era ridículo deixar-se perturbar de tal maneira por sonhos. Kirk sacudiu levemente a cabeça e afastou as lembranças. Era inútil ter autopiedade. Podia parecer estranho estar sem Spock e McCoy, mas estava grato por ter seus dois amigos, Scotty e Chekov, a seu lado naquele momento. Olhou para eles e viu que a preocupação de Chekov era tão grande quanto a sua, enquanto que a expressão de Scott era um misto de tristeza e enorme curiosidade pelo novo desenho do turboelevador.

Mas, apesar da resolução de afastar da mente os sonhos da noite anterior, sentia a inquietação aumentar a cada momento. A única coisa que lhe fazia sentir-se bem em tudo aquilo era poder usar novamente o uniforme.

As portas do turboelevador se abriram, revelando uma luz ofuscante e aplausos. Atordoado, Kirk piscou os olhos até se acostumar com a luz, podendo então distinguir uma holocâmera com refletores, uma multidão de jornalistas com pranchetas de anotações e a tripulação da ponte que o aplaudia. Forçou-se a sorrir gentilmente e sentiu que Chekov e Scotty ficavam tensos a seu lado.

— Capitão Kirk — perguntou um dos repórteres —, como se sente ao retornar à ponte da *Enterprise!*

Aquela foi a única pergunta que conseguiu compreender em meio à

balbúrdia que se seguiu:

*Capitão, pode me conceder um min...*

Capitão Scott, tem algum comentário a respeito...

Comandante Chekov, depois de ver a nova Enterprise, *não está arrependido de...*

Felizmente, uma pessoa uniformizada abriu caminho em meio à multidão e parou diante das luzes. Kirk soube, mesmo sem olhar as divisas, quem era aquele homem. A autoridade lhe concedia um aspecto confiante e um modo decidido de andar, identificando o capitão em sua própria ponte.

O ambiente tornou-se tenso ao redor daquele homem.

*Como uma serpente prestes a dar o bote, pensou Jim. Será que eu também era assim?*

— Com licença — dizia o homem aos repórteres pelos quais passava. — Com licença. Haverá muito tempo para perguntas mais tarde.

Os jornalistas aquietaram-se e abriram caminho imediatamente, tal como a maré vazante, com exceção do câmara, que procurava encontrar o melhor ângulo, jogando a luz diretamente nos olhos de Kirk. Kirk tentou não apertar os olhos, não permitindo que aquele desconforto transparecesse em seu sorriso congelado, ao voltar-se para o jovem e esbelto oficial que estava à sua frente.

— Sou o capitão John Harriman. — O novo comandante da *Enterprise* cumprimentou educadamente cada um dos oficiais aposentados com um aceno da cabeça. — Sejam bem-vindos a bordo.

— É um prazer estarmos aqui.

Apesar de se sentir incomodado, o sorriso de Kirk tornou-se genuíno. Harriman pareceu-lhe dolorosamente jovem, ávido e sincero com relação a seu primeiro comando. Fora sem dúvida exatamente o mesmo que sentira um certo James T. Kirk ao assumir pela primeira vez o comando de uma nave chamada *Enterprise*. E mesmo com Harriman disfarçando bem o nervosismo, não conseguia dissimular a admiração que sentia pelos homens que tinha diante de si.

— Gostaria que soubessem o quanto estamos felizes por termos um grupo de lendas vivas em nossa viagem inaugural — disse Harriman. — Lembro-me de ter lido a respeito de suas missões quando estava no primário.

Scott e Chekov enrijeceram o corpo. A expressão de Harriman denotou embaraço ao perceber a gafe. Seu pânico foi tão sincero que fez os lábios de Kirk se torcerem num sorriso.

— Bem — disse Kirk. — Podemos dar uma olhada por aí?

— Por favor. — Harriman apontou para a reluzente ponte, visivelmente grato pelo socorro. - Por favor...

— Demora! — O rosto de Chekov iluminou-se com súbito prazer ao encontrar uma face conhecida em meio àquele mar de uniformes. Seguiu para cumprimentá-la, enquanto os outros três caminhavam cerimoniosamente até a cadeira de comando.

— Esta é a nova cadeira de comando — foi a explicação desnecessária que Harriman forneceu a seus dois educadamente atentos convidados. Colocou orgulhosamente a mão no braço da poltrona. - Se observarem o painel de comando, verão pequenos porém significativos melhoramentos em relação à *Enterprise-A*....

Continuou a falar por algum tempo. Scott parecia extasiado, mas Kirk não escutou uma palavra. Harriman e Scott seguiram rapidamente para o leme, mas Kirk permaneceu ali por um instante, pousando a mão invejosamente no encosto da nova cadeira do capitão.

Não lhe parecia direito que outro homem se sentasse ali. Parecia estranho que Magro e Spock não estivessem ali, em seus postos costumeiros a seu lado. Sentiu um súbito e estranho desconforto, que lhe fez voltar à mente a lembrança de sua última noite como capitão da *Enterprise* e o calafrio que sentira ao ouvir Spock e McCoy confessarem que iriam seguir seus próprios caminhos.

*...mesmo quando estava caindo, sabia que não iria morrer... porque vocês dois estavam comigo...*

*Pare com isso*, disse a si mesmo com firmeza. Estava começando a ficar sentimental e cheio de autopiedade. Porém, não conseguiu afastar completamente o pressentimento provocado pelos sonhos.

— Então, capitão... — ouviu alguém dizer.

Ergueu subitamente a cabeça e deparou-se com uma repórter com a prancheta na mão. No mesmo tom jovial, ela prosseguiu:

— Esta é a primeira nave estelar *Enterprise* em trinta anos que não tem James T. Kirk no comando. Como se sente a esse respeito?

*Que diabos ela espera que eu sinta?* Teve vontade de dizer, irritado pela leviandade com que ela mencionava o assunto. *Esta nave era a minha vida... era tudo para mim. Agora...*

Em vez disso, inspirou profundamente e recorreu ao sorriso congelado.

— Sinto-me muito bem. Estou contente de estar aqui para vê-la partir em sua viagem inaugural.

Tentou passar por ela e juntar-se a Harriman e Scott, mas a repórter entrou em seu caminho, barrando-lhe a passagem.

— E o que tem feito desde que se aposentou?

— Tenho... me mantido ocupado. — Estava cercado. Fez uma pausa e tentou chamar a atenção de Harriman, mas o jovem capitão e Scott estavam

conversando animadamente a respeito do novo desenho do leme.

— Com licença, capitão — chamou Chekov, num tom de voz suficientemente autoritário, que fez a repórter afastar-se.

Kirk lançou-lhe um olhar agradecido.

Chekov devolveu-lhe um sorriso significativo e apontou com visível orgulho para a oficial que estava a seu lado: uma jovem terrestre com um rosto de pele dourada estranhamente familiar, olhos escuros e cabelos negros que lhe chegavam até os ombros.

— Gostaria de lhe apresentar a oficial do leme da *Enterprise-B*.

*Será que já nos conhecemos!* Kirk estava a ponto de perguntar, mas Chekov prosseguiu:

— Alferes Demora Sulu. Capitão James Kirk.

Kirk ficou boquiaberto. Deteve-se por um momento a fitar a mão estendida da alferes, ouvindo-a dizer, com a inconfundível confiança e o bom humor de uma Sulu:

— É um prazer conhecê-lo, senhor. Meu pai me contou... — seus olhos adquiriram um leve brilho risonho — ...algumas histórias interessantes a seu respeito.

Jim finalmente conseguiu falar.

— Seu pai... Hikaru Sulu é seu *pai!* — Sabia que Sulu tinha uma filha, mas era uma *menina*, não uma filha com idade suficiente para entrar na Academia, muito menos para comandar o leme de uma nave estelar. Chekov se tornara tio honorário e padrinho, o que explicava o orgulho que demonstrava, mas...

Demora aprumou-se orgulhosamente.

— Sim, senhor.

Chekov inclinou-se para a frente e sussurrou-lhe:

— Você já a conheceu antes, mas ela era... — com a palma para baixo, ao nível da cintura, indicou a altura que ela teria na ocasião.

Kirk sacudiu a cabeça, incrédulo. Mas era evidente que aquilo fazia sentido: o rosto redondo, os olhos brilhantes e escuros, a boa índole. De modo algum negava o pai que tinha.

— Sim, sim. Eu me lembro. Já desde aquela época você falava em se tornar oficial do leme, como seu pai. Mas não faz tanto tempo assim. Não pode ter passado mais do que...

— Doze anos, senhor — disse Chekov.

— Certo... bem... — disse Kirk, hesitante. Contribuindo para a boa impressão que tivera dela, Demora não demonstrou o mínimo sinal de divertimento ou aborrecimento; apenas esperou, de modo respeitoso e tranqüilo, que o capitão fizesse rapidamente alguns cálculos de cabeça. —

Meus parabéns, alferes — disse ele, por fim, sorrindo com sinceridade. — Não seria uma *Enterprise* sem uma Sulu ao leme.

— Obrigada, senhor — respondeu Demora, mostrando na voz e nos olhos que herdara a franca sinceridade e o calor humano do pai. — Com sua licença... — Voltou-se para Chekov. — Deixe-me mostrar-lhe o novo sistema inercial...

Kirk imaginou ouvir as palavras que ela quase deixara escapar: *770 Pavel...*

Os dois se afastaram. Kirk ficou a observá-los, sendo subitamente acometido por uma enorme tristeza, ao pensar no próprio filho, David, que tivera com Carol, e nas oportunidades perdidas. Ao invés de amenizar-se, a sensação de perda causada pela morte de David se intensificara com o passar do tempo. Era como se a aproximação de sua própria morte o fizesse ver mais claramente as oportunidades que perdera na vida. Se tivesse sabido desde o princípio que tinha um filho, sua vida poderia ter sido muito diferente.

Talvez, quem sabe, pudesse ter feito as coisas de modo diferente e David ainda estivesse vivo...

Talvez estivesse na companhia deles, em vez de estar tentando fugir da solidão, enquanto Carol enterrava as mágoas no trabalho. Ele a vira apenas duas vezes no ano que se passara e a encontrara sempre totalmente absorta nos detalhes da reconstrução da estação de Themis. Começava a crer que o sofrimento dela também havia aumentado e que sua presença fazia com que ela se lembrasse demais do filho perdido, assim como a presença de Demora no leme fazia Kirk recordar-se fortemente de Sulu. Ergueu os olhos ao ver que Scott se aproximava sorridente.

— Se quer minha opinião, é uma nave excelente — disse Scott, com prazer. — O que não daria por um passeio pela engenharia...

Kirk emitiu um som não comprometedor e voltou a olhar para Demora, que estava assumindo seu posto no leme.

— Sabe, Scott, tem coisas que me deixam admirado. O bom humor de Scott continuou inalterado.

— E quais seriam essas coisas, senhor?

— Sulu. Como foi que ele encontrou tempo para formar uma família? Scotty seguiu o olhar de Kirk até Demora e emitiu um silencioso *Ah*.

— Sulu criou uma ótima oficial, não foi?

— Ela me parece uma jovem excelente.

— E é. — Scott voltou a encará-lo. — Como o senhor sempre dizia: Se uma coisa é suficientemente importante, você cria o tempo para isso.

Kirk concordou com a cabeça, distraído. Por um instante, nenhum deles

falou, até que Scott disse, em voz baixa, mas cheia de novo entendimento:

— *Então...* é por isso que anda correndo pela galáxia afora como um rapazola de dezoito anos. Está achando a aposentadoria um pouco solitária, não é?

Kirk lançou-lhe um olhar severo.

— Com tanto tato assim, fico feliz que você seja engenheiro e não psiquiatra.

Ainda cheio de entusiasmo e vivacidade, Harriman se aproximou e os interrompeu com exagerada formalidade, denotando estarem sendo focalizados pela câmera.

— Com licença, senhores. Se puderem tomar seus assentos.

— Oh... naturalmente.

Kirk apurou-se e reativou o sorriso de relações públicas. Scott fez o mesmo, e os dois se acomodaram em duas das três cadeiras colocadas na ponte para aquela ocasião.

Quando Harriman sentou-se na cadeira de comando e os tripulantes assumiram seus postos, Chekov veio reunir-se aos dois e afundou-se na terceira cadeira, lançando um último olhar de tio orgulhoso para Demora e sussurrando para Kirk:

— Nunca fui tão jovem assim. Kirk olhou-o com brandura.

— Não, você era ainda mais jovem.

— Preparar para deixar a doca espacial — ordenou Harriman, um pouco tenso. Kirk sentiu um pouco de pena do jovem capitão. Tinha sido bastante difícil assumir o comando da primeira *Enterprise*, tantos anos no passado, mesmo sem que o jovem Jim Kirk tivesse que enfrentar a presença de três "lendas vivas" e de uma multidão de jornalistas, naquela época.

— Propulsores de ré a um quarto, manter amarras de bombordo e estibordo — prosseguiu Harriman. Girou, então, a cadeira, voltando-se para os convidados de honra. — Capitão Kirk, eu ficaria honrado se o senhor desse a ordem de partida.

— Não — respondeu Kirk de imediato. Não tivera a intenção de ser rude. Harriman apenas tentava ser educado e respeitoso, mas aos olhos de Kirk a oferta pareceu um ato de comiseração. Não queria servir de figura decorativa, dando uma ordem simbólica que, em sua mente, servia apenas para consolá-lo pelo fato de a *Enterprise* ter deixado de ser sua. Não tinha a intenção de fingir que ainda era, nem por um só momento. — Não, obrigado.

Harriman pareceu considerar a recusa um sinal de modéstia.

— Por favor, eu insisto.

Fez-se silêncio na ponte. Kirk percebeu, incomodado, que a atenção de todos, incluindo a bancada de jornalistas do outro lado da ponte, estava

voltada para ele. Lançou um olhar desamparado para Scotty, para Chekov, para o sorridente e ansioso Harriman, então ergueu-se. A expectativa foi intensa, mas sua ordem foi desapontadora:

— Vamos em frente — disse ele, sem emoção.

A tripulação aplaudiu novamente. Kirk se sentou, tentando não apertar os olhos diante das luzes ofuscantes, esperando que a câmera não captasse seu embaraço e aborrecimento.

— *Muito* bem, senhor — sussurrou Chekov, de soslaio.

— Trouxe-me lágrimas aos olhos — disse Scott, inexpressivamente.

Em potência de impulso, a nave singrou suavemente para fora da doca espacial e para dentro do sistema solar. Kirk poderia ter relaxado e apreciado o passeio, mas estava, junto com Scotty e Chekov, acuado em sua cadeira diante da câmera e dos jornalistas, tal como prisioneiros condenados frente ao pelotão de fuzilamento. Continuou a sorrir para as luzes atordoantes, até sentir o queixo dolorido e a cabeça latejando, dando respostas ridículas a perguntas ridículas como: *Aqui estão os senhores, novamente na ponte da nave estelar Enterprise... Como se sentem?*

Os três relutaram em responder. Jim olhou para Chekov e para Scott, percebendo que nenhum deles queria responder, esperando que o outro o fizesse.

Suspirou silenciosamente, voltou a exibir o sorriso de relações públicas e disse:

— *Sinto-me muito bem...* — no exato momento em que Chekov e Scott cederam e responderam em coro:

— *Muito bem.*

E assim prosseguiu, até que Harriman veio em seu socorro, dizendo:

— Bem, senhoras e senhores, acabamos de atravessar o cinturão de asteróides. Nosso curso irá nos levar para além de Plutão, então de volta para a doca espacial... Será apenas uma rápida voltinha no quarteirão.

Os jornalistas voltaram-se em conjunto, como se tivessem subitamente percebido a presença de uma nova presa. Um deles imediatamente perguntou:

— Capitão, teremos tempo de realizar um pequeno teste no sistema de dobra...

Interrompeu o que dizia, quando um apito agudo partiu do painel de comunicações. O oficial de comunicações o chamou, demonstrando na voz a mesma surpresa partilhada por todos.

— Estamos captando um pedido de socorro, capitão.

Harriman arregalou os olhos por um instante, mas recobrou-se o suficiente para ordenar:

— Vamos ouvir a mensagem.

Kirk piscou os olhos ao ouvir a estática que se seguiu. Uma voz masculina desesperada e distorcida, quase incompreensível, soou nos alto-falantes:

— Aqui fala a nave de transporte *Lakul*. Fomos apanhados em uma espécie de distorção de energia. Não estamos conseguindo nos libertar... — As palavras se tornaram ininteligíveis, mas Kirk conseguiu discernir: — ...Precisamos socorro imediato... está nos partindo ao meio...

Outro doloroso estridor de estática encheu a ponte. O oficial digitou rapidamente os controles do painel, como se tocasse uma fuga de Bach, então sacudiu a cabeça negativamente para Harriman. Simultaneamente, a oficial de ciências verificou seu painel e informou: A *Lakul* é uma das duas naves que estão transportando os refugiados de El Aurian para a Terra.

Harriman piscou os olhos uma, duas vezes, ao ouvir a informação, então pigarreou. Os segundos estavam se passando, segundos críticos, que poderiam salvar ou condenar vidas. Kirk sabia disso e reteve o fôlego, enquanto orava silenciosamente para que o jovem capitão conseguisse recobrar-se da surpresa a tempo de tomar uma atitude. Conseguiu, de algum modo, evitar qualquer movimento, até mesmo um simples cerrar de punhos, enquanto esperava que Harriman dissesse algo.

Harriman voltou-se para o leme:

— Pode localizar a chamada?

Quase antes de Harriman terminar a pergunta, Demora respondeu calmamente:

— As naves estão localizadas a três, um, marco, dois, um, cinco. Distância: três anos luz.

— Envie um sinal para a nave estelar mais próxima — ordenou Harriman. — Não estamos em condições de realizar uma operação de resgate. Nem sequer temos uma tripulação completa a bordo.

O navegador verificou seu painel e girou metade do corpo na direção do capitão.

— Somos a única nave dentro do alcance do sinal, senhor.

Harriman deixou escapar um pequeno e perplexo suspiro, bem no momento em que a câmera o focalizava. Outro segundo se passou, fazendo Kirk agitar-se na cadeira, tamborilando os dedos na coxa, prestes a se erguer e assumir o comando da nave, caso o jovem capitão não agisse com suficiente presteza. Finalmente, Harriman respirou fundo e ajustou a túnica.

— Bem, então... suponho que está por nossa conta. — Girou a cadeira na direção de Demora. — Leme, trace curso de interceptação e siga para lá em dobra máxima.

Kirk suspirou silenciosamente, voltando a ficar tenso e surpreso quando Scott inclinou-se para ele e sussurrou:

— Tem algo errado com sua cadeira, capitão?

Kirk o encarou de modo amargo, enquanto a *Enterprise* entrava em dobra espacial. Dentro de um minuto, Demora ergueu o rosto do painel.

— Estamos dentro do alcance visual da distorção de energia, capitão.

— Passe para a tela — disse Harriman.

Todos voltaram a atenção para a tela principal, que mostrava uma imagem bizarra: as estrelas e o espaço dissecados por um feixe de pura energia que crepitava e se contorcia, branco, quente, com laivos de roxo, azul e dourado. Para Kirk, parecia algo vivo e furioso.

— Que diabos é aquilo? — sussurrou Chekov.

— Encontrei as naves de transporte — relatou Demora.

A imagem deslocou-se ligeiramente para mostrar duas naves de transportes fustigadas pelo feixe, aprisionadas como insetos que se debatiam em uma violenta e pulsante teia de aranha.

— O casco das naves está começando a ceder. Não vão sobreviver por muito tempo.

Ela agarrou-se ao painel quando a *Enterprise-B* foi subitamente sacudida, jogando Kirk de encontro a Chekov.

— Estamos enfrentando graves distorções gravimétricas causadas pelo feixe de energia - disse o navegador.

Agarrando-se aos braços da cadeira, Harriman ordenou:

— Temos que manter distância. Não queremos ser tragados também. — Franziu a testa em direção à tela, em óbvia reflexão sobre qual deveria ser o passo seguinte.

Para Kirk a solução parecia evidente. Concedeu mais dois segundos a Harriman, então bradou:

— Raio trator...

Scott imediatamente lançou um bem direcionado cotovelo nas costelas de seu ex-capitão. Kirk calou-se no mesmo instante. Sabia que aquela era a nave de Harriman, não a sua. Mas a situação estava rapidamente se tornando desesperadora...

Harriman deu uma olhada por cima do ombro, com uma expressão tristonha completamente desprovida de aborrecimento. Ou era muito benevolente para se sentir ofendido, ou estava sinceramente grato por qualquer ajuda oferecida.

— Não temos raio trator.

Kirk não fez o menor esforço para esconder sua indignação.

— Você partiu da doca espacial sem um raio trator?

— Só seria instalado na próxima terça-feira - respondeu Harriman com simplicidade. Voltou-se para o leme. — Alferes Sulu, tente gerar um campo subespacial em volta das naves. Isto poderá libertá-las.

— Sim, senhor. — Demora inclinou-se sobre o painel.

*Não*, quis gritar Kirk. Mas antes que tivesse a chance de manifestar-se novamente, Demora sacudiu a cabeça negativamente e ergueu o rosto.

— Há muito interferência quântica, capitão.

Novamente, Harriman semicerrou os olhos na direção do feixe de energia na tela e franziu as sobrancelhas. Kirk não podia deixar de ter pena do jovem capitão, cujo primeiro dia no comando estava se tornando um pesadelo, numa nave desguarnecida de tripulação e equipamentos adequados. Mas se Harriman não conseguisse elaborar um novo plano, tivesse pena ou não...

— E se nós lançássemos plasma a partir das naceles de dobra? — perguntou Harriman para si mesmo. — Isto poderia desprender as naves do feixe.

— Sim, senhor — respondeu o navegador. — Liberando plasma de empuxo...

Harriman visivelmente prendeu a respiração por um momento, depois olhou para Kirk, que lhe devolveu um condóido sorriso de encorajamento.

— Não está surtindo efeito, senhor — disse o navegador. — Creio que...

— Senhor! — gritou Demora. — O casco de estibordo da nave está se rompendo!

Na tela, uma das naves, que fora envolvida por um dos anéis fulgurantes, explodiu violentamente. Todos na ponte da *Enterprise* quedaram-se silentes enquanto assistiam o brilho da explosão esmorecer e transformar-se em estilhaços e fragmentos lançados à distância.

— Quantas pessoas havia naquela nave? — perguntou Chekov, assombrado. Não era o momento apropriado para se manifestar, levantando uma pergunta tão incisiva, que deveria ter sido feita pelo capitão da nave. Mas naquele momento fatídico, ninguém pareceu se importar ou mesmo perceber, muito menos Harriman, que fitava a tela com os olhos arregalados e boquiaberto.

— Duzentas e sessenta e cinco — disse Demora, em voz baixa.

Dois pessoas afundaram discretamente na cadeira sob o peso da resposta: Harriman e Kirk.

*Para o diabo com a boa educação.* Disse Kirk para si mesmo. *Duzentos e sessenta e cinco... Percebo o inferno pelo qual ele está passando, mas não posso ficar aqui sentado esperando que aconteça de novo. Se ele não me pedir, por Deus, juro que vou lhe dizer...*

Demora falou novamente, com urgência na voz.

— A integridade do casco da *Lakul* caiu para doze por cento, senhor. Harriman girou lentamente a cadeira e deu de cara com o olhar ansioso de

Kirk. O rosto do jovem capitão denotava incerteza. Kirk compreendeu. Harriman não desejava parecer incapaz diante da tripulação e dos repórteres, que tinham caído em profundo silêncio. Mas lá estava uma ajuda experiente, e havia outras duzentas e tantas vidas em jogo...

— Capitão Kirk — disse Harriman, com admirável dignidade e humildade. — Ficaria feliz em ouvir a sua sugestão.

As palavras acionaram uma surpreendente reação em Kirk. Era a mesma sensação que tivera no sonho da noite anterior: queda livre, o mesmo que sentira em Yosemite caindo do El Capitan, e que sentira um dia antes, ao praticar paraquedismo orbital. Mas desta vez, sentiu por fim a intensa emoção que havia procurado inutilmente naquelas aventuras, pois agora sua voz fazia diferença.

Saltou da cadeira como a rolha de uma garrafa de champanha, postando-se ao lado de Harriman em menos de um segundo, trazendo no rosto uma expressão que esperava denotar gratidão e respeito.

— Primeiro — disse, em voz baixa, para que apenas o jovem capitão escutasse: — aproxime-se até chegar à distância de transporte e teleporte aquelas pessoas para a *Enterprise*. Harriman ergueu o rosto sem disfarçar a surpresa.

— Mas que me diz das distorções gravimétricas? Vão nos partir em dois. Kirk pôs a mão em seu ombro e disse, muito brandamente e sem tom de reprovação.

— O risco faz parte do jogo, se quiser sentar-se nessa cadeira.

Harriman hesitou, apenas por um instante, então endireitou os ombros e voltou-se com seriedade para a imagem na tela.

— Leme — ordenou —, aproxime-se até distância de transporte.

Kirk olhou de soslaio para o refletor e viu o câmara aproximar-se da cadeira de comando para um close.

— Em segundo lugar — vociferou Kirk, certificando-se de que todos na ponte pudessem ouvir - desligue aquela droga.

O câmara hesitou, apenas por um instante. A carranca dos dois capitães, aparentemente o convenceram. Desligou a câmara e foi reunir-se aos outros repórteres que ainda continuavam calados.

A *Enterprise* aproximou-se aos poucos. Na tela, o feixe de energia mortal foi gradativamente tornando-se mais próximo... até que, inesperadamente, lançou-se na direção da *Enterprise*, deixando por pouco de atingi-la. Kirk mentalmente suspirou de alívio e agradeceu silenciosamente a

Sulu por transmitir à filha seu talento ao leme.

— Estamos dentro do alcance dos transportes, senhor — disse Demora. Harriman manteve os olhos claros fitos na tela.

— Teleporte-os diretamente à enfermaria.

*Diretamente?* quase disse Kirk. O teleporte entre naves era uma operação arriscada, para dizer o mínimo. Mas antes que pudesse emitir uma palavra, Harriman ergueu os olhos, aparentemente lendo seus pensamentos. Se a situação não fosse tão crítica bem que poderia ter sorrido.

— Está tudo bem, capitão. Como disse antes, esta nova nave tem algumas capacidades fantásticas.

Com as sobrancelhas franzidas de preocupação, Chekov adiantou um passo e inclinou-se ao lado da cadeira de Harriman.

— Senhor. Quantos oficiais há em sua equipe médica?

O momentâneo lampejo de orgulho de Harriman transformou-se em embaraço.

— A equipe médica só chega na terça-feira.

Chekov não perdeu tempo questionando o fato. Ergueu-se e apontou para dois repórteres que observavam ali perto.

— Você e você. De agora em diante são enfermeiros. Venham comigo. Os três correram para o turboelevador enquanto Demora dizia:

— O setor principal da engenharia relata flutuações nos relês de plasma do sistema de dobra.

Scott estava em pé antes mesmo que ela terminasse de falar.

— Faça um desvio nos relês e utilize os sistemas auxiliares — disse ele, dirigindo-se rapidamente ao leme\*. Kirk lançou-lhe um rápido olhar irônico que dizia: *Não foi você que acabou de me dar uma cotovelada?...*

Scott não perdeu tempo com a provocação.

— Senhor — um tenente jovem e magricela, recém-saído da Academia, voltou-se do painel traseiro com uma expressão de pânico. — Estou tendo dificuldade em fixar suas coordenadas. — Voltou a olhar para o painel e sacudiu a cabeça negativamente, com uma expressão de puro assombro. — Parecem estar numa espécie de... fluxo temporal.

— Scotty? — chamou Kirk, mas antes que pudesse se voltar para o engenheiro, Scott já havia deixado o leme, e se postava ao lado do jovem tenente, concentrando-se no painel.

Deixou escapar um sibilo de espanto.

— Que diabos?...

Kirk aproximou-se. Scott inclinou a cabeça na direção de seu antigo capitão, sem tirar os olhos dos surpreendentes dados mostrados no monitor.

— Seus sinais de vida estão... oscilando, ora dentro ora fora de nosso

continuum de tempo-espço.

— Oscilando? — perguntou Kirk. — Para onde? — Olhou para o painel, mas os dados não faziam mais sentido do que as palavras de Scott.

Scott não respondeu, mas começou a trabalhar nos controles, enquanto o tenente dava-lhe o lugar, aliviado.

— Senhor! — o navegador gritou, num tom de voz tão assustador quanto a imagem na tela. — O casco da *Lakul* está se partindo!

Pela segunda vez, o anel de energia envolveu a nave condenada, como uma enorme jibóia brilhante esmagando sua presa. Kirk observou a *Lakul* explodir, espalhando fragmentos ardentes que giravam em alta velocidade. Voltou-se imediatamente para Scott, que exibia aquele rosto abatido e derrotado que Kirk aprendera a temer muito tempo atrás.

— Consegui salvar quarenta e sete — disse Scott, em um murmúrio, mas no súbito silêncio que se seguiu as palavras pareceram ressoar por toda a ponte. Baixou o olhar ao completar: — De um total de cento e cinquenta.

Não houve tempo para tristeza. O convés sob os pés de Kirk começou a sacudir, arremecendo-o de encontro à cadeira de Harriman. Conseguiu equilibrar-se e ergueu o braço, reagindo instintivamente ao som de metal se rompendo, conseguindo proteger o rosto de uma chuva de estilhaços e fagulhas.

Tudo terminou tão rapidamente como começou. A nave se estabilizou com uma sacudidela brusca, que quase lhe tirou o equilíbrio outra vez. Baixou o braço e olhou em volta. Uma parede queimada, mas nenhuma brecha no casco, que era o que mais temia. Ninguém seriamente ferido, exceto o navegador, que jazia de bruços sobre o painel, terrivelmente pálido, com os olhos abertos, a cabeça ensangüentada e o rosto virado em um ângulo tal que Kirk não precisou checar para saber que estava morto.

Ao lado do navegador, com os olhos cheios de pesar, Demora estava sentada ereta, agarrando-se a seu console com os lábios intensamente cerrados.

— Relatório de danos! — gritou Kirk, acima da sirene que soava, enquanto Scott gentilmente retirava o homem morto do lugar e assumia seu posto.

Demora respirou profundamente, procurando se recompor.

— Fomos apanhados em um campo gravimétrico proveniente do bordo de fuga do feixe.

Desta vez, Harriman não precisou de nenhum conselho nem sugestão:

— Todos os motores, reversão total!

## *Três*

Segundos antes, a bordo da *Lakul*, Tolian Soran estava sentado de pernas cruzadas no apinhado convés da cabine de passageiros, e fitava inexpressivamente a tela, na qual se via o feixe brilhante a fustigar a noite espacial.

Diferindo dos outros à sua volta, alguns em silencioso estado de choque, outros lamentando e chorando a destruição da nave irmã, Soran não temia o feixe. Na verdade, esperava-o ansiosamente.

Desde quando fora resgatado pela *Lakul*, estivera reunindo forças para dar cabo à própria vida. Era exatamente o que estava tentando fazer ao conduzir o bote salva-vidas na direção dos raios mortais dos borgs, depois de saber que a cidade de Sadorah, seu lar e o de Leandra, fora destruída. A esposa e os filhos foram mortos. Assistira tudo, horrorizado, da segurança de um observatório fora do planeta.

Por obra do acaso, fora detectado pela *Lakul*, que passava por ali, e teletransportado a bordo contra a sua vontade. Sentia-se morto por dentro em sua dor. Desejava somente que seu corpo se reunisse à sua mente e à sua família. Mas isto não lhe fora permitido.

Soran olhou para a assustadora visão na tela, e sorriu com amargura. O feixe parecia ser seu destino fulgurante, tal como os raios mortais dos borgs que haviam destruído seu planeta natal. Finalmente tinham vindo buscá-lo, permitindo-lhe cumprir sua sina e morrer junto com Leandra, Emo e Mara.

A nave sacudiu-se, atingida.

*Até que enfim*, pensou Soran. Em meio aos gritos e o caótico bale de corpos que tombavam, sentou-se, abraçando firmemente os joelhos e deixando-se levar pelo balanço.

As paredes da nave a seu redor começaram a dobrar-se. Um fragmento de metal foi-lhe arremessado contra a testa, fazendo um fio de sangue escorrer pela sua sobrancelha, para dentro de seu olho. Mas Soran simplesmente sorriu.

Em meio ao tumulto, o feixe atingiu o casco e o partiu ao meio, arrepiando os cabelos e os pelos dos braços de Soran. Ele respirou fundo e entregou-se à morte, aguardando o fim com um único pensamento na mente:

*Leandra...*

Escuridão. Quietude. Silêncio.

*Então é assim*, pensou, admirado. *A morte...* Mas ainda percebia a própria consciência, e isto o deixou desapontado. Tinha esperado dissolver-se em nada, desaparecer no vazio, sem consciência nem pensamentos. Mas

estava lá, ouvindo a própria respiração, o próprio batimento cardíaco... sentindo uma brisa fria e úmida.

E o contato da pele cálida de outra pessoa.

Abriu os olhos na escuridão. Não estava totalmente escuro, pois além da janela aberta as estrelas brilhavam, emitindo gentilmente sua luz. Moveu-se, percebendo a consistência macia e lisa do lençol sob as costas nuas. Ouviu as ondas quebrando ao longe e sentiu o cheiro do mar misturado ao suave aroma de flores exóticas.

Mesmo na escuridão, soube onde estava. Era Talaal, o lugar em que passara sua lua-de-mel.

Virou-se e a viu deitada a seu lado, com a face tingida de prata pela luz das estrelas e o longo cabelo escuro e macio emanando o mesmo aroma das flores.

— Leandra — sussurrou. Chorou então, finalmente dando vazão às emoções represadas. Passou os braços ao redor dela e a apertou contra o peito, escondendo o rosto em seus cabelos. Milagre dos milagres! Ela era sólida e cálida... não um sonho, mas *real*. Ela estava realmente ali em seus braços.

— Leandra, oh, pelos deuses, queridos deuses, Leandra... O universo tornara-se novamente sadio e justo.

— Tolian? — ela murmurou, sonolenta. — Querido, o que foi? — O sofrimento no rosto dele a trouxe de volta à consciência. — Que aconteceu? Você sonhou?

— Sim, sonhei — disse ele, amargamente, beijando-lhe os cabelos. — Prometa-me... Prometa que nunca vai me deixar...

— Claro que nunca vou deixar você, Tolian. Sabe disso... Mas o quê?...

A imagem dela foi clareando e se apagando, como um fantasma que desaparecia. Ele gritou, horrorizado, ao perceber que não mais abraçava seu corpo sólido e macio, porém apenas o ar. Contudo, ainda podia vê-la tenuemente à sua frente, com seu lindo rosto e seus olhos preocupados iluminados por um raio de luar. Podia vê-la sem poder tocá-la...

— Leandra! — gritou, mas não pôde ouvir as palavras emitidas pelos lábios dela. Ao mesmo tempo, começou a perceber outra realidade a seu redor. Estava com os refugiados da *Lakul* a bordo de outra nave: uma nave da Federação.

— Não — berrou Soran, com fúria e dor, tentando agarrar as mãos estendidas de Leandra, mas apanhando apenas o ar. — Nãaaaao...!

Por um breve instante, Pavel Chekov parou diante da porta aberta e ficou

olhando, assombrado. O que lhe chamou a atenção não foi o moderníssimo equipamento médico nem o desenho mais espaçoso e reluzente da enfermaria, mas o quadro vivo que se apresentava ali dentro.

Eram cerca de cinqüenta sobreviventes da *Lakul*: todos belos humanóides, os últimos remanescentes da longeva raça ei auriana. Jaziam inconscientes sobre as maçãs, sentados e atordoados no chão ou encolhidos e gemendo junto à parede. Não foram seus ferimentos físicos que fizeram com que Chekov e os dois repórteres que o acompanhavam recuassem. A maioria estava relativamente ilesa, ao menos fisicamente. Mas o que assustou Chekov foi o olhar dos el aurianos, um olhar que jamais seria capaz de esquecer.

Não conseguiu afastar a impressão de que havia entrado em um hospício do século dezoito.

Aqueles que estavam conscientes fitavam a distância, fascinados por uma visão tão bela que os deixara mudos de assombro. Outros tentavam agarrar o ar, lutando em vão para alcançar algo invisível. Porém, nenhuma visão era igual à outra. Cada um deles estava perdido em seu próprio mundo interior. Gemidos, sussurros e choros enchiam o ar, num estranho coro desafinado.

*As cores estão me tocando...*

*Estou preso no vidro...*

*Posso ver os segundos...*

*Ajudem-me. Ajudem-me...*

Chekov entendera naquela manhã o motivo pelo qual o capitão Kirk não desejava subir a bordo da *Enterprise-B*. Chekov não queria fazê-lo tampouco. Não conseguia imaginar uma boa razão para sentar-se em uma nave estelar sentindo-se inútil. Mas, tal como o capitão, não pudera deixar de comparecer.

Mas assim que Kirk assumiu o comando da nave, pela primeira vez depois de um ano sentiu que tinha um propósito, que estava no lugar certo, que fazia parte de algo. Era um sentimento que não experimentava desde que se aposentara, por isso não hesitou em assumir a enfermaria. Seu treinamento médico de emergência como chefe da segurança da *Reliant* ser-lhe-ia bastante útil naquela ocasião.

Hesitou à porta da enfermaria apenas por um instante. Recompôs-se e rapidamente localizou os sensores para diagnóstico. Entregou um a cada jornalista, um homem e uma mulher, ambos terranos, dando-lhes breves instruções.

Antes que houvesse terminado, a nave deu um súbito solavanco, jogando-os contra a parede.

— Meu Deus! — gritou o repórter, derrubando o sensor ao chocar-se com Chekov. — Que foi isso?

Chekov recuperou o equilíbrio rapidamente, apanhou o sensor e o devolveu ao repórter, que simplesmente o fitou amedrontado.

— Pegue - ordenou. — Temos trabalho a fazer... A repórter estava de olhos arregalados.

— Mas o que *foi* aquilo? Acha que o feixe de energia...

— Não importa o que foi — disse Chekov. — Deixem que o pessoal da ponte cuide disso. Estas pessoas precisam de nossa ajuda. — Ao ver que continuavam estupidificados e assustados, vociferou, irritado: — Não pensem. Apenas *mexam-se*. — Falou com tamanha energia que os dois finalmente apanharam os sensores e o acompanharam até a multidão que gemia.

*Não me forcem a ir, por favor. Deixem-me ficar... Estou preso, deixem-me sair...* Socorro. Por favor, alguém me ajude...

— Está tudo bem — confortou Chekov, agachando-se ao lado de uma linda mulher de idade indefinida e longos cabelos castanhos, que não parecia ferida. Seus olhos claros e cheios de tristeza não pareciam vê-lo, mas permaneciam fixos em um ponto distante. — Está tudo bem. Senhorita... senhora... pode me ouvir?

Ela não respondeu. Nem sequer parecia perceber sua presença enquanto a examinava com o sensor. O mesmo se deu com o sobrevivente seguinte. A mesma quase-catatonía com apenas algumas escoriações. Ao examinar o terceiro paciente, Chekov olhou para o repórter, que atendia uma vítima ligeiramente ferida a seu lado.

— Só escoriações até agora — disse Chekov. O repórter confirmou com um aceno da cabeça, indicando ter encontrado o mesmo. Dois el aurianos adiante, a repórter se ergueu e concordou com a cabeça. Chekov prosseguiu: — Mas todos parecem estar sofrendo do mesmo tipo de choque neurológico.

— O que poderia ter causado isso? — perguntou a repórter. — O estresse de terem sido atacados?

Enquanto perguntava, seu companheiro caminhou até um paciente sentado em uma biocama. Era um homem pálido, com olhos ainda mais claros e um emaranhado de cabelos brancos, dando-lhe, na opinião de Chekov, a aparência uma vela acesa excessivamente brilhante. Um fio de sangue vivo cruzava-lhe o centro da testa até a base do nariz, curvando-se sob um dos olhos e escorrendo pela face.

— Provavelmente não — respondeu Chekov. — Dificilmente provocaria uma reação em massa como esta. Talvez o feixe de energia...

— Por quê? — gritou subitamente o homem pálido. Chekov voltou-se e

viu o magro el auriano agarrar o jornalista pelos ombros e puxá-lo para perto de si. — Por quê?

Ao ver o desespero insano nos olhos do homem ferido, Chekov correu em silêncio até o armário de suprimentos. O repórter sensatamente manteve a calma e não tentou afastar o el auriano.

— Está tudo bem — disse, em tom reconfortante. — Está a salvo. Está na *Enterprise*.

— Não... — A palavra soou como um soluço rasgado, uma súplica. O homem que sangrava apertou o repórter com mais força, de modo ameaçador. — Tenho que ir para lá... tenho que voltar! Não compreende? *Deixe-me ir!*

Sem avisar, largou os ombros do repórter e o agarrou pelo pescoço. Antes que conseguisse estrangular o repórter, Chekov rapidamente aproximou-se por trás e injetou-lhe um hipospray no braço.

O el auriano caiu inconsciente ao lado do assustado jornalista, que levou a mão ao pescoço e perguntou:

— Do que ele estava falando?

Chekov não teve chance de responder. A seu lado, uma mulher cambaleou. Ele a segurou pelo braço, impedindo que caísse.

— Cuidado aí...

Não havia qualquer motivo físico aparente para a sua fraqueza. Um exame com o sensor não revelou qualquer lesão. Era uma mulher pequena, atraente sem ser bonita, com a típica idade indefinida dos el aurianos e uma cascata de pequenos cachos pretos que lhe descia até o meio das costas, saindo de baixo de um grande chapéu roxo. Fitou Chekov com seu rosto e olhos escuros, profundamente plenos de uma paz tão radiante e ao mesmo tempo de uma dor tão pungente que o fez respirar fundo.

— Vai ficar tudo bem — disse ele, sorrindo calorosamente numa tentativa de aliviar a dor que ela sentia. — Venha deitar-se aqui...

Conduziu-a até a biocama.

Nos anos seguintes, ao lembrar-se daquele dia e pensar em James Kirk, Chekov se recordaria também daquela mulher, perguntando-se o que teria sido feito dela.

Os motores da *Enterprise* rugiram, lutando contra o anel de energia, sem qualquer resultado. A nave tremia constantemente, desamparada, enquanto o feixe a fustigava.

— Os amortecedores inerciais estão falhando — relatou Demora, na ponte que balançava, pouco antes de Scott gritar:

— Os motores não estão respondendo!

Harriman agarrou-se aos braços da cadeira com força suficiente para

deixar brancos os nós dos dedos. Ergueu os olhos para Kirk e disse em voz baixa:

— Não esperava morrer no meu primeiro dia de serviço.

Com um pequeno e amargurado sorriso, Kirk inclinou-se ao ouvido do jovem capitão, segurando-se na cadeira para manter o equilíbrio.

— A primeira coisa que tem que fazer ao se tornar capitão é aprender a ludibriar a morte. — Ergueu-se e chamou: — Scotty?

Indignado por saber o que seu capitão lhe pediria em seguida, Scott gritou:

— Não há como romper um campo gravimétrico de tamanha magnitude! Em meio aos tremores, a nave foi violentamente sacudida outra vez. Demora agarrou-se ao seu painel e gritou:

— Integridade do casco a oitenta e dois por cento!

Kirk não disse nada. Apenas manteve o olhar fixo em Scott, que por fim concordou mal-humoradamente:

— Contudo, tenho uma teoria... Kirk sorriu.

— Achei que teria.

Scott apontou com a cabeça para a assustadora visão da tela.

— Uma descarga de anti-matéria diretamente em frente... poderia romper o campo por tempo suficiente para nos libertarmos.

Kirk assentiu lentamente com a cabeça, enquanto ponderava.

— Um torpedo fotônico?

— Sim.

O capitão mais idoso voltou-se para Demora.

— Arme os tubos de torpedos, prepare-se para disparar a meu comando.

— Capitão — Demora voltou-se em para ele, sem disfarçar o desânimo.

— Não temos nenhum torpedo.

— Já sei, não precisa dizer: Terça-feira. — Kirk fechou os olhos por um breve instante, abrindo-os na direção de Harriman, que confirmou, abatido.

— Capitão — disse Scott —, existe a possibilidade de *simularmos* um disparo de torpedo usando uma ressonância brusca do escudo defletor principal.

Lutando para manter o equilíbrio no convés oscilante, Kirk voltou-se para Scott com renovada esperança.

— Onde ficam os relês dos defletores?

— No convés quinze — respondeu Demora ,imediatamente. — Seção vinte e um alfa.

Harriman ergueu-se, cambaleante devido ao chão que balançava.

— Eu irei. Você tem que cuidar da ponte. — Sem esperar pela resposta, dirigiu-se ao turboelevador.

— *Não* — disse Kirk, bruscamente. Por mais que lhe fosse tentadora a opção de sentar-se na cadeira vazia do capitão, aquela era a nave de Harriman. E aquele jovem acabara de dar mostras de seu valor. Somente um verdadeiro capitão poderia deixar de lado o orgulho e entregar a cadeira de comando a outro, em benefício de sua tripulação. Harriman aprumou-se e se voltou para encarar o capitão mais velho atrás de si.

— Não — disse Kirk. — O lugar do capitão é na ponte de sua nave. — Fez uma pausa. — Eu cuido disso.

O sorriso de Harriman apareceu apenas em seu olhar. Seu queixo estava duro e firme ao acenar afirmativamente com a cabeça para Kirk, reconhecendo muito mais do que o velho capitão havia dito.

Kirk voltou-se para Scott enquanto caminhava para o turboelevador.

— Mantenha a nave em pé até que eu volte.

— É o que sempre faço — disse Scott.

Kirk sorriu-lhe, pouco antes de as portas do turboelevador fecharem-se com um sibilo.

Quando as portas se abriram novamente no convés quinze, sentiu-se novamente em uma emocionante queda livre, que misturava o mais profundo terror ao maior dos prazeres. Terror, por lembrar-se dos sonhos da noite anterior, e saber que Spock não estaria ali para agarrá-lo. Prazer, por estar novamente cumprindo o propósito para o qual tinha nascido: fazer uma diferença. Não havia tempo para pensar ou ponderar, apenas para agir rapidamente.

Jim apressou-se pelo corredor que balançava, a uma velocidade que não mais supunha ser capaz de atingir, seguindo os sinais até a seção vinte e um alfa, finalmente alcançando a sala dos defletores com seus enormes e gigantescos geradores atrás de uma série de painéis.

Sentiu o coração palpitar e estava ofegante, mas nada daquilo importava. Pela primeira vez em mais de um ano sentia-se verdadeiramente vivo. Encontrou o painel de parede, removeu-o e começou a trabalhar no redirecionamento dos circuitos dos defletores.

Não tinha trabalhado mais que um minuto quando o intercomunicador apitou. A voz de Scott estava quase inaudível por causa do ruído da nave.

— Ponte para o capitão Kirk.

— Kirk falando — gritou ele, sem tirar os olhos do trabalho. O que precisava ser feito era simples. Se não deixasse que Scott o interrompesse, estaria pronto em segundos...

— Capitão — gritou Scott, no plangente tom de voz que Kirk conhecia tão bem. Bem demais para saber que as coisas tinham realmente atingido um estado crítico. Mesmo que Scott não o tivesse chamado, percebera pelos

tremores da nave, mesmo sendo uma nova *Enterprise*, que uma rachadura importante no casco era iminente. — Não sei por quanto tempo vou conseguir mantê-la inteira!

Ao fundo, pôde ouvir a voz de Demora:

— Quarenta e cinco segundos para colapso estrutural!

Kirk usou os segundos críticos para fazer os ajustes finais, então fechou o painel com força, triunfante:

— Terminei! *Vá em frente!*

Ouviu Scott desligar o intercomunicador, e ergueu-se cambaleante no corredor que balançava. Já não havia motivo para pressa. Ou estariam a salvo ou morreriam. Tinha feito tudo o que era possível.

Antes de ter dado mais que dez passos, o sacolejar da nave diminuiu drasticamente. Sorriu discretamente. Sua estranha premonição da morte havia sido falsa, afinal de contas. Estava feliz, é claro, mas sentia um leve e estranho desapontamento. Não teria sido a pior maneira de se morrer. Teria outra chance como aquela de fazer uma diferença?

Estava no meio do caminho quando houve uma explosão tão ensurdedora que parecia ter ocorrido dentro de sua própria cabeça. Foi erguido do chão e arremessado de encontro à parede ou ao chão, não saberia dizer. No brilhante milissegundo que se seguiu, viu tudo ao redor dissolver-se no violento calor branco e roxo do feixe de energia. Sentiu seu próprio corpo se dissolver e tornar-se parte do feixe.

Estava, como sempre soube que estaria, sozinho. Não havia tempo para reflexão nem tristeza, naquele primeiro momento da dissolução, apenas um lampejo de alegria por saber que McCoy e Spock estavam em segurança, onde quer que estivessem, e que prosseguiriam sem ele.

Houve então o silêncio e o início da última e infinita queda livre...

## *Quatro*

Poucos segundos antes, Montgomery Scott desligou a comunicação com a sala dos defletores e fitou o fustigante anel de energia na tela principal. Parecia um relâmpago enlouquecido. A *Enterprise* era constantemente sacudida, ao som de distantes trovões, como um navio jogado de um lado para o outro em uma violenta tempestade em alto-mar. Scott prendeu a respiração, quando o jovem capitão Harriman inclinou-se para dar a ordem à filha de Sulu.

— Ativar o defletor principal.

Junto com a tripulação silente e esperançosa, Scott observou um brilhante raio de energia partir do defletor principal, emergindo como uma pequena nova do casco de estibordo.

Estava sem fôlego, sim, mas não tão assustado quanto o jovem tenente a seu lado junto ao painel. Scott tivera uma vida plena de realizações e naquele último ano encontrara a felicidade no trabalho como consultor e no convívio com a família.

Ao menos, imaginava-se feliz. Porém, no instante em que o capitão Kirk sorriu-lhe do turboelevador...

*Mantenha a nave em pé até que eu volte.*

...Scott sentira uma emoção quase esquecida e vira novamente o brilho de uma chama há muito extinta nos olhos do capitão.

Quando jovem, Scott teria ficado aterrorizado mas por demais determinado a sobreviver, para deixar seu medo transparecer ou interferir no que devia ser feito. Agora tudo isso era passado. Naturalmente ainda tinha medo de morrer, mas esse medo estava atenuado pela visão da idade. Já enfrentara muitas vezes no passado situações tão impossíveis quanto aquela, e sempre saíra ileso.

Mesmo que não conseguisse daquela vez, tinha muito menos a perder do que os jovens que o cercavam. Percebia-lhes o medo, e por uma estranha razão, isto o acalmou, fazendo com que se sentisse determinado a ajudar.

Colocou a mão no ombro do jovem tenente a seu lado, que estava tão concentrado no desenrolar da situação na tela, que assustou-se com o toque. Scott deu-lhe um sorriso reconfortante. O jovem oficial contraiu os músculos da face, num sorriso encabulado, e voltou a fitar a tela.

Scott também voltou-se para encarar seu destino e viu o anel de energia reagir à rajada do defletor, saltando para trás e depois impulsionando-se para a frente, como furiosa nuvem de tempestade.

O tremor diminuiu. Scott respirou fundo e disse:

— Estamos nos libertando.

O rosto contraído do jovem tenente abriu-se num sorriso. Harriman deixou cair os ombros e o lábio inferior ao mesmo tempo. Scott começou a erguer-se, com a intenção de parabenizar o jovem capitão...

A tela encheu-se de ofuscante luz branca e a nave oscilou fortemente para bombordo. Scott agarrou-se ao painel, perdeu o apoio e caiu de costas no convés. O tenente foi arremessado de lado na direção da cadeira de Scott, e quase caiu em cima dele, mas recobrou o equilíbrio a tempo.

Scott permaneceu onde estava, esperando que fossem atingidos novamente, por um, dois segundos. No terceiro segundo, ainda no mesmo lugar, sentiu o tremor gradualmente ceder e a nave estabilizar-se.

Scott ergueu-se com lentidão, observando Demora voltar a seu posto, e deu uma olhada na leitura do leme. Um grande sorriso espalhou-se pelo seu rosto:

— Estamos livres!

Harriman estava milagrosamente calmo na cadeira de comando. Fitou a tela por um momento, visivelmente admirado por ainda estar vivo, então apertou um controle na cadeira.

— Conseguiu, Kirk! — Voltou-se para Demora. — Relatório de danos, alteres.

O sorriso de Demora já havia desaparecido. Com a eficiência de uma oficial veterana, analisou seu painel. *Uma jovem excelente*, pensou Scott. Quando encontrasse o pai, não deixaria de lhe contar como a filha se portara bem durante a crise.

— A nacele de estibordo ficou um pouco danificada — relatou Demora. Franziu a testa abruptamente e ergueu o olhar para Harriman. — Houve também uma ruptura do casco no setor da engenharia. Os campos de força de emergência foram ativados e estão se mantendo.

Scott não teria podido explicar-lhes como *soubera*. A engenharia ocupava uma grande área da nave e dezenas de setores poderiam ter sido danificados, sem que isto afetasse a sala de defletores. Mas no instante em que Demora disse: *Houve uma ruptura do casco*, sentiu um calafrio. Ficou sem fala por um momento. Ao recobrá-la, pôde apenas fazer uma única pergunta, com a voz embargada.

— Onde?

Demora olhou para Scott. A expressão de seu rosto provavelmente o traiu, pois assim que o encarou, Demora pareceu perceber o que Scott estava perguntando. Ela deixou cair o semblante e semicerrou os negros olhos de preocupação. Quando voltou a analisar o painel, Harriman ergueu-se da cadeira, como se compartilhasse subitamente da sinistra certeza de Scott.

*Tomara que eu esteja errado*, orou Scott, mas ao ver Demora arregalar os olhos e depois semicerrá-los novamente pelo que vira no painel, soube que não estava.

— Seções de vinte a vinte e oito — disse Demora com a voz abatida. — Conveses treze, quatorze... — ergueu os olhos para Scott — ... e quinze.

Atordoado, Scott voltou ao painel traseiro e apertou o controle das comunicações.

— Ponte para o capitão Kirk. — Fez uma pausa, esperou por alguns segundos, aflito, então repetiu: — Capitão Kirk... responda, *por favor*.

Seguiu-se uma eternidade de silêncio. Scott não conseguiu encarar os olhares que o fitavam. Baixou a cabeça e fechou os olhos momentaneamente. Quando recobrou-se o suficiente para falar, voltou-se para Demora.

— Peça que Chekov me encontre no convés quinze.

Dirigiu-se ao turboelevador, levemente ciente de que Harriman o seguia de perto.

Na enfermaria, Chekov continuava a ajudar os sobreviventes. Excetuando-se a confusão mental, o pior ferimento encontrado foi um corte facial causado por um estilhaço de parede da nave no homem pálido que atacara o jornalista e que jazia sedado e com os movimentos restringidos. O casal de repórteres saíra-se bem no papel de auxiliares e tudo parecia sob controle.

Enquanto trabalhava, percebeu que se tornava gradativamente mais fácil manter o equilíbrio e os tremores da nave diminuía. Sorriu para os dois assistentes improvisados, que estavam atarefados examinando os pacientes.

— Viram só? — perguntou. — Sempre se pode confiar no pessoal da ponte para cuidar de situações como esta.

Os dois sorriram aliviados.

— Graças a Deus — disse a mulher. — Estava começando a achar que nunca teria a chance de...

Chekov não chegou a ouvir o resto. O chão pareceu subitamente inclinar-se e Chekov foi arremessado sobre a maça de exames. Quando o balanço cessou, viu-se caído sobre a mulher de pele escura e olhos estranhos. Ergueu-se desajeitadamente.

— Você está bem?

Ela não respondeu, apenas sentou-se. Seu chapéu roxo havia caído. Chekov o apanhou e a ajudou a arrumá-lo. Ela o fitou inexpressivamente. Ele ofereceu-lhe a mão, ergueu-a do chão e a conduziu de volta à biocama.

Durante todo o tempo, ela ficou olhando através dele, como se estivesse

vendo algo ao longe. Então, subitamente, piscou os olhos e pareceu enxergá-lo realmente, fitando-o com atenção.

— Ele se foi — disse ela, de modo direto e simples, com tal lucidez que Chekov não pôde deixar de perguntar:

— Quem? Para onde ele foi?

— Para o outro lado. — Seu rosto encheu-se de compaixão. — Ele se foi. Chekov ergueu o rosto ao ouvir a repórter gritar, entusiasmada.

— O tremor! Parou!

Mas voltou-se em seguida. O olhar da ei auriana o compelia a continuar a conversa.

Era óbvio que estava sendo tolo, imaginando que suas palavras tivessem algum sentido. Ela sofrerá um severo choque neurológico. Estava delirando. Tentou imaginar como o Dr. McCoy conduziria o caso: *Bem, madame, deite-se apenas e relaxe...*

Sorriu novamente e deu-lhe um tapinha na mão.

— Não fale mais. Precisa descansar. — Relutante, deu-lhe as costas.

— Seu amigo — disse ela, com tamanha convicção que o fez voltar-se. Afastando, porém, o estranho medo causado por suas palavras, sorriu debilmente da própria irracionalidade e começou novamente a se afastar.

— Seu amigo, Jim — disse ela, fazendo com que Chekov se virasse para encará-la.

— Comandante Chekov — soou a voz de Demora no intercomunicador. Parecia tensa e estranhamente formal. — O capitão Scott pede que o encontre no nível quinze, próximo à Engenharia.

Ainda fitando a inescrutável expressão da mulher ei auriana, Chekov abriu caminho por entre um grupo de sobreviventes que estava sentado ao lado do painel de comunicação mais próximo.

— Demora, o que aconteceu? Há algo de errado? Mas ela já havia desligado o intercomunicador.

Chekov deixou o restante dos pacientes aos cuidados dos repórteres e correu até o turboelevador mais próximo. A mensagem tensa de Demora o havia deixado extremamente inquieto, quase à beira do pânico. Mesmo assim, não se permitiu imaginar nem suspeitar o que encontraria no quinto nível, próximo à engenharia, até chegar lá.

Encontrou Scott e Harriman parados nos poucos metros não destruídos do corredor, fitando silenciosamente o espaço aberto que aparecia para além de um campo de força tremeluzente e do que restara do casco.

— Meu Deus — sussurrou Chekov, ao juntar-se a eles. Sabia qual seria a resposta, antes mesmo de fazer a pergunta. Tinha visto a pose abatida de Scott, mesmo antes de ver-lhe a face. — Havia alguém lá?

Harriman voltou-se para encará-lo com um olhar tão cheio de compaixão que fez o coração de Chekov perder uma batida. Scott não se virou, mas continuou a fitar fixamente o negror e as estrelas, antes de responder suavemente:

— Sim...

Foi dominado pelo torpor durante todo o resto do tempo que passou a bordo da *Enterprise-B*. Não se lembrava mais se fora Scott ou Harriman que lhe informara a respeito de quem haviam perdido. Não se lembrava de ter voltado para a ponte. Porém, recordava claramente o momento em que se postou junto ao leme, com Scott e Harriman, percebendo a dor surda na voz de Demora ao dizer: *Verifiquei toda a nave e o espaço ao redor. Não há qualquer sinal dele.*

Olhou para Scott então, incapaz de acreditar que não haveria outro milagre capaz de arrancar outra vez seu amigo e capitão das garras da morte. Já havia acontecido antes, afinal de contas... quando Kirk ficara preso no espaço intersticial, próximo da fronteira tholiana. Fora considerado morto, mas sobrevivera. Por que não podia acontecer de novo?

Mas Scott simplesmente suspirou ao olhar para a cadeira vazia do capitão, depois abanou a cabeça.

— Só uma voltinha no quarteirão — sussurrou, com amargura.

— Não — disse Chekov, sentindo a picada de lágrima nos olhos, ao perceber finalmente a verdade. — Não pode ser. Nunca pensei que fosse acontecer assim...

Scott achegou-se ao amigo e gentilmente colocou a mão em seu ombro.

— Todas as coisas tem um fim, meu rapaz.

Os dois entregaram-se à dor, por algum tempo, sem dar importância aos repórteres ou aos refletores da câmera, até que por fim Harriman disse brandamente:

— Vamos voltar para casa.

Então, Harriman caminhou até a cadeira de comando e assumiu seu posto de capitão da *Enterprise*.

## *Cinco*

Na ponte da nave estelar *Excelsior*, o capitão Hikaru Sulu sentava-se na cadeira de comando, fitando as estrelas e a escuridão que passava velozmente na tela principal, enquanto tomava chá. Naquele momento, a ponte estava calma como um mar tranqüilo. Os últimos dias haviam sido suficientemente parados para permitir-lhe o luxo da reflexão. A *Excelsior* regressava de uma expedição de mapeamento das estrelas do setor Thanatos. Não havia nada a fazer durante a longa viagem de volta para casa, até receberem nova designação. Sendo assim, Sulu tinha horas disponíveis, com pouco para fazer além de meditar. Naquele dia, o assunto era o tempo. Pensava, à medida que cada estrela riscava o espaço, em como cada segundo que passava não podia ser recapturado, mas era inexoravelmente substituído pelo segundo seguinte, rumo ao futuro desconhecido.

Sulu sorriu para si mesmo, achando graça da própria letargia, concluindo que estava de alguma forma relacionada com o lançamento da *Enterprise-B*. Sentira-se ao mesmo tempo desapontado e aliviado por não poder retornar à Terra a tempo de participar do lançamento. Desapontado porque gostaria de compartilhar da emoção de Demora no dia de sua primeira missão e rever os amigos. Ao mesmo tempo, sentia-se aliviado por não precisar se lembrar novamente de tempos que não voltariam mais.

Ainda assim, era bom ser lembrado da temporaneidade das coisas. A dor tinha origem no apego inútil ao impossível. A felicidade decorria da aceitação da inevitabilidade da mudança e mesmo da própria morte. Os budistas tinham um exercício de meditação útil justamente para esse fim: Imagine estar vivo, bem e feliz.

Em seguida imagine-se morto com a pele fria e pálida e o corpo enrijecido.

Imagine seu corpo morto se decompondo, cheio de vermes, com a carne se despregando dos ossos à medida que se desfaz, retornando à terra...

Sulu já havia meditado sobre a própria morte tantas vezes, que não mais se horrorizava em pensar nela. Mas a idéia da perda ainda o perturbava. Algum dia, disse Sulu a si mesmo, esta nave reluzente será algo do passado, tal como a primeira *Enterprise*. Assistira a sua destruição e a vira riscar o céu crepuscular do planeta Gênesis em sua queda final. Talvez não viesse a perder a *Excelsior* de modo tão violento. Talvez apenas a passasse para outro capitão.

Ergueu o rosto, despertando de seu devaneio, quando o primeiro oficial, Masoud Valtane, deixou escapar um grande suspiro. Sendo xenogeólogo,

Valtane vinha se sentindo inquieto ultimamente, por não ter mais planetas com que brincar. Sulu reprimiu um sorriso carinhoso quando Valtane, em seu lugar costumeiro à esquerda do capitão, começou nervosamente a mexer no escuro bigode. Valtane não era benquisto pela tripulação, em parte por causa de sua total inépcia no relacionamento social e a reputação de se ater aos mínimos detalhes. Mas com o tempo, Sulu aprendera a gostar dele, pois descobrira que a incapacidade de Valtane em se relacionar socialmente não provinha da indiferença, como muitos imaginavam, mas de uma franqueza quase pueril. Ou talvez porque seu modo de levar ao pé da letra cada comentário fizesse Sulu lembrar-se um pouco de outro oficial de ciências que conhecera.

O painel de comunicações da cadeira de comando subitamente emitiu um sinal. Sulu apertou um botão com o punho, agitando o chá dentro da xícara.

— Ponte.

— Capitão. — A fala geralmente monótona da tenente Djughashvili estava meia oitava acima do normal. Sua emoção era contagiante o suficiente para fazer Sulu colocar a xícara no pires e aprumar-se na cadeira. — As travas magnéticas estão com defeito. Estamos perdendo fluido refrigerante. Uma ruptura no sistema de dobra é iminente.

Sulu ergueu os olhos para Valtane, que deixara de mexer no bigode e mantinha a mão parada em frente à boca. Lojur, o navegador halkaniano, escutou e voltou-se, enrugando seu símbolo de família tatuado em vermelho entre as sobrelhas pálidas. A seu lado junto ao leme, a tenente Shandra Docksey também se voltou, agitando os cabelos castanhos.

Docksey era o mais novo reforço da tripulação. Ela lançou um rápido e apavorado olhar para Lojur, que colocou uma mão reconfortante no encosto de sua cadeira. Os dois eram inseparáveis desde quando Docksey chegara da Academia da Frota Estelar, havia alguns dias. Lojur desempenhava o papel de veterano/mentor/instrutor experiente à risca.

— Quanto tempo ainda temos? — perguntou Sulu a Djughashvili.

— Menos de três minutos, senhor.

Sulu sabia, por treinamentos passados, que não haveria tempo suficiente para evacuar todo o pessoal da engenharia para o casco principal. E a *Excelsior* estava muito longe de tudo para poder transportá-los a um lugar segundo.

— Evacuar todos para os botes salva-vidas.

— Sim, senhor.

— Alerta vermelho — ordenou Sulu, ao cortar a comunicação, fazendo soar a enervante buzina. Virou-se na cadeira para o leme, tão rapidamente

que fez o chá derramar da xícara no frágil pires de porcelana. — Tenente Lojur. Prepare-se para nos separarmos do casco secundário.

— Sim, capitão. — Lojur voltou-se para o painel e começou a trabalhar.

— Docksey. Qual a distância aproximada de outros planetas ou estruturas? A jovem tenente, parecendo recomposta da momentânea perturbação, respondeu rapidamente:

— Meio parsec até a base estelar mais próxima, senhor. Nenhum planeta num raio de cinco parsecs.

Sulu assentiu com a cabeça, aprovadamente.

— Aguarde para acelerar-nos até dobra máxima, Srta. Docksey. Quero pelo menos dois parsecs de distância entre nós e o casco secundário quando este explodir. Sr. Lojur... inicie seqüência de separação.

— Iniciando.

— Sr. Valtane...

Valtane, que havia corrido para seu posto no momento em que começou a soar o alerta vermelho, voltou-se para responder, tendo substituído a inquietação pela intensa agitação demonstrada por todos na ponte.

— ...quanto tempo antes da detonação? — completou Sulu.

— Dois minutos e seis segundos, capitão.

Sulu assentiu com a cabeça, satisfeito, e esperou, contando silenciosamente os segundos até que Lojur relatou:

— Seqüência de separação terminada, capitão.

A imagem na tela principal mudou, passando da imensidão escura e estrelada para a vista do casco secundário, mostrando a engenharia e as naves dos motores de dobra. Sulu observou o enxame de botes salva-vidas emergir das laterais do casco, como abelhas furiosas saindo de uma colméia ameaçada.

— Tempo?

— Um minuto e trinta segundos, senhor. Sulu voltou-se para o navegador.

— Lojur. Tem trinta segundos para transportar o pessoal dos botes salva-vidas a bordo.

— Sim, senhor. — Sob o olhar arregalado de Docksey, o halkaniano começou a trabalhar, parecendo exibir, na opinião de Sulu, a discreta confiança de um velho marinheiro que mostra ao novato como se fazem as coisas.

— Capitão. — Com o cabelo dourado e prateado preso de modo a exibir o elegante pescoço, Rand voltou-se rapidamente do painel de comunicações. Ela era a oficial mais experiente da ponte. Observou o desenrolar dos eventos com uma expressão serena e tranqüila. Havia então uma ponta de

curiosidade em sua voz que fez Sulu fita-la com sincera preocupação. — Há uma mensagem pessoal para o senhor. Da Terra.

Uma mensagem de Demora, concluiu Sulu, com ansiedade e orgulho paternos. Provavelmente para lhe contar o emocionante relato de seu primeiro dia a bordo da *Enterprise-B*. Estava feliz por ela ter se lembrado de chamá-lo, desapontado por não poder responder.

— Vai ter que esperar.

— É de Pavel Chekov — disse Rand. Somente então ela pôs de lado sua compostura o suficiente para revelar um discreto tremor na voz. — Ele dá a entender... creio... que algo aconteceu, senhor.

A princípio Sulu não compreendeu. Então, lembrou-se com crescente apreensão de que Chekov era um dos membros da velha tripulação que estaria presente ao lançamento da *Enterprise-B*. Um único pensamento ofuscou todos os demais, obliterando o som da buzina, que soava e a intensa atividade na ponte:

*Demora...*

Recuperou o fôlego, sentindo subitamente um calafrio de medo.

Mas não... se algo tivesse acontecido a ela, seria o capitão Harriman quem deveria entrar em contato com ele. A menos que Pavel, como amigo, tivesse desejado falar com ele primeiro.

A menos que...

— Peça-lhe que aguarde. — Sulu voltou-se para Valtane e bruscamente perguntou: — Tempo?

— Um minuto e treze segundos para ruptura do núcleo, senhor.

— Em treze segundos — disse Sulu a Docksey — tire-nos daqui. Dobra dez. Lojur...

— Entendido, capitão. A sala de transporte relata que todos exceto sete dos operadores dos botes salva-vidas foram trazidos a bordo. Vamos apanhar todos os que faltam, senhor.

Sulu deixou escapar um leve suspiro, ergueu-se da cadeira e caminhou até Rand.

— Transfira a comunicação para este posto, comandante.

Ela tocou um controle. No posto à frente dele, um pequeno visor se acendeu, exibindo estática, que se transformou na imagem de Pavel Chekov.

Sulu inclinou-se, apoiando as mãos no painel de Rand, a fim de estudar o rosto do amigo. Chekov parecia ter ficado subitamente mais velho desde a última vez em que Sulu havia falado com ele. Mas não foram os fios de cabelo branco a mais nem as rugas no rosto que lhe deram essa impressão.

Não, concluiu Sulu. Era a dor nos olhos vermelhos e brilhantes de Chekov. Aquela expressão atingiu o capitão da *Excelsior* como um soco,

fazendo-o recuar, aturdido.

— Pavel — disse, brandamente. — Meu Deus, Pavel... — Tentou formular a pergunta que tinha na ponta da língua, sem conseguir. Ela ficou pendente entre os dois.

*Quem morreu?*

— Hikaru — a voz de Chekov era inexpressiva e controlada, mas Sulu percebeu a emoção prestes a transbordar. — Sinto ser eu a lhe dar a notícia. Durante sua viagem inaugural, a *Enterprise-B* foi apanhada numa espécie de... distúrbio de energia. O casco se rompeu...

— Demora — disse Sulu rapidamente, mas antes de pronunciar a última sílaba, Chekov sacudiu negativamente a cabeça.

Atrás dele, Lojur disse:

— Todas as pessoas que estavam nos botes salva-vidas estão a bordo.

— Ligando os motores — relatou Docksey. — Dobra dez.

Sulu ouviu-os, parcialmente atento, como se subitamente estivessem muito longe dali e os eventos que transcorriam na ponte fossem insignificantes. A pequena imagem de seu amigo consumia-lhe toda a atenção.

— Ela está bem — disse Chekov, secamente. — Continua em serviço. Mas... o capitão desceu para a sala dos defletores, numa tentativa de salvar a nave. Ele conseguiu, mas acabou... — dominado pela emoção, Chekov baixou a cabeça — ... morrendo...

— O capitão? — Sulu piscou os olhos para a tela, confuso. Ele fora apresentado a Harriman, o capitão da *Enterprise-B*, mas não eram amigos. Por que Chekov ligaria para ele a fim de...

Diante dele, um leve gemido de desespero escapou dos lábios de Rand, antes que ela conseguisse contê-lo com a mão.

Sulu voltou-se para ela e soube. Sentiu uma corrente de emoção percorrer-lhe a espinha como pura eletricidade. Agarrou-se ao painel de Rand e sussurrou:

— *O capitão...*

Parecia algo impossível. Podia imaginar ouvir tal notícia a respeito de Scotty, do Dr. McCoy, até mesmo de Chekov... mas Kirk. Kirk era maior que a vida. Era uma lenda. Era imortal. Kirk não podia morrer...

— Scott está transmitindo a notícia a Uhura e ao sobrinho de Kirk — disse Chekov, constrangido, como se procurasse as palavras apropriadas e não as encontrasse. — Eu avisarei o Sr. Spock. A Frota Estelar está preparando uma cerimônia em memória do capitão. — Hesitou. — Sinto muito, Hikaru. Não sei mais o que dizer. Ainda não acredito que tenha acontecido.

— Pavel - Sulu tocou o canto da tela. — Pavel, meu amigo. Agradeço por ser você a me contar isto. Cuide-se...

O rosto angustiado de Chekov oscilou e desapareceu da tela. Sulu pôs a mão no ombro de Rand, depois voltou-se para encarar sua tripulação.

— Cancelem o alerta vermelho. — Falou em voz baixa, mas com uma rispidez na voz que a fez soar acima da buzina.

— Senhor? — Valtane voltou-se para seu capitão, com uma expressão de interrogativa no rosto. Lojur e Docksey fizeram o mesmo.

— Cancelem o alerta vermelho. — Sulu desceu do posto de Rand e voltou a sentar-se em sua cadeira. Apertou um botão no painel do braço da cadeira. — Todos os postos: o exercício terminou. — Deu um suspiro trêmulo. — James T. Kirk morreu hoje a bordo da *Enterprise-B*. Gostaria que todos observassem um minuto de silêncio em sua homenagem.

A buzina parou de tocar abruptamente. A ponte ficou completamente imóvel. Todo o ruído cessou.

Junto com sua tripulação, Sulu sentou-se e fitou as estrelas, a escuridão e o futuro silencioso.

Leonard McCoy entrou silenciosamente na capela ecumênica, localizada no terreno do quartel-general da Frota Estelar em San Francisco, e sentou-se em um dos últimos bancos, iluminado pela luz do sol que atravessava as janelas de vidro colorido e tingia os bancos, o tapete e as mãos de McCoy de azul, vermelho e roxo. A sala era pequena, sem adornos, com exceção de um grande vaso de copos-de-leite perfumados junto ao púlpito. Mais importante de tudo, estava silenciosa e vazia. O médico tinha intencionalmente chegado quarenta e cinco minutos mais cedo, para ter alguma privacidade com o amigo.

Não que Jim estivesse ali. Era um memorial, não um funeral. Kirk não havia deixado um corpo, o que de alguma forma parecia típico dele. O capitão pura e simplesmente havia se dissolvido no espaço.

McCoy encostou-se no banco e deixou escapar um suspiro. Tinha dormido pouco na noite anterior. No pouco que conseguira dormir, sonhara com Jim, voltando àquela longínqua ocasião em que o capitão havia desaparecido dentro da nave fantasma *Reliant*. Todos o imaginaram morto, mas não estava, apenas ficara aprisionado no espaço intersticial.

No sonho de McCoy, Jim estava lá novamente, flutuando misteriosamente em sua roupa espacial e agitando os braços, tal como havia feito na interfase espacial, aparecendo como um fantasma na ponte.

Mas em seu sonho, Kirk não estava pedindo ajuda, apenas acenando em saudação, com um enorme e eufórico *sorriso* no rosto. Estava convidando o

doutor a juntar-se a ele. McCoy chorara de alegria ao ver o amigo feliz e em paz, e acordara com lágrimas no rosto.

Em algumas ocasiões a certeza de que Jim se fora realmente o enchera de amargura. Mas tais momentos haviam sido em menor número do que aqueles nos quais sentia a dor amenizada por saber que Jim tivera uma boa vida, uma vida admirável. E realizara, desfrutara e experimentara mais do que a maioria das pessoas jamais teria a oportunidade de fazer.

A porta se abriu suavemente. McCoy voltou-se ao ouvir o ruído e viu de relance o rosto de Spock aparecendo junto à porta entreaberta. O vulcano viu o doutor e se afastou, começando a fechar a porta.

McCoy ergueu-se e saiu do banco.

— Não... não vá, Spock. Por favor, entre...

Spock hesitou à porta.

— Não quero perturbá-lo, doutor.

— Se fosse outra pessoa, Spock, eu preferiria ficar sozinho. Esperava nunca ter que encontrá-lo em tais circunstâncias... mas estou contente em vê-lo. — A presença do vulcano trouxe-lhe nova pontada de dor, ao perceber que jamais formariam um trio novamente, e que Jim nunca mais estaria com eles de novo. McCoy sentiu as lágrimas queimarem-lhe os olhos. Limpou a garganta e recompôs-se. Pensara já ter sofrido bastante em particular para não se ver novamente dominado pela emoção. Além disso, prometera a si mesmo não embarçar o vulcano chorando em público. Mas estava lutando contra o desejo de chorar no ombro de Spock.

Conseguiu exibir um sorriso débil, ao ver Spock entrar com as luzes coloridas dos vitrais iluminando seu rosto solene. Para total surpresa do médico, o vulcano parou diante dele e intencionalmente ofereceu-lhe a mão.

— Doutor, também lamento as circunstâncias. Mas é bom vê-lo de novo. McCoy ficou por um momento boquiaberto diante da mão estendida. Os

vulcanos, que praticam a telepatia por toque, consideram o contato físico com humanos de mente caótica muito perturbador. Ergueu os olhos para o amigo e agradecidamente tomou-lhe a mão. O aperto de Spock era firme e febrilmente quente, parecendo a McCoy que emanava tamanha calma e força compassiva, que o fez sentir-se novamente emocionado.

— Não posso acreditar — disse o médico, com súbita angústia. — Já se passaram três dias e ainda não me acostumei com a idéia. Não posso acreditar que Jim se foi.

— Ele se foi. — O tom de voz de Spock era desprovido de emoção, porém com um leve toque de amargura. — Quer acredite nisto ou não. — Lentamente largou a mão de McCoy e apontou para o banco com a cabeça. — Podemos nos sentar?

— Oh, sim. — McCoy retomou seu lugar. O vulcano sentou-se a seu lado. Por um momento, os dois ficaram-se em silêncio, olhando para a frente, fitando as flores ao lado do púlpito. Então, McCoy falou: — Spock... lembra-se de quando estivemos em Yosemite com Jim? Quando ele disse que sempre soubera que ia morrer sozinho?

— Sim — respondeu Spock inexpressivamente.

— Não consigo parar de pensar que deveria ter estado com ele. Quero dizer, sei que você não poderia... estava envolvido numa missão com seu pai... mas eu tinha apenas viajado com Joanna para assistir à formatura de minha neta. Creio que poderia ter voltado para o lançamento da *Enterprise-B* se realmente desejasse. Mas... não desejava. Estava cansado da Frota Estelar e, para ser sincero, não queria desperdiçar meu tempo numa nave na qual não me sentisse necessário. Não me agradava a idéia de ser colocado num mostruário. — O doutor hesitou. — Mas simplesmente não consigo parar de pensar que se eu estivesse com ele, talvez Jim não teria...

— Doutor — interrompeu Spock, com firmeza —, sua presença ali não teria feito a menor diferença. O capitão o teria enviado à enfermaria e teria descido à sala de defletores do mesmo modo. Mesmo que estivesse com ele na sala de defletores... — Fez uma pausa, exibindo um quase imperceptível lampejo de tristeza nos olhos, que dizia a McCoy que o vulcano compartilhava do mesmo sentimento de culpa e o havia eliminado pela lógica. —... Isto apenas teria tornado as coisas mais difíceis para ele. Ele teria se preocupado com a sua segurança.

McCoy pensou nisso por um instante.

— Talvez esteja certo... Acho que ele tinha que nos deixar. Morreu do modo como gostaria de ter morrido: salvando a *Enterprise*.

Spock inclinou a cabeça na direção do médico e de algum modo conseguiu fazer transparecer a idéia de um sorriso, sem mexer o canto da boca sequer uma fração de milímetro. Mas McCoy percebeu que os cantos dos olhos apertaram-se quase imperceptivelmente.

— Não foi um modo tão ruim de se morrer.

McCoy voltou rapidamente a cabeça ao ouvir aquelas palavras.

— E verdade... Você deve saber o que isto significa, não é mesmo? — A lembrança da morte dolorosa de Spock, exposto à radiação, era-lhe quase intolerável e ainda lhe dava calafrios. Mas havia algum consolo em saber que o fim de Jim havia sido menos doloroso e misericordiosamente mais rápido.

— Sabe de uma coisa?

O vulcano o encarou silenciosamente, esperando a resposta.

— Sinto pena de você, Spock — disse, de modo gentil e sincero, sem a

aspereza que dirigia ao vulcano no passado. — Porque vai viver mais do que todos nós. E terá que experimentar a perda de amigos queridos vez após outra. — Fez uma pausa, tentando manter o tom descontraído e brincalhão, e afastar o embargo na voz, sem conseguir. — É o que você ganha por conviver com humanos. Não vai haver *katras* que nos preservem para a posteridade nem viagens de última hora ao monte Seleya para nos trazer de volta...

Subitamente, seus olhos encheram-se de lágrimas, borrando a visão da face estóica de Spock.

— Droga — disse McCoy, enquanto as quentes lágrimas rolavam-lhe pela face, praguejando novamente ao ouvir o tom trêmulo da própria voz. — *Droga*. Desculpe-me, Spock. — Rapidamente limpou as lágrimas com o dedo e vasculhou os bolsos à procura de um lenço. — Prometi a mim mesmo que não o faria passar por isto...

— Está tudo bem — disse o vulcano, brandamente. — Já servi com os hu-

manos por muitos anos. Estou, portanto, acostumado com as manifestações emocionais.

McCoy sorriu, desculpando-se em meio as lágrimas, ainda vasculhando os bolsos. Não achou um lenço, mas puxou algo que fez seu sorriso tornar-se genuíno.

— Olhe para isto, Spock... Aposto que achou que eu ia guardá-lo numa gaveta e esquecê-lo completamente. — Ergueu a mandala vulcana, cujo acabamento em cobre tornara-se esverdeado de tanto ser manuseado. — Sempre a levo comigo. Chamo-a de meu amuleto da sorte vulcana — Conseguiu dar uma risada débil. — Acho que talvez deva contemplá-la um pouco antes que os outros cheguem. Minha lógica não está funcionando muito bem nos últimos dias.

Hesitou ao recordar, esfregando-a entre os dedos.

— Lembra-se do dia em que você a deu para mim?

— Naturalmente, doutor.

— E Jim me deu aquele relógio. Parece que foi ontem... Mas já faz um ano. Fiquei acordado a noite inteira, ouvindo o relógio de Jim soar as horas, da meia-noite até o amanhecer. Ele disse ter me dado o relógio para que me lembrasse dos bons tempos... mas só consigo me lembrar de como o tempo passa depressa. O tempo continua passando por nós e não temos como pará-lo. Você, eu e até mesmo isto — ergueu a mandala — vamos desaparecer algum dia.

— "Tempo — citou Spock, brandamente —, o devorador de todas as coisas."

— Sim, o tempo... — McCoy ergueu os olhos para o alto rapidamente, com súbita raiva na voz. — Não consigo parar de pensar no tempo...

## *Parte Dois*

### Setenta e Oito Anos Mais Tarde

#### *Seis*

No convés principal da *Enterprise*, o capitão Jean-Luc Picard fitava a tremulante bandeira azul e branca da Federação Unida de Planetas, aspirando profundamente o ar salgado do mar. Sob seus pés, o madeirame rangia, em um suave balanço acompanhando o ritmo das ondas. Acima, o vento sibilava através do cordame.

Seu maior desejo era jogar a cabeça para trás numa risada, comemorando aquele momento perfeito. Seu futuro parecia inconcebivelmente aprazível. Sentia-se abençoado por ter descoberto o que mais desejava fazer na vida, o destino para o qual nascera. Porém, ao perpassar os olhos pela tripulação da ponte ali reunida, devidamente caracterizada nas roupas daquele período histórico, manteve a expressão séria.

A tarefa mostrou-se desafiadora, especialmente ao ver o sorriso malicioso de seu segundo em comando. Will Riker parecia admiravelmente à vontade em seu culote branco e colete azul marinho com dragonas douradas. Mas a barba e o modo travesso com que deixava o chapéu de plumas inclinado lembrava mais um pirata do que um oficial naval do século dezenove. Com um papagaio no ombro e, talvez, uma perna de pau...

Picard deu um curto aceno de cabeça para Riker, então desviou rapidamente a atenção, antes que seu próprio sorriso descesse dos olhos para os lábios.

— Tragam o prisioneiro! — gritou Riker, com evidente prazer.

Abriu-se uma portinhola perto dali. Curvando a cabeça para não derrubar o chapéu de três pontas ao passar por uma viga baixa, surgiu Deanna Troi, seguindo-se Geordi La Forge, que parecia extremamente deslocado do século dezenove por causa do VISOR, e o prisioneiro Worf, sem chapéu e em mangas de camisa. Empurrado pelos dois oficiais que o escoltavam, o klingon caminhava lentamente, ao som das correntes de ferro que o prendiam pelos pés e mãos.

— Sr. Worf — disse Picard, esperando soar convincentemente severo — , sempre soube que este dia chegaria. Está pronto para ouvir as acusações?

Worf pestanejou e olhou para a estranha paisagem que o cercava,

aparentemente assombrado. Com fingida rispidez, Troi o cutucou nas costelas.

— Responda!

O klingon a encarou, ao mesmo tempo surpreso e divertido, então recompôs-se e disse com toda a dignidade:

— Estou pronto.

Picard acenou novamente a cabeça para Riker, que retirou um grande rolo de pergaminho do colete. Pigarreando, ele começou a ler, enquanto Geordi removia as correntes do prisioneiro.

— Nós, os oficiais e a tripulação da U.S.S. *Enterprise*, gozando de pleno juízo e capacidade mental, solenemente acusamos o tenente Worf dos seguintes crimes: Um. O acusado, em diversas ocasiões, deliberada e intencionalmente, fez mais e foi além do que teria obrigação de realizar no cumprimento do dever. Dois. O acusado demonstrou ser um excelente e sério oficial desta nave pelo período de oito anos. E três. O mais grave de todos... o acusado conquistou o respeito e a admiração de toda a tripulação.

Quando a última das correntes caía no piso de madeira, Riker enrolou o pergaminho.

— Só pode haver uma pena para tais crimes — proclamou Picard, lutando para manter a expressão séria. — Eu solenemente o promovo ao posto de tenente comandante, com todos os devidos direitos e privilégios. Que Deus tenha piedade de sua alma.

A tripulação aplaudiu em aprovação. Picard finalmente permitiu-se sorrir e inclinou-se para apertar a mão de Worf.

— Parabéns, comandante.

Worf mal pôde conter o próprio sorriso.

— Obrigado, senhor.

O capitão manteve o aperto de mão forte e caloroso com o klingon, até que Riker aproximou-se deles, com os olhos brilhando de contentamento.

— Estendam a prancha!

A tripulação correu para agarrar Worf e o empurrou até a amurada do navio, onde havia uma longa e estreita prancha estendida acima das ondas do mar.

— Abaixem a insígnia de posto! — gritou Riker.

Acima dele, um tripulante dependurado na verga do mastro baixou uma corda, que trazia amarrado na ponta um chapéu de três pontas de oficial naval, com pena e tudo. O chapéu desceu vagarosamente, parando a três metros acima do fim da prancha.

— Você consegue! — gritou Troi, agitando o próprio chapéu. — Não olhe para baixo!

Os outros entraram no coro:

— Boa sorte!

— Não vá cair...!

Picard assistia a tudo com visível satisfação. Riker aproximou-se e disse confidencialmente:

— Ele nunca vai conseguir. Ninguém conseguiu até hoje.

Worf evidentemente não precisava de encorajamento. Com total determinação e graça, subiu na prancha e aproximou-se cuidadosamente do troféu que balançava na ponta da corda.

Geordi pôs as mãos encurvadas ao redor da boca e gritou:

— É uma loonga queda até o mar!

Riker sorriu e acrescentou, com uma voz de ator de teatro:

— Aposto que a água está gelada!

Valentemente, o klingon ignorou os gritos dos membros da tripulação e continuou a avançar lentamente pela prancha, que ficava mais estreita a cada passo.

Picard observou uma pequena ruga formar-se nas sobrancelhas castanhas de Beverly Crusher, que estava ali por perto.

— Geordi — voltou-se, preocupada, para o engenheiro. - Será que você se lembrou de ligar o programa de segurança do holodeck? Não sei se os klingons sabem nadar...

Os lábios de Geordi curvaram-se para cima, formando uma divertida meia-lua, enquanto continuava a olhar para o klingon.

— Não tenho bem certeza.

A ponte aquietou-se quando Worf alcançou o fim da prancha e ergueu os olhos para o chapéu emplumado, que balançava a apenas trinta centímetros de seu alcance. O klingon respirou fundo, encolheu o corpo musculoso, depois saltou.

Picard sorriu admirado. A seu lado, Riker emitiu uma interjeição de assombro ao ver Worf completar a tarefa impossível, agarrando o chapéu com uma das mãos e caindo de volta com toda o peso sobre a prancha.

Por um instante, o desastre parecia iminente. A prancha de madeira curvou-se, rangendo bastante, enquanto Worf agitava os braços tentando manter o equilíbrio...

Então, voltou-se para os fascinados espectadores, com uma expressão confiante e orgulhosa no rosto, e pôs o chapéu na cabeça.

A tripulação o aclamou. Picard sorriu para seu segundo em comando, que estava aplaudindo com entusiasmo pouco sincero.

— Se há algo que aprendi nestes anos todos — disse o capitão —, foi nunca subestimar um klingon.

Riker não respondeu. Manteve uma expressão neutra no rosto, mas Picard percebeu um lampejo de humor nos seus olhos, antes que Will os semicerrasse ligeiramente.

— Computador — ordenou o comandante. — Remova a prancha.

A prancha sob os pés do conquistador klingon desapareceu subitamente. Agitando os braços e as pernas, Worf caiu ruidosamente no mar azul.

Em meio aos gritos de alegria que se ergueram novamente, Picard voltou-se para o segundo em comando e disse, em tom de reprovação:

— Número Um... Diz-se *recolher* a prancha e não *remover* a prancha.

— Oh. — Os olhos azuis de Riker arregalaram-se num arremedo de inocência. — É claro, senhor. Sinto muito.

Perto deles, Data inclinou a cabeça, confuso, ao observar da amurada Worf se debater até a escada de corda que lhe foi lançada. Endireitou o corpo e voltou-se para Beverly.

— Doutora... Devo confessar que não sei ao certo por que é considerado engraçado ver alguém cair dentro da água gelada.

Ela ergueu o olhar da água com um amplo sorriso.

— Faz parte do bom humor, Data.

O andróide a encarou, inexpressivo, por um instante.

— Não compreendo.

— Tente entrar no espírito da coisa. — Ela apontou entusiasticamente para o que acontecia ao redor. — Aprenda a ser mais... espontâneo.

Data encolheu a cabeça para trás e abaixou o queixo, processando a nova informação... Em seguida, esticou os braços e usando apenas a mínima força necessária, empurrou Beverly por cima da amurada. Ficou olhando atentamente enquanto ela caía na água com um grito, depois aprumou-se para observar a reação dos colegas.

Ninguém estava rindo, incluindo Picard, que tinha ouvido toda a conversa. Contudo, o capitão estava num estado de espírito tão jovial e expansivo, que precisou se esforçar para reprimir uma risadinha. Arriscou lançar um olhar para Riker, cuja expressão cuidadosamente controlada contrastando com os olhos risonhos, forçou Picard a rapidamente desviar a atenção.

Geordi correu imediatamente para a amurada e olhou para baixo. Então olhou para o amigo confuso.

— Data... isto *não* foi engraçado.

— Estava tentando ser espontâneo — respondeu Data, denotando discreta perplexidade. — Obviamente não compreendi o significado de se "entrar no espírito da coisa". Por que a queda do comandante Worf foi engraçada mas a da Dra. Crusher não foi?

— É porque... bem... — Geordi suspirou. — É difícil explicar, Data. — Inclinou-se para oferecer a mão a Worf, que alcançara o topo da escada. Encharcado e segurando com orgulho o ensopado chapéu de oficial, o klingon pulou para o convés. Foi seguido, pouco depois, por Beverly Crusher, que estava bastante molhada... e nem um pouco divertida.

Acompanhado do segundo em comando, Picard subiu para o tombadilho e voltou-se para falar à tripulação.

— Bem, agora que estamos todos a bordo... — Parou para dar um sorriso. — Número Um, conduza o navio a favor do vento. Vamos ver o que há lá adiante.

— Sim, senhor. — Will voltou-se para Deanna Troi. — Assuma o timão, comandante.

Troi rapidamente galgou os degraus até o tombadilho e assumiu seu posto atrás do timão do navio, enquanto Riker gritava:

— Abrir todas as velas! Vela mestra e joanetes! Atenção para girar a verga! Picard olhava tudo com puro prazer, enquanto sua tripulação agilmente punha mãos à obra, abrindo as velas e braceando a verga.

— "Devo descer ao mar novamente, ao solitário mar e céu" — citou ele, suspirando de contentamento. — Imagine como eram as coisas naquela época, Will. Não havia motores... nem computadores... apenas o vento, o mar e as estrelas para guiá-lo. Riker torceu os lábios num sorriso maroto.

— Comida ruim... disciplina brutal... — fez uma pausa, então deu o golpe de misericórdia — sem mulheres a bordo...

Picard sacudiu a cabeça, sorrindo. Mas antes que pudesse replicar, foi interrompido pelo computador.

— Ponte para o capitão Picard...

— Picard falando.

— Há uma mensagem particular para o senhor da Terra.

Picard suspirou novamente, desta vez manifestando leve aborrecimento pela interrupção.

— Transmita-a aqui para baixo. — Voltou-se novamente para Riker. — Isto aqui era a liberdade, Will. Sem amarras... E o melhor de tudo da vida no mar era que nunca podiam ligar para você.

Caminhou para a proa, ainda sorrindo. Não tinha a menor idéia de que poderia ser aquela mensagem. Mas fosse o que fosse, iria resolvê-la rapidamente e voltar para seus companheiros no holodeck. Sentia-se grato pelas festividades do dia. Fizeram-no lembrar de quanto era afortunado por poder levar a vida que sempre desejara, a vida de capitão de uma nave estelar.

Passou por alguns tripulantes dependurados no alto do mastro e gritou,

sorridente:

— Cuidado, aí em cima! Quando chegou à proa, disse:

— Computador, arcada.

No castelo de proa, surgiu uma abertura em forma de arco, que dava passagem a uma série de painéis de computador. Picard entrou e alegremente ativou um dos monitores, sem um instante de hesitação, lembraria mais tarde, nem o mais leve pressentimento do horror que enfrentaria.

Deanna Troi foi quem primeiro sentiu que havia algo de errado. Estava se deleitando com o bom humor demonstrado por todos da tripulação, especialmente pelo capitão, que parecia ser o que mais apreciara o cenário histórico por ela sugerido para a cerimônia, e por Worf, que apesar da seriedade externa característica de um klingon, ficara sinceramente tocado com a atenção dos colegas.

Mas, enquanto cuidava do timão do navio, sentiu uma súbita e avassaladora onda de emoção, tão forte e cruel que a deixou por demais atordoada para poder identificar a origem. Por um momento, agarrou-se ao timão e forçou-se a respirar com calma. Somente então conseguiu distanciar-se o suficiente para analisar o que sentira.

Pesar, mesclado com horror. Era tão semelhante ao que sentira na morte do pai, que a deixou profundamente perturbada.

Olhou em direção à proa e viu Picard parado sob a arcada. Ao ver o estado de choque em seu rosto pálido e abatido, voltou-se para o tripulante mais próximo e disse:

— Aqui. Cuide do timão. — Sem dar explicações, procurou não chamar a atenção nem para si mesma nem para o capitão. Uma emoção tão devastadora necessitava de extremo tato e privacidade.

Desceu correndo a escada do tombadilho e aproximou-se de Picard, que fitava um cenário invisível bem além do monitor que tinha à sua frente. Tinha a boca aberta e os olhos semicerrados numa dor que não podia ser expressa em palavras.

Troi hesitou, mantendo uma respeitosa distância.

— Capitão — disse, tão suavemente que ninguém exceto Picard pôde ouvi-la. — O senhor está bem?

Por um momento, Picard não respondeu, parecendo não escutar. Então, aparentemente fez a mente retornar de uma longa distância para concentrar-se no tempo e espaço presentes.

— Sim - disse ele, para a tela. — Está tudo bem. — Voltou-se para Troi mecanicamente. — Se me dá licença...

Desligou a tela, virou-se e disse:

— Computador, saída.

As portas do holodeck surgiram diante dele. Troi observou-o sair para o corredor, levando consigo o seu pesar.

Nesse meio tempo, Riker havia descido para o convés principal, sem perceber a reação do capitão ou a saída de Deanna de seu posto. Estava se divertindo muito, especialmente depois de ter passado todo o ano tentando superar qualquer sentimento de ciúme com relação a Worf e Deanna. Aparentemente, os dois ainda estavam lentamente formando um relacionamento, apesar de Will não saber de nenhum detalhe a respeito. E nem queria saber dos detalhes.

Mas depois que o capitão relatou sua experiência de um futuro possível no qual haveria uma amarga rivalidade entre Riker e Worf, Will decidiu mudar esse futuro e reconquistar a boa amizade que tinha com o klingon.

E fora bem sucedido. O desconforto entre os dois havia desaparecido, a ponto de Riker não se sentir culpado por passar trotes no novo tenente comandante.

Aproximou-se de Worf, que ainda trajava o culote e a camisa de linho molhados, e, naturalmente, o ensopado chapéu de oficial com a pluma encharcada.

— Desfraldar sobrejoanetes e as velas de cutelo, Sr. Worf. Worf voltou-se o encarou inexpressivamente.

— Sobrejoanetes... velas de cutelo... ? Riker sorriu e apontou para cima.

— Bem já que você mostrou hoje que é tão bom nas alturas... Está vendo a verga mais alta? Agora, olhe para...

— Ponte para o comandante Riker.

Interrompeu o que dizia, voltando-se na direção em que soara a voz do intercomunicador.

— Riker falando.

— Estamos recebendo um pedido de socorro do Observatório Amargosa, senhor. Eles dizem estar sob ataque.

— Alerta vermelho! — gritou Riker. Os membros da tripulação imediatamente começaram a passar por ele correndo na direção da proa. — Todos para os postos de combate! Capitão Picard, apresente-se à ponte...

Na ponte, Riker tirou o chapéu emplumado e fitou a sinistra imagem da tela principal: as ruínas enegrecidas do Observatório Amargosa, tendo ao fundo um sol amarelo. Abanou a cabeça.

— Parece que chegamos muito tarde...

Ainda trajado com a camisa de linho e o culote molhados, Worf voltou-se parcialmente de seu painel.

— Não há outras naves no sistema.

As portas do elevador se abriram e o capitão entrou, sendo alvo dos

olhares curiosos de todos na ponte. Riker percebeu que somente Deanna, que mostrava uma expressão compassiva e preocupada, parecia ter uma pista do que acontecia com Picard. Qualquer que fosse o motivo, devia ser algo devastador, a ponto de fazer o capitão chegar tarde na ponte durante um alerta vermelho.

A expressão de Picard ao caminhar até a cadeira de comando era dura e totalmente reservada. Para assombro de Riker, ele não reagiu à imagem na tela principal e não pediu relatório. Embaraçado, o segundo em comando limpou a garganta e voluntariou:

— Estamos nos aproximando de Amargosa, senhor. Parece que o observatório sofreu um ataque e tanto.

— Sobreviventes? — perguntou Picard, secamente.

— Os sensores revelam cinco sinais de vida a bordo da estação, capitão — respondeu Data.

— Havia dezenove pessoas lá — disse Riker, com pesar.

Picard não demonstrou a menor emoção, apenas ergueu-se e disse:

— Suspenda o alerta vermelho. — Olhou para Riker, sem fitá-lo nos olhos. — Número Um, inicie uma investigação. Estarei na sala de instruções. — Voltou-se e caminhou para a saída.

Riker lançou um olhar para Deanna, cuja expressão atônita não lhe forneceu qualquer explicação.

— Senhor? — perguntou Riker, sem procurar esconder o espanto. Picard voltou-se e o encarou com frieza na voz e no olhar.

— Cumpra minhas ordens.

— Mas, capitão, pensei que o senhor fosse...

— *Faça-o* — disse Picard. Voltou-se e saiu da ponte sem olhar para trás, deixando a tripulação a observá-lo.

Amargosa recendia a fogo e fumaça.

Aquele cheiro foi a primeira coisa que Will Riker percebeu no observatório, mesmo antes que seus olhos focalizassem e vissem que a sala de transporte da *Enterprise* fora substituída por uma ruína fumegante. Era o cheiro de coisas queimadas que não se destinavam à queima: metal, material sintético, carne.

Semicerrou os olhos por causa da fumaça e perscrutou a névoa. Acima dele, as últimas luzes auxiliares restantes piscavam, fornecendo uma iluminação tão débil que deixava a maior parte dos escombros no escuro. Riker ergueu sua lanterna, iluminando paredes caídas e painéis queimados, e começou cuidadosamente a abrir caminho por entre pesados escombros, sabendo que em algum lugar no meio da escuridão e das ruínas estavam

quatorze mortos. Foi seguido silenciosamente pela equipe de exploração formada por Crusher, Worf, Paskall e Mendez. Falar desnecessariamente parecia sacrilégio, um desrespeito à tragédia que ocorrera naquele lugar.

O cheiro de destruição era recente. Riker calculou que o ataque devia ter ocorrido poucos minutos antes. Enquanto ele e os amigos comemoravam no tombadilho do H.M.S. *Enterprise*, aquelas pessoas estavam morrendo. Parou subitamente para examinar algo pequeno e escuro que saía de baixo de uma viga retorcida de metal: uma mão ensangüentada. Beverly imediatamente deu um passo à frente e a examinou com o tricorder, depois sacudiu a cabeça negativamente e trocou um olhar desanimado com Will. O grupo seguiu adiante. Com o cenho franzido diante das ruínas, Worf quebrou o silêncio.

— O padrão dos disparos é compatível com disruptores tipo três.

Eram armas brutais, capazes de atravessar a pele, os músculos, os ossos...

— Bem — disse Riker, com amarga ironia —, isto nos deixa como suspeitos os klingons, os breenianos e os romulanos.

— Estou captando sinais de vida. — A expressão e a voz de Crusher subitamente tornaram-se mais esperançosas e animadas. — Aproximadamente vinte metros à frente.

— Isto elimina os klingons — disse Worf. Em resposta ao olhar interrogativo de Riker, completou: — Eles não teriam deixado ninguém vivo.

Beverly os ignorou, caminhando decididamente para dentro da escuridão.

— Por aqui...

Riker seguiu-a, iluminando rapidamente os escombros com a lanterna, até que a médica parou ao lado de um corpo imóvel, caído de bruços. Sem o tricorder de Crusher, Riker o teria considerado morto. As costas do uniforme do oficial de ciências da Frota Estelar estavam quase totalmente queimadas por um disparo de disruptor. Desviou o rosto do cheiro de carne queimada, lutando para controlar um acesso de ódio por quem cometera tal atrocidade.

Aparentemente imune às emoções, apenas determinada a salvar o homem caído à sua frente, Crusher abriu a maleta médica e começou a trabalhar.

Riker ergueu o rosto e gesticulou para os três homens parados ali perto.

— Worf, você vem comigo. Paskall, você e Mendez vasculham o convés superior.

Os dois seguranças se afastaram. Riker entrou com Worf em um corredor escuro, seguindo os focos ovais das lanternas, passando por mais paredes desabadas e painéis arrebentados. Por fim, as lanternas iluminaram

algo cilíndrico emergindo das sombras: o tubo de ventilação desabado, pensou Riker a princípio, até ver a bota. Worf redirecionou a lanterna e encontrou o corpo de uma mulher. Ao lado dela estava um homem. Ambos com o uniforme azul da Frota Estelar.

Worf continuou iluminando, enquanto Riker rapidamente ajoelhou-se ao lado deles e tomou-lhes o pulso. Sacudiu a cabeça negativamente, desejando que a escuridão tivesse escondido o rosto de olhos arregalados da mulher, despedaçado pela metade.

Subitamente, ao ouvir batidas num canto distante, ergueu-se e correu na direção do som.

Worf apontou a lanterna para uma parede caída.

— Aqui embaixo...

Juntos, os dois oficiais removeram uma grande chapa de metal retorcido que cobria uma pilha de escombros. Depois, começaram a afastar os fragmentos. Perceberam movimento por baixo dos escombros e ouviram o som de uma respiração entrecortada. Encorajados, Riker e Worf cavaram mais rápido, até que, por fim, uma mão ensangüentada apareceu e começou a se agitar, como se estivesse desesperadamente tentando ajudá-los.

— Está tudo bem — disse Worf, com tal gentileza que fez Riker erguer o rosto, surpreso, sem parar de cavar. Com sua mão grande e escura o klingon segurou aquela mão fina e pálida. — Não tente se mover.

"Quem lhe havia ensinado modos tão gentis?" Perguntou-se Will. "Teria sido Deanna?" O pensamento lhe causou uma pontada de ciúmes, que reprimiu com firmeza. Se Worf tinha se tornado melhor com o relacionamento, ótimo.

Worf continuou a segurar a mão até que Riker ergueu e removeu o painel caído, descobrindo a cabeça e o tronco de um humanóide de cabelos claros. Worf largou a mão, e o homem a levou até a testa, sacudindo-a. Ele fitou os dois oficiais da Frota Estelar com seus olhos claros, quase incolores, ainda atordoado. Não pareceu a Riker que estivesse ferido, apesar de ter uma cicatriz que lhe cortava o centro da testa, passando por baixo de um olho e descendo pela face.

— Sou o comandante William Riker, da nave estelar *Enterprise*.

O homem piscou os olhos, tentando se recompor e compreender onde estava e o que Riker dizia.

— Soran... — sussurrou ele. — Dr. Tolian Soran... — Arregalou os olhos ao ver as ruínas enfumaçadas. Um intenso e quase insano lampejo de amargura cruzou-lhe a face antes de cobrir os olhos com a mão.

— Quem o atacou, doutor? — perguntou Riker, com calma e firmeza. Não se voltou ao ouvir o som de passos às suas costas, mas percebeu com o

canto dos olhos que a Dra. Crusher corria em sua direção.

Soran abaixou a mão, olhou desconsoladamente para a destruição à sua volta e sacudiu a cabeça negativamente.

— Não tenho certeza... Tudo aconteceu tão depressa...

Beverly dirigiu um sorriso consolador ao cientista atordoado, e começou a examiná-lo com o tricorder. Riker ficou observando, tentando descobrir o que havia na aparência daquele homem que o deixava ligeiramente incomodado. A intensidade do olhar, talvez, que beirava a insanidade; ou talvez porque o aparente desamparo do homem não soasse inteiramente sincero.

— Comandante! — chamou Paskall, do nível superior. — É melhor dar uma olhada nisto aqui!

Riker olhou para Worf. Os dois correram para a escada de emergência e subiram rapidamente para o convés superior, onde encontraram Paskall e Mendez agachados ao lado de outro corpo. Quando Riker e Worf se aproximaram, Mendez apontou a lanterna para deixar o rosto do morto bem visível.

Era um jovem soldado, que provavelmente havia sido acidentalmente morto por um desabamento. O rosto estava ferido e sujo de fumaça, porém sereno na morte. Riker não se surpreendeu. Apenas sentiu a raiva crescer dentro de si ao ver aquelas sobrancelhas e orelhas pontudas e a testa saliente. Não disse nada, deixando que Worf expressasse o ódio que ambos sentiam num único e grave rosnado:

— Romulano...

## Sete

Tão logo deixou seu turno, Geordi La Forge dirigiu-se ao alojamento de Data. Em parte porque achava que o incidente na amurada com a Dra. Crusher merecia uma conversa, em parte porque ficar perto de Data geralmente o deixava mais animado. Amargosa havia ensombrecido o dia. Não parecia justo que as comemorações daquela manhã pudessem ser tão rapidamente eclipsadas pela tragédia. Mas a morte interrompendo a vida era algo que sempre parecia injusto.

E não fora apenas Amargosa. Algo mais de ruim havia acontecido, algo relacionado com o capitão Picard. Geordi estava perto da proa quando o capitão recebeu a mensagem pessoal. Não tinha visto o rosto de Picard até o momento em que Troi foi conversar com ele, mas percebera o súbito encolher de ombros do capitão.

Geordi parou diante da porta do alojamento de Data e apertou a campainha. A porta se abriu. Data estava sentado em uma cadeira com Spot aconchegado no colo.

— Geordi — disse o andróide. — Entre, por favor. Estou contente que tenha vindo. Há algumas perguntas que quero lhe fazer...

— ... Sobre o que aconteceu com a Dra. Crusher hoje pela manhã? — Geordi caminhou até o amigo enquanto a porta se fechava.

A pele dourada e pálida de Data ficou mais brilhante.

— Exatamente. Estou determinado a compreender por que a queda dela na água não foi engraçada, enquanto a do comandante Worf foi.

— Ahn, Data... Ainda não sei se vou conseguir explicar isso. O senso de humor é algo tão confuso...

Data franziu discretamente a testa enquanto alisava o gato, que fechou os olhos e ronronou sonolentemente.

— Talvez a franca agressão seja o ponto chave. Afinal de contas, eu *empurrei* a Dra. Crusher para fazê-la cair, enquanto Worf simplesmente caiu porque a prancha foi removida.

Geordi sacudiu a cabeça negativamente.

— Não. O humor pode ser bem agressivo, às vezes. E você não empurrou a Dra. Crusher com força suficiente para machucá-la.

— Oh. — Data olhou para o amigo com uma expressão confusa nos olhos dourados. — Ela ainda está brava?

— Não... Mas eu ficaria longe da enfermaria por uns tempos, se fosse você. — Geordi exibiu um discreto sorriso. — O que deu em você para jogá-la na água?

— Estava tentando... — Data inclinou a cabeça, procurando a expressão correta — ... entrar no espírito da coisa, como disse a Dra. Crusher. — Franziu de novo a testa, obviamente confuso com sua incapacidade de compreender. Ergueu Spot, que soltou um miado de desagrado, e a pôs no chão.

Geordi ficou olhando o andróide caminhar até a parede e ativar um painel de controle. Um pequeno compartimento se abriu, revelando um minúsculo chip suspenso em um compartimento de cristal. Era um chip emocional, construído segundo especificações do criador do andróide, Noonien Soong. Muito tempo atrás, Data dissera não ter qualquer interesse em utilizá-lo, mas fitava-o com tanto interesse que fez Geordi se aproximar, curioso e apreensivo.

— Data... não está pensando em usar essa coisa, está?

— Já pensei nisso muitas vezes. — O andróide voltou a focar os olhos dourados em Geordi. — E tendo em vista o incidente com a Dra. Crusher, creio ser agora o momento apropriado.

Geordi franziu a testa.

— Pensei que tivesse medo de sobrecarregar sua rede neural.

— E verdade - respondeu Data. — Contudo, creio que meu progresso como forma de vida artificial chegou a um impasse. Por trinta e quatro anos procurei me tornar "humano", ultrapassando minha programação original. Porém, ainda me sinto incapaz de compreender um conceito tão básico quanto o humor. — Voltou-se para o compartimento de cristal. — Este chip emocional pode ser a única resposta.

Geordi inclinou-se para examinar cepticamente o chip e suspirou. Na pior das hipóteses, aquilo poderia causar algumas complicações aborrecidas, mas nenhum dano permanente. E que direito tinha de negar tal experiência ao amigo?

— Está bem... mas ao primeiro sinal de problemas, vou desativá-lo. Combinado?

— Combinado. — Data prontamente se sentou, oferecendo-se como paciente cooperativo, enquanto Geordi foi para trás dele e abriu um painel em seu crânio, revelando os circuitos piscantes.

— Não vai demorar... — disse Geordi, acrescentando silenciosamente para si mesmo: *Só espero que não nos arrependamos depois...*

Enquanto Geordi realizava uma cirurgia no amigo, Will Riker estava na sala de instruções de Picard, apresentando o relatório do que a equipe de exploração havia encontrado no Observatório Amargosa.

A estranha atitude reservada do capitão não havia mudado. Riker apresentava o relatório para as costas da cadeira do capitão, enquanto Picard,

com as mãos unidas num V invertido, fitava as estrelas além da janela.

— Encontramos dois romulanos mortos na estação — terminou Riker.

— Estamos analisando seu equipamento a fim de ver se conseguimos determinar sua nave de origem.

Com os indicadores pousados nos lábios, Picard assentiu, distraído, então abaixou as mãos e perguntou:

— Ainda não temos indicações do motivo pelo qual atacaram a estação?

— Sua voz denotava grande cansaço, como se fizesse enorme esforço para se concentrar no assunto em discussão.

— Eles praticamente arrasaram tudo — disse Riker, afastando da mente a imagem dos corpos carbonizados e o cheiro de morte. — Entraram no computador central e viraram o hangar de carga de pernas para o ar. Evidentemente estavam à procura de algo.

— Hmm... — Picard ficou-se silente e ficou olhando pela janela novamente.

Deixou passar tanto tempo que Riker começou a inquietar-se. Por fim, o capitão disse inexpressivamente:

— Informe o Comando da Frota Estelar. Isto pode indicar uma nova ameaça romulana neste setor.

Riker não tentou esconder o espanto na voz.

— O senhor quer que *eu* entre em contato com a Frota Estelar?

Picard apurou-se e girou a cadeira um quarto de volta, na direção do segundo em comando.

— Algum problema nisso? — perguntou brandamente.

— Não, senhor — disse Riker. *Pelo menos, não comigo...* Mas algo muito sério estava perturbando o capitão. A mensagem que recebera da Terra, fosse ela qual fosse, tivera um efeito devastador.

Picard prosseguiu, cansado:

— Obrigado, Número Um — e voltou-se para a janela. Riker virou-se para sair, então hesitou, embaraçado.

— Há outra coisa, capitão. Um dos cientistas... um tal Dr. Soran... insiste em falar com o senhor. — Antecipando um protesto, apressou-se em se desculpar: — Informei-lhe que o senhor estava ocupado, mas ele disse que era absolutamente imperativo falar com o senhor imediatamente.

Nenhum protesto foi feito. Na verdade, não houve qualquer reação, apenas a resposta débil e inexpressiva de Picard:

— Entendido. E tudo.

Era óbvio que desejava ficar sozinho, mas Riker decidiu não mais esconder sua preocupação. Picard era um homem muito reservado, e Riker duvidava que sua pergunta fosse respondida, mas podia ao menos oferecer

um ouvido atento:

— Senhor — disse gentilmente — ...há algo de errado?

— Não. — A resposta de Picard foi branda, mas com uma suavidade que encobria o aço. — Obrigado.

Riker aguardou por um momento, então desistiu e deixou o capitão sozinho com sua pesar solitário.

Com nítido desconforto, Geordi entrou na sala de recreação na cola de Data. Talvez estivesse se preocupando à toa, mas não conseguia afastar a sensação de desastre iminente, embora Data parecesse bastante tranqüilo e satisfeito. Até então, o chip parecia funcionar perfeitamente. Tão bem, de fato, que o andróide havia insistido em ir até a sala de recreação para um teste prático.

Ainda assim, Geordi não desgrudava de Data, que desfrutava os arredores com os olhos arregalados de deleite, como uma criança, olhando com ansioso interesse para a multidão alvoroçada que ali passava o tempo livre, ficando discretamente radiante quando alguém, em uma mesa cheia, riu de uma piada. Até mesmo os movimentos do andróide pareciam ter sofrido uma sutil alteração: estavam mais graciosos, mais fluentes... mais humanos.

Os dois aproximaram-se do bar. Quase imediatamente, Guinan achegou-se a eles e colocou um frasco no balcão, com uma determinação que não admitia recusa. Seus lábios se curvaram numa meia-lua voltada para cima.

— Vocês acabam de se apresentar, voluntariamente, para serem minhas primeiras cobaias. — Apontou para a garrafa de cristal, que continua um líquido escuro com filetes dourados. — Esta é uma nova bebida que descobri em Forcas Três. Confiem em mim, vão adorar.

Colocou dois copos no balcão e os encheu. Geordi sentiu o forte cheiro de álcool mesclado a algo que parecia uma mistura de brócolis com eucalipto. Tentou manter a expressão neutra, a fim de não influenciar Data, que ergueu o copo, cheirou o conteúdo e tomou um grande gole.

Geordi ficou olhando atentamente, enquanto Data franzia a testa para o copo que tinha na mão. Depois de alguns segundos, o engenheiro perguntou:

— Que tal?...

O andróide ergueu o rosto, ainda com a testa franzida, denotando perplexidade.

— Creio que esta bebida me causou uma reação emocional.

— Verdade? O que você está sentindo?

Data abaixou o copo, aparentando estar se concentrando nos próprios sentimentos.

— Eu... — lançou um olhar para Geordi, com uma expressão muito próxima da consternação. — Não estou bem certo. Tenho pouca experiência com as emoções. Não consigo traduzir em palavras a sensação.

— Emoções? — Guinan se inclinou para a frente, com os cotovelos no balcão, olhando, surpresa, para Geordi.

O engenheiro inclinou a cabeça para o lado num gesto que era quase uma afirmativa, sem tirar os olhos do colega.

— Eu explico depois...

Observou Data jogar a cabeça para trás e dar outro trago, pondo depois o copo de lado e curvando o lábio inferior para baixo numa expressão de nojo. Guinan voltou-se para Geordi.

— Acho que ele detestou.

— Sim! — inclinou-se Data para os amigos, com os olhos brilhantes, quase sem fôlego de excitação. — É isso. Eu *detestei*]

O entusiasmo do andróide era contagiante. Apesar de sua preocupação, Geordi sentiu um grande sorriso tomar-lhe lentamente o rosto.

— Data... acho que o chip está funcionando.

Enquanto falava, Data rapidamente esvaziou o copo. Em seguida, exibiu um grande e triunfante sorriso.

— Sim. Eu detestei! É horrível!

Guinan permitiu que os dois festejassem por um instante, então recatadamente ergueu a garrafa, pronta para encher os copos outra vez.

— Outra rodada? — perguntou, docemente. Radiante de alegria, Data ergueu o copo:

— Sim, por favor.

Naquele momento, Tolian Soran também estava na sala de recreação, mas a multidão e o ângulo de sua mesa bloqueava qualquer vista do bar. Em vez disso, estava olhando por uma janela de observação para as estrelas — pensando em uma estrela em particular, a que se chamava Amargosa. Em várias línguas da Terra aquele nome queria dizer "amarga". A estrela amarga. Um nome que parecia estranhamente apropriado.

Se tivesse presenciado a conversa dos três amigos, saberia exatamente o que se passava, porém, não teria rido nem sequer desperdiçado um único sorriso com o incidente. Poucas coisas o faziam sorrir, não estava interessado em diversão.

Somente uma coisa importava: voltar para Leandra. Menos de um século atrás, usando a *Lakul*, voltara para ela por um radiante e maravilhoso momento, mas acabou sendo afastado novamente pela *Enterprise-B*. Aquele outro mundo no qual ela o aguardava parecera real. Tudo o mais era ilusão, apenas um torturante desvio de décadas de duração, por demais cruel para

ser aceito como realidade.

Novamente, estava a bordo de outra maldita nave estelar chamada *Enterprise*. Mas esta não o afastaria de Leandra. A *Enterprise* o levaria de volta para ela... mesmo que tivesse que matar todas as pessoas a bordo dela.

Afinal de contas, ela não era real.

Porém, real ou não, naquele universo Soran sabia que teria de usar toda a astúcia de que dispunha para poder voltar ao que considerava sua casa. E o primeiro passo requeria que persuadisse um certo capitão de nave estelar.

Sentou-se, por mais alguns instantes, até que o viu: um homem uniformizado, magro e careca com um rosto anguloso. Soran o reconheceu à primeira vista. A pose confiante o identificava como o capitão da nave. Qual era mesmo seu nome? Algo exoticamente terrana. Picard. Jean-Luc Picard.

Picard abriu caminho por entre a multidão risonha, com firme determinação e uma expressão tão reservada que fez Soran pensar, pois era quase igual à sua própria. O que estaria sentindo o outro? Soran pestanejou e relaxou, o que lhe permitia sentir sua presa.

Sim. Sim... Indignação. *Temos muito em comum.* Disse Soran silenciosamente ao humano que se aproximava. *Você, como eu, sente-se ultrajado pelo que vê aqui: pessoas sorrindo, conversando, rindo e se divertindo, sem se dar conta de nosso sofrimento. Sem perceberem o quão doloroso e horrível é este universo, na realidade. Mas irão descobrir: oh, sim, todos conhecerão a morte... a deles e de todos os seus entes queridos. Ninguém vai escapar.*

Mas eu vou. Pelos deuses, eu vou, para nunca mais voltar...

Picard aproximou-se da mesa e olhou para o el auriano com uma expressão atenta, dura e séria:

— Dr. Soran?...

Soran ergueu o rosto, cujo olhar, expressão e atitude era um espelho do oficial da Frota Estelar.

— Sim, sim, capitão... Obrigado por vir. — Estendeu a mão. Picard apertou-a. Um aperto firme, grande determinação. Não seria um homem fácil de se manipular... nem de se ler os pensamentos. Mas havia uma dor recente ali. Se Soran fosse paciente, logo disporia de detalhes que o ajudariam a persuadir o capitão...

Picard sentou-se na cadeira à frente de Soran e dispensou com um aceno o garçom, que se aproximara rapidamente para anotar-lhe o pedido.

— Não quero nada. — Voltou-se bruscamente para Soran. — Pelo que entendi, há algo de muito urgente que deseja discutir comigo.

— Sim. — Soran fixou o olhar nos olhos escuros do capitão. — Preciso retornar ao observatório imediatamente. Devo dar prosseguimento a uma

experiência de vital importância que estava em andamento na estrela Amargosa.

Um lampejo de irritação cruzou as feições de Picard. Soran sabia exatamente como o pedido devia ter soado aos ouvidos de Picard: um cientista excêntrico obcecado pelo trabalho interrompendo o capitão num momento inoportuno.

— Doutor — disse Picard, um tanto impaciente —, ainda estamos realizando uma investigação sobre o ataque. Assim que terminarmos nosso trabalho, ficarei feliz em permitir que você e seus colegas cientistas voltem ao observatório. Até então...

Soran deixou transparecer um pouco de seu sincero desespero na voz.

— O tempo é muito importante para a minha experiência. Se não for completada nas próximas doze horas, anos de pesquisa serão perdidos.

Se não conseguisse logo convencer o capitão, sua conversa chegaria a um final prematuro, antes que Soran encontrasse as palavras apropriadas. Sim, definitivamente havia algo ali. Uma dor terrível. Angústia. Pesar...

Mas Picard já se preparava para erguer-se. De modo seco e peremptório disse:

— Estamos fazendo o melhor possível. Agora, se me permite...

Lá estava: as chamas, duas pessoas gritando, morrendo na mais abjeta agonia, fazendo Soran conter o fôlego, estremeado pela lembrança longínqua da própria dor. *Então... remos mais em comum do que pensei, você e eu...* Com o desespero mesclado à empatia sincera, estendeu a mão e agarrou o braço do capitão, gentil porém firmemente.

Picard voltou-se, ultrajado, mas ficou aturdido ante a intensidade do olhar de Soran. Soran aproximou-se até que o rosto de Picard encheu-lhe todo o campo de visão.

— Dizem que o tempo é o fogo no qual somos queimados — disse, suavemente. — E neste momento, capitão, meu tempo está se acabando.

Sim. Ele tinha percebido corretamente. Lá estava, outra vez: as chamas, os gritos, o horror. Picard baixou o olhar, incapaz de fitar os olhos do outro homem.

Soran largou o braço do capitão. Não precisava mais segurá-lo. Suas palavras o prendiam ali mais fortemente do que suas mãos seriam capazes de fazê-lo. Suas feições se amenizaram com sincera compaixão, ao fitar profundamente os olhos do oficial da Frota Estelar, pensando nos raios mortais dos borgs destruindo um planeta esverdeado. Quantas noites passara em claro imaginando o horror final de Leandra, Mara e Emo, quando os raios de fogo riscaram os céus de El Aurian.

*Vê, eu também sei o que é sentir o cheiro da carne de meus entes*

*queridos queimando...*

— Deixamos tantas coisas inacabadas na vida — prosseguiu Soran. — Estou certo de que compreende.

Picard desviou o olhar e ficou calado por um instante. Quando finalmente conseguiu falar, sua voz era um mero sussurro:

— Verei o que posso fazer...

Sem uma palavra, voltou-se e partiu antes que o el auriano pudesse responder. Soran o observou com alívio e triunfo. Tinha vencido. Ergueu-se e cuidadosamente puxou o antigo relógio de bolso que Leandra lhe dera, um presente de aniversário em reconhecimento por sua fascinação pela física temporal. Por um momento, fitou o mostrador com tampa de cristal, e viu seu próprio rosto refletido ali.

Tinha aprendido a amar e a odiar o último presente que Leandra lhe dera. Amar porque era tudo o que restara dela fora do nexus. Odiar porque era um constante lembrete da crueldade do tempo. No final, o tempo aniquilava tudo. Qual era a brutalmente apropriada metáfora terrana? Cronos, devorando os próprios filhos...

O tempo era o seu inimigo. A única solução era desviar-se dele completamente, no nexus. E a mais cruel das piadas era que tinha apenas doze horas para fazê-lo.

Soran caminhou para a saída, então deteve-se subitamente ao ver um rosto familiar do outro lado da sala, atrás do balcão.

Guinan. Ela estivera entre os refugiados a bordo da *Lakul* no dia em que encontraram a *Enterprise-B...* e flertaram com o nexus. Se reconhecesse Soran, saberia imediatamente quais eram suas intenções... e contaria tudo ao capitão.

Por sorte, estava distraída, sorrindo e conversando com dois tripulantes. Não o tinha visto, e Soran estava determinado a sair dali antes que ela percebesse sua presença. Voltou-se e saiu pela outra porta, usando a multidão como escudo.

— Então — disse Guinan. Inclinou-se um pouco para apanhar uma garrafa empoeirada embaixo do balcão. Ergueu-se e deu um pequeno sorriso ao ver a expressão cômica de Data, que ao mesmo tempo denotava aversão e deleite. — Agora que já sabe o que é detestar, vamos ver se conseguimos fazê-lo adorar algo. Conhaque sauriano envelhecido, não tão velho quanto eu, mais quase lá. Só para provar, garotos. Isto não é sintetol, como bem sabem.

Geordi havia relaxado o suficiente para sorrir e olhar o rótulo.

— Parece autêntico mesmo. — Afastou-se um pouco, enquanto Guinan

soprava a poeira e começava a sacar a rolha. — Data, você devia testar esse chip emocional mais vezes. Acho que vamos nos divertir muito.

Sorrindo, o andróide apresentou o copo vazio. Guinan começou a enchê-lo. No mesmo instante, a insígnia-comunicador de Geordi começou a soar. Ele pôs o copo de lado e tocou a insígnia.

— La Forge falando.

— Aqui fala o comandante Worf. Data está com você?

— Sim.

— O comandante Riker pede que ambos se apresentem à sala de transporte imediatamente. Encontro-os lá. Worf desligando.

Geordi deixou escapar um suspiro desanimado.

— Vamos Data. Precisamos ir.

Data abaixou o copo e franziu a testa.

— Creio que estou tendo outra reação emocional.

— Chama-se desapontamento, Data. — Guinan sorriu-lhe novamente, enquanto colocava a rolha na garrafa. — Vai superar isso. Não se preocupe. Esta garrafa ainda vai estar aqui quando vocês dois voltarem.

— Obrigado, Guinan. — Geordi esperou o desapontado amigo erguer-se. Seguiram juntos em direção ao corredor.

Guinan estava observando-os sair quando foi tomada por um súbito lampejo de memória. De repente, estava na enfermaria da *Enterprise-B*, quase um século no passado, numa transição entre a realidade e o nexus, fitando os olhos escuros de um homem que ficou mais tarde sabendo chamar-se Pavel Chekov e dizendo: *Ele se foi para o outro lado. Seu amigo, Jim...*

A terrível realidade, seu mundo, sua família e sua vida destruída num momento brutal pelos borgs, e a inefável beleza do nexus a dominaram... então...

Tentou afastar a lembrança. Não tinha pensado no nexus, não se permitira pensar nele, por muitos anos. Mas por quê?...

Mesmo antes de completar mentalmente a pergunta, soube qual era a resposta. Alguém estava ali. Alguém que estivera com ela naquela noite. Alguém que estivera no nexus.

Voltou-se para identificar o local exato em que sabia estar aquela pessoa.

Não havia ninguém lá, apenas o tapete. Alguém a chamou pelo nome. Sacudiu ligeiramente a cabeça e virou-se, sorridente, tornando a enterrar as lembranças.

Momentos antes, na engenharia, Will Riker estava parado ao lado de Worf, examinando o diagrama de dados do sensor na tela do monitor. No painel a seu lado, um tricorder romulano estava conectado a um sensor de

diagnóstico.

Riker franziu a testa para a tela e tentou compreender os dados. Tivera mais sorte com aquele teste do que ao tentar compreender o motivo do ataque a Amargosa.

— Um dos romulanos mortos tinha um tricorder — explicava Worf. — Analisamos seus arquivos de leitura e descobrimos que estavam procurando partículas de um composto denominado trilitio.

Riker ergueu uma sobrancelha.

— Trilitio?

Worf acenou afirmativamente a cabeça uma única vez.

— Um composto experimental no qual os romulanos vinham trabalhando. Em teoria, um explosivo baseado em trilitio seria milhares de vezes mais poderoso que uma arma de anti-matéria. Mas nunca descobriram um modo de estabilizá-lo.

*Esperemos que isto ainda seja verdade.* Pensou Riker. Em voz alta, perguntou:

— Por que estavam procurando isso num observatório da Federação? Não faz sentido.

Worf não respondeu. Riker fez uma pausa, ainda olhando para a tela, mas vendo os mortos em Amargosa. A terrível destruição podia não fazer sentido, mas tinha acontecido por um motivo, um motivo que talvez os sobreviventes conhecessem e não quisessem revelar.

Deixou escapar um silencioso suspiro e olhou para o klingon.

— Peça que Geordi e Data desçam com a próxima equipe de exploração. Diga-lhes para vasculhar o observatório à procura de trilitio.

Fora bom não terem tido tempo de experimentar o conhaque sauriano, pensou Geordi, enquanto explorava com os sensores a sala de operações do observatório. Por mais que tivesse apreciado o tempo que passara com Data na sala de recreação, não tinha o menor desejo de ser teleportado para um lugar como Amargosa, sem uma mente completamente lúcida.

Apenas as luzes auxiliares estavam acesas, iluminando o suficiente para que os humanos enxergassem, deixando todo o ambiente envolto em uma penumbra lúgubre. Isto combinado com as ruínas carbonizadas e o total silêncio fazia tudo parecer muito fantasmagórico, pensou Geordi. Ou talvez fosse apenas o fato de que pessoas haviam morrido ali. Era triste ver anos de trabalho espalhados, ver painéis destruídos e monitores arrebatados. Continuou trabalhando com a mesma silenciosa reverência que sentia ao visitar um cemitério.

Data, por outro lado, parecia inquietamente alegre, ainda radiante de

entusiasmo por seu novo mundo interior. Exibia um discreto sorriso para si mesmo, enquanto explorava o outro lado da sala de operações com o tricorder.

Geordi deu uma olhada na leitura de seu tricorder e abanou a cabeça.

— Não há qualquer sinal de trilitio aqui... Não posso imaginar por que os romulanos o procuravam.

Explorou em silêncio por mais alguns momentos, até que Data deixou escapar uma risadinha. Voltou-se, perplexo, e olhou para o amigo. Data continuava a rir sozinho.

— Entendi, entendi.

Geordi franziu a testa. Não parecia direito rir naquele lugar onde pessoas tinham sido assassinadas havia tão pouco tempo. Mas tentou não deixar transparecer a irritação. Afinal de contas, Data nunca experimentara o medo da morte e podia aceitá-la de modo muito mais tranqüilo que um ser humano. E talvez, como não estivesse acostumado às emoções, tampouco soubesse como reprimi-las.

— O que foi que você entendeu? — perguntou ao andróide.

Data voltou a rir, então finalmente conseguiu se controlar para dizer:

— Quando você disse ao comandante Riker — imitando perfeitamente a voz de Geordi, disse: —"O palhaço pode ficar, mas o ferengi com roupa de gorila tem que sair".

Geordi o fitou, embasbacado:

— O quê?

— Durante a missão em Farpoint. Estávamos na ponte e você contou uma piada. Esse era o desfecho.

— A missão em Farpoint? Data, isto foi há sete anos!

— Eu sei. Só agora entendi. — O andróide começou a rir de novo. — Foi muito engraçado.

Geordi lançou-lhe um olhar dúbio antes de voltar-lhe as costas.

— Obrigado.

Dirigiu-se a um pequeno corredor que ligava a sala de operações a diversos compartimentos. Data o seguiu, ainda rindo baixinho.

Geordi parou subitamente diante do que parecia ser uma parede comum. Voltou-se, agitado, para Data.

— Espere um pouco. Há uma porta secreta aqui. Posso ver a junção do metal com meu VISOR. — Passou o dedo em uma linha vertical no metal enganadoramente liso.

Data aproximou-se e examinou a seção com o tricorder, então franziu a testa para os dados.

— Parece que há um campo de interferência em ação. Os sensores não

captam nada além desta parede.

Geordi pendurou o tricorder no ombro e pressionou as mãos contra o metal, tentando abrir a porta.

— Não vejo nenhum painel de controle... nem portinhola de acesso.

— Parece ser selada magneticamente. — Data deixou o tricorder de lado e descascou a pele dourada do punho, revelando circuitos piscantes. Foi fazendo ajustes enquanto falava: — Acho que posso reverter a polaridade atenuando meu servomecanismo axial.

Terminou a tarefa e passou o circuito exposto sobre a parede de metal.

— Abre-te Sésamo.

Ouviu-se um zumbido dentro da parede, seguido de um forte estalido. A porta se abriu. Data voltou-se para o amigo com um sorriso convencido.

— Pode-se dizer que tenho ... uma personalidade magnética.

*Criei um monstro*, pensou Geordi, mas limitou-se a sorrir. Talvez, se ignorasse as inoportunas tentativas humorísticas do andróide, ele pararia com isso. Entrou rapidamente na pequena sala, onde estavam guardadas diversas sondas enfileiradas em prateleiras, e começou a examiná-las com o sensor.

Quase imediatamente, percebeu que estavam muito próximos de descobrir a razão do ataque e voltou-se para Data.

— Ainda não estou captando nada. Alguém teve muito trabalho para isolar esta sala.

Afastou o tricorder e aproximou-se das sondas, ignorando Data, que ainda estava rindo das piadas que ouvira durante toda a vida. Uma das sondas em particular chamou a atenção de Geordi: era lisa e escura como ônix polido, do tamanho de uma cápsula funerária.

— Data, olhe para isto. — Olhou por cima do ombro para o andróide, que se aproximou rapidamente. — Já viu uma sonda solar com esta configuração?

Rindo descontroladamente, Data segurou o tricorder na direção de Geordi, como se fosse um fantoche, então abriu-o e fechou-o rapidamente, como um ventríloquo fazendo seu boneco falar.

— Não, Geordi, nunca vi. — Apontou o tricorder para si mesmo, como se este estivesse lhe falando: — E você já viu? — Abanou a cabeça solenemente, respondendo com voz de fantoche: — Não, nunca vi. É bastante incomum.

Caiu ruidosamente na gargalhada. Geordi sentiu as feições se enrijecerem. *Já chega, Data. Assim que voltarmos à Enterprise vou tirar esse chip daí...*

— Ajude-me a abrir este painel — disse, secamente.

Data controlou-se o suficiente para obedecer. Logo o painel estava aberto.

— Opa! - recuou Geordi. — Meu VISOR está captando algo na banda teta. Podem ser traços de trilitio...

Data caiu na risada.

Desta vez, Geordi não procurou esconder a irritação.

— Data, não é hora de...

— Sinto muito — Data ofegou em meio a um acesso de riso, com os olhos arregalados de preocupação. — Mas não consigo parar. Acho que algo está errado. ..

Sua risada logo se ampliou para a franca histeria. Enquanto Geordi observava, sem poder ajudar, o andróide começou a sacudir os braços e as pernas, como se estivesse tendo convulsões. Uma rápida cascata de emoções contorceu-lhe as feições: raiva, alegria, paixão, terror, ódio, saudade. Tudo numa seqüência tão rápida que Geordi nem conseguia vê-lo nitidamente.

Correu para o lado do amigo ao mesmo tempo em que Data caía ao solo.

— Data! — Ajoelhou-se ao lado do andróide e pôs a mão em seu ombro.

— Data, você está bem?

Os olhos de Data se abriram e focalizaram Geordi, que ajudou o andróide a sentar-se.

— Creio que o chip emocional sobrecarregou meus relês positrônicos — disse, com discreta porém nítida surpresa.

— É melhor levá-lo de volta para a nave. — Geordi tocou a insígnia-comunicador. — La Forge para a *Enterprise*.

Não houve resposta. Geordi franziu a testa por uma fração de segundo, então compreendeu. Era o campo de interferência, naturalmente. Mas antes que pudesse reagir, uma voz perguntou brandamente:

— Estão com algum problema, senhores?

Voltou-se e viu, junto à porta, um dos cientistas do observatório — um civil magro de cabelos claros, vestido de preto. Assustou-se por um instante. O observatório estava tão silencioso que o fez pensar que ninguém havia voltado para lá. Recobrando-se do susto, disse:

— Oh ... doutor. Sim, para dizer a verdade, temos um problema. Existe aqui um campo de interferência que está bloqueando o sinal do comunicador. — Apontou com a cabeça para Data, que ainda estava sentado no piso. — Pode me dar uma mão?

O cientista caminhou para eles.

— Fico feliz em poder ajudar — disse, com tanta gentileza que Geordi não suspeitou de nada, até o último segundo, ao ver o olhar do cientista diante da sonda parcialmente desmontada, a expressão aflita que surgiu em

seu rosto pálido e o phaser que tinha na mão.

Mas já era muito tarde. Geordi assumiu posição de ataque, pensando em agarrar o phaser. Não se lembrou de se defender da outra mão do homem. O soco acertou-lhe o rosto e o queixo, com um som surdo, fazendo o VISOR voar para longe. Por um milissegundo, houve uma explosão ofuscante de luzes coloridas e depois a escuridão, que se tornou mais intensa no instante em que sua cabeça atingiu o piso.

## *Oito*

Em seu alojamento, Picard estava sentado à escrivaninha fitando a holografia no álbum aberto à sua frente. Ao fundo, ouvia-se uma suave música clássica. A seu lado, uma xícara de chá esfriava. Mas a música não estava sendo ouvida e o chá ficou sem ser tomado. Não conseguia se concentrar em mais nada além da imagem à sua frente, que mostrava uma época mais feliz: a família Picard, René, Robert e Marie, na propriedade da família. Robert o presenteara com aquela holografia alguns anos atrás, quando Jean-Luc visitou seu vinhal.

Picard tocou gentilmente um canto da holografia com os dedos, como se quisesse voltar ao momento em que a foto fora tirada. Ali eslava seu sobrinho René, com um sorriso tímido, ao lado do pai e da mãe. René devia estar quatro anos mais velho, mais alto e com uma voz mais grave, mas com o mesmo cabelo castanho caindo em franja sobre os mesmos olhos brilhantes, inteligentes e cheios de promessas. Picard lembrou-se da ocasião em que o encontrou pela primeira vez, na propriedade da família. Unha feito troça do garoto, mas apenas para esconder seu próprio espanto, pois ao olhar para René vira-se a si mesmo. Notara também um brilho de admiração nos olhos do menino, percebendo orgulhoso que René considerava o tio Jean-Luc um herói.

Marie confessou, depois, que René queria mais que tudo na vida seguir os passos do tio e tornar-se capitão de uma nave estelar. Lá estava ela, ao lado do filho, com o cabelo dourado, gracioso e cálido, uma esposa perfeita para o marido.

Robert estava de pé, carrancudo e rígido como sempre, com o queixo recolhido, os olhos brilhando e semicerrados, numa atitude de desdém pelo mundo... e secreto orgulho pelo filho. Vestido como um moderno camponês da França, aquele era o sempre tradicionalista Robert. Um discreto e carinhoso sorriso surgiu nos lábios de Picard. Sempre conservador, fizera o escândalo previsto ao descobrir o interesse do filho pela Frota Estelar. Sempre mal-humorado, sempre ranzinza. Sempre. Sempre...

*O tempo é o fogo no qual somos queimados.*

Era como se Soran soubesse.

Picard semicerrrou os olhos ao lembrar-se daquelas palavras, tentando bloquear a imagem que evocavam: René e Robert gritando na agonia final, sendo consumidos pelas chamas. Como teriam sido aqueles terríveis segundos finais antes da morte? O que teria Robert sentido ao ver o único filho ser queimado vivo, sabendo que jamais conseguiriam escapar? Ou teria

morrido primeiro, deixando que René sofresse o tormento final?...

Pare com isso.

Pare.

Não tinha certeza de que acontecera daquela maneira. Talvez estivessem inconscientes por causa da fumaça. Talvez não tivessem sentido dor. Não conhecia os detalhes e provavelmente jamais ficaria sabendo. Não sabia nada, somente o que continha a breve mensagem de Marie:

*Robert e René mortos num incêndio. Serviço memorial quarta-feira. Compreenderemos se não puder comparecer.*

Por que espécie de tormento pessoal estaria ela passando? Não conseguira enviar uma mensagem visual nem gravada. Picard sentiu um frêmito de culpa. Devia estar lá para consolá-la, mas o dever não lhe permitia. Amargosa pôs-se em seu caminho.

Contudo, nas horas que se passaram desde o recebimento da mensagem, não conseguiu cumprir sua missão, entregando o encargo para Riker.

Correção: não conseguiu fazer nada, exceto olhar para o rosto dos mortos, que o fitavam da segurança do passado. Eslava atordoado demais até mesmo para chorar.

Ergueu o rosto ao ouvir a campainha e percebeu, subitamente, que era a segunda vez que ela tocava. Respirou fundo e recompôs as feições.

— Entre.

A porta se abriu e Deanna Troi entrou. Seus movimentos eram cautelosos e contidos. Seus olhos escuros estavam tristes, apesar de sorrir para ele. Era evidente que ela sabia. Picard não tinha dúvida disso. Não todos os detalhes, mas sabia. Porém, Picard continuou a representar seu papel.

— Conselheira — tentou, sem conseguir, imitar-lhe o sorriso. — O que posso fazer por você?

— Na verdade... — Ela inclinou a cabeça para o lado, fazendo os cabelos negros caírem sobre o ombro. — Estou aqui para ver se posso fazer algo pelo senhor. Parece um pouco... — fez uma pausa, procurando a palavra mais discreta — ... distraído ultimamente.

— Oh — disse Picard, fingindo descontração. Não conseguia simplesmente desabafar. Parecia desrespeitoso para com Robert e René. — São apenas ... assuntos de família. — Por um momento, lutou contra o impulso de pedir-lhe que o deixasse, insistindo em sua privacidade. Mas ela estava certa. Não podia sofrer sozinho para sempre. Em algum momento teria que contar aos outros o que havia acontecido. Baixou os olhos para o álbum holográfico. — Não conheceu meu irmão e a esposa, conheceu?

— Não. — Troi aproximou-se para olhar o álbum por cima do ombro

dele. Manteve uma distância respeitosa, cuidando para não se precipitar, não se intrometer até que Picard estivesse pronto.

Ele prosseguiu, sem conseguir afastar a ironia e o afeto da voz, enquanto olhava para a imagem do irmão.

— Robert às vezes chega a ser insuportável... Pomposo, arrogante, sempre querendo ter a última palavra. Mas ficou um pouco mais brando nos últimos anos. — Hesitou, percebendo que falava como se Robert ainda estivesse vivo. — Estava planejando passar algum tempo na Terra, mês que vem. Achei que pudéssemos ir todos juntos a San Francisco. René sempre desejou ver a Academia da Frota Estelar.

Troi inclinou-se para frente para ver mais de perto.

— René? Seu sobrinho?

Picard assentiu com a cabeça, sabendo que ela podia sentir a pontada de dor que a imagem do menino lhe causava. Mas, apesar do sofrimento, continuou a sorrir afetuosamente para a foto do garoto.

— Sim. Ele é tão... diferente do pai. Cheio de imaginação, um sonhador. Quase me faz lembrar de como eu era em sua idade.

Riu brandamente, mas sem alegria.

Troi o encarou e perguntou com brandura:

— Capitão... o que aconteceu?

Ele tentou desviar o olhar, recompor-se, mas a empatia em seus olhos escuros o forçou a fitá-la, enquanto respondia.

— Robert — sussurrou — e René. Estão mortos. Morreram em um incêndio.

Ela recuou, boquiaberta de espanto e pesar. Picard ergueu-se, caminhou até a janela de observação e fitou as estrelas.

— Sinto muito — disse, por fim.

— Está tudo bem — disse ele, tenso, segurando as mãos às costas. — Estas coisas acontecem. Todos temos... a nossa hora. E a deles chegou. — Aquilo lhe soava sem sentido, vazio. Troi não aceitou aquilo.

— Não. Não está tudo bem. — Aproximou-se lentamente dele. — E quanto antes perceber, mais cedo conseguirei superar o que aconteceu...

— Sei disso — disse Picard, secamente, então controlou-se e amenizou a voz. — Mas... no momento, não estou preocupado comigo. É meu sobrinho. — Voltou-se para encará-la, com súbita emoção na voz. — Não consigo parar de pensar nele... e em todas as experiências que nunca terá. Ir para a Academia. Apaixonar-se. Ter os próprios filhos. Tudo... acabado.

— Não sabia que ele significava tanto para o senhor. Picard assentiu amargamente.

— De certo modo, ele foi o mais próximo que já cheguei de ter um filho

meu.

Ela se afastou, indo até o álbum na escrivaninha, passando a folheá-lo. Depois de um tempo, ergueu o rosto.

— A história de sua família é muito importante para o senhor, não é? Picard foi para junto dela e fitou as fotografias.

— Desde que era menino, lembro-me de ouvir sobre minha genealogia. Os Picard que lutaram em Trafalgar... Os Picard que estabeleceram a primeira colônia marciana. Quando meu irmão se casou e teve um filho... — As palavras morreram-lhe na garganta, sendo dominado pela dor e pela culpa.

Troi terminou-lhe a frase, gentilmente:

— Sentiu que não tinha mais a obrigação de manter a descendência da família.

Ele soltou um grande e silencioso suspiro e, à guisa de resposta, baixou o queixo e deixou-o repousar contra o peito.

— Meu irmão havia tomado para si essa responsabilidade, permitindo que eu perseguisse meus próprios desejos egoístas.

A voz dela soou firme.

— Não existe nada de egoísta em se viver a própria vida, seguir uma carreira.

Ele não respondeu, mas voltou-se para a janela de observação a fim de fitar as estrelas. Concordava com ela, mas não conseguia evitar o sentimento de que estava errado por achar que a carreira era tudo na vida. Sua carreira terminaria um dia, mas o amor e carinho por seus entes queridos perduraria para sempre. Sempre estivera em seus planos aposentar-se e morar na propriedade da família, esperando que Robert e René, e os filhos de René, estivessem lá. Por fim, disse:

— Sabe, conselheira... já faz algum tempo que percebi que tenho menos dias pela frente do que para trás. Mas sempre me consolei em pensar que quando me fosse, minha família continuaria depois de mim. Mas agora... — Foi até o álbum e abriu as últimas páginas, todas elas vazias.

Foi dominado por uma raiva insana. Agarrou a xícara e atirou-a do outro lado da sala, derramando o seu chá preferido, Earl Grey, na escrivaninha e no álbum, espalhando o aroma suave de bergamota. Voltou a encarar Deanna Troi.

— Mas agora... a morte traz consigo uma terrível noção de fim. Não haverá mais Picards.

Ficou surpreso com o próprio acesso, mas aparentemente não surpreendeu a conselheira. Ela mantinha o olhar firme e compassivo.

— Capitão, talvez possamos...

Não conseguiu terminar, erguendo o braço para proteger os olhos de um clarão brilhante que inundou a sala. Picard também ergueu o braço e correu para a janela, tentando ver o que acontecia, mas o brilho era muito intenso e cegante. Fechou os olhos, ainda ofuscado, enquanto a voz de Riker soava no intercomunicador:

— Oficiais superiores apresentem-se à ponte! Todos a seus postos!

O desastre não deixou escolha a Picard: quando ele e Troi saíram do elevador na ponte, já havia deixado para trás a sua tristeza. Caminhou até Riker e seguiu o olhar do segundo em comando, que fitava a tela, onde uma estrela chamada Amargosa estava morrendo. Aos olhos de Picard, parecia que o sol estava sendo consumido pelo fogo. O núcleo estava diminuindo rapidamente, escurecendo como resíduo carbonizado. A coroa brilhava e expelia fragmentos flamejantes no espaço.

— Relatório — disse Picard.

Riker voltou-se para o capitão, mantendo um olho na tela. Picard percebeu-lhe a expressão preocupada e a ignorou.

— Uma implosão quântica ocorreu no interior da estrela Amargosa — respondeu Riker. — Toda a fusão nuclear está se desfazendo.

Picard fitou a tela assombrado. Sabia do que as estrelas eram capazes. Já havia visto uma estrela tornar-se supernova com os próprios olhos, mas a uma distância segura, obviamente. Porém, nunca vira nada como aquilo.

— Como é possível?

De seu posto, Worf respondeu.

— Os registros dos sensores indicam que o observatório lançou uma sonda solar em direção ao sol há poucos momentos.

Picard franziu a testa. O observatório... Mas não havia ninguém lá, exceto a

equipe de exploração... e o Dr. Soran, lembrou-se com um calafrio, a quem tinha recentemente dado permissão para retornar e terminar seu trabalho.

*O tempo é o fogo no qual somos queimados.*

Riker assentiu.

— A estrela entrará em colapso em questão de segundos. — Voltou-se quando um sensor no painel de Worf começou a apitar ameaçadoramente.

O klingon olhou para os dois oficiais superiores, com os olhos arregalados de preocupação.

— Senhor, a implosão produziu uma onda de choque nível doze.

Picard não disse nada, apenas digeriu a informação em atordoado silêncio, trocando um olhar sombrio com Riker.

— Nível doze? — perguntou Troi, espantada. — Isso vai destruir tudo

neste sistema.

Uma voz soou no intercomunicador.

— Sala de transporte para a ponte. Não consigo localizar o comandante La Forte nem o Sr. Data, senhor.

Riker pôs a mão no painel de Worf e inclinou-se para junto do klingon.

— Eles voltaram para a nave?

Worf realizou uma rápida verificação nos conveses, depois sacudiu a cabeça.

— Não, senhor. Não estão a bordo. Picard juntou-se a eles.

— Quanto tempo até que a onda de choque atinja o observatório?

— Quatro minutos e quarenta segundos — informou Worf.

Picard ergueu o rosto e lançou um olhar para Riker. Foi apenas um olhar mas o primeiro oficial conhecia o capitão suficientemente bem para entender a ordem transmitida. Assentiu rapidamente com a cabeça e dirigiu-se ao turboelevador, fazendo uma pausa para chamar por cima do ombro:

— Sr. Worf...

Logo, os dois haviam partido. Picard deu um passo adiante para fitar a horrenda visão na tela principal, pensando novamente no fogo e na morte, e nos olhos desesperados do cientista de cabelos claros.

A névoa enfumaçada e o cheiro de fogo haviam desaparecido, graças ao sistema de filtragem de ar do observatório, mas o silêncio e a escuridão aumentaram. Ou talvez, pensou Riker, fosse o simples fato de saber que do lado de fora das paredes do observatório a estrela Amargosa havia se tornado escura. Voltou-se para Worf e silenciosamente gesticulou para que o klingon procurasse no nível superior da sala principal de operações, enquanto ele vasculharia o inferior.

Em segundos, Worf retornou sacudindo a cabeça negativamente: nem sinal deles. Faltava apenas uma direção a seguir: um corredor que conduzia a diversos compartimentos separados. Riker não perdeu tempo, detendo-se diante de diversas portas fechadas. Uma delas estava escondida atrás de um painel que havia sido removido: era uma porta secreta. Riker voltou-se e cutucou Worf, que o seguiu de perto.

— Esta aqui.

Um instante após a porta se abrir, Riker teve uma rápida visão: um contraste marcante entre luz e trevas, um tufo de cabelos brancos e a pele pálida contra uma túnica preta. Na frente de uma série de sondas enfileiradas, havia um homem sentado junto a um painel. Era o homem que Riker havia tirado de sob os escombros e que se chamava Tolian Soran. A expressão de Soran não denotava mais aturdimiento, mas uma emoção tão intensa quanto

os clarões solares que observava em seu monitor.

Riker abriu a boca, mas não teve chance de falar. Soran voltou-se. Um instinto prático o fez jogar-se de volta para o corredor, protegendo-se atrás da parede, um segundo antes de Soran disparar o disruptor que tinha na mão. O disparo abriu uma fenda fumegante no batente de metal da porta.

Ergueu a cabeça e viu Worf agachado junto à parede do outro lado da porta. O klingon tinha uma visão melhor do interior da sala.

— Que diabos ele está fazendo? — perguntou Riker, em voz baixa.

Worf ergueu-se cuidadosamente para espiar dentro da sala. Outro disparo de disruptor, acertando em cheio o corredor e abrindo um buraco na parede, o fez voltar rápido para o lugar em que estava.

— O tenente La Forge está inconsciente — sussurrou o klingon. — Não consigo ver o comandante Data.

— *Enterprise* para o comandante Riker — soou a voz de Picard, na insígnia-comunicador de Riker. — Tem só mais dois minutos.

— Soran, ouviu isso? — gritou Riker. — Há uma onda de choque nível doze vindo nesta direção. Temos que sair daqui!

Em resposta, o disparo do disruptor passou pela porta aberta e queimou o convés próximo aos pés de Riker. Ele jogou o corpo contra a parede e apanhou o phaser. Mas de nada adiantava. Não conseguiu colocar-se em ângulo apropriado de disparo para atingir o cientista. Riker olhou em volta, frustrado, procurando um lugar melhor para se esconder... quando, de repente, percebeu uma figura encolhida no canto da sala.

— Data! — chamou, em voz baixa. — Veja se consegue chegar até Geordi! O andróide ergueu o rosto, com os olhos dourados arregalados de terror.

— Não... posso, senhor. Creio que estou... com medo.

Riker o fitou aturdido, voltando a ficar tenso quando dentro da sala um comunicador apitou agudamente. Ao ouvir o apito, Soran inclinou-se para agarrar o inconsciente Geordi pelo colarinho. Riker ouviu o zumbido de um teleportador e viu, surpreso e frustrado, os dois se desmaterializarem.

Tocou a insígnia-comunicador e disse, derrotado:

— Sala de transportes. Três para subir.

Um minuto antes, na ponte da *Enterprise*, Picard foi afastado da tela, na qual se via uma escura e turva onda de choque movendo-se diretamente para o observatório Amargosa, por um sinal de alarme no painel de operações táticas. Voltou-se para Hayes ao mesmo tempo em que o jovem alferes virava-se para ele.

— Senhor — Hayes tinha os olhos arregalados e sua voz denotava urgência. — Uma Ave-de-Rapina klingon está removendo a camuflagem a bombordo.

— O quê? — Picard voltou-se rapidamente para a tela e fitou a estrela agonizante, ao mesmo tempo em que a visão oscilante de uma Ave-de-Rapina surgia ao lado do observatório.

— É uma velha Classe D-12, senhor — disse Hayes.

— Essas naves foram aposentadas há cerca de uma década — murmurou Picard. Aquela em particular parecia ter sido aposentada havia duas décadas. O casco apresentava uma centena de remendos diferentes de cicatrizes de batalha. Perguntou a Hayes: — Ela ativou os sistemas de armamentos?

— Não, senhor.

— Então, vamos... — começou Picard.

— Sala de transporte para a ponte. A equipe de exploração voltou, senhor. Sem perda de tempo, Picard voltou-se para o oficial do leme.

— Leme, dobra um. Em frente...

A *Enterprise* se afastou enquanto na tela o observatório se desintegrava envolto em chamas que rapidamente se apagaram.

Movido por uma fúria da intensidade de uma nova, Soran cruzou os corredores escuros e claustrofóbicos, abaixando a cabeça para evitar cabos pendurados, enojado com as paredes cobertas de sujeira e com o convés graxento. A velha nave rugia e sacudia incessantemente, além de cheirar como um animal velho e molhado, fazendo-o ter saudades da limpeza e do silêncio dos corredores da *Enterprise*.

Não importava. Nada importava, pois nada daquilo era real, ao menos não para ele. Logo mais, todo o desconforto causado pelo relacionamento com as irmãs Duras estaria terminado e esquecido para sempre.

Entrou, por fim, na ponte mal-iluminada. Ao ver os klingons voltarem-se para recebê-lo, curvou os lábios discretamente para baixo. Eles fediam como a nave. Apesar de Soran sempre ter se considerado um homem sem preconceitos, aquela espécie em particular testava seus limites. Passou pela tripulação totalmente masculina da ponte, parecendo um anão diante deles apesar de não ser de baixa estatura, e deteve-se diante das duas mulheres que se sentavam nas cadeiras de comando e fitavam assombradas a estrela agonizante na tela.

A mais nova delas, B'Etor, ergueu-se para recebê-lo, com o cabelo negro e cacheado caindo sobre o peito coberto de couro, e as feições horrendas iluminadas por um esgar que revelava dentes pontiagudos e serrilhados.

— Você conseguiu, Soran!

Ele inclinou-se para a frente e a atingiu com toda a força no queixo, jogando-a de costas em cima do painel. Imediatamente, vários dos homens ergueram-se de um salto, com os disruptores na mão.

— Esperem! — B'Etor agitou o braço, enquanto se erguia cambaleante. Soran sabia que uma mulher ei auriana jamais teria se recuperado de um soco daqueles. Ela levou as costas da mão à boca, franziu a testa para a mancha roxa que se formou, então olhou para Soran.

— Espero, para o seu bem, que esteja iniciando um ritual de acasalamento. — Sua voz era cortante e ameaçadora.

Soran permaneceu onde estava, sem qualquer medo dos disruptores que lhe eram apontados, enojado pela idéia de contato físico com aquela mulher, aquela... *primata*, vestida de metal e peles, e bêbada de poder territorial. Mesmo se não tivesse total domínio da situação, não poderia sentir medo daquelas criaturas. Não tinha medo da morte. A aniquilação, a não-existência, não o atemorizava. Mas a vida sem a esperança do nexus, sem Leandra e os filhos, parecia intolerável. Estava tão perto, *tão perto*, e não conseguira...

— Você está ficando descuidada — disse, severamente. — Os romulanos vieram procurar seu trílítio.

B'Etor pôs-se em pé.

— Impossível. Não deixamos nenhum sobrevivente em sua estação avançada.

— Eles sabiam que estava no observatório — retorquiu Soran. — Se a *Enterprise* não tivesse interferido, eles o teriam encontrado.

A irmã mais velha empurrou B'Etor para o lado.

— Mas não encontraram... e agora temos uma arma de poder ilimitado. — Sua voz era mais calma e mais profunda que a da irmã, seus modos mais contidos. .. mas Soran sabia que ela podia ser tão traiçoeira quanto a outra.

Mordeu os lábios.

— *Eu* tenho a arma, Lursa. E se quiser que a entregue para você, aconselho-a a ter um pouco mais de cuidado no futuro.

A última palavra mal tinha saído de seus lábios quando B'Etor saltou em sua direção e o agarrou pelos punhos com surpreendente força. Um sorriso maldoso surgiu-lhe no rosto, enquanto erguia sua faca de lâmina dupla klingon até o pescoço dele.

— Talvez estejamos cansadas de esperar — sibilou ela. Soran não tremeu, nem esboçou qualquer reação enquanto o frio metal pressionava a pele macia de seu pescoço, passando pelo pomo de Adão.

— Sem minhas pesquisas — disse, friamente — o trílítio não tem qualquer valor, nem seus planos de reconquistar o império klingon.

B'Etor curvou os lábios, desapontada. Lursa estendeu a mão e pacientemente puxou a faca para longe da garganta do cientista. Soran reprimiu um sorriso de triunfo.

— Estabeleça o curso para o sistema Veridian — ordenou às mulheres.  
— Em dobra máxima.

B'Etor não disse nada, apenas semicerrou os olhos, ofendida. A implacável Lursa voltou-se para o leme e emitiu um comando gutural.

Soran havia se voltado, pensando em voltar para seu alojamento apertado e desconfortável quando um guarda entrou, arrastando o inconsciente oficial da Frota Estelar que havia sido raptado do observatório. O guarda apontou com a cabeça para o oficial.

— Que faremos com ele?

— Traga-o até meu alojamento — disse Soran. — Preciso de algumas respostas do Sr. La Forge.

Naquele momento, Will Riker estava pensando em Geordi La Forge, enquanto conduzia Worf até a enfermaria. Evidentemente Soran o havia raptado com algum propósito em mente, caso contrário teria se teleportado sozinho. Mas por quê? E por que se teleportar para uma nave klingon? O capitão o informara a respeito da Ave-de-Rapina escangalhada durante o relatório da exploração. E por falar nisso, por que destruir uma estrela? Quanto mais Riker pensava nas peças do quebra-cabeça de Amargosa, menos as coisas faziam sentido. Worf interrompeu-lhe o devaneio.

— Falei com o Sumo Conselho Klingon, senhor. Eles identificaram a nave como pertencente às irmãs Duras.

Riker recuou e sacudiu a cabeça de espanto.

— Lursa e B'Etor? Isto não faz sentido. Um renomado cientista estelar utiliza uma sonda de trítio para destruir uma estrela... rapta Geordi... e foge com uma dupla de renegadas klingons. Por quê? Que diabos está acontecendo?

Worf suspirou silenciosamente.

— Não sei, senhor.

Viraram uma esquina e entraram na enfermaria, onde Crusher estava acabando de fechar um painel na parte de trás do crânio de Data. O andróide estava sentado em uma biocama, examinando-se a si mesmo com um tricorder.

Riker olhou para Crusher.

— Como está ele?

Ela afastou uma mecha de cabelos castanhos do rosto, que estava sério porém — conhecendo Crusher de experiências passadas, felizmente não-

carrancudo, pensou Riker.

— Parece que uma descarga potente fundiu o chip em sua rede neural. Worf olhou para o andróide, preocupado.

— Pode ser perigoso para ele? Ela sacudiu a cabeça.

— Acho que não. O chip ainda parece estar funcionando. — Ela suspirou insatisfeita, e cruzou os braços. Uma leve ruga apareceu na pele clara entre suas sobrancelhas. — Ficaria mais tranqüila se pudesse examiná-lo mais de perto, mas não posso removê-lo sem desmontar completamente o seu cérebro.

Riker sorriu para Data.

— Então, parece que você não vai se livrar das emoções por uns tempos. Como se sente?

Data ergueu os olhos do tricorder, com as sobrancelhas franzidas e os olhos dourados semicerrados de preocupação.

— Estou muito... preocupado com Geordi.

— Todos estamos — disse Riker, em voz baixa. — Mas vamos trazê-lo de volta.

— Espero que sim — a voz e a expressão do andróide continuaram a denotar ansiedade.

— Will... — Beverly levou Riker até um monitor na parede. — Verifiquei os antecedentes do Dr. Soran. — Ela apertou um controle. Uma holografia de Soran apareceu, junto com seus dados biográficos. — Ele é el auriano e tem mais de trezentos anos de idade. Perdeu toda a família quando os borgs destruíram seu planeta. Soran escapou com um punhado de outros refugiados a bordo de uma nave chamada *Lakul*. A nave foi destruída por uma espécie de feixe de energia, mas Soran e quarenta e seis outros foram resgatados pela *Enterprise-B*.

Riker inclinou-se para a frente, interessado, a fim de estudar o rosto de Soran. Quando teria sido tirada a foto? Cem, duzentos anos no passado? Soran parecia quase exatamente o mesmo. Tinha um discreto sorriso tímido, mas a intensidade do olhar era a mesma que Riker havia visto no rosto da pessoa com o disruptor na mão. Voltou a olhar para Beverly, quando o que ela lhe dissera começou a fazer sentido.

— Essa foi a missão em que James Kirk morreu.

Ela assentiu com um único aceno da cabeça, então pressionou um controle no monitor.

— Verifiquei a lista de passageiros da *Lakul*. É capaz de adivinhar quem mais estava a bordo?

Riker deu de ombros, sobressaltando-se quando a doutora apertou outro controle e uma nova imagem apareceu na tela: o rosto sorridente de Guinan.

— Soran? — Guinan ergueu o rosto, surpresa. — Esse é um nome que eu não ouvia há muito tempo.

Picard estava sentado a seu lado no alojamento dela, fazendo-o sentir-se longe da *Enterprise*, num mundo misterioso e há muito desaparecido. As paredes estavam cobertas por um intrincado tecido bordado em ouro, o convés ladrilhado. Num canto distante, uma arcada dava acesso a um altar, onde velas queimavam diante de uma escultura de pedra, representando uma enigmática deusa.

Guinan também estava sentada, abraçada aos joelhos, em uma pilha de travesseiros sobre um pequeno sofá azul. A vela distante emitia sua luz trêmula sobre aquela face ampla e morena.

— Lembra-se dele? — perguntou Picard. A enigmática declaração de Soran começava a fazer sentido. Soran sabia a respeito de Robert e René, tal como Guinan poderia saber naquele momento, se quisesse. Mas Picard tinha se forçado a controlar a dor para concentrar-se na emergência que tinham em mãos. Não podia deixar de se sentir pessoalmente culpado pela destruição da estrela Amargosa. Se simplesmente tivesse recusado o pedido de Soran de retornar ao observatório...

— O resultado teria sido o mesmo, Jean-Luc... — disse Guinan, brandamente. — Ele teria voltado para lá, com ou sem a sua permissão.

Picard ergueu o rosto, levemente surpreso pela interrupção. Então devolveu-lhe o sorriso significativo e repetiu:

— Lembra-se dele?

— Oh, sim... — O sorriso desapareceu imediatamente. Ela se ergueu e começou a andar de um lado para o outro, como se quisesse fugir das lembranças.

— Guinan — disse ele, depois de um momento de silêncio. — É importante que você me diga o que sabe. Achemos que Soran desenvolveu uma arma, uma arma terrível. Pode lhe dar poder suficiente para...

— Soran não liga para o poder das armas — interrompeu ela, ainda de costas para ele. — A única coisa que lhe importa é voltar para o nexus.

— O que é o nexus?

Ela caminhou até um nicho e começou a alisar, distraída, a pequena escultura que estava ali. Picard não lhe via o rosto, mas podia perceber o que diziam o movimento de seus ombros, a tensão e o desejo de não tocar no assunto. Por fim, ele a ouviu respirar fundo, decidindo-se.

— O feixe de energia que destruiu a *Lakul* não era um fenômeno aleatório que cruzava o espaço. — Começou a falar rapidamente, parecendo que se não falasse logo não conseguiria terminar. — É um portal. Ele conduz

a outro lugar: ao nexus. Não existe em nosso universo... e não obedece as mesmas leis tampouco. — Aprumou-se. — É um lugar que venho me esforçando muito para esquecer.

— O que foi que lhe aconteceu? — sondou Picard, gentilmente. Ela se voltou para ele, com a expressão radiante pela lembrança.

— Era como estar dentro... da felicidade. Como se a felicidade fosse uma coisa física com a qual pudesse me envolver. Nunca estive tão feliz. — Sua voz era sussurrante de maravilhamento.

Ele a observou em silêncio por um momento, analisando-lhe a euforia no rosto, lembrando-se do desespero de Soran.

— Mas, então, vocês foram teleportados para longe dali... Ela deixou cair o semblante com súbita raiva.

— Fui *arrancada* de lá. Não queria sair. Nenhum de nós queria. Só conseguia pensar em voltar para lá. Não importando o que tivesse que fazer...

Ela caminhou até uma janela de observação e fitou a escuridão e as estrelas.

— Com o tempo, aprendi a viver com isso. Mas a experiência mudou minha vida.

— Seu sexto sentido — murmurou Picard. Vendo que ela não o contradizia, prosseguiu: — E quanto a Soran.

— Soran ainda pode estar obcecado pela idéia de voltar para lá. Se estiver, fará qualquer coisa para encontrar o portal novamente.

— Mas por que destruir uma estrela? — perguntou ele, silenciando-se em seguida. Ergueu-se. — Obrigado, Guinan.

Ao caminhar para sair, ela voltou-se, com súbita urgência na voz:

— Deixe que outra pessoa o faça, Jean-Luc. Ele fez uma pausa para fitá-la novamente.

— Não há palavras fortes o bastante para fazê-lo compreender. Está além de qualquer droga ou implante. Ele envolve as pessoas como o mais poderoso narcótico que existe. — Fez uma pausa, tendo os olhos negros cheio de preocupação. — Não chegue perto do feixe. Se entrar no nexus, não vai se importar mais com a *Enterprise* nem com Soran nem comigo. Todo o seu interesse vai estar voltado unicamente para o que irá experimentar lá dentro. E nunca mais vai voltar...

Geordi La Forge acordou com uma nauseante dor de cabeça e a nítida percepção de não estar nem no observatório nem na *Enterprise*. Moveu-se e percebeu que estava sentado em uma cadeira desconfortável a bordo de algum tipo de nave. O chão sob seus pés parecia vibrar e ele podia ouvir o

ronco de motores antigos. O ar era quente e viciado, nada agradável. Podia senti-lo na pele nua do peito. Alguém tinha removido sua túnica.

E seu VISOR também, deixando-o cego. Inclinou-se para a frente e tateou a escuridão.

Uma mão se estendeu e agarrou a sua. Ouviu uma discreta risada e uma voz familiar, bem próximo dele.

— Procurando alguma coisa, Sr. La Forge?

Geordi recuou. A voz era de Soran, o cientista do observatório. Ele podia se lembrar: Soran o golpeará... e aparentemente o raptará. Mas, por quê?...

— Um equipamento bastante admirável — prosseguiu Soran, num tom descontraído de conversa. — Mas um pouco deselegante, não acha?

Geordi não respondeu.

— Já pensou em usar uma prótese que o fizesse parecer um pouco mais... normal?

As palavras o enraivecaram. *Calma*, disse para si mesmo. *Ele está fazendo isto de propósito. Não deixe que ele o provoque...* Mas não pôde deixar de retorquir:

— O que é normal?

— Normal — disse Soran, calmamente — é o que todos são... e *você* não é. Geordi tentou evitar que a raiva transparecesse na voz, mas não conseguiu.

— O que você quer?

Uma longa pausa se seguiu. Então, Soran disse:

— Talvez não tenha notado, mas sou el auriano. Algumas pessoas nos consideram uma raça de ouvintes. Nós ouvimos. — Hesitou. — Neste momento, Sr. La Forge, tem toda a minha atenção. Quero ouvir tudo o que sabe a respeito do trilitio e a meu respeito.

Não fazia sentido. Pouco sabia a respeito de qualquer daqueles assuntos. Mas não viu razão para deixar de atendê-lo. Pensou por um momento, então respondeu:

— O trilitio é um composto experimental desenvolvido pelos romulanos. Acho que é um derivado de...

Parou ao sentir uma dor aguda no peito, erguendo a mão até o local da dor. Quase imediatamente a sensação desapareceu. Mas Soran não o havia tocado.

— Não quero uma conferência científica - disse Soran, friamente. — Vocês estavam naquele observatório procurando o trilitio. Por quê?

Geordi suspirou. Não ia ser muito engraçado, pois evidentemente sabia muito menos do que Soran imaginava que soubesse.

— Recebi ordens do capitão.

— Vamos tentar deixar de lado a típica caçada entre prisioneiro e

interrogador, está bem? Você tem a informação que eu quero. — Soran fez uma pausa. — O capitão lhe explicou as ordens? Disse por que estava procurando o trilitio?

Geordi sacudiu a cabeça.

— Não.

Outra longa pausa.

— E quanto... a Guinan? O que ela lhe falou a meu respeito?

— Guinan? — Ele piscou, surpreso. — Não sei do que você está falando. A voz de Soran tornou-se mais ríspida.

— Meus instintos me dizem que você está mentindo. E sei que isto não é fácil para você... posso ver que tem um bom coração. — Deu uma risadinha irônica. Geordi inclinou a cabeça, curioso a respeito de um tique-taque, semelhante ao de um antigo relógio da Terra.

Esqueceu o som quando um espasmo de dor apertou-lhe o meio do peito. *Um ataque cardíaco*, pensou Geordi, levando a mão ao peito. *De algum modo ele conseguiu induzir um ataque cardíaco...* Encolheu a cabeça de dor, sem conseguir respirar.

Pouco depois a dor cedeu. Respirou profundamente, ofegante.

— Oh — disse Soran, educadamente. — Esqueci de contar-lhe. Enquanto estava inconsciente, injetei-lhe uma microsonda na corrente sanguínea. Ela esteve navegando pelo seu sistema cardiovascular... e neste momento deve ter-se fixado ao seu ventrículo esquerdo. — Geordi ouviu o sorriso que havia na voz do homem. — Um pequeno truque que aprendi dos borgs.

— Claro — exclamou Geordi com ironia. — Eles estão cheios de grandes idéias...

O tom de brincadeira desapareceu da voz do cientista. Com simplicidade, disse:

— Fiz seu coração parar por cinco segundos. Pareceu uma eternidade, não foi? Sabia que se pode parar o coração humano por até seis minutos antes que comece a ocorrer dano cerebral?

Geordi deixou o ódio que sentia transparecer nas feições.

— Não... não sabia...

— Aprendemos algo novo a nosso próprio respeito a cada dia — disse Soran. — Agora, talvez eu não tenha sido suficientemente claro. É muito importante que você me diga exatamente o que o capitão Picard sabe.

— Já lhe disse tudo - disse Geordi. — Pode até me matar se quiser. Fez-se silêncio. Então ouviu algo totalmente inesperado na voz do cientista: verdadeira compaixão.

— Não sou assassino, Sr. La Forge — disse Soran, com tanta sinceridade

e vergonha, que Geordi acreditou, deixando de temer pela própria vida. O el auriano suspirou. Geordi ouviu nesse som tamanha tristeza, relutância e desânimo que, se não soubesse do que Soran era capaz, Geordi seria poderia ter sentido pena dele.

Subitamente, a voz de Soran tornou-se novamente ríspida.

— Vamos experimentar trinta segundos.

Geordi ouviu o leve som de dedos apertando um controle. Então curvou a cabeça e gemeu ao se ver novamente acometida da dor excruciante no peito, deixando-o de tal modo atordoado que não conseguiu perceber mais nada... exceto o suave e contínuo tique-taque do relógio.

## *Nove*

Além do holodeck, um dos lugares favoritos de Picard a bordo da *Enterprise* era a sala de cartografia estelar. Com o mapa holográfico ativado, ficar no convés de cartografia estelar era como estar no campo olhando para o céu estrelado, ou melhor ainda, era como estar suspenso no meio do espaço. Só era preciso inclinar-se um pouco para tocar a estrela mais próxima.

Naquele momento, o mapa holográfico não estava ativado. Picard encontrava-se cercado de computadores, sensores e dispositivos de rastreamento destinados a monitorizar a posição da nave no espaço. A seu lado, Data estava sentado junto a um painel, esperando que este lhe fornecesse os dados pedidos. Picard olhou para as várias telas ali dispostas, que exibiam diagramas de um furioso feixe de raios ultravioletas, o feixe de energia, em vários locais e ocasiões diferentes.

Picard vinha se concentrando no mistério referente a Soran e ao feixe para conseguir pôr de lado a dor. A fúria e a frustração que sentira a princípio cederam. Não havia mais nada que pudesse fazer para ajudar Robert e René. Mas muito podia fazer para ajudar Geordi La Forge... e impedir seja qual fosse o mal que Soran planejava executar.

Data inclinou-se para a frente, quando os dados apareceram na tela. Picard percebeu o movimento com o canto dos olhos e voltou-se, ansioso. Ainda não tinha se acostumado a ver o andróide tão dominado pelas emoções. A depressão de Data aparecia nos ombros caídos e na ligeira curvatura para baixo dos lábios.

— De acordo com nossos dados — disse Data, inquieto —, o feixe é um fluxo de energia temporal que atravessa a nossa galáxia a cada trinta e nove vírgula um anos. — Fez uma pausa e franziu a testa. — Irá cruzar este setor em aproximadamente... quarenta e duas horas.

Picard afastou-se e começou a andar de um lado para o outro, esperando que o movimento mantivesse desperta sua mente cansada. Tinha dormido pouco desde que recebera a mensagem de Marie.

— Então, Guinan estava certa... Disse que Soran estava tentando voltar para o feixe. Se for verdade, então isto deve ter alguma ligação com a estrela Amargosa. — Voltou-se nos calcanhares e encarou Data. — Dê-me uma lista de tudo que foi afetado pela destruição da estrela, não importando o quão insignificante possa parecer.

O andróide não respondeu, simplesmente fitou sem piscar os olhos a tela

brilhante, com uma expressão desconsolada.

— Data! — gritou Picard.

Data apurou-se rapidamente. Picard imaginou perceber uma fugaz expressão de embaraço no rosto do andróide.

— Sinto muito, senhor. — Apertou diversos controles no painel e voltou-se de novo para o capitão. — O computador vai levar alguns minutos para compilar a informação.

Picard cruzou os braços para esperar. Enquanto observava, Data deixou escapar um suspiro profundo e triste, depois inclinou-se para a frente e apoiou a cabeça nas mãos. Perplexo, o capitão deu um passo adiante e pôs a mão no ombro do andróide.

— Data... você está bem?

— Não, senhor. — Data ergueu a cabeça, exibindo uma expressão torturada. — Estou tendo dificuldade de me concentrar. Creio que estou sobrecarregado por sentimentos de... remorso e pesar com relação às minhas atitudes no observatório.

— O que quer dizer? — perguntou Picard, gentilmente. Nem Riker nem Worf haviam informado qualquer atitude estranha de Data.

Data suspirou de novo.

— Eu quis salvar Geordi... eu *tentei*. Mas senti algo que não esperava. — Ergueu o olhar para o capitão com indisfarçada vergonha. — *Medo*. Eu tive medo, capitão.

Picard abriu a boca para falar e a fechou novamente quando o computador emitiu um aviso. Data voltou-se outra vez para o painel e começou a ler os dados, tristonho.

— De acordo com as recentes informações, a destruição da estrela Amargosa teve os seguintes efeitos neste setor: As emissões gama aumentaram em zero vírgula zero cinco por cento; a nave estelar *Bozeman* foi forçada a corrigir seu curso; um projeto de pesquisa em Gorik Quatro foi interrompido devido ao aumento de partículas de neutrino; os campos magnéticos ambientais sofreram um decréscimo de...

— Espere — interrompeu Picard. — A *Bozeman*. Por que teve que mudar seu curso?

— A destruição da estrela Amargosa alterou as forças gravitacionais em todo o setor — disse Data. — Todas as naves que estavam passando por esta região tiveram que fazer pequenos ajustes de curso.

— Um pequeno ajuste de curso... — Picard franziu a testa enquanto pensava no assunto. Instintivamente, sentia que havia algo ali, mas o ponto chave permanecia nebuloso. Voltou-se e dirigiu-se ao painel de controle do grande holomapa atrás de si. — Onde está o feixe neste momento?

Data ergueu-se, seguindo-o até o painel, e apertou alguns controles. Dentro de segundos, a sala desapareceu, sendo substituída por um enorme e brilhante mapa da galáxia. Data apontou para uma mancha vermelha e brilhante.

— Esta é sua posição atual.

Picard inclinou-se para a frente, com intenso interesse.

— Pode fazer uma projeção de seu curso?

Data começou a responder então hesitou. Seu rosto subitamente encheu-se de desespero.

— Senhor... n-não posso continuar com esta investigação. Picard o encarou com os olhos arregalados de espanto. Data baixou a cabeça, envergonhado.

— Desejo ser desativado até que a Dra. Crusher possa remover o chip emocional.

— Há algo funcionando mal em você?

O andróide sacudiu a cabeça negativamente.

— Não, senhor. Simplesmente não consigo controlar minhas emoções.

— Data... — Picard respirou fundo. Ver a expressão atormentada do andróide era como olhar-se num espelho. — Entendo plenamente o que está sentindo. Mas precisamos de sua total atenção para a tarefa que...

Data voltou-se para ele, irado.

— Não está compreendendo, senhor. Não *quero* mais sentir essas emoções. Desativar-me é a única solução viável.

— Data — disse Picard, firmemente, sentindo-se estranho pois estava falando mais para si mesmo —, parte do fato de se ter emoções é aprender a integrá-las à própria vida. Temos que aprender *o modo de* lidar com elas, não importando quais sejam as circunstâncias.

— Mas, senhor...

Picard apurou-se ao máximo e recorreu ao tom de voz mais autoritário possível.

— Não vou permitir que seja desativado. É um oficial desta nave e neste exato momento tem uma tarefa a cumprir. — Fez uma pausa e então, vendo não haver mais protestos, acrescentou: — E uma ordem, comandante.

Enquanto falava, o rosto de Data lentamente substituiu o desespero pela estóica determinação.

— Sim, senhor — disse Data, em voz baixa. — Vou tentar.

Picard pôs a mão no ombro do andróide, consoladoramente, e quase chegou a sorrir.

— A coragem também pode ser uma emoção, Data. — Sua voz tornou-se mais animada. — Agora... consegue fazer uma projeção do curso do

feixe?

Data endireitou os ombros, exibindo de tal modo a sua determinação, que Picard teve que se esforçar para não sorrir ao vê-lo caminhar até o painel. Enquanto Picard observava, uma Unha brilhante e vermelha surgiu no mapa estrelado, formando um arco entre os sóis. Deu um passo à frente, com o pulso acelerado. Sim, lá estava a resposta... Voltou-se para Data.

— Onde ficava a estrela Amargosa?

Em resposta, Data apertou um controle. Uma estrela brilhante apareceu próximo da linha vermelha.

— Agora... — refletiu Picard. — Você disse que quando a estrela Amargosa foi destruída, todas as forças gravitacionais deste setor foram alteradas. O computador levou isto em conta quando fez a projeção do curso do feixe?

A expressão de Data encheu-se de surpresa ao pensar nisso.

— Não, senhor. Vou fazer os ajustes necessários.

Fez os ajustes e a estrela brilhante diante de Picard escureceu, piscou e desapareceu. Imediatamente, a linha brilhante vermelha desviou-se para a direita, mudando de curso.

Picard ergueu o rosto, tendo o cansaço substituído pela emoção da descoberta.

— Era *isto* que Soran estava fazendo. Estava alterando o curso do feixe. Mas, por quê? Por que tentar desviar-lhe o curso? Por que não voar em sua direção em uma nave estelar?

— Nossos registros mostram que todas as naves que se aproximaram do feixe foram destruídas ou severamente danificadas — sugeriu Data.

— Ele não pode ir até o feixe — disse Picard, com súbita compreensão.

— Por isso, está tentando fazer o feixe ir até ele. — Voltou-se para o andróide. — Data, o feixe vai passar perto de algum planeta classe-M?

Data consultou o computador novamente, então ergueu o rosto.

— Sim, senhor. Há dois planetas no sistema Veridian. — Tocou outros controles, aumentando a representação da estrela Veridian, que passou a exibir quatro planetas em órbita.

Picard estudou a linha vermelha que assinalava o curso do feixe e que passava bem perto do terceiro planeta. Apontou:

— Vai passar bem perto de Veridian Três... mas não perto o suficiente.

Franziu a testa, preocupado, e voltou a olhar para o sol de Veridian. Enquanto olhava, uma imagem não evocada veio-lhe à mente: a agonizante estrela Amargosa. Imaginou a estrela moribunda no lugar daquele saudável sol. Adveio-lhe uma terrível revelação.

— Data — disse, com urgência. — O que aconteceria ao curso do feixe

se a própria estrela Veridian fosse destruída?

Ele sabia, com total convicção, exatamente o que iria acontecer, antes mesmo de Data mexer nos controles do painel e fazer o feixe desviar-se de novo. Diante dos olhos de Picard, o sol de Veridian escureceu, piscou e apagou-se. A linha vermelha indicando o curso do feixe desviou-se, passando a interceptar precisamente o terceiro planeta.

— É para lá que ele vai — disse Picard.

Depois de um momento de silêncio, Data acrescentou em voz baixa:

— Devo lembrar, senhor, que o colapso da estrela Veridian vai provocar uma onda de choque muito semelhante à que observamos em Amargosa.

Picard o encarou carrancudo.

— Que destruirá todos os planetas do sistema.

O andróide verificou a leitura do painel, então olhou para o mapa, visivelmente abalado.

— Veridian Três é desabitado, mas em Veridian Quatro existe uma sociedade humanóide em nível pré-industrial de desenvolvimento.

Picard voltou-se para fitar o mapa e o quarto planeta que girava lentamente.

— População?

Data baixou a voz, aterrorizado.

— Aproximadamente duzentos e trinta milhões.

Por um instante apenas, Picard olhou para a imagem de Veridian IV e tentou compreender o que poderia levar um homem a destruir um mundo.

*Se entrar no nexus, não vai se importar mais com a Enterprise nem com Soran nem comigo. Todo o seu interesse vai estar voltado unicamente para o que irá experimentar lá dentro. E nunca mais vai voltar...*

Picard tocou a insígnia-comunicador.

— Picard para a ponte.

— Worf falando.

— Estabeleça curso para o sistema Veridian em dobra máxima. — Já estava em movimento quando falava, dirigindo-se à ponte com renovada determinação. Deu graças ao ver Data a seu lado com o mesmo entusiasmo pelo dever a cumprir.

Na ruidosa Ave-de-Rapina, Soran parou no corredor, semicerrando os olhos na penumbra, para enxergar o mostrador de seu relógio de bolso. O que viu fez-lhe surgir um sorriso no rosto e provocou-lhe um espasmo de palpitante emoção. Deviam estar a não mais de um minuto de Veridian III. Logo estaria com Leandra e os filhos, longe deste maldito universo no qual

eles estavam mortos e ele estava preso naquela fedorenta nave klingon.

O Sr. La Forge não tinha sido de grande utilidade. Depois de suportar indizível agonia por diversos segundos, não fornecera novas revelações, apenas confirmando as suspeitas de Soran de que o capitão da *Enterprise* estava investigando as peças do quebra-cabeça que poderiam conduzi-lo até Veridian. Picard deixava Soran inquieto. O capitão podia ter sido facilmente manipulado quando sob a influência da recente dor, mas era também extremamente inteligente. Assim que a dor amenizasse, havia grande risco de que Picard se recuperasse e aplicasse sua inteligência a fim de descobrir para onde Soran havia ido.

Mas tinha apenas um minuto. Soran sorriu outra vez ao pensar nisso, mas não se sentia totalmente tranqüilo. Torturar La Forge fora mais... desagradável do que Soran imaginara. De fato, sentia o estômago virar ao imaginar que tinha se tornado semelhante aos borgs.

*Não importa. Nada disso importa. Fui bondoso... deixei La Forge viver, o que é mais do que este universo de tempo e morte fará por ele. Todos estamos condenados aqui, somos todos cadáveres ambulantes.*

Fizera o coração de La Forge voltar a bater depois de quinze segundos, incapaz de assistir seu sofrimento. Em seu planeta natal, fora um homem gentil e bondoso, sem coragem de praticar atos cruéis... muito menos assassinato.

*O sacrifício de Veridian IV é necessário. Necessário. É a única maneira de voltar para casa...*

Ainda assim, o pensamento o perseguia em suas noites.

Contudo, ele o faria. Não hesitaria, como fizera com La Forge, porque a tragédia em Veridian IV ocorreria à distância e não seria sangrenta. Não teria que testemunhá-la, pois a essa altura já estaria no nexus.

E, quem sabe... era pouco provável, porém talvez houvesse alguns afortunados que seriam apanhados nas reverberações do feixe de energia e transportados para o nexus. Seus corpos pereceriam neste universo, mas seus ecos viveriam eternamente. Ele estaria lhes fazendo um favor.

Nada, nem a culpa nem as outras pessoas nem os klingons, *nada* deveria interferir em seus planos a partir de então.

Colocou o relógio no bolso e caminhou pelo corredor até a ponte, onde as duas irmãs, imagens no espelho cobertas de couro e metal, estavam sentadas nas cadeiras de comando. Lursa, a mais velha, rouquenha, a que parecia dar a última palavra na maioria das ocasiões, voltou-se para encará-lo:

— Obteve algo do humano?

— Não — disse Soran, com um sorriso interior. — Seu coração não foi

tocado.

Um dos enormes oficiais do leme olhou para trás por cima do ombro, para a mulher em comando.

— Entramos em órbita de Veridian Três.

Soran olhou para o planeta enevoado na tela com ansiosa expectativa, que o deixou arrepiado, voltando-se em seguida para Lursa.

— Prepare-se para me transportar para a superfície.

— Espere. — B'Etor ergueu-se, desconfiada e arrogante. — Quando recebemos nosso pagamento?

Ele a fitou, lutando para esconder o ódio. Desprezava o trato com aquelas criaturas de mente estreita e sedentas de poder, que sem dúvida fariam mixórdia neste universo, depois que ele se fosse.

Não importava. Este universo e suas preocupações se apagavam rápido de sua mente, à medida em que se concentrava na felicidade que teria adiante. Aquelas grotescas paródias de feminilidade, aquela nave, aquela situação, não passavam de um pesadelo do qual despertaria muito em breve. Lursa e B'Etor eram sombras, fantasmas que saltaram do vazio e logo desapareceriam dentro dele novamente.

Suspirou, pescou um pequeno chip de dentro do bolso e o entregou a ela.

— Isto aqui contém toda a informação que precisam para construir uma arma de trítio — disse, enquanto B'Etor sofregamente apanhava o presente mortal e o admirava, com olhos predatórios e brilhantes. — Está em código. Assim que estiver em segurança na superfície do planeta, eu lhes transmitirei as chaves de decodificação... mas não antes disso.

— Senhora! — gritou subitamente o timoneiro. — Uma nave da Federação está entrando no sistema!

— O quê? — Indignada, Lursa inclinou-se para a frente, agarrando-se aos braços da cadeira. — Na tela.

Na pequena e empoeirada tela, uma imagem granulada e um pouco desfocada de uma nave espacial surgiu tremeluzente.

A *Enterprise*, pressentiu Soran.

O timoneiro voltou a grande e escura cabeça sobre o ombro encouraçado para fitar a mulher em comando.

— Estão nos chamando.

Torcendo os lábios, B'Etor grunhiu duas sílabas em klingon. Seu comando foi seguido instantaneamente por uma voz conhecida no intercomunicador.

— Nave klingon — disse Picard, fazendo Soran fechar os olhos. Havia força no tom de voz do capitão. Ele tinha sobrepujado a dor e se tornado no adversário que Soran temia. — Sabemos o que estão fazendo e destruiremos

qualquer sonda enviada em direção à estrela Veridian. Exigimos que nos devolvam nosso engenheiro-chefe e deixem este sistema imediatamente.

Soran sentiu uma onda de raiva selvagem e violenta, a mesma fúria que sentira com relação aos borgs mais de um século atrás. A situação não era diferente. Picard estava tentando roubar-lhe Leandra e seus filhos mais uma vez.

Toda a compaixão fugiu-lhe da alma. Faria tudo que fosse necessário, estrangularia Picard e toda a tripulação da *Enterprise* com as próprias mãos, se isto o ajudasse a retornar ao lugar que passara a considerar seu lar. Soran apanhou o relógio, com discreto tremor nas mãos, olhou para o mostrador implacável, e o fechou com um estalido. Voltou-se para as irmãs Duras.

— Não há tempo para isto. Elimine-os.

B’Etor encarou-o com espanto, como se estivesse louco.

— É uma nave estelar classe Galaxy! Não há como competir com uma dessas.

Soran respirou fundo para retomar a calma e afastar o desespero que parecia prestes a devorar-lhe a razão. Não cederia. Devia haver uma solução e ele a iria encontrar. Se apenas conseguisse diminuir a velocidade dos próprios pensamentos. ..

Com súbita inspiração, puxou a prótese óptica de La Forge do bolso e a mostrou às duas mulheres como se fosse um trunfo.

— Acho que está na hora de restaurar a visão do Sr. La Forge...

Na ponte da *Enterprise*, Picard andava de um lado para o outro enquanto esperava a resposta da Ave-de-Rapina.

— Talvez não estejam lá — disse Riker.

Picard manteve o olhar fixo na tela principal, fitando as estrelas e a escuridão que em algum lugar escondia uma velha nave.

— Estão apenas decidindo se uma Ave-de-Rapina klingon de vinte anos de idade é páreo para a nave capitania da Federação.

A seu lado, Troi disse brandamente:

— Ou talvez estejam na superfície do planeta...

Picard devolveu-lhe o olhar. Era uma possibilidade que lhe ocorrera e que aumentaria a dificuldade da situação. Isto ficou claro quando Worf voltou-se do leme para encará-lo.

— Senhor... de acordo com meus cálculos, uma sonda solar lançada da nave klingon ou da superfície do planeta levaria onze segundos para alcançar o sol. — Fez uma pausa. — Entretanto, como não sabemos o ponto de lançamento, levaríamos de oito a quinze segundos para fixarmos a mira de nossas armas nela.

Picard olhou para ele carrancudo, mas não disse nada.

— É uma margem de erro muito grande — disse Riker, em voz baixa.

— Grande demais — Picard andou mais um pouco a esmo, então voltou-se para o leme. — Quanto tempo até a chegada do feixe?

— Aproximadamente quarenta e sete minutos, senhor — respondeu Data. O capitão suspirou silenciosamente em frustração.

— Tenho que achar um modo de apanhar Soran... — Lembrou-se do olhar de desespero nos olhos do cientista, beirando a loucura. Mas ainda havia inteligência neles. O instinto lhe dizia que Soran não era um assassino nato. Se Guinan tinha sido capaz de adaptar sua vida fora do nexus, então talvez Soran também pudesse ser persuadido.

Não seria fácil. Picard havia estudado os dados biográficos do cientista. Sua jovem esposa e seus filhos, todos mortos pelos borgs. Havia indicações de que os borgs interrogaram brevemente Soran pouco antes de sua fuga, o que era motivo suficiente para a loucura, como o capitão bem sabia. Mas era também uma das razões que fazia o capitão achar que poderia lidar com o cientista. Compreendia o que era perder a família num instante brutal... e o que era ter a mente invadida à força bruta. Sobressaltou-se ao ouvir o leme emitir um apito de aviso.

— Capitão — disse Worf —, uma nave klingon está removendo a camuflagem bem à nossa frente. Estão nos chamando.

Na tela, uma porção do veludo negro oscilou, transformando-se numa Ave-de-Rapina.

— Na tela — ordenou Picard.

Enquanto observava, a nave desapareceu, sendo substituída pelo sorriso de dentes serrilhados de Lursa e B'Etor.

— Capitão — a voz de Lursa era falsamente calorosa. Ela inclinou-se para a frente na cadeira, com o longo cabelo negro escorrendo pela armadura de ferro e couro. — Que prazer inesperado.

Picard sentiu as próprias feições enrijecerem.

— Lursa, quero falar com Soran. Seu sorriso tornou-se tímido.

— Sinto dizer que o doutor não se encontra mais a bordo.

— Então eu me transportarei para o lugar onde ele se encontra no momento — replicou Picard. — Apenas dê-me suas coordenadas.

B'Etor falou, no mesmo tom melífluo e levemente irônico da irmã.

— O doutor preza muito sua privacidade. Ele ficaria muito... incomodado se fosse interrompido por uma equipe armada.

O capitão hesitou menos de um segundo. Tinha planejado teleportar-se armado e munido de comunicadores, para poder informar à *Enterprise* a localização da sonda. Mas se isto não fosse possível, não tinha escolha senão confiar no seu instinto, que lhe dizia que seria capaz de impedir Soran na

superfície do planeta.

— Eu me teleportarei à sua nave e *vocês* então poderão me teleportar para onde Soran se encontra.

— Senhor — Riker dirigiu-lhe a palavra, preocupado. — Não pode confiar nelas. Pelo que sabemos, elas mataram Geordi e matarão o senhor também.

— Não fizemos nenhum mal a seu engenheiro — retorquiu Lursa, com tal indignação que fez Picard acreditar no que dizia. — Ele tem sido nosso hóspede.

Riker a encarou com uma expressão fria e desconfiada.

— Então devolvam-no.

— Em troca do quê? — exigiu B'Etor.

Data ergueu o rosto para o capitão, com ansiedade.

— Entreguem-me em lugar dele, senhor. Picard ignorou-o.

— Eu me entregarei a vocês — disse às mulheres klingon. — *Se* me deixarem falar com Soran.

Soube imediatamente, a julgar pelo silêncio espantado das duas, que sua oferta seria aceita. Elas se entreolharam, tentando disfarçar o próprio entusiasmo. B'Etor inclinou-se para a frente e rapidamente sussurrou algo para a irmã klingon. Lursa assentiu com a cabeça, pensativa, então voltou a olhar para a tela.

— Consideraremos isto uma troca de prisioneiros.

— De acordo — disse Picard, aliviado, ignorando a expressão de desaprovação no rosto de Riker. A tela escureceu, voltando a exibir a imagem da Ave-de-Rapina. Picard voltou-se e dirigiu-se ao turboelevador.

— Número Um — disse. — Está no comando da ponte. Peça que a Dra. Crusher se encontre comigo na sala de transporte três.

Partiu rapidamente, antes que Riker pudesse protestar de novo, com determinação e um estranho sentimento de estar indo ao encontro de seu destino.

## *Dez*

Na úmida e superaquecida cabine, Geordi apoiava as costas pesadamente no encosto da cadeira, enquanto aguardava a volta de Soran. O aperto da microssonda em seu coração o havia deixado nauseado, levemente ofegante e suando frio. O suor lhe escorria da testa, ferindo-lhe os olhos sem visão.

Não tinha compreendido as intenções do cientista. Soran parecia volúvel e imprevisível. Logo que o interrogatório começou, Geordi tinha certeza de que iria terminar com sua execução. A voz de Soran soava tão carregada de raiva, dor e quase insano desespero que parecia indicar que faria qualquer coisa para conseguir o que queria.

Contudo, havia genuína compaixão em sua voz quando disse: *Não sou assa-sino, Sr. La Forge*. E no meio da tortura, a dor subitamente desapareceu.

Geordi sobreviveu ao excruciante sofrimento, forçando-se mentalmente a contar os segundos. Ele tinha perdido a conta algum lugar depois do nono... quando subitamente foi subjugado pela dor e pela aterrorizante convicção de que Soran se enganara e que estava realmente morrendo. Lutou para obter oxigênio, escutou a própria respiração ofegante, como um peixe fora da água afogando-se em um oceano de ar. Sentiu a consciência vacilante, e no estado de semi-delírio, percebeu com estranheza que Soran parecia sentir o que ele sentia. Soran sabia e não podia suportar.

O tormento cessou abruptamente. Trinta segundos, dissera Soran. Mas a dor fora interrompida por volta dos quinze segundos.

Geordi erguera a cabeça, esquecendo-se, em meio à lembrança da dor, que estava cego e que Soran estava com seu VISOR. *Como já disse*, arquejou, *não sei nada além do que lhe contei*.

Soran não respondera. No silêncio que se seguiu, Geordi ouviu o cientista erguer-se e parar por um longo instante antes de voltar-se e deixar a cabine.

Talvez tivesse mudado de idéia. Ou talvez não tivesse estômago para a tortura e fora buscar outra pessoa. Ou talvez...

Geordi suspirou e deixou a cabeça pender para o lado. Não adiantava ficar especulando. Ia morrer ou não. A idéia o atemorizou... mas naquele momento estava por demais exausto para desperdiçar muita energia preocupando-se com isso. Enquanto Soran deixasse a microssonda dentro dele...

Aprumou-se quando a porta se abriu com um rangido, e ficou atento ao ouvir os passos de duas... não, *três* pessoas caminharem pelo convés de

metal. Uma delas parou à sua frente, as outras duas ficaram mais para trás, uma ao lado da outra.

— Sr. La Forge. — A voz de Soran se aproximou até que Geordi pôde sentir que o cientista estava parado bem à sua frente. A voz de Soran era brusca e apressada. — Por maior que tenha sido meu prazer nesta nossa entrevista, é hora de partir. Por favor, levante-se.

Geordi ergueu-se, cambaleante. Foi agarrado pouco acima dos cotovelos por mãos enormes e quentes que o mantiveram em pé. Outro par de mãos enfiaram-lhe a túnica pela cabeça. Seus braços foram guiados até as mangas enquanto outro par de mãos colocou-lhe algo frio e metálico nos olhos.

Ele piscou os olhos e levou a mão ao VISOR, até que o mundo entrou em foco. Soran estava sorrindo, com os olhos cinza-azulados brilhantes não de desespero, mas de demente expectativa. Até mesmo suas rugas e olheiras pareciam menos evidentes, tornando-o mais jovem.

— Agora, se fizer a gentileza de nos seguir...

Apontou para a porta. Geordi girou a cabeça e viu que estava sendo escoltado por dois guardas enormes, com as bordas cor de bronze do crânio ornadas por longas mechas de cabelo negro.

— Klingons — sussurrou, voltando-se para estudar os arredores enquanto era empurrado até a porta de saída. — É uma nave klingon...

O quarteto entrou em um corredor apertado e mal-iluminado. Soran seguiu à frente do grupo, com a atenção voltada para um antigo relógio que levava na mão.

— Muito esperto, Sr. La Forge - murmurou, com uma expressão distraída e irritada. — Vocês recebem um treinamento muito rigoroso na Academia da Frota Estelar, não é mesmo?

A inquietação de Soran havia aumentado de tal forma que Geordi temeu, por um momento, estar sendo levado para sua execução. Porém, logo entraram na sala de transporte.

Soran subiu primeiro na plataforma e deu um único comando:

— Ativar.

Um dos guardas foi para trás do painel e obedeceu. Geordi tentou olhar por cima do ombro, na expectativa de averiguar as coordenadas, mas o segundo guarda postou-se às suas costas, bloqueando-lhe a visão.

O transportador zuniu agudamente. A imagem de Soran começou a se desmaterializar, e então voltou a aparecer com uma chuva de fagulhas. O rosto do cientista encheu-se de raiva, enquanto o guarda trabalhava febrilmente nos controles do painel. A figura de Soran oscilou novamente e dissolveu-se, mas não antes que Geordi lesse em seus lábios: *Imbecis...*

Foi então empurrado para uma das plataformas. A nave klingon

desapareceu de vista sendo substituída pelas elegantes e reluzentes paredes da *Enterprise*. Geordi teve a leve impressão de ter visto o capitão Picard desmaterializar-se a seu lado. Em seguida, deu um passo adiante e caiu de joelhos na frente da Dra. Crusher que o aguardava...

Na superfície de Veridian III, Picard ergueu os olhos para o céu arroxeadado, e pensou no Éden antes da criação do homem. Não se ouvia o som de aeronaves, fábricas ou vozes, não se via cidades nem naves singrando rumo ao horizonte. Os únicos sons audíveis eram o de pequenos mamíferos na luxuriante vegetação e o canto doce e agudo de pássaros, vendo-se apenas nuvens, montanhas e árvores velhas.

Olhou para baixo e viu que estava sobre a empoeirada superfície de argila de uma planalto cercado por vegetação. Diante dele, um andaime havia sido erguido encostado a uma rocha bastante alta, o único sinal da intervenção humanóide.

Por instinto, voltou-se e se deparou com Soran, a fitar calmamente o antigo relógio de bolso. O cientista fechou o relógio, guardou-o e sorriu para Picard.

— Deve achar-me completamente louco. — Parecia externamente circunspecto, mas o discreto tremor nos cantos dos lábios denotava uma volubilidade emocional, e havia dor em seu olhar.

Picard respirou fundo, hesitou, então admitiu:

— A idéia me passou pela cabeça.

Os olhos azuis de Soran tornaram-se um pouco mais severos, apesar de o sorriso não ter se alterado.

— Pense o que quiser, capitão. — Voltou-se e começou a se afastar em direção ao andaime.

Picard deu um passo à frente.

— Soran... disseram-me que foi interrogado pelos borgs.

Não virou o corpo, mas sua cabeça voltou-se rapidamente para trás a fim de encarar o capitão, cheio de suspeita no olhar.

— O que você tem com isso?

— Eu... tive uma experiência pessoal com os borgs. — Picard hesitou, escolhendo cuidadosamente as palavras, não apenas por causa de Soran, mas por si mesmo. Falar da experiência, mesmo para amigos em quem confiava, não era algo fácil. Percebeu que suas palavras e sua emoção haviam impressionado Soran. O cientista o encarou, com a testa franzida, enquanto o capitão dizia:

— Eles me capturaram. Transformaram-me em um deles. Usaram-me

contra a Federação... — Fez uma pausa diante da lembrança dolorosa. — A experiência quase me destruiu, mas sobrevivi. Fui ajudado... por bons amigos... — Deu outro passo na direção de Soran e estendeu o braço. — Soran... não deixe que o que aconteceu o destrua. Podemos ajudá-lo...

O cientista sentiu tamanha amargura tomar-lhe as feições, que não pôde reprimir uma careta.

— Agradeço-lhe a preocupação, capitão. Mas o que vou fazer não vai me destruir. Muito pelo contrário, na verdade. — Recompôs-se, conseguindo exibir outro sorriso amarelo. — Perdoe-me por não me sentir tocado por seu apelo emocional. Como vê, não acredito que tenha vindo aqui por estar carregado de preocupação com meu bem estar. A única razão possível para estar aqui é que não está completamente confiante de poder abater minha sonda. Por isso veio tentar dissuadir-me de meu terrível plano. — Fez uma pausa para dar ênfase, depois disse, com pesada ironia: — Boa sorte.

Deu as costas para o capitão e caminhou, confiante, rumo ao andaime.

Picard moveu-se para segui-lo. Um brilhante clarão o cegou, arremessando-o de costas contra a empedernida argila e tirando-lhe o ar dos pulmões. Lutou, ofegante, para recobrar o fôlego, depois sentou-se vagorosamente e piscou os olhos até a vista clarear.

Um campo de força, naturalmente. Mas tinha rapidamente sumido de vista, protegendo Soran de modo invisível. Picard suspeitou que também estivesse cercando o andaime. O capitão firmou-se nos pés e cuidadosamente caminhou até onde previa estar o campo de força.

Do outro lado, seguro de si, Soran o ignorou, franzindo a testa para o céu e depois fitando uma prancheta que trazia na palma da mão.

Picard chutou um pouco de terra, vendo o campo repeli-la com pequenas cintilações. Estava determinado a chegar até Soran, se não por meio de palavras, então atravessando de algum modo o campo.

— Não precisa fazer isso, Soran — gritou. — Estou certo de que poderá encontrar outro meio de chegar até o nexus.

O cientista não reagiu, apenas continuou de costas para Picard, pálido e vestido de negro como se estivesse de luto, concentrando-se nos dados que tinha na mão. Pressionou alguns controles... e Picard assustou-se ao ver uma pequena plataforma de lançamento de sondas remover a camuflagem perto do cientista.

Soran caminhou tranqüilamente até a plataforma, subiu ao painel de controle e começou a trabalhar. Com a voz impassível e indiferente de um cientista que explica a outro o funcionamento de um painel, disse:

— Passei oitenta anos procurando outra maneira, capitão. Só existe esta. — Hesitou e então inclinou a cabeça para Picard, com um sorriso sincero

nos lábios. — Naturalmente, pode vir comigo se quiser. Considera-se um explorador. Eis aqui a chance de explorar algo que nenhum homem jamais experimentou.

A voz de Picard tornou-se gélida.

— Não, se isto custar a vida de mais de duzentos milhões de pessoas. Soran recuou, como se tivesse sido golpeado. *Então*, pensou Picard, *toquei um nervo exposto...*

Mas o cientista rapidamente escondeu a perturbação. A expressão calma e controlada novamente tomou-lhe o rosto.

— Como quiser — disse descontraidamente, voltando a concentrar-se na prancheta.

— Soran... — Picard permitiu que suas feições e sua voz se amenizassem. — Soube que perdeu a esposa e a família por causa dos borgs. Sei o que significa perder a família e sentir-se solitário. Não é o único que passou por isso. Mas voar até o nexus não vai trazê-los de volta...

Soran ergueu o rosto rapidamente, com o rosto vermelho de raiva.

— *Engana-se*, capitão. Não esteve lá. Não tem a mínima idéia do que é o nexus e do que ele é capaz. Tudo o que já perdeu na vida, capitão... pode tê-los de volta. E mais ainda.

— Então é por isso — sussurrou Picard. — Quer trazê-los de volta. Faria qualquer coisa, mataria qualquer um, para trazê-los de volta.

O cientista não disse nada. Apenas fitou Picard, por um segundo fugaz, com uma expressão de total desamparo, desviando rapidamente os olhos.

— Fico-me perguntando — disse Picard, lentamente. — Será que sua esposa Leandra sabia que se casou com um homem capaz de cometer assassinato em massa?

Soran não ergueu o rosto do painel, mas Picard viu algo sombrio e feia percorrer-lhe o corpo. O capitão pressionou-o ainda mais.

— Quando punha seus filhos na cama... será que eles suspeitavam que o pai iria um dia matar milhões, de modo tão natural como lhes dava um beijo de boa noite?

Até que, por fim, Soran parou o que fazia e ergueu o rosto. Por um instante, ainda havia desamparo em seu olhar, assombrado pelas lembranças. Picard sentiu um frêmito de esperança. Então, a indiferença transferiu-se do sorriso vazio do cientista para seus olhos.

— Bela tentativa — sussurrou, com a voz rouca, e voltou ao trabalho.

Assim que recobrou a consciência, Geordi La Forge foi dominado pelo medo irracional de estar de volta à Ave-de-Rapina klingon. Soran o aguardava naquele silêncio misturado ao rugir dos motores da nave e ao

incessante tique-taque de um relógio. Porém, toda a compaixão tinha se esvaído da voz do cientista ao dizer: *Sinto informar que seu tempo terminou, Sr. La Forge. Vamos experimentar os seis minutos inteiros, está bem?*

Geordi abriu os olhos e deixou escapar uma interjeição, que se transformou em um suspiro de alívio ao ver-se cercado pela visão familiar da enfermaria da *Enterprise*. Piscou várias vezes para afastar os últimos vestígios do sonho.

Tivera medo a bordo da Ave-de-Rapina, mas a dor e Soran já eram apenas uma confusa lembrança. Estava seguro, porém começava a se dar conta do risco que correria. Poderia ter sido morto...

Afastou o pensamento quando a Dra. Crusher inclinou-se sorridente sobre a biocama, deixando cair os cabelos castanhos sobre as orelhas.

— Como está se sentindo?

Retribuiu o sorriso e percebeu que, fisicamente, estava apto a voltar ao trabalho.

— Estou ótimo.

Ela concordou com a cabeça.

— Não se preocupe. Não houve dano permanente. Apenas uma pequena cicatriz arterial e uma lesão superficial do miocárdio. Removi a microssonda, e acho que você vai ficar bem. Mas quero fazer mais alguns exames.

— Obrigado, Doutora — disse, sentando-se. Percebeu pela voz e expressão da médica que ela estava apenas sendo cautelosa ao extremo, como sempre.

A médica deu um passo para o lado, dando passagem a Data, que estava de pé atrás dela.

— Data! — sorriu Geordi. Quis perguntar se o chip emocional fora removido, mas não foi preciso. O olhar do andróide estava cheio de preocupação mesclada de remorso. — Então, você não removeu o chip, afinal de contas?

— Não. Ele se fundiu à minha rede neural. Removê-lo seria muito complicado. .. por isso, estou tentando aprender a controlar minhas emoções.

— Data suspirou profundamente. — Não tem sido fácil. Fiquei muito preocupado com você, Geordi.

— Está tudo bem. — Geordi abriu os braços. — Estou aqui e estou bem.

— E mais do que isso. — Data fez uma pausa, então baixou a cabeça. — Deixei que Soran o raptasse. Podia ter evitado, mas não o fiz. Se você tivesse morrido...

— Mas não morri. Já acabou. E estou bem. O andróide ergueu o rosto, desconsolado.

— Sinto muito ter falhado com você, Geordi. Não tenho sido eu mesmo ultimamente.

Impulsivamente, Geordi estendeu o braço e deu uma palmadinha na mão do amigo.

— Não, não tem mesmo. Você tem agido como um humano. — Fez uma pausa. — Eu compreendo. Quando Soran me torturou, tive medo. A morte pode ser algo muito assustador, Data. É normal temê-la.

O andróide inclinou a cabeça num gesto que lembrava tanto o velho Data, que fez Geordi sorrir.

— Concordo — disse Data, pensativo. — Mas antes de o chip ser implantado, isso não fazia sentido para mim. — Fez uma pausa. — *Ainda* não faz, mesmo depois de ter experimentado a emoção. Por que é assim tão terrível deixar de existir?

Geordi deu de ombros.

— Não sei. Medo do desconhecido, talvez... Ou talvez seja apenas porque nosso instinto de preservação da vida é muito forte.

— Mas isto é *horrível* — disse Data. — Estou destinado a viver mais do que qualquer um nesta nave e ainda assim fico aterrorizado com a idéia de que um dia, no futuro, vou... deixar de existir. E também por saber que perderei todos os meus amigos. — Trocou um olhar expressivo com Geordi. — Como consegue suportar isso?

Geordi não respondeu imediatamente.

— Não temos muita escolha, eu acho. E... para ser sincero, tento não pensar nisso a maior parte do tempo. — Hesitou. — Mas talvez devêssemos fazê-lo. Isso faria com que apreciássemos cada momento... e nos sentíssemos gratos pelos amigos — sorriu para o andróide e estendeu o braço novamente -de modo muito mais intenso.

Enquanto olhava, a expressão tristonha de Data lentamente transformou-se num sorriso.

— Estabeleci contato — disse Qorak, o navegador.

B'Etor trocou um rápido olhar com a irmã e sorriu, aliviada. Até aquele momento, não tinha confiado muito em Soran. Havia muita bondade por trás da loucura em seu olhar. Contudo, a intensidade de suas emoções a fascinavam, mesmo sendo um mísero humano, uma raça pela qual nunca se sentira atraída. Fisicamente, Soran não era exceção: magro, franzino e baixo pelos padrões klingon. Mas havia algo diferente nele: o cabelo curto, branco e brilhante, a pele translúcida, os olhos claros.

Aqueles olhos,.. tinham uma força que raramente vira, mesmo nos mais decididos machos klingons. Seus olhos rebrilharam com essa mesma força

ao socá-la na ponte. Respeitava aquela força... pois sabia que poucos a possuíam, além dela própria e da irmã. Sua vida e todo o seu ser estavam dominados por uma única paixão: ver a família Duras reconquistar o poder. Com a ajuda de Soran, poderia consumir essa paixão. E mais: com a arma de trilitio, as irmãs Duras poderiam conquistar muito além do Império Klingon, que lhes pertencia por direito de nascença. Com tal poder, logo toda a galáxia seria sua.

Quase chegara a matar Soran quando ele a esmurrou, mas mesmo em sua raiva, foi forçada a admirar alguém que ousasse atacá-la em sua própria ponte, na frente de seus soldados.

Queria poder confiar nele. Pois, caso contrário, apesar da atração que sentia, cuidaria pessoalmente de sua execução.

— Coloque na tela — ordenou Lursa.

B'Etor prendeu a respiração. A estática encheu a tela, depois clareou gradualmente até mostrar... uma imagem em branco. Nada além do branco. Por um instante, sentiu uma punhalada de ódio. Soran mentira e as traíra...

Então, retomou o fôlego, gentilmente, ao perceber que estava olhando para um teto no interior da *Enterprise*. B'Etor voltou a sorrir quando Lursa disse brandamente a seu lado:

— Está funcionando...

— Onde ele está? — perguntou B'Etor.

Como que respondendo a pergunta, um rosto humano apareceu, enchendo toda a tela. Era uma mulher, com uma face tão pálida e Usa que, aos olhos de B'Etor, parecia nua e inacabada, como um feto em gestação. A mulher inclinou-se sobre o visor, sorrindo com dentes anormalmente iguais e pequenos, deixando cair uma franja de seu fino cabelo para a frente.

B'Etor recuou com uma careta.

— As mulheres humanas são tão repulsivas...

A mulher começou a falar silenciosamente. Lursa e B'Etor viram-na se afastar. Logo, apareceu o estranho andróide de olhos dourados, que também proferiu palavras silenciosas... Daí a mulher voltou e começou a realizar o que pareciam ser exames médicos, levando tanto tempo que fez B'Etor agitar-se na cadeira e murmurar um palavrão.

Mesmo assim, as duas continuaram a fitar a tela. Havia muito em jogo, uma galáxia inteira, caso a vigilância falhasse. Por fim, a visão deixou a enfermaria e seguiu pelos corredores da *Enterprise*. B'Etor sentiu-se encher de esperança... até que a cena mudou, mostrando uma luxuosa cabine particular. Logo, as duas irmãs estavam olhando para uma cascata de água corrente.

— Ele está tomando *banho* ! — grunhiu Lursa.

B'Etor fitou a tela com irritação, enquanto um par de pés escuros aparecia chapinhando a água. Voltou-se para a irmã.

— Pensei que ele fosse o engenheiro-chefe.

— E é — respondeu Lursa, desanimada.

— Então, *quando* é que vai para a engenharia?

B'Etor calou-se quando Lursa tocou-lhe o braço com a mão a fim de chamar-lhe a atenção e apontou para a tela. A cena havia se alterado novamente, mostrando vapores e névoa. B'Etor inclinou-se para a frente, ansiosa, até que uma mão apareceu no meio da névoa...

Então, a mão limpou a névoa e fez aparecer o reflexo do rosto descontraído de La Forge.

B'Etor jogou-se na cadeira e uivou de frustração.

Em outra ponte, Will Riker estava se sentindo bastante inquieto, enquanto observava a Ave-de-Rapina na tela principal. Compreendia os motivos que levaram Picard a se teleportar para Veridian III, mas não confiava nem um pouco nas irmãs Duras. Não que temesse um ataque direto, pois a nave klingon não era páreo para naves como a *Enterprise*, mas sabia que Lursa e B'Etor eram capazes de grandes atos de traição. Não conseguia afastar o inoportuno pressentimento de que alguma coisa estava prestes a acontecer, algo terrível, e não somente ao capitão.

Talvez Deanna percebesse o mesmo, ou talvez simplesmente estivesse captando a inquietação que ele sentia. Em qualquer das hipóteses, estava ciente de que seus olhos escuros o fitavam com preocupação. Não olhou para ela, dirigindo a atenção para Worf, que analisava os dados de seu monitor com uma carranca decidida.

— Teve sorte, Sr. Worf? — Inclinou-se sobre o painel. O klingon abanou a cabeça.

— Não, senhor. Ainda não consegui localizar o capitão.

Riker voltou-se, quando as portas do turboelevador se abriram. Data entrou na ponte e dirigiu-se a seu posto. O estado de espírito do andróide havia mudado drasticamente desde a última vez em que Riker o vira. Os lábios de Data estavam ligeiramente curvados para cima num sorriso. Sua postura era ereta e seus passos animados.

— Data — disse Riker —, os sensores não conseguem penetrar na ionosfera do planeta. Há muita interferência. Consegue descobrir outra maneira de procurarmos formas de vida?

Data acomodou-se em seu posto e ergueu o rosto para o oficial comandante. Seu sorriso ampliou-se.

— Ficarei muito feliz em fazê-lo, senhor. Adoro procurar formas de

vida. — Pôs-se imediatamente a trabalhar, improvisando uma cantiga: — Formas de vida... pequeninas formas de vida... onde estão vocês?...

Riker deixou cair o queixo de espanto. Não ousou voltar-se para o outro lado, para não ter que encarar o olhar de Deanna. Mas acidentalmente virou-se para o klingon, que lhe lançou um olhar tão martirizado que o fez desviar o rosto rapidamente, antes de cair na risada.

Em cima do planalto, Picard movia-se lentamente, dando, de tempos em tempos, um disfarçado chute na terra, observando para onde eram repelidas as pedrinhas, demarcando o perímetro do campo. Acima dele, o sol de Veridian brilhava no céu, mas não por muito tempo, temia o capitão. Soran estava inclinado, totalmente concentrado no painel de controle da plataforma de lançamento. Se não fosse impedido logo...

— Soran — disse Picard, em voz alta. O cientista não ergueu o rosto. — Posso ver que apesar de tudo você ainda é dotado de compaixão. Poderia ter matado meu engenheiro...

Sem tirar a atenção do trabalho, Soran o interrompeu bruscamente:

— Não tive tempo para isso.

— Não acredito. — Picard deu mais alguns passos ao redor do perímetro do campo de força, dando outro chute disfarçado. A terra e as pedrinhas chocaram-se contra o campo, numa colorida cintilação, e caíram no chão. — Teria sido tão fácil matá-lo quanto deixá-lo partir. Soran... você tinha mulher e filhos. Eles morreram numa tragédia sem sentido. Não vê que se transformou naquilo que mais desprezava? O ato que está prestes a cometer não difere do que os borgs fizeram ao destruir seu planeta. Duzentos e trinta milhões de esposas, maridos e filhos...

Mantendo a atenção nos controles da plataforma de lançamento, o cientista respondeu, por fim, com tamanha frieza e alheamento que fez Picard sentir um calafrio:

— Tem razão. E houve uma época em que eu não seria capaz de ferir ninguém. Então vieram os borgs... e me mostraram que a única constante neste universo é a morte. — Fez uma pausa para apertar um controle, então continuou no mesmo tom desapassionado:

— Depois disso, comecei a perceber que nada importava. Todos vamos morrer, afinal de contas. É só uma questão de lugar e tempo. Você também vai morrer um dia, capitão. Talvez contraia uma doença fatal... morra em batalha... — Ergueu o rosto e fitou Picard com um olhar que lhe atravessou a alma: — ... ou morra queimado em um incêndio.

Sem querer, Picard sentiu-se paralisado. Soran desceu da plataforma de lançamento e aproximou-se, até ficar bem do outro lado do campo de força.

— Parece surpreso — disse, brandamente. — Mas não devia. Estive no

nexus, capitão. Sei o que se passa na mente das pessoas. — Inclinou-se para a frente, com os olhos brilhantes de desespero, como Picard os vira da primeira vez na sala de recreação. Sua voz tornou-se pouco mais que um sussurro. — Não começa a sentir que o tempo está vencendo a batalha contra você? Ele é um predador. Está caçando você. Pode tentar escapar usando médicos, remédios... novas tecnologias. Mas, no final, o tempo irá alcançá-lo e destruí-lo.

— Ao terminar, seus lábios torceram-se de amargura.

Picard baixou o olhar. Era impossível negar a veracidade das palavras de Soran. Ele próprio, Picard, sentia a mesma amargura e a mesma raiva pela evidente injustiça da morte. Lutou para encontrar um contra-argumento, mas as palavras que escolheu pareceram sem sentido, meros clichês.

— Somos todos mortais, Soran. É uma das verdades a respeito de nossa existência.

— E uma verdade feia — disse Soran, emocionado. — Uma verdade *sórdida*. — Fez uma pausa. A raiva começou a desaparecer de suas feições, substituída por um êxtase crescente. — E se lhe dissesse que descobri uma nova verdade...

— O nexus — disse Picard.

O rápido sorriso de Soran foi uma confirmação.

— Passei os últimos oitenta anos conversando com outros sobreviventes da *Lakul* a respeito das experiências que tiveram no nexus, pesquisando a respeito dele e tentando compreendê-lo. O tempo não tem significado lá — disse, com um maravilhamento que apagou todos os traços sombrios de seu rosto e olhar.

— O predador não tem dentes lá. Pense nisso, capitão... a maldição que assola todo o universo desde o início da vida... desapareceu. Não existe mais a morte nem o sofrimento...

Fitou, com ansiedade, o céu, com o rosto subitamente iluminado pela luz do sol e pela esperança. Deu as costas a Picard e voltou correndo para a plataforma de lançamento de sondas.

Picard ficou observando, sentindo-se derrotado. Não podia mais argumentar com a lógica assassina de Soran. A única saída seria encontrar uma maneira de passar pelo campo de força. Olhou de novo para Soran, cuja atenção estava inteiramente voltada para o painel de controle da plataforma de lançamento, e começou a andar em volta do campo de força.

Não tinha ido muito longe, quando encontrou uma grande e velha árvore, dividida ao meio pelo campo. Seguiu-lhe o tronco até as enormes e retorcidas raízes, que formavam protuberâncias arredondadas no solo. Uma das maiores raízes erguia-se a vários centímetros do chão, formando um

pequeno arco através do qual podia-se ver a luz do sol.

Disfarçadamente, Picard inclinou-se e apanhou uma pedrinha, jogando-a na direção de Soran. O campo brilhou, revelando algo que encheu Picard de súbita esperança: o campo de força se estendia até a borda da raiz, mas não descia abaixo do arco.

Como se tivesse pressentido o perigo, Soran ergueu o rosto ao ouvir o som crepitante.

— Cuidado, capitão. É um campo de força de cinqüenta gigawatts. Não gostaria de vê-lo machucado.

Picard mordeu os lábios ao ouvir a ironia na voz do cientista. Se tudo acontecesse da maneira planejada por Soran, o capitão seria destruído pela onda de choque desencadeada.

— Obrigado — respondeu friamente, e esperou que Soran voltasse a olhar para os controles, antes de apanhar mais pedrinhas.

Na ponte da Ave-de-Rapina, B'Etor estava sentada, olhando carrancuda para a tela, que mostrava os corredores da *Enterprise*. Ergueu o rosto quando a irmã, que tinha sido vencida pela impaciência e deixara a ponte, vinha voltando.

Lursa olhou para a tela junto com a irmã.

— Onde está agora?

— Não sei — disse B'Etor. — Ele tomou banho... agora está passeando pela nave... Deve ser o único engenheiro da Frota Estelar que nunca vai para a engenharia!

Lursa sentou-se a seu lado com um grunhido descontente. Ao fazê-lo, a imagem virou uma esquina e passou por uma pequena placa na parede onde se lia: ENGENHARIA.

B'Etor inclinou-se para a frente na cadeira, ansiosa.

— Até que enfim!

Ficaram observando o engenheiro aproximar-se de outro humano de uniforme, parar e começar uma conversa. B'Etor franziu a testa, tentando ler os lábios do homem. Tinha um conhecimento notável da língua padrão e conseguiu discernir as palavras "diagnóstico" e "geradores".

A imagem da tela mudou novamente, mostrando algo que fez B'Etor quase erguer-se da cadeira: uma série de monitores ao lado de uma representação gráfica da *Enterprise*. Então, novamente, a imagem começou a desviar-se para a esquerda.

— É isso! — Lursa voltou-se e agarrou o punho da irmã. — Faça um *replay* a partir da contagem de tempo quatro-dois-nove.

B'Etor dedilhou rapidamente os controles do painel de sua cadeira. A

imagem do seu pequeno monitor e da tela principal começou a voltar, até mostrar novamente a série de monitores e o diagrama da *Enterprise*.

Lursa tocou o diagrama no pequeno monitor do painel de B'Etor.

— Amplie esta área e projete.

B'Etor trabalhou novamente, ampliando a imagem do diagrama da *Enterprise*. Lursa inclinou-se até deixar o rosto a um palmo de distância do painel da cadeira, e leu em voz alta, apertando os olhos:

— Seus escudos estão funcionando em uma modulação de dois-cinco-sete vírgula quatro...

Ergueu-se, com o rosto vivo de emoção, e lançou para B'Etor um olhar cheio de triunfo.

— Ajustar a frequência de nossos torpedos para igualar a modulação — gritou B'Etor, com a voz cheia de entusiasmo. — Dois-cinco-sete vírgula quatro! — sorriu para a irmã, igualmente exultante, pois com aquelas palavras havia assegurado a destruição da *Enterprise* e a vitória da família Duras.

## Onze

— Senhor — disse Data. Seu rosto, antes alegre, denotava preocupação ao encarar Riker. — Estou detectando uma leitura subespacial anômala no setor principal da engenharia. Pode ser...

Riker não ouviu o resto. A nave oscilou violentamente para bombordo, jogando-o de encontro ao braço da cadeira. Conseguiu segurar-se e voltou a cabeça para a tela, onde o brilho intenso da recente explosão esmorecia, revelando a imagem da Ave-de-Rapina com Veridian III ao fundo. Enquanto Riker observava, outro torpedo brilhante emergiu da nave klingon e cruzou implacavelmente o espaço na direção da *Enterprise*.

Mal teve tempo de segurar-se antes do impacto seguinte, que veio com tamanha força que o deixou espantado por não ver o casco superior rasgado ao meio.

Acima das sirenes de alerta vermelho, Worf gritou:

— Descobriram um modo de atravessar nossos escudos!

— Apontar phasers e responder ao fogo! — ordenou Riker.

Na tela, os escudos da Ave-de-Rapina brilharam ao absorver o impacto dos phasers da nave estelar.

Era uma situação desesperada, percebeu Riker, antes mesmo de ver na tela o próximo torpedo fotônico riscar o espaço em sua direção. Sem os escudos, a *Enterprise* seria feita em pedaços.

A nave oscilou novamente. O painel do leme explodiu em uma chuva de fagulhas, arremessando o oficial de navegação ao chão.

— Deanna! - gritou Riker. — Assuma o leme. Tire-nos de órbita.

Troi ergueu-se rapidamente da cadeira e correu cambaleando até a cadeira oscilante do leme. Em segundos, Veridian III desapareceu da tela... mas a nave klingon seguiu no encaixe da *Enterprise*. Riker percebeu que não seria o suficiente, ao semicerrar os olhos na direção do brilho ofuscante de outro torpedo que se aproximava. Lursa e B'Etor haviam descoberto uma maneira de sobrepujar o armamento superior da *Enterprise*. Era hora de Riker devolver na mesma moeda.

Enquanto a nave estremezia novamente, Data gritou com a voz estridente de pânico:

— Ruptura do casco nos conveses trinta e um até trinta e cinco!

— Worf! — Riker interrompeu o que dizia e segurou-se, quando outro impacto sacudiu a ponte fazendo as luzes piscarem. — É uma nave klingon muito velha. O que sabe a respeito dela? Tem algum ponto fraco?

Worf agarrou-se ao painel, enquanto a nave oscilava.

— É uma Ave-de-Rapina classe D-12. Foi retirada da ativa por causa de defeitos nas bobinas de plasma.

— Bobinas de plasma? Existe algum meio de usarmos isso em nosso benefício?

— Não vejo como — respondeu Worf. — As bobinas de plasma fazem parte

do dispositivo de camuflagem.

— Data! — Riker voltou-se, tendo uma súbita inspiração. — Uma bobina de plasma defeituosa não seria sensível a algum tipo de pulso iônico?

— Talvez... — Data franziu a testa, pensando no assunto, então ficou radiante de entusiasmo. — Sim! Se enviarmos um pulso iônico de *baixa* intensidade, poderíamos reconfigurar a bobina e *ativar* o dispositivo de camuflagem. Excelente idéia, senhor!

Worf assentiu com a cabeça, não para aquela idéia.

— Quando o dispositivo de camuflagem for ativado, seus escudos cairão.

— Certo — disse Riker. — E ficarão vulneráveis por no mínimo dois segundos. — Olhou para o andróide. — Data, fixe a mira na bobina de plasma.

— Sem problemas — respondeu Data, confiante. Correu até a parede, removeu um painel e começou a redirecionar os circuitos numa velocidade sobre-humana.

— Worf. — Riker voltou-se para o klingon. — Prepare uma salva de torpedos fotônicos. Temos que atingi-los no momento em que começarem a se camuflar.

— Sim, senhor. — Worf começou a trabalhar em seu painel.

— Só teremos a chance de fazer um único disparo — prosseguiu Riker. — Aponte para o reator primário. Com sorte, faremos o núcleo do motor de dobra explodir.

— Consegui acesso ao código da bobina de plasma — gritou Data, deitado no convés. — Iniciando pulso iônico...

A ponte oscilou novamente. Riker segurou-se, curvando a cabeça quando o painel traseiro explodiu, expelindo fumaça e estilhaços.

— Seja rápido!...

Um momento antes, na ponte da Ave-de-Rapina, B'Etor sorriu para a irmã mais velha, embriagada por vislumbres de vitória. Soran havia se mostrado um aliado valoroso. Dera-lhes não apenas uma arma de incrível poder, mas também elaborara um plano que lhes proporcionaria o prazer de destruir a *Enterprise*. Quem ousaria ficar em seu caminho depois disso?

B'Etor permitiu-se sonhar acordada: Imaginou-se grisalha e enrugada, contando aos familiares e seguidores a história de como ela e a falecida irmã haviam, com apenas uma antiga Ave-de-Rapina, destruído a grande nave estelar classe Galaxy...

O convés oscilou levemente a seus pés. Ela lançou um olhar para o oficial do leme, que rapidamente informou:

— Pequenos danos na nacele de bombordo. Nossos escudos estão agüentando.

Seu sorriso ampliou-se.

— Dispare à vontade...

Observou com indizível deleite os torpedos atingirem o alvo, abrindo um rombo no brilhante casco de metal da *Enterprise*. *Foi sábio em aconselhar o capitão a não confiar em nós, comandante Riker. Está vendo sua previsão concretizar-se agora?*

A seu lado, Lursa ria de puro contentamento.

— Mire na ponte.

— Disruptores em potência máxima — acrescentou B'Etor. Já haviam saboreado a vantagem por bastante tempo. Era hora de matar rápida e certamente.

O navegador deixou escapar uma leve interjeição, mortalmente surpreso, fazendo com que B'Etor virasse rápido a cadeira, substituindo bruscamente a euforia pela preocupação.

O navegador lançou-lhe um olhar arregalado de pânico.

— Estamos nos camuflando!

— O quê? — B'Etor engasgou.

— Senhora! — gritou o oficial do leme. — Nossos escudos caíram!

Não houve tempo para emitir uma ordem. Pôde apenas arregalar os olhos para a tela, espantada com a visão da salva de torpedos que riscava o espaço em sua direção. Por fim, trocou um último olhar aturdido de derrota com a irmã.

A ponte foi sacudida pelos impactos, que chegaram tão rápida e violentamente que fizeram B'Etor perder o equilíbrio, cair da cadeira e agarrar-se ao piso. À sua volta, painéis explodiram em chamas, corpos foram arremessados, homens gritaram. Então, um rugido começou a soar, vindo da parte central da nave, aumentando gradualmente de intensidade até fazer o convés tremer, a ponto de B'Etor sentir os dentes e o próprio crânio chacoalharem. Soube por instinto que o núcleo do motor de dobra começara a implodir e que não havia chance de sobreviver. Ela, a nave e todos a bordo seriam reduzidos a pó.

Mesmo assim, não sentiu tristeza: seria uma morte digna, a morte de

uma guerreira. Sentia apenas frustração, por ter chegado tão próximo da vitória, além de boa dose de raiva dirigida a um humano chamado William Riker.

Riker protegeu os olhos da cegante explosão na tela principal, ao ver a Ave-de-Rapina transformar-se em fragmentos flamejantes.

— Viva! — Data cantou vitória, exultante.

Riker não perdeu tempo celebrando. Apertou a insígnia-comunicador que o chamava.

— La Forge para a ponte. Comandante, tenho um problema aqui em baixo. As travas magnéticas se romperam. Preciso chegar até...

Ouviu-se um ruído sibilante, como se a chamada tivesse sido interrompida por estática. Riker franziu a testa.

— Sr. La Forge...?

Ao longe, ouviu o grito de Geordi.

— Vazamento de fluido refrigerante! Todos para fora! — Seguiu-se o som de pessoas correndo e gritando. — Ponte - chamou Geordi, com a voz agudamente ansiosa e ofegante devido à corrida. — Temos *outro* problema. Estamos a cinco minutos da ruptura do núcleo do motor de dobra. Não há nada que eu possa fazer.

— Entendido — disse Riker. Hesitou, por um instante apenas, então voltou-se para o leme. — Deanna, evacue todos para o disco. Sr. Data, prepare-se para separar a nave.

Caminhou até a cadeira do capitão, sentindo-se levemente fora da realidade, e apertou um controle que fez soar o alarme que esperara nunca ter de ouvir, exceto nos exercícios de treinamento.

Picard deteve-se à sombra da árvore, para se certificar de que Soran estava entretido no trabalho, então jogou mais uma pedra na raiz retorcida. A pedrinha errou o alvo, emitiu um brilho e ricocheteou no campo de força.

Soran ergueu o rosto. Picard sentou-se inocentemente numa rocha das proximidades, esperando até que a atenção do cientista estivesse desviada para o outro lado, então jogou outra pedrinha, com a determinação de uma criança que tenta fazer uma pedra quicar na água. Esta também foi repelida pelo campo de força.

Ergueu o rosto e viu que Soran o observava, irritado.

— Não tem nada melhor para fazer?

Não disse nada, apenas esperou novamente que Soran voltasse o olhar para o painel de controle da plataforma, então jogou outra pedra na direção da raiz.

Esta não errou o alvo. A pedra bateu na areia e rolou para a frente, passando por baixo do arco formado pela raiz, caindo do lado de *dentro* do campo de força.

Picard não se permitiu mudar a expressão do rosto, mas ficou apenas observando inocentemente o cientista terminar seu trabalho nos controles de lançamento.

Soran desceu do painel de controle e voltou-se presunçosamente para Picard.

— Tem certeza que não quer vir comigo?

— Absoluta.

Soran deu de ombros, mas tinha um ar levemente melancólico no olhar.

— A escolha é sua. Agora, se me dá licença, capitão, tenho um encontro com a eternidade, e não quero me atrasar.

Voltou-se e começou a subir pelo andaime até o topo da rocha.

Não havia tempo para novos apelos ou subterfúgios. Picard jogou-se no chão, rolou de costas e rastejou por baixo da raiz. Soltou o ar dos pulmões, usando os pés e as mãos para se comprimir contra a areia o máximo possível.

Não havia muito espaço. Tinha passado a cabeça para o outro lado do campo de força e metido os ombros por baixo da raiz, quando o campo produziu um clarão ofuscante pouco adiante de seu queixo. O choque foi dolorosamente intenso. Quando o campo estalou, Picard contorceu-se involuntariamente, controlando-se em seguida, ofegante. Olhou para cima, na direção do andaime.

Soran, que era apenas uma mancha branca e preta, interrompeu a escalada.

Picard empurrou com força os pés e contorceu-se para a frente na areia. Mas era tarde demais. De cima do andaime, Soran voltou-se e tirou um objeto da cintura.

Picard percebeu tratar-se de um disruptor, sentindo o nível de adrenalina elevar-se rapidamente. Tentou contorcer-se para se libertar. Mas as raízes prenderam-lhe firme os pés, enquanto o mundo ao redor novamente desaparecia numa intensa e mortal luz branca.

Geordi seguiu apressadamente pelos corredores da engenharia, cheio de adrenalina. Porém, apesar do caos a seu redor, da imagem borrada de corpos em movimento, dos gritos e das buzinas, não ouvia nada além da própria respiração ofegante e as batidas do coração. Sua mente parecia estar separada do corpo, que funcionava apenas por instinto. Quanto mais rápido se movia, mais lento o tempo parecia passar, ficando cada vez mais dominado pela sensação de estar fora da realidade.

Durante o tempo que passara na *Enterprise*, teve experiências nunca

previstas, nem mesmo em seus mais fantásticos sonhos. Mas apesar de todos os treinamentos e toda a preparação para aquele terrível momento, nunca acreditou que aquilo pudesse acontecer. Jamais havia imaginado que veria uma nuvem mortal de gás branco e quente saindo do núcleo do motor de dobra e que seria o último a rolar por baixo da porta de isolamento de emergência quando esta descesse.

Tinha o corpo frio de medo, mas a mente estava completamente calma, percebendo cada instante com quase insuportável clareza. Viu cada milímetro da parede, do convés e de cada painel por que passava com a nítida noção de que jamais os veria novamente. Tinha confrontado a própria finitude diante de uma escuridão quebrada apenas pela suave voz de Soran e o tique-taque de um relógio. Considerava-se, portanto, preparado para a morte. Mas não estava preparado para a idéia de que a própria *Enterprise* fosse mortal, e que a engenharia, o setor da nave no qual passara os melhores anos da vida, estava prestes a ser destruída num cegante milissegundo. Lembrou-se subitamente de Montgomery Scott, e do pesar que o velho engenheiro manifestou após vivenciar a perda da *Enterprise* original...

Enquanto uma fila de uniformes passava diante dele, um alarme começou a soar, quando uma segunda porta de isolamento começou lentamente a descer. Geordi forçou as pernas a uma velocidade impossível, sabendo, por anos de treinamento, que teria apenas segundos, dezenove segundos, para atravessar os corredores do setor civil à sua frente. Em sua mente, ouviu o tique-taque do relógio de Soran e a suave voz do cientista.

*O tempo está passando, Sr. La Forge...*

Ao acelerar o passo, pisou no calcanhar de uma tenente de cabelos escuros que, corria à sua frente. Era Farrell, com quem tinha servido por anos e de quem tinha feito troça, nos últimos cinquenta exercícios de treinamento, pois de algum modo, sempre conseguiam ser os dois últimos a sair da engenharia. Além disso, havia o fato de os pés chatos de Farrell a fazerem correr como uma pata. No último treinamento, Farrell dissera, brincando, que era uma piada na corrida, e Geordi havia rido da brincadeira.

Farrell tropeçou e voltou-se. Não havia nenhum divertimento em seus olhos escuros e arregalados. Ao ver La Forge atrás de si, estendeu a mão e tentou puxar Geordi para a frente.

— Não! — gritou Geordi, afastando-lhe a mão. — Continue correndo! — Quanto mais tempo levassem para evacuar, mais perigo haveria para o disco, se é que este iria esperar por eles.

Mas Farrell continuou lá, até que La Forge a acompanhou. Correram juntos, a toda, com os joelhos e os cotovelos se chocando.

A porta de isolamento já tinha descido até a metade quando chegaram lá.

Havia um grupo de engenheiros agachados, esforçando-se para passar para o outro lado. Geordi curvou-se e jogou-se em cima deles, arrastando-os para o outro lado da porta que se fechava.

Rolaram para dentro do corredor dos civis, onde um grupo de crianças de cinco anos de idade, algumas delas ainda com mobiles de papel colorido na mão, saía de uma sala de aula. Algumas crianças estavam com os olhos arregalados e tristonhos, outras estavam aos prantos enquanto os professores e professoras tentavam consolá-las. Outras, ainda, chamavam pelos pais, que agarravam os filhos e os levavam correndo pelo saguão. Os professores também agarraram as crianças e começaram a correr. Geordi diminuiu o passo para tomar nos braços uma menina bochechuda de olhos amendoados que carregava um ursinho de pelúcia.

Ela o agarrou firmemente enquanto corriam. Ele sentiu algo macio escorregar-lhe pelas costas e percebeu que a menina deixara cair o ursinho de pelúcia.

Não havia tempo de voltar para apanhá-lo. O ursinho já fazia parte das lembranças do passado, tal como a engenharia. Aos poucos, a criança parou de chorar e escondeu o rosto no pescoço dele. Farrell corria a seu lado, com um menino assustado nos braços. Atrás dele, uma trilha de papel colorido espalhava-se pelo convés.

A sua frente, uma das professoras diminuiu o passo para acomodar melhor a criança que tinha nos braços, e caiu de joelhos Geordi correu para seu lado e ofereceu o braço livre:

— Venha! Temos que correr!

A mulher começou a correr novamente, seguindo-os até um tubo de passagem aberto, onde um pequeno grupo esperava em fila para entrar. Os adultos empurravam as crianças na frente. Um pai histérico gritava para o filho amedrontado, que tinha estancado na entrada do tubo:

— Vai, Jeffie! Engatinhe! Estou logo atrás de você!...

Irritado, o pai finalmente conseguiu empurrar o filho para dentro do tubo e o seguiu engatinhando. Geordi e Farrell adiantaram-se e puseram as últimas duas crianças no tubo e então ajudaram o restante dos adultos.

Daí, sobraram La Forge e Farrell, que hesitou e fez sinal para que Geordi entrasse primeiro. Impaciente, Geordi a empurrou para dentro do tubo e entrou em seguida. Parou para fechar manualmente a comporta atrás de si, bastante ciente de que estava fechando a porta para o passado.

Ao ouvir o último estalido da comporta se fechando, tocou na insígnia-comunicador.

— Pronto, ponte. Estamos todos fora! — Interrompeu a comunicação bruscamente, antes que Riker escutasse seu suspiro emocionado.

Na ponte, Riker deu seu próprio suspiro de alívio ao ouvir a mensagem de Geordi. Voltou-se e inadvertidamente se deparou com o olhar de Troi. Ela o observava com atentamente, esperando a próxima ordem. A seu lado, Data parecia controlado, mas dando a impressão de que estaria suando se pudesse fazê-lo. Ergueu os olhos solenes do painel.

— Um minuto para a ruptura do núcleo do motor de dobra.

— Iniciar seqüência de separação — disse-lhe Riker, voltando-se em seguida para Troi. — Potência máxima de impulso assim que nos soltarmos.

O andróide começou a trabalhar. Riker observou a tela, que mostrava a visão traseira da *Enterprise*, enquanto o disco se separava lentamente do restante da nave. Começou a contar em silêncio os segundos, percebendo a cada momento que passava que o tempo era perigosamente curto.

— Separação terminada — disse Data, por fim. — Dez segundos para a ruptura do núcleo do motor de dobra.

Troi digitou seus controles.

— Ativando motores de impulso...

Na tela, a imagem do setor de batalha começou lentamente a retroceder. Riker continuou sua silenciosa contagem regressiva, agarrando-se à cadeira, antecipando a explosão que sabia estar prestes a acontecer.

Apesar da preparação, encolheu-se diante do brilhante *flash* da explosão do setor de batalha. A nave estremeceu, mas todos estavam bem, concluiu Riker, com grande alívio. "Os escudos nos protegeram..."

Então, o convés inclinou-se violentamente para adiante, jogando Riker da cadeira. Ele rodou no ar, acertando as costas de Troi com o ombro, e caiu de quatro. Tentou erguer-se, mas imediatamente caiu de joelhos de novo. Com dificuldade, arrastou-se até sua cadeira, tentando interpretar a estranha sensação. Havia algo de *errado* com a nave. Ela estava sacudindo e oscilando, mas não como quando estavam sob ataque. Parecia estar... em queda livre.

Agarrou-se aos braços da cadeira e endireitou-se.

— Relatório da situação!

Voltou-se a tempo de ver Troi agarrar-se ao painel e arrastar-se de volta para sua cadeira. Ela olhou para o leme e exibiu uma expressão extremamente assustada.

— Os controles do leme estão inoperantes!

Riker foi acometido de uma súbita e terrível certeza, que o fez olhar para tela principal. Era um homem bem preparado para o comando, alguém que jamais havia se curvado quando sob pressão e que nunca se permitira um instante sequer de hesitação diante do mais ameaçador problema. Contudo, a

visão da tela o deixou completamente mudo de terror.

Troi seguiu-lhe o olhar assustado e viu também: a superfície de Veridian III se aproximava deles a uma velocidade impossível.

Ninguém na ponte emitiu o menor som diante da visão. Ninguém, exceto Data, cuja interjeição espontânea e sentida falou por todos:

— Oh, *merda...*

Enquanto se arrastava pelo tubo de passagem, tendo a forma mal-iluminada de Farrell à frente, Geordi começou a sentir o batimento cardíaco e a respiração voltarem ao normal.

Tinham conseguido chegar ao disco. Começava a parecer que iam sobreviver, afinal de contas. Mas não diminuiu o passo. Os procedimentos de evacuação requeriam que se dirigissem para a área mais protegida da nave e se preparassem para a onda de choque causada pela explosão do núcleo do motor de dobra.

Tudo dependia de quanto conseguiriam distanciar-se do setor de batalha. Geordi tentou lembrar-se de quanto tempo tinha se passado desde que evacuaram a engenharia. Três minutos? Quatro?

Teve a resposta quando o tubo começou a vibrar a seus pés, e inclinou-se para a direita, fazendo todos dentro dele cairerm para o lado e escorregar. Durou uma fração de segundos, não mais que isso.

*Graças a Deus*, quase disse Geordi, pensando que tinha acabado, e que a pior parte havia passado.

Mas antes que pudesse pronunciar as palavras, a nave oscilou novamente... num estranho movimento de aceleração que não diminuía, mas a fazia tremer cada vez mais intensamente.

— Mas que *diabos* ?... — Na penumbra, a figura de Farrell voltou-se para ele.

Soube imediatamente, com uma certeza de parar o coração, o que havia acontecido. A explosão havia jogado a nave na órbita do planeta. Havia uma chance, se o ataque klingon não tivesse danificado os propulsores laterais, de que parte do disco sobrevivesse ao impacto. Mesmo assim, muitos iriam morrer. .. e não havia meio de prever quem seriam essas pessoas.

*O tempo está se acabando, Sr. La Forge...*

Gritos e gemidos de pânico ressoaram pelo tubo quando os que estavam dentro dele se viram paralizados de terror. Uma criança começou a gritar. Geordi evocou a imagem mental de Picard em seu momento mais autoritário e trovejou:

— Continuem em frente!

Lentamente, as escuras figuras à sua frente começaram a se mover outra

vez. Dentro de segundos, estava agarrando a mão de Farrell e saindo do tubo para um corredor bastante iluminado. A essa altura, a nave estava balançando e vibrando tanto, que ele teve dificuldade em manter o equilíbrio. Parecia estar numa representação criada pelo holodeck de um navio à vela do século dezanove, bem no meio de um tufão.

De algum modo, conseguiu permanecer em pé, e dirigir a fila de pessoas pelo corredor. Diante dele, dois professores se apressavam, inclinando-se para seus alunos, com os braços abertos como asas protetoras, conduzindo-os adiante. Geordi segurou a mão da menina de cabelos escuros que perdera seu ursinho, e correu na frente do grupo, gritando instruções.

— Por aqui! — Agitou os braços na direção do alojamento de oficiais mais próximo. — Sigam-me!

Chegou primeiro à entrada e parou para soltar a mão da menininha. Uma professora a segurou e correu com as crianças para dentro da segurança da sala de estar, onde encolheram-se sobre o tapete e contra os móveis parafusados no chão. Geordi ficou à porta, empurrando as pessoas para dentro, acenando para as que ainda estavam no corredor para que entrassem logo. Farrell juntou-se a ele e começou a ajudar a dirigir o trânsito das pessoas.

— Sarah! — Um pai com olhar desesperado correu para uma menina de cabelos louros que chorava, pouco antes de ela ser empurrada para dentro do alojamento, e a carregou para longe.

Geordi e Farrell continuaram trabalhando até que todo o corredor esvaziou-se, então correram para dentro e acomodaram-se no meio da multidão de adultos e crianças. Geordi jogou-se no espaço vazio mais próximo sobre o tapete e se viu diante dos olhos cheios de lágrimas da menina do ursinho, que estava deitada a seu lado. Seu rosto estava corado e molhado, seu cabelo liso desganhado, mas foi o desamparo em seu olhar que encheu Geordi de compaixão, fazendo-o esquecer seu próprio medo e pensar apenas nela. Estendeu o braço para segurar-lhe a mãozinha rechonchuda, aproximando-se para lhe falar ao ouvido de modo que pudesse escutá-lo apesar de todo o barulho de sirenes e do tremor da nave.

— Está tudo bem. Vai ficar tudo bem. Agüente firme e não largue da...

— Mamãe — gemeu ela. — Não sei onde ela está...

— Onde trabalha sua mãe? — perguntou Geordi.

— Na engenharia.

— Então ela está bem. — Alisou seu cabelo sedoso. — Todos conseguiram sair da engenharia. Eu cuidei disso pessoalmente.

— Mas *onde* está ela? — As lágrimas começaram a correr pelo seu rosto. — Não consegui encontrá-la...

— Aposto que sei onde ela está — disse, e quase sorriu ao ver o súbito lampejo de esperança no rosto da menina. Alisou-lhe o cabelo novamente.

— Está em algum lugar aqui perto, preocupando-se com você.

— Nós vamos morrer? — perguntou ela, de repente, com tanta simplicidade que o deixou espantado.

— Não — disse, com falsa certeza. — Esta é a parte mais segura da nave. Vai dar tudo certo.

Era uma mentira, naturalmente. O que quer que acontecesse, *não* estaria tudo bem. Mas não havia nada que pudesse fazer para ajudar a criança ou a si mesmo. Estavam todos à mercê de forças maiores que eles mesmos. Acomodou-se no macio e oscilante tapete, com um cansado e profundo suspiro, e esperou.

## *Doze*

Na ponte, Deanna Troi pressionou a parte de cima do corpo contra o balouçante painel do leme, e agarrou-se às bordas com toda a força para evitar que fosse arremessada para a frente. A nave passara a tremer tão intensamente que Deanna precisava manter a boca fechada para evitar que os dentes batessem. Contudo, sentia-se estranhamente calma e impassível. A vertiginosa imagem de Veridian III aproximando-se a toda velocidade provocara-lhe um medo tão primário a ponto de ser totalmente físico. Tinha a pele úmida e fria, o pulso tão rápido quanto a nave... mas a mente estava por demais atordoada para sentir medo.

Excetuando-se a sirene de alerta vermelho e o rugir da nave, tudo era silêncio. Todos na ponte esperavam, enquanto Data trabalhava em seu painel, tentando diminuir a velocidade da *Enterprise*. Troi sabia que nisso estava a diferença entre a total aniquilação e a sobrevivência. A tensão nas feições do andróide revelavam esse fato. Ergueu-se o suficiente para analisar-lhe as diferentes expressões. Era como ver representadas as emoções que todos estavam sentindo: medo, pânico reprimido, determinação, leve esperança...

Olhou para trás, na direção de Worf, que não quis encará-la. Troi compreendia. Não percebia medo no klingon, apenas a resolução de enfrentar a morte bravamente, e um certo orgulho. Se a morte chegasse, seria uma morte digna de um guerreiro. Não desperdiçaria seu tempo com remorsos, mas Troi não podia deixar de se sentir desapontada por não haver mais tempo para compartilharem juntos.

Voltou então a cabeça e trocou um olhar com Will. Ao ver-lhe o rosto, Will deixou que sua atitude de comando amenizasse um pouco, por um fugaz instante. Ela não chegou bem a sorrir. Podia ler as expressões dele tão bem, que era quase desnecessário ler suas emoções. Havia pesar em seu olhar e um brilho que denotava querer ter tido mais tempo para provar que a visão do futuro de Picard estava errada.

O futuro certamente parecia errado naquele instante, diante da possibilidade de todos morrerem juntos. O impacto iria pulverizar a nave a menos que algo pudesse ser feito para atenuá-lo. Mas esse futuro também parecia errado.

Data ergueu o olhar do painel, por fim, com um leve traço de alívio no rosto marcado pelo medo, dando a Troi uma pequena esperança.

— Redirecionei a potência auxiliar para os propulsores laterais — gritou para Riker. — Estou tentando estabilizar nossa descida...

— Vai ser o suficiente? — gritou Riker.

— Não tenho certeza, senhor. Os propulsores sofreram pequenos danos. Não há tempo de avaliá-los e tentar consertá-los. Calculo haver quarenta por cento de chance que venham a falhar...

— E sessenta por cento que funcionem. Assumo os riscos. — Riker inclinou-se para o outro lado, lutando para segurar-se com uma mão, enquanto a outra apertava o controle do intercomunicador.

— Preparem-se todos para o impacto!

Troi ergueu o rosto para dar uma última olhada na tela, e recuou espantada. Não se via mais a superfície verde e azul de Veridian III, apenas o seu céu arroxeadado.

Inclinou-se para a frente sobre seu painel. O tremor da nave aumentou tanto que não podia mais pensar, e mal conseguia manter a respiração. Pôde apenas agarrar-se firmemente, indiferente e atordoada, enquanto à sua volta os painéis irrompiam em chamas...

Ao ouvir um súbito grito agudo, tentou erguer a cabeça. A gravidade a forçou para baixo novamente. Apertou o rosto contra o painel, e voltou-se na direção do som: um grito quase humanóide.

Em meio à visão tremida e enevoada da ponte, identificou a origem do grito: uma parede distante estava se amarrotando, como papel sendo lentamente amassado. Era o som do metal cedendo, da nave gritando. Olhou para a tela e viu uma imagem confusa em verde e marrom.

Começou a sentir pelos pés um solavanco tão intenso e gelidamente quente quanto um relâmpago, espalhando-se pelo corpo até o crânio. Era o impacto, concluiu ela. No mesmo segundo em que o pensamento lhe ocorreu, foi quase que imediatamente apagado, sacudido para fora de seu cérebro aturdido e substituído pela escuridão, quando Troi foi arremessada para frente e para cima, na direção da tela principal...

Soran ergueu o disruptor e apertou os olhos na direção da nuvem de pó e fumaça que se erguia da árvore, por onde Picard tinha conseguido se esgueirar para dentro do campo de força. O cientista desceu de um pulo para um nível mais baixo, com a arma cm riste e a mente cheia de ira. Não havia tempo para lidar com interrupções! Devia ter matado o humano de uma vez, assim que chegara, para não ter o aborrecimento de fazê-lo depois.

*Mas, não. Você tinha que ter o coração mole. Para quê? Logo vai ter o sangue de duzentos e trinta milhões de pessoas nas mãos... Que diferença faz mais um ?*

Uma brisa soprou, dispersando a névoa e revelando um buraco queimado no chão, no lugar onde o capitão tinha estado.

Mas nada de Picard...

Frustrado, Soran olhou em volta, perscrutando as nuvens de fumaça em redor. Nem sinal do capitão...

Subitamente, o céu começou a brilhar com o esplendor que conhecera muito tempo atrás, fazendo Soran prender o fôlego e olhar para cima.

Uma serpente de luz, nas cores do arco-íris, riscava o céu, deixando Soran tão deslumbrado por sua beleza e pela promessa que encerrava, que seus olhos arregalados encheram-se de lágrimas.

Não havia tempo. Não havia tempo para procurar Picard, não havia tempo para mais nada além de escalar o andaime e preparar-se para escapar daquele inferno temporal.

Soran subiu, cegado pela flamejante glória do feixe e pelas lágrimas. Seu coração, que estivera triste por pensar na morte dos habitantes de Veridian IV, de Picard e dos tripulantes da *Enterprise*, parecia então leve e absolvido de todos os seus crimes pela maravilha que estava prestes a abraçar.

Leandra...

Como era mesmo a parábola terrana? Uma jóia, uma pérola de grande valor. Daria tudo, qualquer coisa, para possuí-la. Ele certamente, mais do que qualquer pessoa, compreendia o significado da parábola. O nexus era mais importante que qualquer número de vidas. Quem poderia avaliar o preço de um paraíso eterno? Sorriu debilmente enquanto subia outro degrau, imaginando o contato macio e frio da mão de Leandra em seu rosto.

Então cambaleou para trás ao ser atingido no queixo por algo duro e rápido.

Era uma bota. Conseguiu segurar-se com uma mão ao degrau e olhou para cima, deparando com Picard agachado no nível superior.

Deixou escapar um rugido de pura raiva e deu um bote para cima, com o desespero de um homem demente. Agarrou Picard pelos ombros e o empurrou para baixo. Os dois caíram, num abraço terrível, ao nível inferior. Soran estendeu as mãos em garra, pronto para agarrar o pescoço do humano e esmagar-lhe o cérebro contra o andaime. Gritou, com a voz rachada de fúria, sem se dar conta do que dizia.

— Oitenta anos... oitenta anos!...

Rolou até ficar em cima do capitão, gritando, com o rosto vermelho de raiva, sem fôlego, as mãos em garra procurando o pescoço de Picard. Mas a determinação de Picard igualava-se à sua. Picard agarrou-lhe os punhos, mantendo-o preso. Soran agitou-se, gritando por estar impossibilitado de agir e por ver o tempo passar implacavelmente.

Então Picard olhou para o céu. Soran viu o brilho do feixe iluminar as feições do humano e o espanto nos olhos dele.

No instante de hesitação de Picard, o cientista atacou. Por um segundo, apenas um segundo, o humano diminuiu a força com que segurava os punhos do cientista, mas era tudo que Soran precisava. Libertou-se e acertou um forte soco no queixo de Picard.

O capitão rolou e, apesar dos esforços de Soran para segurá-lo, caiu dois níveis abaixo, agitando os braços numa tentativa de agarrar-se ao andaime, até estatelar-se no chão poeirento.

Soran correu até a beira do andaime e pulou. Não queria que Picard tivesse caído tão próximo da plataforma de lançamento, que zunia levemente, preparando-se para enviar a sonda a seu destino final.

Havia somente alguns segundos sobrando. Alguns segundos...

Soran caiu desajeitadamente, ergueu-se e deu um chute em Picard, que se esquivou e correu em direção à plataforma.

Mas antes que conseguisse alcançá-la, a plataforma zuniu, colocando a sonda em posição de lançamento. Picard atirou-se para a frente, numa última tentativa, mas já era muito tarde. Ouviu-se um súbito estrondo, e a sonda partiu trovejante, como um grande pássaro negro e reluzente, rumo ao céu.

*O tempo acabou, Picard. Para você, para mim e para o universo... o tempo acabou para todos nós...*

Soran seguiu-a com os olhos, mudo de alegria.

Picard também a observou subir, ajoelhado na areia ao lado da plataforma. A sonda descreveu um arco, em uma trajetória ascendente perfeita em direção ao sol brilhante. Picard protegeu os olhos e a observou desaparecer de vista. Então, ergueu-se lentamente.

Não pretendia morrer de joelhos.

Já era suficientemente doloroso ter que enfrentar a própria morte tão pouco tempo depois de perder Robert e René. Mas saber que tinha falhado para com sua tripulação, que seria apanhada pela onda de choque que viria, sem contai-os duzentos e trinta milhões de pessoas no planeta vizinho...

Acima dele, o céu escureceu num estranho e falso crepúsculo, como o causado por um eclipse solar. As árvores à sua volta, até então exuberantes de vida animal, silenciaram-se subitamente. Um pássaro solitário emitiu um pio trêmulo, que ecoou nas montanhas próximas, calando-se em seguida. Enquanto Picard permanecia a fitar o céu, Soran escalou novamente o andaime, tendo ao fundo um céu escurecido cortado por um feixe tortuoso e brilhante de energia. Assim que chegou no topo do pináculo, o cientista ergueu o rosto para o céu. O brilho do feixe iluminou-lhe as feições, revelando uma expressão extasiada e jubilosa de um santo.

Em meio à crescente escuridão, o vento começou a se tornar mais intenso e a fustigar a poeira. O feixe se aproximou, iluminando o planalto

com sua luz fantasmagórica, carregando o ar de estranha eletricidade, cujo cheiro lembrava aquele que se sente logo após a queda de um raio, fazendo o cabelo da nuca de Picard arrepiar-se. Picard afastou-se instintivamente, até estar encostado no andaime.

Não havia para onde correr ou fugir. Fechou os olhos, fazendo uma careta para a areia que lhe fustigava o rosto, para a penetrante crepitação do feixe e para a luz tão estonteante e colorida, que lhe doía nos olhos apesar das pálpebras fechadas.

Então, o feixe intensificou-se além de toda a capacidade humana. Picard deu um grito de agonia diante do seu rugido ensurdecedor, seu brilho intenso e sua cegante beleza.

Subitamente, não havia mais Picard nem Soran nem Veridian nem individualidade. Havia apenas a escuridão.

Deanna Troi aspirou uma baforada de fumaça e tossiu, fazendo uma careta para o espasmo que sentiu nas costelas. A dor aguda ajudou-lhe a clarear a mente. Moveu-se e percebeu que tinha sido arremessada da cadeira e estava caída em cima do painel, com os braços e pernas pendentes. Data estava sentado, caído para diante sobre o painel ao lado, ainda agarrado às pernas dela. Obviamente, tinha evitado que ela voasse em direção à tela principal. Seus movimentos pareceram reanimá-lo. Ele endireitou-se, soltou-lhe as pernas e a ajudou a descer do painel.

— Conselheira? Você está bem? — Data não parecia ferido, mas tinha o cabelo desgrenhado e os olhos arregalados de espanto.

Ela assentiu com a cabeça, apesar de sentir as pernas tremendo, fazendo nova careta ao sofrer outra pontada nas costelas e uma dor surda nos músculos machucados do ombro. Felizmente, a nave estava silenciosa e imóvel, e o chão a seus pés solidamente firme.

A ponte estava envolta na fumaça proveniente dos painéis fumegantes, porém, estranhamente iluminada. Apertou os olhos na direção do clarão e percebeu que havia raios de luz atravessando a névoa. A princípio imaginou que as luzes auxiliares tivessem sido milagrosamente restauradas. Então olhou para cima, além da camada de fumaça, vendo a luz do sol entrando através do domo arrebitado acima da ponte. Enquanto observava, dois pássaros pousaram na beirada da abertura e olharam para baixo.

— Acho que aterrissamos — sussurrou Troi, para ninguém em particular. Data já tinha se afastado e estava ajudando os outros a se erguerem. Ela voltou-se e viu que Worf estava tentando se levantar do chão. Evidentemente, havia sido jogado por cima do painel táctico.

Viu então Riker, caído de bruços e imóvel ao lado da cadeira de

comando tombada. Tinha a cabeça virada num ângulo estranho e os olhos abertos na direção do domo arrebatado.

— Meu Deus... Will! — ela correu em sua direção, tomada pela aterrorizante convicção de que ele estava morto, e ajoelhou-se a seu lado.

— Estou bem — disse ele, rouco. — Só estou apreciando a vista... — Sentou-se lenta e alegremente. — Informe...

Data surgiu do meio da névoa, acompanhado de Worf.

— Todos os sistemas inoperantes, senhor — disse o andróide. — Não sei o que aconteceu com o resto da nave. Mas não há baixas na ponte. Apenas algumas escoriações.

— Muito bom — disse Riker. Estendeu o braço para o encosto da cadeira de comando virada e ergueu-se, ignorando a oferta de ajuda de Troie Data. — Evacue a ponte e organize todo o pessoal fisicamente apto em equipes de busca e salvamento.

— Sim, senhor. — Data voltou-se e dirigiu-se à saída de emergência. Worf e Troi o seguiram... detendo-se quando a luz do sol escureceu e a ponte começou a tornar-se arneazadamente escura.

Era o pôr do sol, imaginou ela. Talvez fosse apenas a chegada da noite. Mas a escuridão caiu muito subitamente, de modo pouco natural. Enquanto hesitava, o chão começou a rugir a seus pés.

— Soran — sussurrou Will, com tal sentimento de derrota e amargura que deixou Troi sem fôlego.

A onda de choque, conclui ela. Soran havia conseguido lançar a sonda. Tinham sobrevivido à queda para serem mortos pela onda de choque.

— Então — disse Worf, brandamente, a seu lado —, o capitão estava certo. O futuro *foi* alterado. — Fez uma pausa. — Não é um modo desonroso de se morrer. — Votou-se para Troi e disse ainda mais brandamente: — Se você tiver que morrer, fico feliz por poder morrer a seu lado.

— O mesmo digo eu. — Riker esforçou-se para sorrir, mas seus olhos estavam vazios. — Fico imaginando se o capitão... — Interrompeu a linha de pensamento, sem completar o que dizia.

Ela tentou devolver-lhe o sorriso. Quis fixar o olhar dos amigos pela última vez, mas não conseguiu fazê-lo. A escuridão aumentou, envolvendo o rosto de Will e Worf até que não pôde mais vê-los, e a ponte cobriu-se de trevas.

O rugido aumentou até transformar-se num terremoto. Ela cambaleou. Estendeu o braço e agarrou-se a Worf para manter o equilíbrio. Ele pôs o braço ao redor dela e a segurou com força.

— Mas isto não está certo — disse ela, subitamente, com inexplicável convicção. .. a mesma convicção que sentira quando Picard lhe contou sua

experiência com o futuro: a morte dela e os anos de inimizade entre Worf e Will. Ela sabia no fundo do coração que esse tipo de futuro jamais viria a se cumprir.

Naquele momento, sentia a mesma convicção. Sabia que o futuro estava simplesmente *errado*, e que ela e a tripulação da *Enterprise* não estavam destinados a morrerem juntos daquela maneira...

— Não está certo. — Suas palavras foram engolidas pelo rugido ensurdecedor da onda de choque. A terra oscilou como um mar, jogando Troi e Worf ao chão.

— Não está certo — repetiu ela, mesmo quando a nave começou a vibrar e o chão começou a se aquecer. Foi seu último pensamento, mesmo quando as paredes à sua volta começaram a brilhar e seu uniforme irrompeu em chamas.

*Não está certo*

*Não está certo*

Não está certo...

## Treze

Escuridão. Picard respirou fundo e recompôs-se. Por um instante de atordoamento e confusão, não se lembrava de quem era nem de onde viera. Soran, Veridian III, o feixe de energia... As lembranças pareciam tão distantes quanto um sonho quase esquecido.

A coisa mais desorientadora era não saber onde estava. Não estava cego. Sua visão era obscurecida pelo que parecia ser uma simples venda de pano, que não conseguia remover porque alguém lhe segurava as mãos, de modo carinhoso e gentil.

Mãos menores o empurraram pela cintura e pelos joelhos, conduzindo-o vagarosamente sobre um grosso tapete. Soube imediatamente, pelo aroma que sentia e pelo contato com o chão sob as botas, que não se encontrava na *Enterprise*.

Porém, sentia-se tão à vontade naquele lugar como estaria na nave, talvez até mais. Apesar da confusão, não sentia medo.

Uma porta pesada se abriu com um rangido, deixando passar uma brisa perfumada. Picard aspirou profundamente, saboreando a brisa e tentando identificar o aroma. Pinho. Noz-moscada. Maçãs. Canela. E um aroma que não sentia desde a infância: ganso assado...

Foi conduzido mais alguns passos adiante. Então, subitamente, as mãos o soltaram. Fez uma pausa, incerto.

— O que está acontecendo? Onde estou? — Não havia indignação em suas perguntas, apenas curiosidade.

Sentiu um puxão atrás da cabeça. A venda caiu. Picard piscou os olhos diante da imagem caleidoscópica de luzes e cores à sua volta, até conseguir focalizar a visão.

Era uma grande sala de estar de teto alto, de estilo aparentemente francês do século vinte e quatro. No centro da sala havia uma enorme árvore de Natal cintilante de luz. Picard ficou boquiaberto de prazer. Amontoados em baixo da árvore, que se erguia a mais de um metro acima da sua cabeça, viam-se presentes de todos os formatos e tamanhos concebíveis, embrulhados em papel laminado vermelho e dourado com folhinhas verdes. Ramos frescos de azevinho enfeitavam o corrimão de madeira da escada e o consolo de pedra da lareira, onde ardia uma acha de lenha.

Em meio àquele esplendor natalino estavam cinco crianças, sorridentes e ansiosas, com os olhos brilhantes fitos nele.

Picard olhou uma por uma assombrado. Eram-lhe estranhas, nunca as vira antes. Porém... ele as conhecia. Duas meninas e três meninos que o

fitavam amorosamente e tinham os seus olhos, o seu queixo, o seu sorriso...

Lá estava Olivia, a mais velha, de treze anos, que crescera de repente no ano anterior, tornando-se alta e esbelta. E Mathew, de apenas sete, ainda bochechudo e com a mente brilhante da mãe para matemática. Lá estava Madison, de dez, com o cabelo escuro do pai e a adoração pela história militar, e Thomas, seu irmão gêmeo. E Mimi, o bebê de cinco anos, a menina dos olhos do pai.

Fitou-os, maravilhado, percebendo ser aquela a *sua* casa e aqueles os *seus* filhos, e que amava cada um deles com tamanha intensidade e ternura como jamais conhecera antes.

— Vá em frente...

Uma voz suave soou atrás dele. Voltou-se e se deparou com sua gentil captara: loura, ereta, magra. Sorria para ele com o mesmo amor indulgente em seus olhos verdes.

Ele nunca a vira antes, porém sabia que aquela linda criatura era Elisa, sua esposa, com quem era casado havia dezesseis anos. E ela falara com ele em francês.

— Diga *alguma coisa* — pediu-lhe Elise, com carinhosa impaciência, colocando levemente a mão em seu ombro. — Eles estão esperando.

Ele soltou o ar, emocionado, então disse com um riso indeciso:

— Eu... eu não sei o que dizer...

Olivia, que era chamada pelos irmãos de "Mandona", por motivo justo, como Picard bem sabia, manifestou-se:

— Diga Feliz Natal, Papa!

— Feliz... — sua voz embargou-se, enquanto olhava ao redor — ... Natal... A mais nova, Mimi, deu um grito de prazer e começou a aplaudir. Os outros

a imitaram. Elise inclinou-se e o beijou gentilmente no rosto. Aturdido, deixou-se conduzir até uma poltrona grande e macia. Era uma cópia exata da poltrona de Robert na propriedade da família, na qual jamais permitiu que qualquer outra pessoa se sentasse, nem mesmo seu filho René... E muito menos seu irmão, Jean-Luc. Picard jurara a si mesmo que, quando se aposentasse, mandaria fazer uma poltrona semelhante e a poria em sua sala de estar.

E lá estava ela.

Acomodou-se com um suspiro de satisfação. Era tão confortável quanto imaginara. Observou então as crianças correrem para a árvore e começarem barulhentemente a distribuir os presentes.

*Este é seu...*

*Onde está o meu?*

Espero que seja o livro que pedi...

Leve este para o Papa...

A felicidade o encobriu como um manto. Trocou um olhar de contentamento com Elise, e voltou a olhar para as crianças buliçosas e risonhas, com um sentimento de total felicidade, deixando um grande sorriso espalhar-se pelo rosto.

A pequena Mimi aproximou-se, com o rostinho rosado, balançando os longos cachinhos dourados, e pôs uma mãozinha rechonchuda no braço da poltrona.

— A árvore é *bonita*, não é, Papa?

Picard estendeu o braço e alisou-lhe o cabelo incrivelmente macio.

— Oh, é sim — respondeu, surpreso com a facilidade e a naturalidade com que encontrou palavras para se expressar. Como tudo parecia incrivelmente natural, como se tivesse passado cada momento dos últimos dezesseis anos naquela casa, com aquela mulher, como se tivesse amado aquela criança desde o dia em que nascera. — Sim, tudo é maravilhosamente bonito.

Enquanto falava, as outras crianças reuniram-se à sua volta. Mathew, quase parecendo um soldado em posição de sentido, tirou um pacote amarrado com uma fita de trás das costas, e entregou-o ao pai.

— Este é de todos nós.

— Obrigado — disse Picard, com genuína sinceridade. — Não posso imaginar o que seja...

Tirou a fita, rasgou o papel de embrulho e abriu a caixa. Dentro dela, envolto em papel de seda, havia um instrumento curvo de metal reluzente. Picard o ergueu cuidadosamente e o expôs à luz. Era um bela peça que, sem dúvida, devia ter sido usada por algum marinheiro do século dezenove para navegar pelas estrelas. Um sorriso de puro deleite se espalhou lentamente por suas feições.

— É um seis-tento! — gritou Thomas animadamente. Picard deu uma risadinha.

— Você quer dizer um *sextante*. E é uma peça muito bonita... deve ser, eu diria, de mil oitocentos e vinte. Onde a conseguiram?

Mimi inclinou a cabeça timidamente.

— É um segredo.

— Oh, *um segredo*. — O sorriso de Picard tornou-se conspirador. — Bem, então isso faz dele um presente *duplamente* especial. — Olhou para cada um dos filhos. — Obrigado. Obrigado a todos...

Impulsivamente, Mimi subiu na poltrona e abraçou-lhe o pescoço. Os outros avançaram e deram todos os abraços e beijos que puderam.

*Feliz Natal, Papa.*

*Eu te amo, pai.*

Feliz Natal...

Sentiu-se envolvido pela felicidade. Ela era tão intensa e completa que parecia tangível, algo que podia estender a mão e agarrar...

*Era como estar dentro... da felicidade. Como se a felicidade fosse uma coisa física com a qual pudesse me envolver...*

A imagem de Guinan surgiu-lhe na mente. Tinham conversado havia muito tempo, em outro universo, a respeito de alguém, a respeito de...

Soran.

Afastou o pensamento imediatamente, forçando-se a retornar ao presente, ao amor e felicidade que o cercavam.

Mimi desceu de seu colo e correu junto com os outros para a pilha de presentes. Sorrindo, Elise achegou-se à poltrona.

— Vou preparar o jantar. Estarão famintos em pouco tempo. — Voltou-se, então virou a cabeça falou por cima do ombro: — Além disso, Robert e os outros devem chegar a qualquer momento.

Picard ergueu o rosto bruscamente.

— Robert?...

Ela o olhou com um pouco de curiosidade.

— É claro. Não seria Natal sem um dos famosos *buche de Noels* de seu irmão.

De repente, sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Ele as reprimiu, engoliu em seco e recuperou a voz.

— E René? Ele e... — fez uma pausa, maravilhando-se com as lembranças vindas de algum lugar misterioso fora de sua memória — ...Katya virão também?

Sim, Katya. Esse era seu nome. Uma mulher alta, ruiva e jovem, com marcantes feições orientais. Tinha assistido seu casamento dois anos antes. Mimi fora a dama de honra.

— Claro. Marie disse que eles têm uma surpresa para nós. Mimi ergueu os olhos do monte de papel de embrulho a seus pés.

— Uma surpresa? Mais presentes? Elise sorriu para a filha.

— Oh, eles trarão presentes, senhorita, não se preocupe. Mas a surpresa... sinto dizer que vai ter que esperar uns oito meses, mais ou menos, para poder brincar com ela. — Sorriu significativamente para Picard e piscou o olho antes de sair.

Ele acomodou-se na poltrona e observou os filhos brincarem com os novos brinquedos. O prazer era intoxicante. Não queria mais nada além de sentar-se ali e deleitar-se naquele momento, pelo resto da eternidade. Tudo a

seu redor lhe trazia deleite. Lá estava Mimi desfrutando a enciclopédia interativa de bolso que ele havia escolhido para ela e embrulhado com carinho. Lá estava também, debaixo da árvore, a pequena caixinha folheada a ouro, que Elise ainda não tinha descoberto. A caixinha que ele iria dar-lhe naquela noite, depois que as crianças fossem para a cama, e que continha o colar de diamante que herdara de sua avó.

E a árvore cintilante, cada ornamento ali pendurado tinha uma história própria. Havia muitos enfeites antigos de valor inestimável que pertenceram a seus pais. Robert finalmente concordara em partilhar alguns deles, pelo que parecia. Sorriu diante das lembranças da própria infância. Havia o antiquado Papa Noel de vidro prateado, ainda com um pedaço faltando no nariz, desde que Robert, então com nove anos, no entusiasmo de apanhar os presentes, derrubara a árvore sem querer. E lá estavam as pombas brancas de Maman, feitas com penugem de verdade, tendo brotos de azevinho como bico.

E lá estava...

Piscou os olhos e inclinou-se para a frente a fim de ver melhor um enfeite perto do topo da árvore que não conseguiu reconhecer. Era uma bola de vidro oca, iluminada por dentro pelo que parecia ser uma pequenina estrela no centro. Enquanto a observava, a pequena estrela piscou, obscureceu-se e apagou completamente, irradiando uma onda de luz tremeluzente.

Picard enrijeceu-se na poltrona.

A onda de choque. Ele estava seguro ali, mas em algum lugar, a estrela Veridian tinha sido destruída e centenas de milhões de pessoas haviam morrido em decorrência da onda de choque.

Talvez até mesmo as pessoas a bordo da *Enterprise*.

O pensamento perturbou de tal forma a tranqüila felicidade do ambiente, que se tornou insuportável. Para escapar, Picard ergueu-se e caminhou até a janela próxima. Lá fora, a neve caía silenciosa e constante do céu acinzentado, cobrindo o interior da França de branco. Deixou-se consolar pela visão por algum tempo.

Então a viu novamente, pelo reflexo na janela: a estrela agonizante dentro da esfera de vidro.

Não podia escapar dela. Por mais que quisesse mergulhar novamente na sensação de completa felicidade e aconchego, não podia ignorar o fato de que tinha sido comprada com sangue.

Duzentos e trinta milhões de vidas... porque não conseguira impedir Soran.

— Não — disse, para a sedutora força que o empurrava de volta para as crianças e para a felicidade. — Não está certo. Isto não pode ser real...

— É tão real quanto você quiser que seja.

Assustou-se ao ouvir aquela voz: uma voz que lhe era verdadeiramente familiar e que conhecera em outra realidade. Voltou-se e viu Guinan, com quase a mesma aparência do dia em que lhe perguntara a respeito de Soran.

— Guinan... o que está acontecendo? Onde estou? — Ocorrera-lhe a idéia de estar em um estranho estado mental provocado pela morte... mas não estava morto. Seu corpo parecia perfeitamente íntegro.

Sua resposta foi a que ele esperava:

— Você está no nexus.

— Isto... — apontou com o braço para a sala de estar — ... é o nexus?

— Para você — disse ela — este é o lugar onde gostaria de estar. Ele sacudiu a cabeça.

— Mas nunca tive uma esposa, filhos ou uma casa como esta... Um sorriso significativo espalhou-se pelas feições dela.

— Desfrute-os então, Jean-Luc.

— Guinan... — Ele franziu a testa, quando a súbita lembrança de sua vida anterior inundou-lhe a mente. — O que *você* está fazendo aqui? Pensei que estivesse na *Enterprise*.

— *Estou na Enterprise*. E estou aqui também. — Em resposta a seu olhar confuso, o sorriso dela ampliou-se. — Pense em mim... como um eco da pessoa que você conheceu. Uma parte dela que ficou para trás.

— Ficou para trás...

— Quando a *Enterprise* nos teleportou da *Lakul*, estávamos parcialmente no nexus. Os transportadores foram apontados para nós... mas de alguma forma todos deixamos uma parte de nós mesmos para trás.

— Soran?... — perguntou Picard.

— Todos nós — disse ela, brandamente.

— Onde ele está agora?

— Onde *desejava* estar...

— Papa!

Picard voltou-se ao ouvir a voz de Thomas. O menino estava construindo um edifício com blocos de montar: um brinquedo com o qual seu pai havia brincado por muitas horas felizes na infância.

— Papa, ajude-me a construir meu castelo.

Ele suspirou, sentindo-se tentado a retornar ao cálido abraço da fantasia, mas recompôs-se.

— Daqui a pouco — disse, sorrindo para o filho.

Voltou-se para Guinan e disse, assombrado:

— Estes são meus filhos. *Meus* filhos... Ela olhou para eles com carinho.

— Sim. São uma graça, não são? Você pode voltar no tempo e vê-los

nascer. ... ir para o futuro e ver seus netos. O tempo não tem significado aqui.

A cabeça de Elise apareceu à porta e sumiu rapidamente.

— O jantar está pronto! Venham! Sua tia, seu tio e seus primos estão aqui, e estão famintos!

As crianças em volta da árvore deram gritos de alegria. Deixaram cair os brinquedos e chutaram descuidadamente os papéis de embrulho ao correrem para a sala de jantar.

Picard olhou para a sala adjacente e viu de relance um grupo de pessoas aproximando-se de uma longa mesa. Um deles deu uma risada brusca, profunda e rouca.

Robert. Picard fechou os olhos para recompor-se.

Estava no nexus, o que significava que duzentos e trinta milhões de pessoas tinham morrido. E para quê? Nada disso era real. Robert e René não estavam ali realmente, não estavam vivos de verdade. Na realidade, ele próprio devia ter sido considerado morto, destruído pela onda de choque. E Lursa e B'Etor provavelmente estavam de posse da capacidade de causar tamanha destruição em massa novamente.

O menino mais novo, Matthew, aproximou-se e segurou a mão do pai com sua mãozinha cálida.

— O senhor vem, Papa?

Picard fitou o rosto delicado e sincero do menino. Foi dominado por uma onda de ternura, enchendo-se de contentamento, uma paz maior do que a produzida por qualquer droga. Deu as costas para Guinan e deixou-se conduzir por Matthew, um passo após o outro, na direção do riso e das vozes alegres que emanavam da sala de jantar.

No caminho, passaram pela árvore. Novamente, a luz tremeluzente no interior do globo de vidro chamou-lhe a atenção.

Parou no meio de um passo. Matthew olhou para ele, interrogativamente.

— Há algo de errado, Papa?

— Não. — Picard inclinou-se para o garoto e pôs a mão em seu rosto, breve e gentilmente. — Estou bem, Matthew. Tenho apenas que... esconder o presente da Maman, para poder lhe entregar depois do jantar. Vá na frente sem mim...

Os olhos castanhos de Matthew, tão parecidos com os do pai, mostravam tamanha inocência e preocupação amorosa que, por um instante, Picard hesitou, sentindo-se tentado.

Então, aprumou-se e afastou a mão. Matthew seguiu para a outra sala.

Picard voltou-se.

— Guinan — disse, com súbita urgência. — Posso sair do nexus? Ela piscou os olhos, estarecida.

— Por que você desejaria sair dele?

— Posso fazê-lo?

— Sim — assentiu lentamente. — Para onde iria?

Ele hesitou, confuso.

— Não compreendo.

— Eu já lhe disse, o tempo não tem significado aqui. Se deixar o nexus, pode ir a qualquer lugar... a qualquer época.

Um discreto sorriso espalhou-se por suas feições.

— Sei exatamente aonde quero ir... e o momento preciso. Quero voltar ao topo daquela montanha em Veridian Três... antes de Soran destruir a estrela. Tenho que impedi-lo. — Hesitou. — Apenas diga-me uma coisa, antes de eu partir... Somente uma parte de você está aqui. Então, você está também na nave. Se ainda está aqui... então a nave está bem, não é? Deve ter conseguido escapar da onda de choque.

O sorriso desapareceu completamente do rosto dela. Ela o encarou solenemente por um tempo, antes de responder.

— Não, Jean-Luc.

Ele fechou os olhos novamente, ao ouvir a risada de Robert ressoando da sala de jantar outra vez. Quando pôde falar de novo, sussurrou:

— Então, está resolvido. Vou voltar.

Ela pousou a mão gentilmente no braço dele.

— O que o faz pensar que as coisas vão ser diferentes desta vez? E se falhar de novo?

— Tem razão. — Aprumou-se e endireitou os ombros. — Vou precisar de ajuda. Guinan... você voltaria comigo? Juntos poderíamos...

— Não posso sair daqui. Já estou lá, lembra-se?

Ele baixou a cabeça, frustrado, pensando em outra opção, outra maneira. Quando ergueu o rosto, Guinan sorria de modo enigmático.

— Mas conheço o sujeito certo...

— Meu Deus — disse McCoy, com deleite, espiando pela porta entreaberta. — Estão todos lá, Jim. Parece uma convenção de aposentados da Frota Estelar.

James Kirk olhou por mais um segundo através da parede transparente de seu quarto, para a resplendente visão noturna da baía de San Francisco. Os barcos piscavam suas luzes enquanto cruzavam as águas, que tinham uma coloração negra contra o céu azul. Voltou-se, sorrindo.

— Spock já chegou?

O médico, com o nariz espremido contra a porta entreaberta, tinha a expressão de um menino espiando a pilha de presentes embaixo da árvore, antes da manhã de Natal. Parecia ter ficado mais jovem nos últimos anos.

Tornar-se avô e aposentar-se foram coisas que lhe fizeram muito bem. Seu cabelo ainda estava completamente branco, mas as olheiras pareciam ter diminuído e as rugas na testa tornaram-se menos profundas.

— Ele já chegou, sim. Está sentado bem na primeira fila. Scotty está lá com ele... e Uhura e Chekov. — Franzou a testa, apertando os olhos. — Mas quem é a mulher sentada do outro lado?

— Mulher? — Jim caminhou até junto do médico. — Está brincando...

— Uma mulher alta de cabelos ruivos. Está dizendo que não é parente sua? — McCoy saiu de lado, deixando que Jim olhasse.

Jim pôs o olho na fenda e espiou. Do outro lado, todos os móveis haviam sido removidos da espaçosa sala de estar, que estava enfeitada com rosas e gardêneas. Havia um pequeno púlpito, na frente do qual foram dispostas várias fileiras de cadeiras, todas ocupadas. Era uma sala que apreciava muito, mas não tanto quanto naquele momento, lotada pelas pessoas que lhe eram mais importantes. Sorriu ao ver os amigos na primeira fileira. Todos pareciam tão tranqüilos e contentes quanto McCoy. Até mesmo Spock, que nunca envelhecia, sem uma única ruga nem um único cabelo branco. O vulcano estava sentado no segundo banco a partir do corredor, com Scott de um lado e a mulher misteriosa do outro. Ela era humana, de traços marcantes, esbelta e de olhos claros, com um longo cabelo acobreado e liso que lhe chegava aos ombros. Enquanto Jim observava, ela inclinou-se e sussurrou algo no ouvido de Spock. O vulcano escutou atenta e impassivelmente, depois assentiu com a cabeça.

— Não acredito — disse Jim suavemente, então sorriu de puro deleite. — Ele perguntou se poderia trazer alguém...

— *Alguém!* — O médico o empurrou para o lado para dar uma segunda olhada. — Está me dizendo que ele trouxe uma *namorada?*

— Não foi isso que eu disse — protestou Jim, quase sem conseguir tirar o sorriso dos lábios... não apenas por causa de Spock e da mulher, mas por causa de tudo o mais: era o dia de seu casamento, estava ali naquele lugar maravilhoso com McCoy... — Está tirando conclusões apressadas, como sempre. Talvez seja... uma colega cientista.

— Uma ova. — McCoy ergueu o olhar da fresta e fitou Jim com brilhantes olhos azuis. Olhos que se mostravam mais felizes e maliciosos do que Jim podia se recordar. Seu olhar revelava exatamente o que próprio Jim sentia: estava bêbado de felicidade, encantado por tudo a seu redor, apesar de ambos terem tomado apenas um gole do Dom Perignon que o médico tinha contrabandeado até o quarto. — Nunca pensei que veria este dia: Spock com uma namorada. Vou dizer para Carol jogar o buquê para ele.

— Ela não vai levar um buquê — disse Jim.

— Mas devia. Há muitas flores lá fora. Ela poderia improvi... — McCoy sobressaltou-se quando a porta foi aberta de fora. — Ora, ora. O pregador finalmente chegou.

Deu um passo para trás a fim de deixar que Hikaru Sulu entrasse no quarto.

— Capitão — Jim apertou o braço do amigo de uniforme, pondo a mão em seu ombro. — E bom vê-lo de novo.

Sulu sorriu. Seu rosto de pele dourada estava quase tão sem rugas quanto o de Spock, e seu cabelo preto mal começara a ficar grisalho.

— Desculpe o atraso, senhor. Fiquei preso em um pequeno... assunto da companhia.

— Sem problemas. — McCoy apanhou sua taça de champanhe gelada da cômoda e a ergueu alegremente. — Estávamos nos divertindo tanto que nem nos importáramos se a festa de casamento nunca começasse.

— Fale só por você — disse Jim. Sulu riu.

— Bem, acho que podemos começar quando quisermos. Todos já chegaram. — Fez uma pausa. — Tem certeza, senhor, de que o Sr. Spock não se importa que eu realize a cerimônia? Pensei que...

— Já devia saber que é impossível ofender Spock — McCoy apressou-se em responder, com um olhar divertido para Jim. — Além disso, ele veio com a namorada.

Sulu ergueu rapidamente as sobrancelhas, surpreso.

— Uma *namorada!*

— Uma *namorada* — respondeu o médico, sendo imediatamente corrigido por Jim:

— Uma *amiga*.

Sulu desviou os olhos de McCoy e fitou seu ex-capitão, com uma expressão duvidosa.

— Ah. Bem... o universo nunca deixa de me surpreender. — Apontou para a porta. — Senhores... podemos?

McCoy virou a taça e tomou um rápido gole, depois a colocou sobre a cômoda, fazendo-a tilintar.

— Vamos — disse Jim.

Seguiu Sulu e McCoy pela porta até o púlpito, parando para acenar com a cabeça para cada um dos amigos: Scott e Chekov, Uhura e especialmente Spock, cuja estóica expressão iluminou-se no mais discreto dos sorrisos ao cruzar o olhar de Jim. Lá estava seu irmão Sam, com a esposa, Aurelan, e o filho, Peter, alto e barbudo, incrivelmente adulto em seu uniforme da Frota Estelar... E Will Decker e o pai, Gary Mitchell, com a família, além de mais de vinte outros rostos queridos, fazendo-o sentir uma felicidade quase

impossível de conter.

Não se sentiu nem um pouco nervoso, apenas alegre quando Sulu tomou seu lugar junto ao púlpito. Com McCoy a seu lado, servindo de testemunha, Jim parou frente ao púlpito e voltou-se para o grupo de pessoas ali reunido. Sorriu, quando Carol apareceu no final do corredor, do outro lado da sala.

Ela vestia branco, como as rosas que enfeitavam o corredor e a gardênia e o cravo que trazia no cabelo. Tinha o rosto enrubescido e os olhos radiantes, ao caminhar de braço dado a seu acompanhante.

Um instante antes de olhar para Jim, riu baixinho de um comentário que lhe foi sussurrado ao ouvido e ergueu o olhar, cheio de sincero amor e felicidade, para seu louro acompanhante: seu filho.

Por um momento, David fitou a mãe. Depois, ergueu o rosto e olhou para o fim do corredor, onde Sulu, McCoy e seu pai os aguardavam.

No breve período em que conhecera seu filho, Jim ficou impressionado com o ódio que constantemente marcava as feições do jovem. David sempre se mostrara agressivo, agitado e inexplicavelmente furioso com o pai.

Mas não havia raiva nem inquietação nos olhos azuis de David naquele instante. Sorriu e lançou para Jim um olhar significativo, travesso e afetuoso que somente podia ser trocado por homens que amavam a mesma mulher.

Então, Carol ergueu o rosto e sorriu...

— Pare — sussurrou Jim, sentindo um ímpeto palpitante de euforia, tão intenso que não pôde mais suportar. Fechou os olhos. — Já chega...

Aquele era, naturalmente, a maneira como as coisas deveriam ter acontecido. Não se lembrava mais de quando tudo começara, mas tinha aprendido a não mais questionar, passando a divertir-se livremente em voltar no tempo para corrigir o passado. Todo membro da tripulação que perdera estava a salvo então, toda decisão errada fora corrigida, toda oportunidade perdida aproveitada. Toda dor, por menor que fosse, que causara a um ente querido fora apagada, sendo substituída pela felicidade.

Às vezes, a mulher era Carol, às vezes, Ruth. Voltara ao passado, uma vez, para Edith Keeler e fizera o impossível: preservar-lhe a vida sem perturbar o fluxo da história.

Em tudo isso, sentira-se consumido de alegria.

Apesar de não poder se lembrar há quanto tempo o universo tornara-se mágico, talvez um ano, um século, um milênio, ainda tinha uma vaga lembrança de outra realidade: um passado concreto e verdadeiro. Lembrava-se da *Enterprise-B* e dos últimos momentos que passara nela, redirecionando os circuitos dos defletores e apressando-se de volta para o corredor. E naturalmente, a explosão.

Quando se viu ali pela primeira vez (seja qual fosse o "ali" em questão já

que o lugar estava sempre mudando) achou que tinha morrido e ido parar em algum paraíso enigmático. Depois de um tempo, concluiu que fora lançado em uma estranha anomalia temporal, cortesia do feixe de energia.

De qualquer forma, aquilo não importava. Não mais se questionava, simplesmente aceitava a situação e a desfrutava.

— Já chega — sussurrou. Assim que falou, sentiu o chão mudar sob seus pés, passando de um tapete macio para a terra dura, e o ar tornar-se revigorantemente gélido em contato com a pele.

Abriu os olhos e viu enormes montanhas cobertas de neve, tendo ao fundo um brilhante céu azul. Então sorriu.

## Quatorze

— *Mas conheço o sujeito certo...* — disse Guinan. Então Picard voltou a cabeça para trás ao ouvir de repente um grito agudo. Tendo ao fundo um cenário de céu azul, brilhante e sem nuvens, um falcão voava em círculos acima deles, lançando a sombra de suas grandes asas abertas no chão congelado abaixo.

Picard respirou o ar frio, puro e perfumado com o aroma de pinho, ao voltar-se boquiaberto e perplexo para perguntar a Guinan o que havia acontecido com seus filhos e sua casa. Viu-se sozinho no meio de um pequeno vale cercado de espetaculares picos cobertos de neve. Soube instintivamente que estava na Terra, mas em contraste com o lar que acabara de deixar, aquele lugar não lhe evocava qualquer lembrança.

Cruzou os braços de frio e voltou-se lentamente, fazendo um apanhado geral do panorama. Atrás dele, aninhada contra a rocha, havia uma cabana rústica. Começou a andar em volta dela, perguntando-se se deveria procurar a porta de entrada e conversar com os moradores, quando ouviu o som de pancadas vindo do outro lado da casa.

Não eram pancadas. Era alguém cortando lenha.

Picard rapidamente virou a esquina e deteve-se abruptamente, deixando escapar uma silente arfada, que pairou como uma nuvem de vapor no ar frio.

Era realmente um homem cortando lenha. Um oficial da Frota Estelar com um velho uniforme de um século atrás. Tinha removido a jaqueta vinho e arregaçado as mangas da camisa para manejar o machado com mais facilidade. Mas não era apenas um oficial qualquer da Frota Estelar. Aquele oficial tinha um cabelo grosso e castanho, meio grisalho, olhos castanhos rebrilhantes de inteligência e um rosto amplo e atraente: um rosto que Picard imediatamente reconheceu das inúmeras holografias que vira nas aulas da Academia.

— James Kirk — disse ele, sem perceber as próprias palavras até elas terem-lhe saído da boca. Sua mente não podia assimilar o fato de que estava realmente diante daquele legendário personagem. Mas como?... Kirk morrera três quartos de século no passado...

Lembrou-se, então: A *Enterprise-B*. Soran. O feixe de energia. Isto queria dizer que Kirk não morrera realmente na explosão, mas fora diretamente transportado para o nexus, como acontecera com ele, Picard.

Kirk ergueu o machado acima do ombro. A lâmina desceu, descrevendo um brilhante arco prateado e dividiu ao meio a tora a seus pés, emitindo um forte *tunc*. Interrompeu o trabalho e ergueu a face corada e suada para

observar Picard, com os olhos cheios de radiante deleite.

Picard conhecia aquele olhar. Era o mesmo que ele próprio devia ter exibido ao fitar Elise e seus cinco filhos ao lado da cintilante árvore de Natal.

— Lindo dia, não acha? — A pergunta de Kirk não era uma educada tentativa de puxar conversa. Ergueu os olhos para o céu azul, as montanhas e os ai-

tos pinheiros com tamanho deslumbre, que Picard quase deixou-se envolver novamente pela euforia.

— Sim. Está sim... — Forçou-se a ignorar o cenário deslumbrante e concentrou-se naqueles que haviam morrido para que chegasse ali: a tripulação da *Enterprise* e os milhões de Veridian IV.

Kirk apontou alegremente para uma tora na pilha amontoada ao lado da casa.

— Importa-se?

Picard piscou os olhos, momentaneamente confuso.

— Oh... — Caminhou até a pilha, apanhou a tora e colocou-a sobre o cepo aos pés de Kirk.

— Capitão... — Fez uma pausa, procurando as palavras mais diretas e significativas para explicar sua presença ali e a necessidade que tinha da ajuda de Kirk, tentando desfazer o sedutor abraço no qual o nexus envolvera o famoso capitão. — Percebe o quê?...

— Espere um instante! — Subitamente eletrizado, Kirk olhou para um ponto além do ombro de Picard. — Acho que tem algo queimando!

Deixou cair o machado e começou a correr.

Picard girou sobre os calcanhares. Havia fumaça saindo de uma das janelas abertas da casa. Kirk correu para dentro, deixando a porta dos fundos aberta. Picard o seguiu, então deteve-se junto à porta aberta, sentindo-se subitamente embaraçado por entrar sem pedir licença na casa de um estranho, mesmo que a casa tivesse sido criada pela imaginação de James Kirk.

A porta dava para uma cozinha em estilo do oeste norte-americano do século dezenove, concluiu Picard, com alguns poucos toques do século vinte e três para comodidade. Havia painéis de cobre dependurados sobre um antigo fogão de ferro fundido, sobre o qual havia uma chaleira amassada e bastante usada. Próximo dali, existia um painel de computador ultrapassado, sobre o qual havia uma prancheta e um comunicador, do tipo que Picard vira apenas no museu da Frota Estelar.

A origem da fumaça era uma grande frigideira de ferro fundido que estava sobre o fogão. Kirk tocou-a, grilou um palavrão e retirou rapidamente

os dedos, encontrando então um pano de pratos ali perto. Envolveu a mão com o pano e conseguiu segurar o cabo da panela. Abanando a fumaça com a outra mão, jogou a panela e seu conteúdo na pia antiquada.

— Parece que alguém estava fritando ovos — murmurou Kirk para si mesmo, então ergueu os olhos e percebeu Picard junto à porta. Sorriu. — Entre. Está tudo bem. — Mostrou os arredores. — Esta é a minha casa, ou costumava ser. Eu a vendi anos atrás.

Picard entrou e decidiu abordar o assunto diretamente.

— Sou o capitão Jean-Luc Picard da nave estelar *Enterprise*.

Enquanto falava, um relógio soou a hora, fazendo-o lembrar-se de Soran. Distraidamente, Kirk caminhou até um armário próximo e olhou surpreso para a origem do som: um antigo relógio de mesa com mostrador dourado.

— Este relógio... — sussurrou Kirk, como se estivesse em transe. Passou os dedos pela superfície de cerejeira polida. — Dei este relógio ao Magro... — Um sorriso extasiado espalhou-se por seu rosto ao voltar-se para Picard. — Ele disse que era o melhor presente que já ganhara... com exceção de seus netos.

— Capitão — disse Picard, bruscamente, tentando tirar Kirk do devaneio.

— Venho de um período que seria o futuro para você: o século vinte e quatro...

Kirk acenou vagamente com a cabeça, indicando ter ouvido, mas o fascínio do local logo prendeu-lhe a atenção. Assustou-se com um latido forte, então abriu um amplo sorriso quando um grande dinamarquês passou correndo pela porta aberta em sua direção, agitando a cauda.

— Jake! — Kirk agachou-se e abraçou o animal, que deu uma grande lambida no rosto do dono e sentou-se com a língua pendente. — Jake, seu miserável vira-latas... como *pode* estar aqui? — Virou a cabeça para Picard enquanto aflagava a cabeça do cachorro. — Ele morreu já fazem sete anos.

Frustrado, Picard abriu a boca para falar, mas ouviu-se outra voz. Uma voz feminina, firme porém alegre, partiu de algum lugar do andar de cima.

— Vamos, Jim. Estou morrendo de fome. Quanto tempo vai ficar aí fazendo barulho na cozinha?

Kirk ergueu-se e voltou-se na direção da voz, ligeiramente boquiaberto.

— É Antonia — murmurou para si mesmo. Olhou para o fogão e para a panela queimada na pia, franzindo um pouco a testa ao ter uma inspiração. — Espere um minuto...

Foi até uma gaveta e a abriu, enquanto falava para Picard:

— O futuro... Do que você está falando? Isto é o *passado*! — Como se fornecendo uma prova do que dizia, tirou da gaveta uma ferradura enfeitada

com um pequeno laço de fita vermelho. — Isto aconteceu há sete anos. No dia em que lhe disse que ia voltar para a Frota Estelar.

Ergueu o rosto e olhou através de Picard, para uma invisível lembrança distante, então foi até a pia e agarrou o cabo da frigideira.

— Eram ovos ktarianos. Seu prato favorito. — Seu rosto ensombreceu-se.

— Eu estava preparando este prato para de algum modo amenizar o choque... e lhe dei isto. — ergueu a ferradura com a outra mão.

Picard adiantou-se, impaciente.

— Sei o quão real isto deve lhe parecer — disse, pensando em Elise e na pequena Mimi, com a face iluminada pela árvore brilhante. Ver outra pessoa seduzida pelo nexus era uma revelação. Distante de sua própria fantasia, via claramente quão ilusório e falso era tudo aquilo. — Mas *não* é real. Esta não é realmente a sua casa. Ambos fomos apanhados em um tipo de nexus temporal.

— Endro — respondeu Kirk, com súbita emoção. Apontou para despensa à esquerda de Picard. — Há um frasco de endro na segunda prateleira à esquerda, bem atrás da noz-moscada.

Rapidamente, pôs de lado a ferradura e raspou os ovos queimados, depois voltou ao fogão e pôs a frigideira sobre uma das bocas acesas.

Picard hesitou, incerto. Recrutar Kirk estava sendo mais difícil do que esperara. Sentia-se tentado a não cooperar, insistindo que Kirk lhe desse atenção naquele mesmo momento. Porém, o instinto lhe disse para ser paciente. Pois afinal de contas não estava perdendo tempo por participar do sonho de Kirk.

Guinan dissera que sempre poderia voltar exatamente a um momento antes de Soran lançar a sonda.

Deu um pequeno suspiro, apanhou o frasco de endro e o entregou a Kirk. Deteve-se por um momento, observando Kirk apanhar dois ovos frescos em um antiquado aparelho de refrigeração e abri-los em cima da frigideira que começava a chiar. Apanhou uma escumadeira de uma gaveta próxima e começou a mexê-los.

— Há quanto tempo está aqui? — perguntou Picard, puxando conversa. Talvez se conseguisse entrar na fantasia de Kirk pudesse ter mais sucesso.

Kirk espalhou endro sobre os ovos que frígiam.

— Não sei — franziu levemente a testa, tentando se lembrar. — Estava na *Enterprise-B...* na sala de controle dos defletores... — Interrompeu o que dizia e entregou a escumadeira a Picard. — Pode continuar mexendo, por favor?

Caminhou até um gabinete e o abriu. Começou a arrumar os pratos sobre

uma bandeja de café-da-manhã. Achando graça de si mesmo, Picard reprimiu a súbita indignação que sentiu por receber ordens de outro capitão, e obedientemente mexeu os ovos.

— A parede à minha frente desapareceu — prosseguiu Kirk, descontraidamente, como se estivesse relatando um fato do dia-a-dia. — Então me vi aqui cortando lenha. — Sorriu. — Estive também em uns poucos milhares de outros lugares, desde então. A princípio, quase não podia acreditar... mas me acostumei. — Voltou para o fogão e tomou a frigideira de Picard. — Obrigado.

— Os registros históricos informam que você morreu para salvar a *Enterprise-B* de um feixe de energia há oitenta anos — disse Picard. Esperava uma reação, mas o sorriso extasiado continuou fixo nos lábios de Kirk.

Kirk ergueu o rosto, achando um pouco de graça, mas sem se deixar nem um pouco de desfrutar o momento que estava vivendo.

— Então, está me dizendo que veio do século vinte e quatro... e que estou morto? — Enquanto falava, tirou a frigideira do fogo e passou os ovos para os pratos, colocando então um pequeno vaso de flores na bandeja.

— Não exatamente. Como já disse, isto aqui é uma espécie de...

— Nexus temporal. — O sorriso de Kirk ampliou-se enquanto trabalhava. — Sim, eu ouvi. — Colocou a panela quente na pia, voltou-se e franziu a testa para a bandeja.

— Tem alguma coisa faltando...

Como que em resposta, duas torradas saltaram de uma antiquada torradeira sobre o balcão. Kirk sorriu na direção delas, com deleite. Colocou uma em cada prato e saiu da cozinha com a bandeja.

Picard o seguiu, subitamente desesperado, como se sentisse a chance escapar-lhe das mãos.

— Capitão — disse, com a maior urgência possível. — Preciso de sua ajuda. Quero que deixe o nexus comigo.

Kirk não disse nada, apenas atravessou uma espaçosa e rústica sala de estar em direção à escada de madeira. Picard continuou a seu lado, apesar de ser evidente que Kirk preferiria livrar-se do visitante não convidado.

— Temos que voltar a um planeta chamado Veridian Três — prosseguiu —, e impedir um homem de destruir uma estrela. Há milhões de vidas em jogo.

A indiferença no rosto de Kirk deu-lhe um calafrio. O capitão deu de ombros e disse descontraidamente.

— Você disse que a história me considera morto. Quem pode discutir com a história?

Picard deixou transparecer a raiva na voz.

— Você é um *oficial* da Frota Estelar, e tem um dever a...

Kirk deteve-se bruscamente ao pé da escada e encarou o capitão com a expressão e a voz severas.

— Não preciso que me dê um sermão. Já estava lá fora salvando a galáxia quando seu avô ainda usava fraldas. E para ser franco, acho que a galáxia me deve um favor. — Fez uma pausa, tentando controlar a indignação para não estragar a alegria do momento. — Já fui como você — disse, pela primeira vez parecendo estar *realmente* vendo Picard. — Tão preocupado com o dever e com as obrigações que não via mais nada além deste uniforme. E no final, o que ganhei com isto? Apenas uma casa vazia. — Uma sombra cruzou-lhe o semblante. Voltou-se para o topo da escada. — Mas não *desta* vez. — Passou pelo companheiro. — Vou subir estes degraus, entrar naquele quarto e dizer para Antonia que quero me casar com ela. Desta vez, as coisas vão ser diferentes.

Subiu a escada e desapareceu por uma porta, deixando o capitão mais jovem a fitá-lo.

Picard respirou fundo, decidido, e o seguiu. Hesitou por apenas um instante diante do quarto fechado, antes de agarrar a maçaneta e escancarar a porta.

Ficou paralisado junto à porta. Além dela não havia um quarto, onde estaria a misteriosa Antonia, mas um velho estábulo, com raios de sol passando pelas fendas nas tábuas e um forcado e uma pá dependurados na parede em frente. Picard adiantou um passo no chão sujo, coberto de palha, e aspirou o cheiro de animais da fazenda.

A sua frente estava Kirk, sem a bandeja, parecendo tão assombrado quanto Picard.

— Isto não parece ser o seu quarto — disse Picard secamente.

— Não — respondeu Kirk. Um pequeno sorriso iluminou-lhe as feições. — Não, não é. É *melhor* que isso.

— Melhor?

— É o estábulo de meu tio em Iowa. — Kirk dirigiu-se ao outro lado do estábulo, até as cocheiras dos cavalos. Um deles, já selado, de pêlo negro como o carvão, relinchou reconhecendo o humano que estendeu o braço e lhe afagou o pescoço. — Saí para um passeio montado neste cavalo há nove anos... num dia de primavera. — Movido por uma inspiração, correu até a porta do estábulo e a escancarou, revelando uma paisagem verde e ensolarada. — Como o de hoje. Se não estou enganado, foi neste dia que conheci Antonia. — Voltou-se para Picard. — Esse seu nexus é muito esperto. Posso começar tudo de novo, fazendo as coisas certas desde o

primeiro dia.

Kirk voltou correndo até o cavalo, montou de um pulo na sela e galopou para fora do estábulo. Por um instante apenas, Picard ficou olhando o cavaleiro e sua montaria se afastarem. Então apanhou uma sela na parede e escolheu uma montaria para si mesmo.

No dorso de um cavalo inteligente e obediente, galopou pelo verde campo, esforçando-se para não perder Kirk de vista. Atravessou um riacho de águas cristalinas e um bosque de antigos carvalhos, até chegar a uma planície verdejante. A distância, viu Kirk esporear o puro-sangue americano em direção a uma ampla ravina, sem diminuir o galope. No último instante, o cavalo deu um belo salto e alcançou o outro lado, quase deixando as patas traseiras caírem da beirada do abismo.

Diminuiu imediatamente o galope até parar por completo e voltou-se para olhar a ravina que deixara para trás. Franziu a testa, então virou o cavalo e galopou de volta para um novo salto.

Kirk saltou uma segunda vez. Desta vez, porém, o velho capitão puxou as rédeas do animal, detendo-o imediatamente, e ficou parado com o cenho franzido, até que Picard cavalgou para junto dele.

Kirk olhou novamente para a ravina. Estava triste e confuso. Pela primeira vez, estava livre de qualquer sinal de euforia provocada pelo nexus. Picard sentiu uma pontada de esperança, mas permaneceu calado até que o outro expressou seus sentimentos.

— Devo ter dado estes saltos umas cinqüenta vezes — disse Kirk, por fim, em voz baixa. — E a cada vez, sentia um medo dos diabos. Mas não desta vez. Porquê... — Fez uma pausa, nitidamente mortificado pelas palavras que se seguiram. — Não era real.

Ergueu a mão e protegeu os olhos, olhando para algo que se movia num monte distante. Picard seguiu-lhe o olhar e viu uma pequena e esbelta mulher montada em um cavalo.

— Antonia?

Kirk assentiu com a cabeça, melancólico.

— Ela também não é real, certo? Nada aqui é real... nada importa... — Olhou para os arredores, com tristeza. — E como... paraquedismo orbital. E emocionante por alguns minutos, mas no final, nada aconteceu realmente. Não fazemos qualquer diferença. — Então seu olhar pousou em Picard e pela primeira vez pareceu ver o homem que tinha à sua frente.

— Capitão da *Enterprise*, é? — Lançou para o outro um olhar de puro companheirismo, sem sorrir de verdade, porém o canto de seus lábios encheram-se de rugas.

— É isso mesmo. — Picard sorriu de alívio, surpreso que Kirk tivesse

assimilado aquela informação.

— Está quase se aposentando?

— Não estava em meus planos.

— Bem, deixe-me dizer-lhe algo — falou, com súbita paixão, fazendo Picard sentir que tinha o verdadeiro Kirk à sua frente. — *Não deixe que isso aconteça.* Não deixe que eles o promovam, não deixe que o transfiram. Não permita que nada o tire da ponte daquela nave. Porque enquanto estiver lá, poderá fazer uma diferença.

— Não precisa estar na ponte de uma nave esteia para fazer diferença — argumentou Picard, com firmeza, grato por finalmente suas palavras estarem sendo ouvidas. — Venha comigo. Ajude-me a impedir Soran. Faça uma diferença novamente. — Fez uma pausa, com um fervor na voz que se igualava ao de Kirk. — Você está certo. Nada aqui é real, nada importa. Mas os duzentos e trinta milhões que morreram quando o sol de Veridian foi destruído... elas são reais. Assim como minha tripulação... Kirk inclinou-se para a frente, com emoção no olhar.

— A tripulação da *Enterprise-B!*

Picard baixou o rosto e assentiu com a cabeça, sombriamente.

— Todos morreram quando a nave foi atingida pela onda de choque desencadeada.

Kirk desviou o rosto, olhando para a mulher que descia o monte distante, e ficou silente por um momento.

Então voltou-se para Picard, deixando um sorriso lentamente tomar-lhe as feições.

— Como posso discutir com o capitão da *Enterprise!* — Fez uma pausa, e um brilho maroto, que fez Picard lembrar-se de Will Riker, surgiu-lhe no olhar. — Qual era mesmo o nome do planeta? Veridian Três?

— Isso mesmo — disse Picard, com o grande alívio de saber que finalmente fora bem sucedido.

— Devo presumir que as chances estão contra nós e a situação é séria?

— Pode-se dizer que sim — assentiu Picard. Kirk deu um pequeno suspiro de resignação.

— É claro que se Spock estivesse aqui diria que estou agindo como um humano irracional e ilógico por querer assumir uma missão como essa... — De repente, deu um sorriso luminoso. — Acho que vai ser interessante.

Então, voltou-se e seguiu Picard, sem olhar nem uma vez para trás, na direção da mulher que se aproximava.

## Quinze

*Agora, se me dá licença, capitão. Tenho um encontro com a eternidade e não quero me atrasar* - disse Soran.

Picard olhou rapidamente para os arredores. Um milissegundo antes, estava montado a cavalo, ao lado de James Kirk, fitando a planície pela qual cavalgavam tranqüilamente. De repente, estava novamente no planalto empoeirado, sentado numa pedra à sombra de uma grande árvore, com a mão cheia de pedrinhas. Acima dele, o sol de Veridian brilhava, irradiando sua cálida luz sobre sua pele.

Não viu James Kirk em lugar nenhum.

À sua frente, Soran, com o rosto brilhante de insana expectativa, virou-se e começou a escalar o andaime rumo ao topo da rocha.

Não havia tempo para novos apelos ou subterfúgios. Nem tempo para procurar ansiosamente em volta a fim de ver se Kirk havia realmente assumido sua decisão de sair do nexus. Picard jogou-se no chão, rolou de costas e rastejou por baixo da raiz, orando silenciosamente o tempo todo para que não estivesse destinado a ver a história repetir-se.

Não havia muito espaço. Tinha passado a cabeça para o outro lado do campo de força e metido os ombros por baixo da raiz, quando o campo produziu um clarão ofuscante pouco adiante de seu queixo. O choque foi dolorosamente intenso. Quando o campo estalou, Picard contorceu-se involuntariamente (sabendo que Soran o veria e que o disparo do disruptor viria com certeza), controlando-se em seguida, ofegante. Olhou para cima, na direção do andaime.

Soran, que era apenas uma mancha branca e preta, interrompeu a escalada.

Picard empurrou com força os pés e contorceu-se para a frente na areia. Mas era tarde demais. De cima do andaime, Soran voltou-se e tirou um objeto da cintura.

Picard sabia que era um disruptor. Respirou fundo, apertou os olhos e permaneceu imóvel...

Soran ergueu o disruptor e apertou os olhos na direção da nuvem de pó e fumaça que se erguia da árvore, por onde Picard tinha conseguido se esgueirar para dentro do campo de força. O cientista desceu de um pulo para um nível mais baixo, com a arma em riste e a mente cheia de ira. Não havia tempo para lidar com interrupções! Devia ter matado o humano de uma vez, assim que chegara, para não ter o aborrecimento de fazê-lo depois.

*Mas, não. Você tinha que ter o coração mole. Para quê? Logo vai ter o*

*sangue de duzentos e trinta milhões de pessoas nas mãos... Que diferença faz mais um ?*

Uma brisa soprou, dispersando a névoa e revelando um buraco queimado no chão no lugar onde o capitão tinha estado.

Mas nada de Picard...

Frustrado, Soran olhou em volta perscrutando as nuvens de fumaça à sua volta. Nem sinal do capitão...

Subitamente, o céu começou a brilhar com o esplendor que conhecera muito tempo atrás, fazendo Soran prender o fôlego e olhar para cima.

Uma serpente de luz, nas cores do arco-íris, riscava o céu, deixando Soran tão deslumbrado por sua beleza e pela promessa que encerrava, que seus olhos arregalados encheram-se de lágrimas.

Não havia tempo. Não havia tempo para procurar Picard, não havia tempo para mais nada além de escalar o andaime e preparar-se para escapar daquele inferno temporal.

Soran subiu, cegado pela flamejante glória do feixe e pelas lágrimas. Seu coração, que estivera triste por pensar na morte dos habitantes de Veridian IV, de Picard e dos tripulantes da *Enterprise*, parecia então leve e absolvido de todos os seus crimes pela maravilha que estava prestes a abraçar.

Leandra...

Como era mesmo a parábola terrana? Uma jóia, uma pérola de grande valor. Daria tudo, qualquer coisa, para possuí-la. Ele, certamente mais do que qualquer pessoa, compreendia o significado da parábola. O nexus era mais importante do que qualquer número de vidas. Quem poderia avaliar o preço de um paraíso eterno? Sorriu debilmente enquanto subia outro degrau, imaginando o contato macio e frio da mão de Leandra em seu rosto.

Então cambaleou para trás ao ser atingido no queixo por algo duro e rápido.

Era uma bota. Conseguiu segurar-se ao degrau com uma mão e olhou para cima, deparando-se com algo impossível.

Um estranho, porém de certa forma familiar, fazendo Soran imaginar já ter visto holografias suas no passado. Um humano, de cabelo curto castanho levemente grisalho, vestindo um uniforme da Frota Estelar que Soran já não via havia um século...

Naquele milissegundo, o cientista gritou, quando sua memória associou o rosto ao nome.

James Kirk. Era o capitão James Kirk, aquele que morrera quando a *Enterprise-B* fora apanhada no feixe de energia. *Supunha-se* que tivesse morrido. Obviamente Kirk devia ter sido transportado ao nexus. Mas o que estava fazendo naquele lugar, naquele instante?...

Soran foi jogado para trás, agarrando-se à escada com ambas as mãos. Antes que pudesse subir, Kirk o golpeou novamente. Soran caiu, estatelando-se de costas com um grito agudo. Perdeu o fôlego e ficou sem conseguir se mover, por um instante. Acima, o feixe de energia se aproximava, ofuscando-o com seu brilho multicolorido.

Kirk pulou ao chão, erguendo uma pequena nuvem de poeira ao cair a seu lado. Agarrou os braços de Soran antes que o cientista conseguisse sacar o disruptor da cintura. O humano era forte, mas a força de Soran vinha de um desespero insano. Libertou-se com um urro e viu, com o canto dos olhos, que Picard estava ao lado do painel de controle da plataforma de lançamento da sonda.

Foi sacudido por um rápido pensamento: Picard tinha de alguma forma entrado no nexus e pedido ajuda, sabendo que não poderia reprogramar a plataforma e distrair Soran ao mesmo tempo. Mas como poderia Picard ter entrado no nexus, a menos... a menos que...

A menos que ele, Soran, tivesse obtido êxito. A menos que já houvesse encontrado seu caminho de volta aos braços de Leandra. Sentiu-se traspassado de dor. Então já deveria estar com ela naquele instante, e não ali lutando contra um atacante.

Kirk pulou sobre Soran, quando este tentou alcançar seu disruptor. O cientista gritou em fúria desesperada e tentou agarrar o pescoço do capitão...

Enquanto isso, Picard lutava com a plataforma. O painel de controle tinha os comandos indicados por hieróglifos totalmente alienígenas, provavelmente el aurianos, e exibia meia dúzia de telas com imagens e gráficos incompreensíveis. Examinou-os por vários segundos, então olhou para o ameaçador feixe de energia que se aproximava e concluiu não ter outra escolha senão apertar os controles ao acaso.

Foi o que fez, começando por um lado do painel e prosseguindo até o outro lado. Os primeiros seis botões não causaram qualquer efeito aparente. Picard continuou apertando os controles, esperando ativar uma nova tela, abrir um novo painel, encontrar alguma maneira, qualquer que fosse, de alterar a rotina de lançamento.

Finalmente, tocou um controle que fez uma das telas se apagar, sendo substituída pela imagem do sol de Veridian, que aparecia no centro de uma mira em cruz. Com um frêmito de excitação começou a apertar botões que pareciam capazes de alterar o curso da sonda.

Imediatamente, a plataforma de lançamento e o painel de controle se camuflaram.

Picard se assustou ao se ver no meio do ar, um metro acima do chão. Voltou-se para Kirk, que tinha chegado a um empate momentâneo na luta

com Soran. O disruptor tinha sido derrubado da mão do cientista e os dois homens estavam andando em círculos, de frente um para o outro, com o corpo parcialmente flectido.

De repente, Soran saltou na direção da arma. Kirk o interceptou, acertando o queixo do cientista com um soco que o jogou para trás.

O cientista caiu no chão, inconsciente. Kirk ficou de pé a seu lado, ofegante, e levou as mãos às costas, fazendo uma careta.

— Kirk! — gritou Picard. — Há um controle remoto em seu bolso direito. Kirk olhou para cima, ergueu uma sobrancelha para a visão do outro capitão suspenso no meio do ar, então inclinou-se para apanhar o controle no bolso de Soran. Franziu a testa e começou a mexer nos botões. Felizmente, não era tão complicado quanto o painel da plataforma. Teve que apertar apenas alguns controles para fazer a plataforma remover a camuflagem.

Picard voltou imediatamente à sua tarefa desesperada, não se importando de erguer o rosto quando Kirk disse, com um sorriso satisfeito:

— O século vinte e quatro não é assim tão duro.

Ouviu-se o som agudo e horrível de um disruptor. Picard ergueu o rosto e viu, horrorizado, Kirk caído de bruços na areia, com filetes de fumaça subindo das costas do uniforme. Soran ergueu-se atrás dele, com os olhos terrivelmente frios, e apontou a arma para Picard.

Houve um zumbido, depois um rugido, seguido por uma explosão de chamas que fez Picard erguer a mão para proteger o rosto do calor. A sonda partiu trovejante, como um grande pássaro escuro, rumo ao céu de Veridian.

Soran a observou, absorto. Picard fitou-a, mudo de esperança e terror.

A sonda seguiu diretamente para o sol brilhante, então virou subitamente para a direita e descreveu um arco de volta para a superfície do planeta. A face de Soran se contorceu de agonia ao vê-la desaparecer na floresta distante. Um segundo se passou, dois, então um bando de pássaros alçou vôo, espantados pelo surdo e súbito som de uma explosão ao longe.

Soran deixou cair o disruptor no chão e escalou o andaime. Subiu até o topo da rocha e ergueu-se na ponta dos pés, levantando os braços para o feixe que passava riscando o céu, esticando as mãos, tentando alcançá-lo.

— Leandra!...

Picard o ignorou e correu para o lado de Kirk. O disruptor abrira uma grande ferida nas costas de Kirk, profunda o suficiente para deixar os órgãos internos à mostra. Inclinou-se e tomou gentilmente o pulso de Kirk. O pulso do capitão ferido estava rápido e fino, sua pele fria e úmida, indicando estar em choque. Kirk pestanejou quando Picard o virou cuidadosamente, apoiando-o sobre o lado não machucado.

Mesmo que Kirk fosse imediatamente transportado para a enfermaria, o

ferimento seria fatal. Porém, Picard não podia aceitar o que seus olhos e sua mente lhe diziam. Não podia aceitar o fato de ter tirado Kirk do paraíso para que fosse morto.

— Nãaaaaa!... - gritou Soran, e Picard o viu agitando os braços para o céu, na direção do então distante feixe que se afastava inexorável e lentamente.

Derrotado, o cientista levou os punhos às têmporas e curvou-se como que acometido de uma dor física. Então, fixou seu olhar selvagem nos dois homens junto ao chão. Picard percebeu ser aquele o olhar de um homem que ultrapassara o limiar da loucura.

— VOCÊ! — O grito de Soran era amargurado e selvagem. Desceu dois níveis de um pulo e depois saltou do andaime sobre Picard.

Picard sentiu-se tomado de terror, não porque temesse Soran, mas por concluir que restara-lhe apenas uma opção. Não podia mais permitir que o cientista tivesse novas oportunidades de causar destruição.

Apanhou o disruptor caído no chão ao lado de Kirk e disparou.

O tiro atingiu o homem no peito bem no meio do salto. Ele caiu. Picard soube que estava morto antes mesmo que atingisse o solo. Não pôde deixar de desejar que o cientista tivesse finalmente encontrado a paz que tanto buscava. Soran caiu ao chão com um baque surdo. Ouviu-se então um tilintar de vidro espatifado. Algo brilhante e reluzente rolou de seu bolso, vindo parar ao lado de Picard. Era o relógio de bolso com a tampa de cristal do mostrador quebrada.

Picard voltou-se para Kirk e colocou a cabeça do homem ferido no colo. Os olhos de Kirk se abriram, e ele respirou com dificuldade.

— Belo tiro...

Tossiu, fechando os olhos devido à dor. Pequenos laivos de sangue vivo surgiram no canto de seus lábios acinzentados.

— Vou descobrir uma maneira de entrar em contato com a *Enterprise* — disse Picard, sabendo que isto não seria possível, que não havia esperança e que o legendário capitão estava, por fim, morrendo de verdade. Este fato o encheu de um estranho pesar. Apesar de sempre ter considerado James Kirk morto, apesar da brevidade de seu encontro, sentia profunda afinidade por aquele homem.

— Você vai ficar bem.

Kirk falou novamente, tão baixo que Picard teve que se inclinar para ouvir.

— Conseguimos? Fizemos uma diferença?

— Sim. — Picard sentiu o fôlego prender-se na garganta. — Obrigado.

— Era o mínimo que eu podia fazer... para o capitão da *Enterprise*... —

Sentindo um espasmo de dor, tossiu novamente, com um som gorgolejante saindo do fundo do pulmão. Sangue vivo começou a escorrer-lhe da boca.

— Tente se agüentar — incitou Picard. Tomou a mão do moribundo nas suas.

Kirk fitou o céu, sem enxergar, com um raio de sol a iluminar-lhe o rosto. Suas feições pareceram ficar livres de todo o sofrimento. Sua expressão passou a denotar introspecção e paz.

Na floresta distante, um pássaro solitário começou a cantar.

— Está tudo bem... — Kirk fez uma desajeitada tentativa de dar uma palmadinha na mão do outro capitão. Picard percebeu que ele estava tentando consolá-lo. — Já vivi o suficiente para uma centena de vidas... — Um débil sorriso surgiu-lhe no rosto. — Foi divertido...

Então morreu nos braços de Picard, com um lento e satisfeito suspiro.

Deanna Troi aspirou uma baforada de fumaça e tossiu, fazendo uma careta para o espasmo que sentiu nas costelas. A dor aguda ajudou-lhe a clarear a mente. Moveu-se e percebeu que tinha sido arremessada da cadeira e estava caída em cima do painel, com os braços e pernas pendentes. Data estava sentado, caído para diante sobre o painel ao lado, ainda agarrado às pernas dela. Obviamente, tinha evitado que ela voasse em direção à tela principal. Seus movimentos pareceram reanimá-lo. Ele endireitou-se, soltou-lhe as pernas e a ajudou a descer do painel.

— Conselheira? Você está bem? — Data não parecia ferido, mas tinha o cabelo desganhado e os olhos arregalados de espanto.

Ela assentiu com a cabeça, apesar de sentir as pernas tremendo, fazendo nova careta ao sentir outra pontada nas costelas e uma dor surda nos músculos machucados do ombro. Felizmente, a nave estava silenciosa e imóvel, e o chão a seus pés solidamente firme.

A ponte estava envolta na fumaça proveniente dos painéis fumegantes, porém, estranhamente iluminada. Apertou os olhos na direção do clarão e percebeu que havia raios de luz atravessando a névoa. A princípio imaginou que as luzes auxiliares tivessem sido milagrosamente restauradas. Então olhou para cima, além da camada de fumaça, vendo a luz do sol entrando através do domo arrebentado acima da ponte. Enquanto observava, dois pássaros pousaram na beirada da abertura e olharam para baixo.

— Acho que aterrissamos — sussurrou Troi, para ninguém em particular.

Data já tinha se afastado e estava ajudando os outros a se erguerem. Ela voltou-se e viu que Worf estava tentando se levantar do chão. Evidentemente, havia sido jogado por cima do painel táctico.

Viu então Riker, caído de braços e imóvel ao lado da cadeira de comando tombada. Tinha a cabeça virada num ângulo estranho e os olhos abertos na direção do domo arrebrandado.

— Meu Deus... Will! — Ela correu em sua direção, tomada pela aterrorizante convicção de que ele estava morto, e ajoelhou-se a seu lado.

— Estou bem — disse ele, rouco. — Só estou apreciando a vista... — Sentou-se lenta e alegremente. — Informe...

Data surgiu do meio da névoa, acompanhado de Worf.

— Todos os sistemas inoperantes, senhor — disse o andróide. — Não sei o que aconteceu com o resto da nave. Mas não há baixas na ponte. Apenas algumas escoriações.

— Muito bom — disse Riker. Estendeu o braço para o encosto da cadeira de comando virada e ergueu-se, ignorando a oferta de ajuda de Troi e Data. — Evacue a ponte e organize todo o pessoal fisicamente apto em equipes de busca e salvamento.

— Sim, senhor. — Data voltou-se e dirigiu-se à saída de emergência. Worf e Troi o seguiram.

Deteve-se e hesitou, abalada não pela conseqüência do impacto, mas por causa do fantasma mental de um outro presente. A realidade oscilou à diante dela. Viu em sua mente a ponte escurecer-se.

A *onda de choque*, pensou, com súbito pânico, ouvindo na imaginação um surdo rugido, e ergueu o olhar para o domo arrebrandado.

Os pássaros gorjeavam, aquecendo-se ao sol. O céu estava claro e tranqüilo. Respirou fundo e estremeceu, afastando a imagem fantasma e o medo. Por algum motivo incompreensível, sentia o mesmo que sentira quando o capitão lhe revelara o triste futuro no qual ela estava excluída: que recebera uma segunda chance na vida.

— Deanna? — Will adiantou um passo em sua direção, franzindo as sobrancelhas chamuscadas. — Você está bem?

Worf e Data pararam e voltaram-se para ela.

Vendo a preocupação no olhar deles e no de Will, sentiu-se cheia de gratidão por estar viva e cercada de amigos que amava, sentiu enorme gratidão por aquele precioso momento.

— Sim — respondeu brandamente, quando finalmente conseguiu falar, e sorriu. — Sim, Will... está tudo muito bem.

Em cima do planalto, Picard cavou as sepulturas de Kirk e Soran usando o disruptor com que foram mortos. Enterrou Soran junto à rocha, onde o cientista tinha construído o andaime que o levaria de volta para sua esposa e sua família.

Enterrou Kirk à sombra de uma antiga árvore, num lugar que dava vista para a floresta e para o céu. Quando colocou a última pedra sobre a sepultura do capitão, o céu havia se avermelhado e escurecido até o tom arroxeadado do crepúsculo. Tendo a árvore e o horizonte coberto de montanhas por fundo, o sol de Veridian estava se pondo, tingindo com seus raios as pedras brancas das sepulturas de laranja.

Tendo terminado a última tarefa, Picard tirou a insígnia de comando de Kirk do seu bolso e colocou-a reverentemente sobre a cabeceira da sepultura.

Assim que percebeu que Kirk estava morrendo, teve um sentimento de culpa quase insuportável. Fora ele que incitara Kirk a deixar a eterna felicidade do nexus em troca da morte. Contudo sabia, por ter conhecido o capitão, que Kirk não teria feito outra escolha.

E o sacrifício de Kirk, oferecido de modo tão espontâneo e prazeroso, livrara Picard de qualquer resquício de desejo de voltar para Robert e René, e sua esposa e filhos fictícios. Recordou-se do ódio no rosto de Guinan.

*Não queria sair... Só conseguia pensar em voltar para lá...*

Mas, enquanto se postava em posição de sentido diante da sepultura de James Kirk, fitando o deslumbrante entardecer de Veridian sobre a paisagem gradualmente envolta em trevas, sentiu alívio por ter escapado de volta à realidade. Kirk havia compreendido. Uma existência como aquela teria sido extremamente sem sentido. Eterna, sim; real, não. E mesmo que a vida fora do nexus fosse um fenômeno fugaz e temporário, não seria exatamente isso que fazia com que cada momento tivesse maior valor e significado?

Picard permaneceu por longos momentos de pé contra o vento frio, pensando no quanto ele e milhões de outras pessoas deviam a James Kirk. Então, ergueu o rosto na direção do zunido de um motor, avistando um objeto claro e piscante que cruzava o céu escuro.

Era a nave auxiliar da *Enterprise*. Ela pousou suave e graciosamente em uma clareira no outro extremo do pico da montanha, sem sequer levantar poeira. Picard correu pelo meio das árvores ao seu encontro, alcançando-a no momento em que a escotilha se abria, fazendo aparecer Worf e La Forge.

Worf foi o primeiro a saltar ao chão, apertando os olhos na direção do oficial em comando.

— Capitão, o senhor está bem?

— O que aconteceu com o Dr. Soran? — perguntou La Forge, da porta.

Picard hesitou, pensando nas duas sepulturas que deixara para trás, escondidas em meio às árvores e arbustos. Sem dúvida teria que esclarecer os eventos ocorridos naquele planalto, no nexus, com James Kirk e Soran... Mas, naquele momento, queria apenas voltar à nave e descansar.

— Não precisam mais se preocupar com o doutor.

Fez menção de entrar na nave... Deteve-se, apertando os olhos na penumbra, para o pequeno curativo na testa de Geordi La Forge, o rasgo no uniforme de Worf, e as marcas calcinadas na lateral da nave auxiliar.

— Tiveram problemas com os klingons?

La Forge trocou um olhar sombriamente relutante com Worf. Por um instante, nenhum deles respondeu. Então Geordi disse, com um profundo suspiro:

— Pode-se dizer que sim...

— Diário do capitão, data estelar 48650.1. A nave estelar *Farragut* entrou em órbita e começou a teleportar os sobreviventes da *Enterprise*, a fim de

levá-los de volta à Terra. Tivemos poucas baixas... mas infelizmente a *Enterprise* não pôde ser salva.

Picard fez uma pausa na gravação para fitar a fileira de pessoas que passava pela porta aberta. Alguns carregavam pertences que conseguiram retirar dos alojamentos, outros levavam equipamentos não danificados e outros carregavam os feridos em maças. Iluminado pelas lâmpadas de emergência, o corredor conduzia a uma escotilha aberta além da qual via-se o céu ensolarado e a viçosa vegetação da floresta de Veridian.

— Computador — disse Picard, voltando a cadeira para fitar as montanhas distantes além da escotilha —, encerre o diário. Gostaria de uma xícara de chá. Earl Grey. Bem quente. — Descansou os cotovelos na reluzente superfície da mesa de conferências. A sala de instruções fora virtualmente reduzida a escombros. Não tivera tempo até então de limpar os entulhos, mas trabalhara bastante ali, pois era um dos poucos lugares da nave onde as comunicações e o computador ainda funcionavam.

— Esta opção não está disponível no momento — zumbiu o computador. — A escolha de chás limita-se a: bantchá, amora e menta thireliana.

Picard suspirou.

— Deixe estar.

De repente, uma sombra cruzou a mesa. Ergueu o rosto e deparou-se com Guinan sorrindo junto à porta.

— Fico contente em vê-lo de novo. — Ela parecia ileso, tranqüila e nem um pouco afetada pelo caos que a rodeava.

— Fico contente em vê-la também — disse ele, retribuindo-lhe o sorriso. — Tenho uma pergunta que gostaria de lhe fazer...

— Sim, eu sei. — A expressão de Guinan tornou-se ironicamente enigmática. — E eu quero me desculpar por tê-lo subestimado, Jean-Luc. Por ter temido que não voltasse.

— Eu tinha um bom motivo para voltar. Veridian Quatro. Esta tripulação... e você, Guinan. — Hesitou. — Por que não me contou a respeito disso? — Abriu os braços, apontando para a sala em ruínas e o que acontecia além da porta aberta.

Ela não respondeu imediatamente, parando para ouvir o canto agudo e cristalino de um pássaro na floresta. Voltou-se para lá e disse:

— Existem coisas que estavam *destinadas* a acontecer. Como, por exemplo, você ter salvado a estrela Veridian. E isto... — perpassou os olhos ao redor — isto também estava destinado a acontecer.

— Mas houve membros da tripulação que foram mortos — disse Picard, oprimido. — Perdemos dezessete pessoas.

— Sim... — Guinan assentiu com a cabeça, num único e solene gesto, com os olhos escuros rebrilhantes de compaixão. — Era isto o que estava *destinado* a acontecer. A morte nem sempre é uma derrota, Jean-Luc. Faz parte do nascimento e do modo como o universo é regido. — Fez uma pausa. — Já estive em lugares onde se chora quando nasce alguém e se celebra quando alguém morre. Acho que não é uma má idéia. Mantém as coisas na perspectiva correta.

— Então, eu estava destinado a salvar os habitantes de Veridian Quatro e a maioria da tripulação — disse Picard —, mas não aquelas dezessete pessoas? — Sacudiu a cabeça levemente. — Se tivesse me contado a respeito delas. Ela o interrompeu:

— Você teria voltado mais cedo no tempo para salvá-las de algum modo. Eu sei. É por isso que não lhe contei. — Suspirou suave e melancolicamente. — Não é fácil saber das coisas, às vezes. — Ergueu o rosto e olhou em volta. — Vou sentir saudades desta nave...

Picard concordou com a cabeça. Seu profundo alívio por ter salvado a população de Veridian IV e sua tripulação tinha sido obscurecido pela perda de dezessete pessoas e da própria *Enterprise*. Sentiu muito a perda da nave, não com tanta intensidade quanto sentira a perda de René e Robert, mas, não obstante, havia dor em seu coração.

Contudo, quando soube que a *Enterprise* fora destruída, não se viu dominado pela mesma raiva e fúria que sentira ao saber da morte do irmão e do sobrinho. Sua experiência no nexus e com Kirk deram-lhe outra visão, ajudando-o a valorizar o que era temporal e fugaz, justamente *por causa* de sua temporaneidade.

— Quero lhe agradecer — disse a Guinan — por ter-me ajudado no nexus. Por apresentar-me a Kirk. — Seu tom de voz tornou-se mais brando, então contou-lhe o que não havia revelado a mais ninguém. — Ele voltou para cá, para este planeta, comigo. Foi morto quando tentava me ajudar a

impedir Soran.

— Eu sei — disse Guinan, muito brandamente. Seus olhos não mais denotavam divertimento. — Isto também estava destinado a acontecer. Às vezes, o universo pode ser bastante justo. Ele morreu do modo como queria morrer: fazendo uma diferença.

Picard ergueu rapidamente a cabeça ao ouvir aquelas palavras, lembrando-se da última pergunta de Kirk. Então, seus lábios se curvaram num discreto sorriso.

— Espero que quando minha hora chegar, o universo seja assim tão justo comigo.

Ela estendeu o braço sobre a mesa e pousou sua cálida mão sobre a de Picard.

— Imagino que será, Jean-Luc — disse ela, e sorriu. — Imagino que será...

## *Dezesseis*

Deanna Troi estava de pé em meio às ruínas de um hangar de carga, procurando sinais de vida com um tricorder.

Mais do que todos, sabia nitidamente o quão perto haviam chegado da morte... as imagens do que poderia ter acontecido, as mesmas que a assombraram na ponte pouco antes do impacto, ainda surgiam em seus sonhos, terrivelmente reais.

Ao mesmo tempo sentia-se livre, rejuvenescida pelo íntimo contato com a morte. Isto fizera com que se lembrasse do que era mais importante, deixando para trás sua ansiedade a respeito de Worf e Will e do que o futuro poderia trazer.

Tinha conversado com os dois e descoberto que sentiam o mesmo que ela. Estavam simplesmente gratos por haverem sobrevivido e desejosos de que quaisquer relacionamentos evoluíssem naturalmente.

Tinha conversado com dezenas de membros da tripulação desde a queda, tentando ajudá-los a pôr em ordem as próprias emoções. Surpreendentemente, o capitão parecia ter renascido. Troi temia que a perda da *Enterprise* lhe fosse um segundo golpe, mas Picard enfrentou-o, e parecia ter resolvido o pesar que sentia pela morte do sobrinho e do irmão.

Estava bem mais preocupada com Data. Naquele momento, estava ao lado dele, fitando as pilhas de pedaços de parede caídos e circuitos expostos e retorcidos.

A expressão do andróide denotava leve porém controlada ansiedade ao vasculhar os escombros.

— Quero lhe agradecer, conselheira, por me ajudar em minha busca. É muito gentil de sua parte.

— Não é incômodo algum, Data. — Ela ergueu os olhos do tricorder para dirigir-lhe um sorriso. — Já retirei o que pude do meu alojamento. Sinto dizer que não sobrou muito.

— Está enfrentando sua perda muito bem. Certamente melhor do que pareço estar... — Suspirou tristemente, enquanto caminhava para outra área a ser vasculhada.

— É diferente, Data. Eu perdi *coisas*... Além disso, estou impressionada pelo modo como tem lidado com tudo isto.

O andróide assentiu com a cabeça e disse, com discretíssimo traço de ingênuo orgulho:

— Foi difícil, mas acho que consegui assumir o controle da situação.

— Então, decidiu não remover o chip emocional?

— Por enquanto — disse Data, olhando para as ruínas. — A princípio não estava preparado para a natureza imprevisível das emoções... mas depois de experimentar duzentos e sessenta e um estados emocionais distintos, creio que aprendi a me controlar. — Enrijeceu os ombros, num tocante gesto de determinação inocente, que fez Troi reprimir um sorriso. — Não sou mais controlado por elas.

— Bem, Data — respondeu Troi, aprovadamente. — Espero que... — Interrompeu o que dizia ao ouvir um sinal emitido pelo tricorder e fixou a atenção nos dados apresentados. — Ali! — Acenou excitada para o andróide. — Acho que encontramos algo.

Data correu para junto dela com os olhos arregalados de esperança. Troi ergueu o tricorder para que ele pudesse ler.

— Um sinal de vida, bastante débil.

Entregou a ela o seu tricorder e correu para o local de onde partia o sinal: uma parede caída que ergueu com força sobrenatural. Debaixo dela havia fragmentos de metal e o conteúdo espalhado de contêineres de estocagem: uniformes rasgados, botas, alimentos, suprimentos médicos. Tudo isso Data remexeu com ansiosa rapidez, até chegar a um pedaço de placa metálica.

Jogou-a de lado e encontrou Spot, escondido a salvo sob os escombros. A gata ergueu os olhos para o andróide e emitiu um miado rouco e lamentoso.

— Spot! — Data agachou-se, abraçou a gata e apertou seu pelo listrado de ruivo contra o rosto. Ela imediatamente começou a ronronar, tão alto e entusiasticamente que fez Troi dar uma risadinha alegre.

— Estou muito feliz por ter encontrado você, Spot — murmurou Data, aninhando o animal junto ao peito.

— Outra família que se reúne. — Troi não conseguiu reprimir um enorme sorriso. Abriu caminho por entre os escombros e pôs-se ao lado do andróide agachado, inclinando-se para afagar Spot.

Data voltou-se, mostrando os olhos dourados cheios de lágrimas. O sorriso de Troi desapareceu imediatamente.

— Data — perguntou ela, brandamente, surpresa e emocionada com a visão —, você está bem?

Ele deu de ombros, timidamente, fazendo com que uma lágrima brilhante pingasse do rosto pálido.

— Não tenho certeza, conselheira. Estou contente de ver Spot... mesmo assim estou chorando. O chip deve estar funcionando mal.

Troi gentilmente pôs a mão no braço dele.

— Não, Data. Acho que está funcionando perfeitamente. Ele olhou para ela e sorriu em meio às lágrimas.

Em meio às ruínas da sala de instruções, Picard estava inclinado para a frente, procurando entre os resquícios do passado.

Aprendera com Soran o quanto era insensato apegar-se ao que já se fora e que não podia ser recuperado, ao que era temporário pela própria natureza. Havia ali muitos pertences que foram destruídos. Coisas que considerava valiosas e das quais teria saudades. Entretanto, pareciam menos importantes depois de sua experiência no nexus. Eram, afinal de contas, apenas coisas, mesmo que algumas fossem únicas e insubstituíveis.

Apenas uma delas lhe importava naquele instante. Aceitaria a perda, se fosse necessário. Mas de bom grado, ou até mesmo com alegria, abriria mão de todas as outras coisas se pudesse reaver aquela...

— É isto aqui? — gritou Riker.

Picard voltou-se para fitar o segundo em comando, que estava no meio da mobília virada e dos objetos pessoais esparramados, erguendo um grande e empoeirado fichário.

— Sim — disse Picard. A palavra serviu-lhe de suspiro de alívio. — Sim, Número Um, obrigado.

Ele e Riker abriram caminho para se aproximarem um do outro. Picard apanhou o álbum, cheio de gratidão. A capa gravada em relevo fora rasgada, mas o restante parecia intacto. Limpou a poeira e abriu reverentemente a página onde estavam as últimas poucas fotos de seu sorridente sobrinho.

Riker pôs-se a seu lado, com as mãos na cintura, perpassando os olhos pela devastação.

— Vou sentir saudades desta nave. Ela se foi antes do tempo.

Picard ergueu os olhos do álbum, fechou-o cuidadosamente e seguiu o olhar de Riker.

— O que importa não são quantos anos se vive, Will... mas como esses anos são vividos. — Fez uma pausa. — Alguém me disse certa vez que o tempo é um predador que nos caça por toda a nossa vida. Mas talvez o tempo seja também um *companheiro*... que segue conosco em nossa jornada e nos relembra de desfrutarmos os momentos da vida... porque nunca mais voltarão. Somos todos, afinal de contas, apenas mortais.

Por algum tempo, Riker ficou sem dizer nada. Então, o conhecido brilho maroto surgiu-lhe nos olhos.

— Fale apenas pelo senhor, capitão. Eu meio que tinha planejado viver para sempre.

O capitão lhe sorriu, enquanto passavam da sala de instruções para a ponte em ruínas. Uma sombra cruzou o semblante de Riker ao olhar para a cadeira do capitão.

— Sempre pensei que teria a chance de me sentar nesta cadeira algum dia.

— Pode ser que ainda tenha — disse Picard. — Por algum motivo, duvido que esta seja a última nave com o nome de *Enterprise*. — Hesitou por um momento para dar uma última olhada na ponte, a fim de guardá-la na memória, então tocou sua insígnia-comunicador.

— Picard para *Farragut*. Dois para subir.

Aprumou-se ao ouvir o suave zumbido do transportador e observou, imóvel, o passado se dissolver.

## OS BASTIDORES DE

# JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA GERAÇÃO

*Uma Reportagem Especial de Judith e Garfield Reeves-Stevens, Autores de  
The Making of Star Trek: Deep Space Nine*

*Traduzido por Roberto de Sousa Causo*

Quando Ronald D. Moore e Brannon Braga, os roteiristas de JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA GERAÇÃO, entraram no escritório de Rick Berman para uma misteriosa reunião em fevereiro de 1993, eles pensavam que iam ser despedidos.

Àquela época, ambos eram escritores e produtores da série televisiva JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA GERAÇÃO, junto à qual Rick Berman era produtor executivo. Moore escrevia para o programa desde sua primeira venda de um roteiro ("The Bonding") para a série, na terceira temporada e Braga, desde que se unira à série como um estagiário de verão, na quarta temporada. (Ele ganhou o seu primeiro crédito de um roteiro para a série trabalhando com Moore em "Reunion".) A Nova Geração estava a meio caminho da sua sexta temporada naquele fevereiro, com a maior parte das pessoas envolvidas com a série antecipando que ela duraria até a oitava.

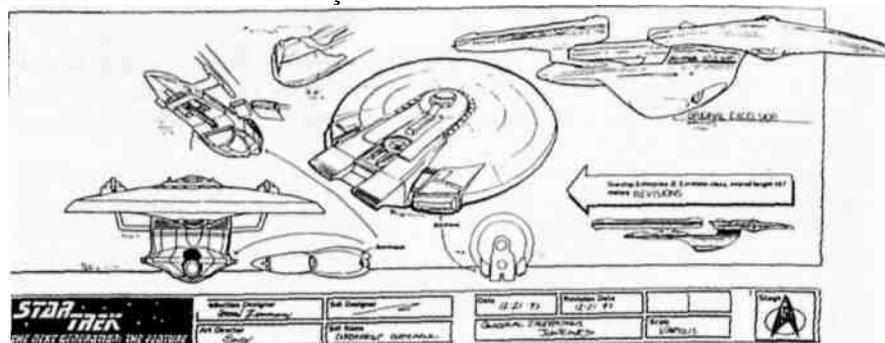
Mas Ron Moore e Brannon Braga sentiam que não tinham garantias de que estariam lá para dar continuidade ao sucesso do programa. Como Moore diz, "Simplesmente não havia motivo para aquela reunião, na época. Rick Berman apenas não se 'reúne' com você para 'papear'. Assim, Brannon e eu começamos a pensar que estávamos sendo despedidos, e que o programa estava cancelado."

As coisas também não ficaram nem um pouco mais fáceis uma vez que passaram pela porta do escritório de Berman. Conforme Moore se lembra com um sorriso, "Rick gosta de espremer dessas coisas tudo o que elas valem. Por isso nos sentamos e ele estava muito sério e caminhava de um lado para outro, e nos disse: 'Bem, rapazes, tenho estado negociando por três meses com o estúdio... E eu pensei, 'Oh meu Deus, estamos despedidos, o estúdio vai cancelar a série e está tudo acabado. Está realmente chegando ao fim.' Mas então Rick disse: 'E eu vou produzir os próximos dois filmes de JORNADA NAS ESTRELAS e quero que vocês escrevam um deles.' Bem, nós apenas olhamos para ele de boca aberta, porque não tínhamos palavras."

Depois dessa primeira reunião, Moore lembra-se de que "nós saímos do prédio e caminhamos em volta da Paramount três vezes apenas dizendo, 'Isto aconteceu? Isto realmente aconteceu?' E desse ponto em diante começamos a trabalhar na história."

É claro, a surpresa de Moore e Braga diante do pronunciamento de Rick Berman não foi só por alívio em manter os seus empregos, mas excitação por estarem sendo solicitados a tomar parte na próxima encarnação da *Nova Geração*. A idéia de haver um filme da *Nova Geração* realmente não era surpresa para ninguém envolvido em JORNADA NAS ESTRELAS, dado que os primeiros seis filmes de JORNADA NAS ESTRELAS são a mais bem sucedida série de ficção científica jamais feita, e que a própria JORNADA NAS ESTRELAS tem, em seus quase trinta anos de história como entretenimento, se tornado literalmente uma franquia de bilhões de dólares. Muito desse sucesso persistente, em anos recentes, é atribuído ao próprio Rick Berman.

Berman chegou à Paramount em 1984 como Diretor de Programação Corrente, com responsabilidade de supervisionar as comédias de sucesso *Cheers*, *Family Ties* e *Webster*. Por volta de maio de 1986 ele se tornou Vice-Presidente, Forma Longa (jargão de Hollywood para filmes feitos para a televisão) e Projetos Especiais, e um dos projetos especiais que lhe atribuíram foi a recém-anunciada nova série de TV, JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA GERAÇÃO.



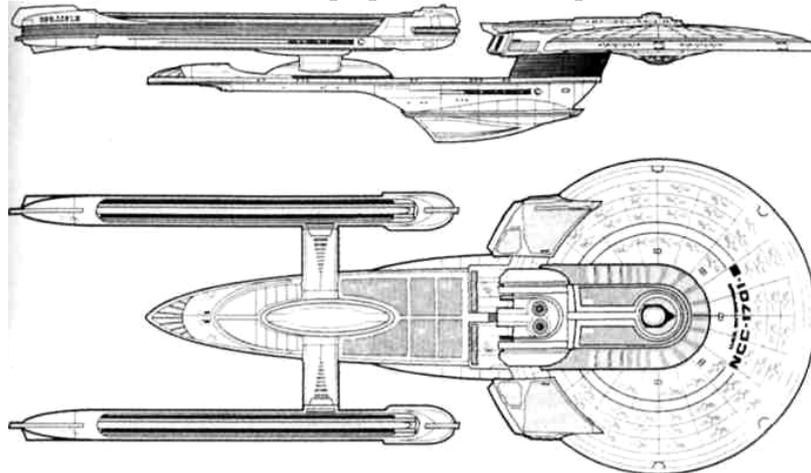
Esta planta preliminar da Enterprise-B, de dezembro de 1993, mostra algumas das modificações que foram feitas no modelo original da Excelsior para transformá-la em uma nave estelar de primeira linha, em torno de 2295. Note o tosco título provisório do filme àquela época [*Star Trek: The Next Generation: The Feature*].

Após cerca de duas semanas em seu novo papel como uma ligação entre a equipe de produção da série e o estúdio, Berman foi convidado a almoçar

com o criador de JORNADA NAS ESTRELAS, Gene Roddenberry. Tão bem se deram os dois homens que Berman caracteriza o encontro como "amor à primeira vista". A resposta de Roddenberry foi mais ao ponto — no dia seguinte ele perguntou à Paramount se Berman poderia vir trabalhar no programa como produtor. Berman se lembra de que, "ao longo do primeiro período de três meses, eu fui de produtor, para produtor-supervisor, para coprodutor executivo, e pela metade da primeira temporada eu estava dirigindo o programa com Gene." Embora ninguém pudesse tê-lo notado na época, Gene Roddenberry tornara um primeiro passo, preparando a passagem do bastão da gerência de JORNADA NAS ESTRELAS.

Contudo, nos anos a partir da morte de Roddenberry, Berman tornou-se muito mais do que apenas um gerente da criação de Roddenberry. Em adição ao seu papel como produtor executivo de todos os projetos para a televisão de TORNADA NAS ESTRELAS, e produtor do novo filme, Berman é também co-criador das duas novas séries televisivas, JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA MISSÃO, e STAR TREK: VOYAGER, e partilha o crédito da história do filme JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA GERAÇÃO.

Dado o seu sucesso em expandir uma já bem-sucedida franquia para alturas ainda maiores, do mesmo modo como era inevitável que um filme da Nova Geração fosse feito, era inevitável que Rick Berman seria a pessoa que a Paramount encarregaria de fazê-lo. A produção do filme seria parte da gerência contínua do que os executivos da Paramount se referem como "a jóia da coroa" de todas as suas propriedades no campo do entretenimento.



*Da conceituação do artista para os diagramas de computador... Estas plantas mostram uma outra vista das modificações que transformaram o*

*modelo da Excelsior na Enterprise-B. A Excelsior original foi desenhada por Bill George e construída na Industrial Light and Magic.*

Rick Berman descreve a estratégia de desenvolvimento e produção da Paramount, na qual o filme se enquadra, como iniciando-se ainda mais cedo do que o início dos seus três meses de negociações. "Brandon Tartikoff, que estava dirigindo o estúdio na época, primeiro veio a mim, mais de três anos antes, para pedir-me que desenvolvesse uma nova série, que se tornou *A Nova Missão (Deep Space 9)*. O plano era de que *A Nova Missão* fosse ao ar, que ela e *A Nova Geração* se sobreporiam por cerca de um ano e meio, e que *A Nova Geração* terminaria após sua sétima temporada. Uma das razões para que terminasse era de modo a nos permitir fazer um filme. Essa foi uma decisão imposta aos trabalhos por, eu acredito, Stanley Jaffe, que costumava ser o cabeça da Paramount Communications."

Quanto à gênese do filme em si, Berman se lembra de que "Sherry Lansing, John Goldwyn e Don Grainger me procuraram por volta do Natal de 92 e pediram-me para criar e produzir um filme de JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA GERAÇÃO para eles. O que eu decidi fazer, porque escritores são tão difíceis de achar, foi planejar dois roteiros andando simultaneamente. Eu co-escreveria histórias com dois escritores diferentes, e então eles continuariam a escrever dois roteiros e o melhor iria primeiro. Em outras palavras, o roteiro que não fosse primeiro não seria necessariamente jogado no lixo. Ele seria poupado para ser realimentado em um segundo filme."

Os executivos da Paramount estavam entusiasmados com o plano de Berman, o que levou ao seu misterioso convite a Ron Moore e Brannon Braga para virem ao seu escritório para um "papo". Ao mesmo tempo, Berman também chamou o escritor e produtor Maurice Hurley, um bom amigo com quem trabalhara por dois anos na série *Nova Geração*.

Pelos próximos sete meses, ao mesmo tempo em que trabalhava como produtor executivo para ambas *A Nova Geração* e *A Nova Missão*, no total comando de cada aspecto de suas produções, Berman trabalhava com Moore e Braga, e com Hurley, para desenvolver dois roteiros diferentes da *Nova Geração*, apropriados à tela grande.

"Em ambos os roteiros", Berman explica, "as histórias que desenvolvemos, à minha solicitação, eram histórias que vinculavam, em graus diferentes, membros da série original juntamente com *A Nova Geração*. Primeiro, passamos pelo desenvolvimento da história em ambos, e as duas histórias foram submetidas ao estúdio. Recebemos um bocado de anotações do estúdio, as histórias foram revisadas, e então partimos para o

primeiro rascunho de ambas. Posteriormente, tornou-se bem óbvio que o estúdio e eu estávamos ambos nos inclinando para o roteiro de Ron e Brannon. Isso não é dizer que o roteiro de Maury não seja fantástico — ele apenas estava muito menos avançado na hora em que nós realmente tínhamos que tomar uma decisão." Berman vai em frente acrescentando que o roteiro de Hurley continuará a ser desenvolvido como um potencial segundo filme da *Nova Geração*. "É um ótimo roteiro", diz.

Mas muito antes que a decisão fosse tomada quanto a qual dos dois roteiros se tornaria o primeiro filme da *Nova Geração*, as histórias em si tinham de ser desenvolvidas. Antecipando o escopo mais largo de um filme, após sete anos de trabalho dentro dos constrangimentos de cronogramas estreitos e orçamentos ainda mais estreitos da televisão, Berman diz: "Nós imediatamente nos colocamos para escrever uma história que tivesse uma qualidade épica."

Ele explica que em suas reuniões iniciais com seus escritores, "minha diretriz era de que seria uma história que começasse no século XXI, e então seguisse para o século XXIV. O roteiro com Ron e Brannon tinha isso. O roteiro com Maury era um pouquinho diferente, mas ele incluía o capitão Kirk. E passando isso, basicamente, o céu era o limite. Nossa atitude era de que não estávamos nos segurando dentro das limitações que normalmente se assumem como rumo, quando você está desenvolvendo um roteiro de televisão."

Ron Moore também se lembra da liberdade narrativa que a incumbência do roteiro trouxe. Na primeira reunião que ele e Braga tiveram com os executivos do estúdio que estariam envolvidos no projeto, "A instrução deles para nós foi: 'Façam um bom filme, rapazes.' Simples assim. Eles apenas disseram: 'Vocês sabem o que estão fazendo, nós confiamos em vocês, gostamos do seu trabalho, vocês conhecem o programa. Queremos fazer disto uma franquia bem sucedida. Dêem-nos um bom filme.' E isso foi tudo."

Durante essa fase de criação, Moore acrescenta, "nós começamos a falar sobre os personagens da *Série Original*, se eles iam estar no nosso filme ou não, ou se eles estariam no outro roteiro que estava sendo desenvolvido. De algum modo, através da mistura disso, decidimos que era algo que queríamos fazer, e passamos a vista em um bocado de opções diferentes. Por um tempo estivemos intrigados com a imagem do 'pôster' que queríamos, que era a de duas *Enterprises* lutando uma contra a outra. Pensamos que isso seria realmente legal: Kirk versus Picard! Mas simplesmente não podíamos surgir com alguma coisa onde fosse plausível que os dois estivessem em tais circunstâncias, que estariam lutando um com o outro, e a audiência ainda estar torcendo por ambos. Isso tinha dificuldades demais para serem

resolvidas, de modo que a abandonamos. E então foi Rick que surgiu com o formato do tipo 'que tal um mistério que começa na época da *Série Original* — corta — e então continuamos na *Nova Geração*'. Isto é, um mistério que emparelha as duas gerações. Uma vez que tínhamos isto colocado, então começamos a procurar por idéias — que história ia ser? Como duas tripulações se encontrariam? Haveria viagem no tempo? Os personagens da *Nova Geração* vão para trás? Os personagens da *Série Original* vão para frente? Alguma outra coisa?"

Eventualmente, Berman, Moore e Braga decidiram que não queriam usar viagem no tempo para reunir as duas tripulações, o que levou a uma nova série de questões enquanto tentavam chegar a algum "terreno neutro" onde o antecipado encontro das gerações teria lugar.

"Foi assim que o nexus aconteceu", diz Moore. "Era um lugar onde os dois pudessem ir, que não fosse nem passado nem futuro."

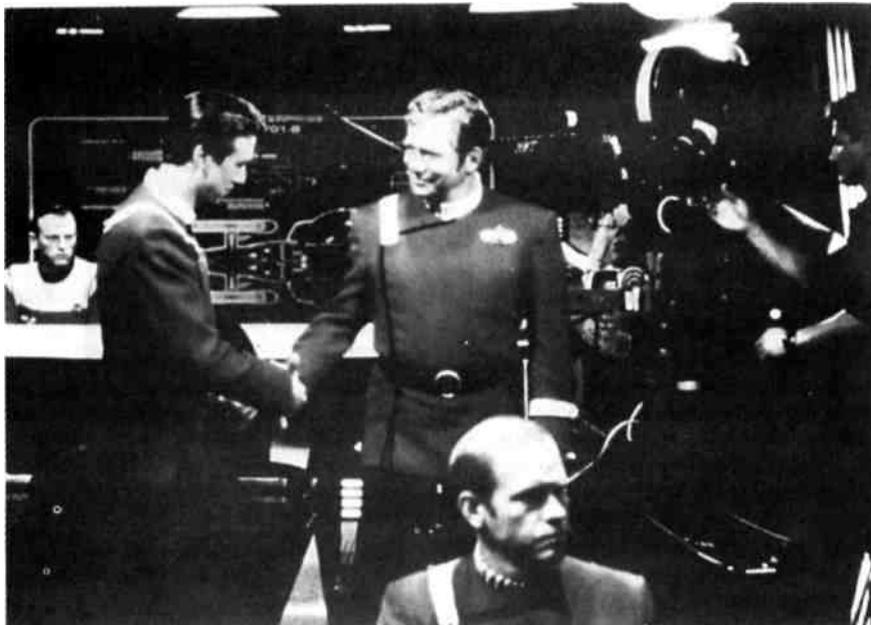
Mas embora o eventual encontro entre os dois grandes capitães da *Starship Enterprise* há muito fosse esperado, o resultado desse encontro é provável que seja uma surpresa para muitos. Se você ainda não viu o filme ou leu este livro, este pode ser um bom lugar para parar de ler, até que o tenha feito.

O mais dramático desenvolvimento da história é, claro, a morte heróica do capitão Kirk — certamente um incidente chave nos quase trinta anos de história do universo de JORNADA NAS ESTRELAS. Mas como Rick Berman recorda, não houve um momento preciso onde a idéia de mostrar a morte de Kirk no filme surgiu à equipe de escritores.

"Eu penso que nós como que a assumimos por garantido", Berman diz, "que, se nós íamos de algum modo trazer Kirk para o século XXIV, ele ia morrer. Era alguma coisa que foi a priori a partir do Dia Um, porque estávamos encarando três escolhas. Uma era enviar Kirk de volta depois que ele e Picard houvessem detido o louco. Uma era mantê-lo no presente da *Nova Geração*, vivo. E a outra era matá-lo.

"Mantê-lo no presente, vivo, parecia um pouco tolo. Enviá-lo de volta não coube bem na história, considerando que voltar significava retornar a uma morte anterior que é vista no início do filme [quando Kirk aparentemente morre salvando a *Enterprise-B*]. Assim, parecia apropriado deixá-lo morrerão fim do filme, embora alguns vão nos acusar de simbolicamente ter Picard enterrando Kirk como sendo um tipo de metáfora da *Nova Geração* enterrando a *Série Original*. Isso foi totalmente não-intencional. Será interessante ver o que as pessoas vão comentar sobre isso."

Brannon Braga, contudo, sente que a força emocional da morte de Kirk não será causa de controvérsia. "Pareceu apenas a coisa certa a fazer", diz.



*Vinte e oito anos depois de sua primeira aparição como o capitão James T.Kirk, William Shatner retorna aos estúdios da Paramount para reprisar o seu papel pela última vez. Mas, o Sr. Spock morreu no terceiro filme de JORNADA NAS ESTRELAS, apenas para ser... Não. Não poderia acontecer outra vez, poderia?*

"Tipo passar o bastão. E certamente só a imagem de Kirk morrendo nos braços de Picard e Picard enterrando-o no fim do filme tem uma eloquência que falará a todos fãs de JORNADA NAS ESTRELAS."

Talvez a segunda maior surpresa no novo filme seja o que Ron chama "a grande seqüência 'uau' do filme" — a espetacular cena no fim, quando a seção principal da *Enterprise-D* é destruída, e a seção disco cai na selvas de um mundo alienígena. Diferente da morte de Kirk, este desenvolvimento do enredo é anterior até mesmo às discussões mais preliminares do filme.

" Isso foi realmente uma idéia que nós originalmente tivemos para o gancho da temporada seis", Moore explica. "Foi algo que Brannon e eu e Jeri [Taylor] havíamos jogado para Rick e Mike [Piller]. Tínhamos uma Unha de enredo onde a *Enterprise* era chamada de volta à Terra, onde ia se tornar uma espécie de *Queen Mary* honorária, um barco de exibição diplomático perambulando pelo Sistema Solar. A tripulação ia ser dividida e seria o fim da missão. De fato, o título do episódio ia ser 'All Good Things' [que foi o

título usado para o episódio final da *Nova Geração*.]

"Em seu caminho de volta à Terra, é claro, eles são desviados, e o disco da *Enterprise* se separa e cai na superfície do planeta. Esse ia ser o gancho, com ela caindo para dentro da atmosfera. Desafortunadamente, a produção disse que não havia maneira cm que pudéssemos fazer cair a seção disco com um orçamento de televisão. Apenas ia parecer barato demais com o que podíamos fazer. "Você odiaria", eles disseram-nos."



*Na ponte da Enterprise-B Scotty luta nos controles enquanto Kirk corre para a Sala de Transmissão do Defletor. Esta foto por-trás-das-cenas mostra uma das vantagens do orçamento de um filme para cinema — duas câmeras e equipes de filmagem no cenário, para simultaneamente gravar a ação de múltiplos pontos de vista.*

Mas a idéia de acidentar a seção disco permaneceu intrigante, e com o orçamento para o filme da *Nova Geração* sendo cerca de dez vezes mais que o orçamento para um episódio individual, Moore e Braga sugeriram que a seqüência fosse incorporada ao roteiro. Berman concordou, e o resto é história do futuro.

É claro, do mesmo modo como Berman está preocupado com o que os fãs possam pensar sobre o simbolismo de Picard enterrando Kirk, Brannon Braga se pergunta sobre a sua perspectiva narrativa e de Ron Moore, conforme ilustrada pela destruição da *Enterprise*. "Eu não sei outro modo de

dizê-lo, exceto que a nossa máxima fornecida pelo estúdio foi para que nos divertíssemos. E assim nós fizemos. Nos divertimos destruindo coisas. Não sei o que isso diz sobre nós. Mas então", ele acrescenta, com um sorriso, "aquela *Enterprise* esteve na tela por sete anos. Eu estou pronto para uma nova. Penso que isso fará o segundo filme ainda mais divertido."

Tradicionalmente em Hollywood, os escritores são encorajados a não se restringirem quando escrevem o primeiro rascunho de um roteiro. Eles nunca deveriam limitar a história que querem contar, se preocupando com orçamento ou a habilidade dos magos de efeitos especiais em criarem as mais espantosas e complexas imagens que os escritores possam imaginar. Contudo, quando a início da produção se afigura mais próximo e os escritores começam a trabalhar em segundos, terceiros e quartos rascunhos, a praticidade dos aspectos empresariais do cinema assume a maior importância. Também JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA GERAÇÃO não foi exceção a essa regra. Rick Berman se lembra que a primeira vez que o roteiro foi objeto de um escrutínio de custos, as cifras foram cerca de oitenta por cento acima do que se planejava que o filme custasse.

Afortunadamente, contudo, quando as escolhas difíceis sobre o que cortar estavam sendo encaradas, Berman e sua equipe de produção recorreram à bagagem de sete anos passados em séries de televisão espremendo até o último centavo de um orçamento e o colocando na tela.

Com um toque de justificável orgulho, Berman diz: "Eu penso que ninguém além de nós podia ter entregue um filme desta magnitude por este orçamento, simplesmente por causa da nossa experiência contínua em poupar centavos. Sendo gente de séries de TV de ação e aventura, o que é meio raro hoje, nós sabemos como fazer coisas dentro dos custos. E isso nos habilitou a fazer um filme que eu acho que vai parecer dez milhões de dólares mais caro do que foi."

E claro, nem todas as mudanças no roteiro surgiram por causa de preocupações com custos. A responsabilidade primária de qualquer um conectado à produção de um filme é contar a história. E alguns dos aspectos narrativos do primeiro filme da Nova Geração são únicos.

Como Brannon Braga explica, "O filme ainda precisa ser acessível àquelas pessoas que nunca ouviram falar de JORNADAS NAS ESTRELAS em suas vidas. Por isso nós quisemos fazer uma linha narrativa mais larga, com um enredo de ação maior. Nossos episódios tendem a se concentrar um bocado nos personagens, e penso que você achará que este filme é mais orientado para o enredo do que um episódio. Não que o filme não tenha personagens, é claro. Há arcos emocionais centrais. Mas nós precisamos de um enredo de ação grande e palpitante para carregar o filme. A ação tem que

ser maior. O humor tem que ser maior."

Ron Moore concorda: "Nós sabíamos desde o 'vamos-lá', que não podíamos depender muito da história de fundo que havíamos estabelecido na série. Você não podia simplesmente começar a escolher linhas de enredo de 'Descem\*', ou de qualquer um dos outros episódios, porque não pode ficar na dependência de que o público esteja ciente delas, ao contrário do que acontece na série de televisão, com uma assistência dedicada. Todavia não queríamos ter que andar por aí explicando o que são naves estelares. Tínhamos que seguir com a idéia de que JORNADA NAS ESTRELAS é um tipo de ícone. Você meio que sabe o que é a Enterprise mesmo que nunca tenha assistido à série.

Você meio que entende o universo no qual ela tem lugar. Mas para a audiência que realmente não entende, fazemos referências casuais em algum lugar ao fato de Data ser um andróide, de que Troi tem poderes empáticos, de que a coisa no rosto de Geordi é um VISOR, de que Worf é um Klingon. Tentamos trabalhar com pequenas pistas como estas, para o não-apreciador da série, ao longo do filme."

Uma outra área na qual a escritura do filme difere da escritura de um episódio está no que pode ser feito aos personagens. Na televisão, há a necessidade de que personagens e situações chaves permaneçam as mesmas semana após semana. Mas com um filme, tudo isso muda.

"Por exemplo", explica Braga, descrevendo ainda outra surpresa desenvolvida no filme, "demos a Data emoções. Isso é algo que nunca teria sido feito na série, porque no segundo em que você faz isso, você inexoravelmente alterou o personagem. De fato, você eliminou a sua busca totalmente. Mas no filme, tínhamos que fazer alguma coisa grande assim. Ou, queríamos fazê-lo. Porque essa foi nossa primeira chance de fazer algo realmente grande. Agora, em um segundo filme, você verá um Data muito diferente. Mas porque se concebe que os filmes serão espaçados de dois em dois anos, você pode assumir esses tipos de mudanças."

A decisão de dar emoções a Data — através do "chip emocional" feito para ele por seu criador, Noodien Soong — não foi tomada levemente, e isso leva ao que Braga chama de "cena com a maior controvérsia": "A cena de Spot, no final, onde Data recupera o seu gato e derrama uma lágrima."

Braga explica que ele, Ron Moore e Rick Berman pensaram que a cena era muito pungente. "Nós queríamos que Data pensasse que tinha suas emoções sob controle, mas então experimentasse uma daquelas emoções que realmente ninguém pode explicar — chorar quando se está feliz. Assim Data encontra seu gatinho e não entende o que acontece consigo. Ele diz: 'Estou feliz em ver Spot, ainda assim estou chorando. O chip não deve estar

funcionando direito.' Mas Troi diz: 'Não... penso que está funcionando perfeitamente.'"

A controvérsia sobre essa cena proveio da preocupação do ator Brent Spiner de que fazer Data realmente produzir lágrimas seria uma mudança exagerada em seu personagem, e de seus temores de que ela parecesse por demais "esquemática". Braga é rápido em concordar que Spiner tem um argumento, mas, no final, "nós decidimos que o filme poderia um pouco de 'esquemáticação'. Simplesmente veremos o que pensa o público."

Eventualmente, a palavra escrita deve ser transformada em imagem visual, um processo que inicia na fase de pré-produção, quando o diretor do filme começa a conceitualizar as cenas que serão trazidas à vida. E nesse ponto que o desenhista de produção se une ao time. Para JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA GERAÇÃO, o desenhista de produção no caso tinha considerável experiência em trazer o futuro à vida visual. Ele é Herman Zimmerman, e esteve nas equipes de JORNADA NAS ESTRELAS muitas vezes no passado.

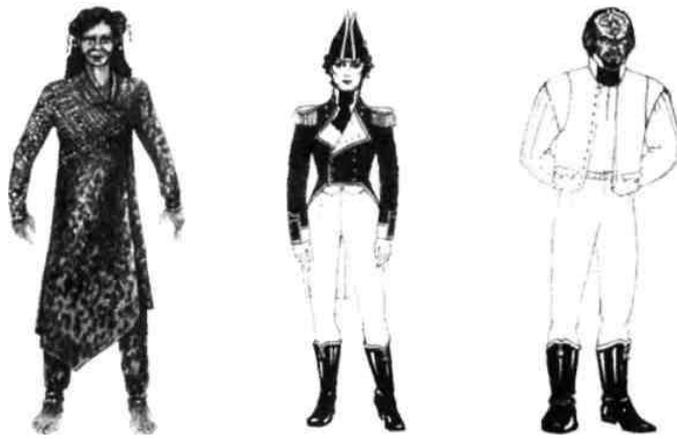
O desenhista de produção de um filme é, nas palavras de Zimmerman, "a pessoa responsável por tudo o que você vê na tela - excetuando as interpretações." Essa responsabilidade requer um intrincado entrelaçamento de conhecimento técnico sobre tudo, de filmes e lentes de câmera a efeitos visuais, guarda-roupa, cenário e design de apoio, tudo combinado com o olho de um artista.

Zimmerman primeiro uniu-se à equipe de televisão de JORNADA NAS ESTRELAS quando o produtor Robert Justman trouxe-o para ser o desenhista de produção da primeira temporada da Nova Geração. Depois disso, Zimmerman voltou a trabalhar em filmes, incluindo Jornada nas Estrelas V e VI. Hoje, seu trabalho pode ser visto toda semana em JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA MISSÃO, um dos programas visualmente mais espantosos da TV.

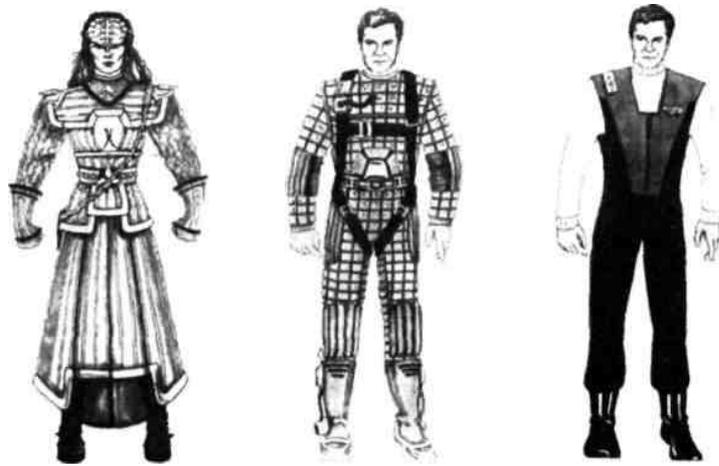


*A bordo da Enterprise-Q o capitão Kirk arranca um painel rangente na Sala de Transmissão do Defletor para descobrir... uma equipe de câmera? No jargão da indústria de filmes, esta espécie de ângulo de câmera, no qual o personagem é visto a partir de um ponto de vista dentro de uma peça de equipamento, é conhecido como uma "tomada de refrigerador", por razões óbvias.*

Por causa do passo rápido da produção televisiva, Zimmerman usualmente começa a trabalhar em qualquer episódio da Nova Missão quando há apenas uma história ou um primeiro rascunho de roteiro ao qual se referir. Mas no caso do filme A Nova Geração, ele teve o luxo de começar seu trabalho com um roteiro completo. Dada a amplitude do visual requerido pelo roteiro - da Enterprise-B do século XXIII a áreas nunca antes vistas da Enterprise-D; dos ambientes quase místicos do Nexus dando para as selvas e desertos de Veridian III — é duro para aqueles fora do ramo entenderem como alguém inicia um serviço desse escopo. Afortunadamente, Herman Zimmerman tem circulado pela galáxia...



*Parte do desafio de criar um ambiente futuro totalmente conceitualizado para um filme de JORNADA NAS ESTRELAS pode ser visto nesta coleção de esboços preliminares dos figurinos de JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA GERAÇÃO. Graças à seqüência do holodeck, na época de Picard, o trabalho do desenhista de figurinos Robert Blackman teve que cobrir mais de quinhentos anos de história humana, com uns poucos desvios entrando nos territórios alienígenas.*



Conforme ele se lembra, seu primeiro trabalho foi aperfeiçoar os cenários originais, feitos para a TV, da *Nova Geração*. "O nível de detalhe que é necessário para fotografar tendo em vista a tela de um filme opondo-se à tela da televisão, requer que se elabore sobre suas boas idéias já

existentes", Zimmerman diz. "O que eu espero que tenhamos realizado é erguer aquele nível de detalhe dos cenários originais, e fazer a audiência sentir quando os virem na tela grande, que: 'Isso deve ser como era o tempo todo, mas nós apenas não víamos porque estava na tela de vídeo ao invés de uma tela em cinemascope de trinta pés de altura e setenta de largura.'

"Por exemplo", continua Zimmerman, citando apenas umas poucas instâncias da miríade de detalhes que ele cria e supervisiona, "na ponte nós encorpamos os suportes do teto. Quando eu primeiro fiz a série JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA GERAÇÃO, tínhamos algumas limitações de orçamento que me impediam de fazer todas as coisas esculturais que eu teria gostado de ter feito no teto. O teto é um *design* particularmente interessante na ponte, e ele sempre pareceu na televisão, para mim, algo não muito fácil de entender. As vigas que definiam o teto nem sempre eram percebidas tão bem quanto deveriam, porque é realmente um *design* bem bonito. Assim eu peguei a oportunidade para fazê-las cerca de sete polegadas e meia de largura, ao invés de apenas três. Essa mudança de tamanho faz uma grande diferença na presença que o teto assume, quando você o vê."

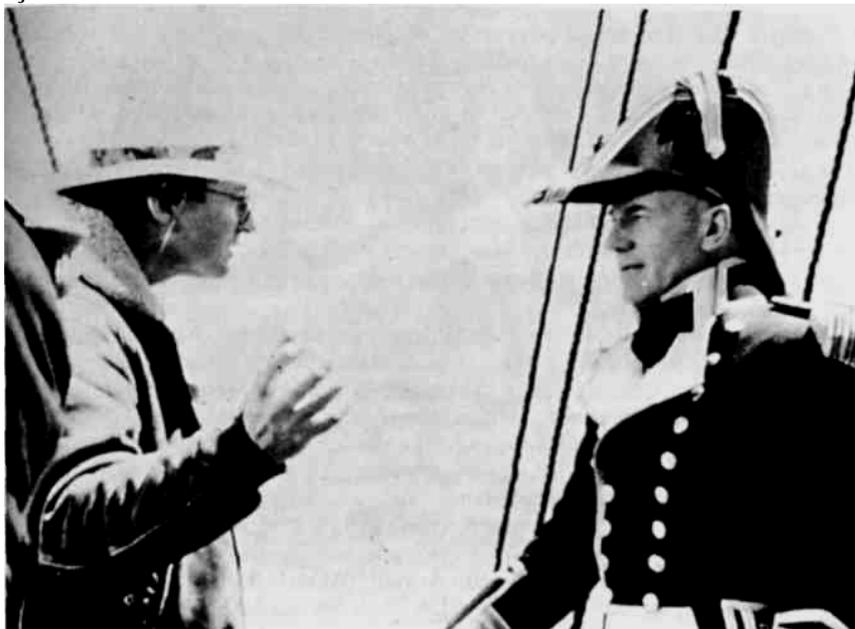
Quanto a outras mudanças na ponte, Zimmerman diz: "Levantamos a área do capitão e dos oficiais colocando uma plataforma sob eles, e isso deu ao capitão e aos oficiais um pouco mais de importância na ponte. Também os trouxe mais perto de Worf, que está sempre em pé atrás deles no console de armamentos, de modo que fosse mais fácil fotografá-los e fazer com que a interação entre os atores acontecesse mais prontamente.

"Também foi instalado, à direita e esquerda da balaustrada, um novo conjunto de consoles de computador para que pudéssemos ter um *staff* maior na ponte. Tivemos algumas cenas muito excitantes que tiveram lugar na ponte sob um confinamento muito extremo, e a presença dos membros da tripulação extra aumenta o drama."

De fato, a adição de novos postos de computador na ponte havia sido sugerida ao estúdio antes, como uma mudança proposta para a série de televisão. Contudo, uma vez que os novos postos iriam requerer atores adicionais presentes durante as filmagens de quase todas as cenas na ponte, sem necessariamente somar às possibilidades de enredo da série, os postos extras foram rejeitados como sendo um acréscimo custoso demais.

É claro, houve sentimentos doce-amargos sobre aperfeiçoar os cenários da *Nova Geração* existentes, para a sua primeira aparição em filme, porque foi também a sua última aparição. Durante o clímax da seqüência da queda, os cenários foram literalmente partidos em pedaços. Brannon Braga diz, casualmente, que "foi realmente interessante caminhar naqueles cenários em que se trabalhou por tantos anos. Eles simplesmente os estouraram em

pedaços."



*Na locação em Marina Del Rey, para a seqüência de abertura passada em um holodeck, na era da Nova Geração, o diretor David Carson conferência com Patrick Stewart antes de uma tomada. Mais tarde, quando uma chamada urgente para entrar em ação faz com que a tripulação se precipite para a ponte da Enterprise-D sem mudar os figurinos, Brent Spiner comentou que, quando se sentou no seu console vestindo um uniforme antigo, sentiu-se como o pianista Liberace.*

Quando solicitado a descrever seus sentimentos naquele momento, Braga simplesmente diz que achou a destruição dos cenários ao mesmo tempo inacreditável e muito satisfatória.

Após as modificações nos cenários originais, Zimmerman voltou sua atenção para as novas áreas da *Enterprise-D*, requeridas pelo filme. "Cartografia Estelar é provavelmente o cenário mais importante no filme porque sem o entendimento do que se passa nele, você não será capaz de seguir o enredo muito bem", diz Zimmerman. Esse cenário serve para que Picard, Data e a audiência descubram qual é o plano de Soran, e compreendam que têm de detê-lo.

Como os escritores e produtores do filme, às vezes Zimmerman tem que

repensar seus planos cuidadosamente, a fim de conseguir os resultados mais efetivos, com o dinheiro que tem para trabalhar. Todavia, como Rick Berman notou, os anos de experiência em televisão de sua equipe em tirar o máximo de recursos limitados, garante que a audiência do filme *A Nova Geração* não será tapeada.

"Nós não cortamos o número de cenários, realmente", diz Zimmerman. "Ao invés, afiamos o lápis, para aumentar a ambição de alguns deles. Por exemplo, onde o enredo pedisse por um corredor de cem pés de comprimento, nós ajustamos para um corredor de cinquenta ou sessenta pés. Precisávamos manter o orçamento sob controle, mas os requerimentos para cenários permaneceram os mesmos por todo o processo, e eu penso que o resultado geral das economias não feriu o filme."

Mas dinheiro é apenas um dos recursos valiosos a serem cuidadosamente distribuídos durante a produção de um filme. O outro é o tempo. E quando a produção começa, o tempo torna-se um item de peso na área do desenho de produção.

Embora a construção de cenários estivesse dentro do cronograma, Zimmerman diz: "As locações externas não haviam sido selecionadas na momento em que iniciamos as filmagens principais. Tínhamos apenas uma entre sete, que sabíamos com certeza que íamos usar. Assim o diretor e eu, e o gerente de locações, passamos literalmente cada fim de semana enquanto estávamos filmando, até cerca de duas semanas antes que fôssemos ao 'Vale de Fogo', o que estava bem no fim do cronograma, em um helicóptero, procurando por locações que não haviam sido inviabilizadas. Isso foi incomum, e exaustivo. Mas realmente não causou impacto no trabalho de estúdio, que é o grosso do trabalho que tem de ser feito em uma obra de JORNADA NAS ESTRELAS."

\_ Como o diretor do filme JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA GERAÇÃO (tanto quanto como o diretor do episódio piloto de JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA MISSÃO, e muitos episódios da série JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA GERAÇÃO a partir da terceira temporada), David Carson esteve também profundamente envolvido em guiar e estabelecer o look global do filme. Assim, encontrar as locações externas certas era extremamente importante para ele.

"Os filmes de JORNADA NAS ESTRELAS têm uma escala que é mais para o lado épico do que para o lado naturalista", diz Carson. "Eles têm uma qualidade quase operística, vez ou outra. É por isso que escolhemos filmá-lo em *anamorphic*, que é a tela larga — para dar à audiência toda essa imensa escala. Penso que quando você faz um filme de JORNADA NAS ESTRELAS, você tem que ir buscar o tipo de escala que o permite entreter a

audiência dentro do melhor da sua habilidade. Você tem que buscar o deserto mais estranho e a montanha mais peculiar, e ao invés de construir um navio à vela em um estúdio, você tem que pegar um real e zarpar com ele. Todas essas coisas são extremamente difíceis de fazer, particularmente em um cronograma muito estrito, como o que tínhamos."

Conforme Zimmerman mencionara, a locação do Vale de Fogo foi uma das mais difíceis de achar, e de filmar. Ao sustentar o seu próprio desejo de manter a imensa escala de um filme de JORNADA NAS ESTRELAS, David Carson recorda-se que ao tentar achar o sítio perfeito para o complexo de Soran, "procurávamos por uma montanha extraordinária, que estivesse perto do céu e que nos daria um sentimento de estarmos em um lugar alienígena, com uma vista de trezentos e sessenta graus sem qualquer civilização."

Mas quando Carson, Zimmerman e o gerente de locações finalmente chegaram no Vale de Fogo, eles tiveram que fazer mais do que apenas procurar a montanha. "Herman e eu escalamos cerca de onze desses grandes picos", diz Carson, "e no fim da tarde chegamos a essa área em particular, onde o gerente de locações sugeriu que subíssemos aquela colina. Assim nós a escalamos e eu olhei por sobre o topo da colina e vi a montanha que nós eventualmente usamos. Eu disse: 'Que tal irmos lá?' E eles todos me olharam como se pensassem que eu estivesse louco. Mas Herman e eu a escalamos e foi uma maravilhosa locação, onde você podia ver em trezentos e sessenta graus sem civilização em parte alguma, apenas platôs. E uma locação extraordinariamente bela."

Beleza, contudo, não vem facilmente, e achar a locação certa foi apenas o primeiro passo rumo a realmente utilizá-la. O próximo passo foi trabalhar um modo de trazer uma equipe inteira de produção para o sítio no remoto deserto.

"Primeiro", Carson continua, "pareceu que nós não seríamos capazes de filmar lá, por estarmos tão longe da estrada. Quando voltamos aos oficiais do parque e lhes dissemos que queríamos usar esse local, eles disseram: 'Bem, nós não vamos permitir que vocês atravessem o chão do deserto com todos os seus caminhões e coisas.' E mesmo assim, íamos ter de escalar um bom quarto de milha ou mais. Então, voltamos com um helicóptero para fazer um reconhecimento em torno do ponto, e porque eu tinha que filmar tomadas de helicóptero em volta da coisa. E enquanto circulávamos, notamos que havia uma velha trilha partindo da estrada e indo até metade do caminho até a montanha. Você não podia vê-la da estrada, mas do ar era possível vê-la muito claramente. Devia ser muito, muito antiga, porque estava completamente coberta de poeira. Mas você podia ver que vez ou outra houve uma trilha ali. Assim nós voltamos e pedimos ao oficial para subir no

helicóptero e mostramos a ele. E ele disse: \*Oh, bem, já que está lá, vamos pensar nisso.' E foi assim que conseguimos a locação — o helicóptero nos mostrou o caminho."



*O complexo de Saran em Veridian III estava na verdade localizado no Vale do Fogo, cerca de uma hora e meia de Las Vegas. Note os caminhões à distância. Todo o equipamento, suportes, e material de construção de cenários teve de ser carregado para este topo de montanha, antes da filmagem.*

Uma outra locação externa chave é a cabana de troncos de Kirk na Terra. Como diz Zimmerman: "É uma parte importante da história porque lá é onde Kirk e Picard se encontram primeiro." Ele recorda o desafio que essa locação representou: "Tínhamos dificuldade em encontrar a cabana porque o roteiro pede que seja no noroeste dos Estados Unidos, o território Cascade, e há muito pouco dentro de um raio de cento e cinquenta milhas de Los Angeles que você pode dizer que passaria como o Cascade. Finalmente, fomos afortunados o bastante para achar a cabana perto do Monte Whitney, que, eu penso, consegue uma aproximação muito boa daquilo que o roteiro pede. Mas não achamos essa cabana e nos centramos nela até provavelmente duas semanas antes de ter que ir até lá e filmá-la."

Essa cifra de cento e cinquenta milhas não é nenhuma distância mágica

de Hollywood, pois é extremamente importante determinar o custo de filmar na locação. Quanto mais longe de Los Angeles a companhia se mover, mais custoso seria pagar o tempo de viagem, ou quartos e despesas de hotel. No início da procura pelas externas, Zimmerman diz, "a distância-chave era trinta milhas." Então ele ri: "Acredite ou não. Mas porque exaurimos todas as possibilidades dentro das trinta, fomos até cem, e então a cento e cinquenta, e finalmente conectamos com tudo o que precisávamos dentro desse raio, exceto pelo 'Vale do Fogo', onde seria construída a instalação de lançamento de Soran. Para achar a locação, voamos para Las Vegas e dirigimos uma outra hora, saindo da cidade."

É claro, muitas das locações necessárias a um filme de JORNADA NAS ESTRELAS não podem ser encontradas mesmo dentro de um bilhão de milhas de Los Angeles. Naves estelares, estações espaciais, trechos de florestas alienígenas — tudo isso existe apenas na imaginação dos escritores. O filme então, portanto, requer os conhecimentos de toda uma categoria de artistas e técnicos — a equipe de efeitos visuais.

Para o filme JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA GERAÇÃO, a equipe chave de efeitos visuais é considerada por muitos como sendo a melhor existente no ramo do cinema: Industrial Light and Magic, a companhia fundada por George Lucas para criar os efeitos de *Guerra nas Estrelas*, e que desde então tem constantemente redefinido o estado-de-arte em filmes tais como *O Exterminador do Futuro 2* e *O Parque dos Dinossauros*.

No caso de A NOVA GERAÇÃO (o filme), a equipe da ILM subiu a bordo cedo, já na fase de pré-produção, como consultores. Bill George, diretor de arte de efeitos visuais da ILM e da *Nova Geração*, explica que o primeiro passo nesse processo um encontro cara-a-cara sobre o roteiro: "No início, falei com o diretor, David Carson. Nós temos o que chamamos de uma equipe de criação aqui na ILM, que consiste do supervisor de efeitos visuais e do diretor de arte. E nós descemos e tentamos sentir como é Dave Carson, Rick Berman, para pegar suas idéias e suas visões do que é o projeto. Então voltamos e fazemos o trabalho de *design*: ilustrações, esboços, *storyboards*, o que seja. Então voltamos e apresentamos a eles, eles reagem, e nós voltamos e fazemos mais do mesmo trabalho. Por isso é mesmo um processo do tipo pingue-pongue."

Alex Siden, supervisor de efeitos visuais da ILM no filme da *Nova Geração*, descreve o processo em termos ainda mais apropriados para um projeto de JORNADA NAS ESTRELAS: "Quando nós trabalhamos em um filme como este, temos que descobrir um modo de entrar em uma parceria criativa com os produtores, onde possamos meio que 'fundir as mentes' com as deles e alcançar o que é que eles estão tentando conseguir."



*Na locação perto do Monte Whitney, William Shatner e Patrick Stewart partilham um momento descontraído.*

O que os produtores tentavam conseguir, é claro, na melhor tradição de JORNADA NAS ESTRELAS, era alguma coisa que nunca fora vista antes. Importante entre os efeitos pioneiros que eles visualizaram para o filme estava o misterioso nexus.

No roteiro, o nexus é simplesmente descrito como "UMA LARGA FAIXA DE ENERGIA CREPITANTE". Mas como explica Alex Siden: "O Nexus é provavelmente o efeito mais importante do filme. É central para o

enredo e todas as grandes seqüências de efeitos. Por isso nós realmente queríamos dar uma aparência legal para ele." Cedo no estágios de planejamento, era óbvio que, para mostrar o que nunca antes fora mostrado em um filme de JORNADA NAS ESTRELAS, seria necessário usar uma tecnologia que nunca antes fora usada em um filme de JORNADA NAS ESTRELAS — concepção de computador.

Imagens geradas por computador — ou IGC — haviam sido usadas antes em filmes de JORNADA NAS ESTRELAS, mas nunca na extensão na qual aparecem em A NOVA GERAÇÃO. No passado, os mais notáveis exemplos de IGC em JORNADA NAS ESTRELAS foi a seqüência sem precedente do "Efeito Gênese", de JORNADA NAS ESTRELAS U: A IRA DE KHAN, e a espetacular explosão da lua Klingon e a resultante onda de choque em JORNADA NAS ESTRELAS VI: A TERRA DESCONHECIDA. Contudo, essas duas seqüências claramente não estavam representando objetos com a intenção de serem assumidos como "reais". Por outro lado, no filme *A Nova Geração* haverá momentos onde tudo o que é visto na tela será gerado por computador — incluindo ambas as *EnterpriseS* e a *Enterprise-D*.

Interessantemente, hoje há pouca diferença de custo entre criar uma seqüência visual de, por exemplo, uma nave voando através de um campo estelar, seja por fotografia de movimento controlado de um modelo, ou por IGC. Contudo, no caso de JORNADA NAS ESTRELAS, onde excelentes modelos já existem, fotografia de movimento controlado é geralmente a perspectiva preferível.

Mas, em *A Nova Geração*, para aquelas cenas nas quais naves estelares devem aparecer com os tentáculos refulgentes de energia formada pelo nexus, a ILM rapidamente determinou que IGC era a única técnica que renderia resultados aceitáveis.

Bill George explica: "A razão de termos criado a *Enterprise-B* no computador foram aquelas cenas nas quais ela encontra o Nexus, o qual é muito, muito volátil — cheio de flashes de luz, com todos esse tentáculos de energia agitando-se contra a nave. Agora, combinar um modelo tradicional, que filmaríamos em estúdio com o elemento gráfico de computador, como o nexus, criaria dificuldades no ajuste de iluminação. Porque teríamos que, em estúdio, incluir aqueles flashes onde o tentáculo saltaria contra a nave. Ao passo que quando fazemos ambos no computador, podemos dizer ao computador para aumentar o nível de luz na nave quando o tentáculo chega perto. Então, em outras palavras, o tentáculo realmente acende o modelo. Essa foi a razão de decidirmos fazer a nave no computador — para o efeito de luz interativa."

Contudo, a *Enterprise-B* não será sempre mostrada por IGC durante todo

o filme. A lustrosa nova nave estelar é realmente uma modificação do modelo de sete pés já existente da nave *Excelsior*, que primeiro apareceu em JORNADA NAS ESTRELAS III: A PROCURA DE SPOCK. Com novas aberturas para propulsores e outros detalhes somados, como mostrado na ilustração acompanhando esta reportagem, a *Enterprise-B* é claramente um vaso da classe *Excelsior*, exatamente como ela havia sido mostrada entre os modelos na sala de conferência da *Enterprise 1701-D*.

É claro, se a ILM passou pelo trabalho e os gastos de criar uma *Enterprise-B* em IGC, uma pergunta óbvia é: Por que então seria necessário um modelo tradicional? Bill George tem esta resposta não-tão-óbvia: "O gráfico de computador trabalha melhor quando os objetos estão longe. Por exemplo, em *O Parque dos Dinossauros*, os dinossauros que estão mais longe da câmera nas tomadas longas são muito mais fáceis de fazer do que os dinossauros em *close-ups*. Quando mais perto a criatura ou espaçonave de IGC chega da câmera, mais difícil se torna esconder os artefatos de computador [padrões distintivos formados pelas limitações da habilidade do computador em produzir detalhes], de modo que fica muito mais difícil enganar a audiência. As tomadas que usaram os modelos das naves estelares foram aquelas tomadas grandes, ruidosas e bonitas, quando a nave estelar está vindo muito, muito perto da câmera. A tecnologia não chegou ao ponto onde seja mais fácil fazer esses tipos de tomadas no computador. É ainda mais fácil e melhor e mais controlável fazê-las em estúdio com um modelo que você possa iluminar fisicamente."

Bill George antecipa que será apenas uma questão de tempo antes que IGC seja usado para grandes e belas tomadas também, mas ele acrescenta que "mesmo quando fazemos algo completamente no computador, usualmente ainda fazemos um modelo-protótipo para disso. Porque não há nada como ser capaz de pegar alguma coisa e olhar para ela."

Em certo sentido, o modelo de estúdio da *Enterprise-B* é também uma parte importante do modelo de IGC também. Uma vez que a vantagem chave do modelo sobre a IGC é o volume de detalhes que o modelo tem, a ILM digitalizou fotografias do modelo de estúdio da *Enterprise-B* e os colocou sobre o modelo gerado por computador, para criar um nível de detalhamento que os artistas de computador não conseguiriam facilmente igualar.

A mesma técnica foi usada para a *Enterprise-D* em IGC, que foi criada para as cenas nas quais a nave está muito longe da câmera, e também para cenas onde a nave entra em dobra. Bill George diz: "O processo usado foi chamado '*slit-scan*', o qual consome muito, muito tempo, e é muito, muito exato." Com um cochicho quase conspiratório, ele acrescenta: "Uma das razões para que aquele flash ocorra na abertura dos créditos quando a nave

entra em dobra é porque nós trocamos o modelo de seis pés pelo de dois. Usamos o de dois pés para o efeito de esticar, e o de seis pés para o de vôo. Bem, eles não se combinaram bem, de modo que é por isso que o flash está lá — para cobrir o fato de que quando há o esticamento de um modelo para outro, nós meio que o usamos para cobrir as discrepâncias entre os dois modelos."

Mas nem todo o trabalho de modelismo feito para *A Nova Geração* foi de uma escala que pudesse caber em estúdio. Para filmar a cena da queda do disco, a ILM engenhosamente usou o seu estacionamento no lugar.

Como Bill George descreveu: "Construímos a seção disco, que tem doze pés de comprimento, colocamos em um guindaste e a jogamos no chão. Sendo que o próprio modelo era feito de fibra de vidro, ele era bem resistente e nós fomos capazes fazer alguns retoques entre as tomadas. Depois de tudo, o modelo cai no chão entre arvorezinhas minúsculas, de modo que não foi tão exageradamente danificado e nós pudemos filmar um número de tomadas da cena. Nós também tínhamos duas ou três câmeras rodando ao mesmo tempo, e assim terminamos com uma ampla biblioteca de metragem para os montadores trabalharem."

O estacionamento da ILM também participou, junto com a própria seção disco, em uma seqüência próxima do final do filme. Bill George diz que, para ele, foi um dos dias "mais divertidos" no programa. No filme, ele explica, "é o dia seguinte ao desastre, e há uma grande evacuação tomando lugar, e as pessoas estão realmente andando no topo do disco. A fim de realizar essa tomada, a Paramount enviou-nos vinte figurinos, e vinte pessoas aqui da ILM os vestiram e saíram para o estacionamento e caminharam sobre uma grande peça de material azul. Então eles nos filmaram em vários cenários onde éramos embarcados em uma lançadeira, e eu tinha que ser um dos oficiais de ciência."

A grande peça de tecido azul sobre a qual caminharam Bill George e os outros foi usada em cada fotograma para óticamente separar a imagem das pessoas do *background*, e então compô-las para dentro da própria seção disco em miniatura multiplicada várias vezes, fazendo parecer como se uma centena de membros da tripulação estivesse realmente no seu topo.

Essa técnica da tela-azul foi também usada para criar um momento memorável na confrontação que é o clímax do filme, entre os dois capitães e Soran — um momento no qual o desenho físico do cenário era uma parte integral da ilusão do fim do filme. A cena é aquela que mostra a tentativa de Picard de impedir o torpedo de Soran de ser lançado, e que resulta na "ocultação" da plataforma de lançamento, criando a impressão de que Picard está flutuando no ar acima do complexo de Soran no deserto de Veridian III.

A coordenação entre as duas áreas da produção necessárias para criar aquela tomada caiu nas mãos de Herman Zimmerman.

Conforme Zimmerman se recorda: "Essa foi um problema particularmente difícil de resolver. Sempre há uma interface entre os óticos e a fotografia principal no estúdio ou na locação, e somos muito cuidadosos quando fazemos essas coisas. Há até mesmo uma equipe de câmera separada para filmar os óticos, usualmente.

"Neste caso, o problema foi composto pelo fato de que estávamos em locação e isso significava que tudo tinha de ser, literalmente, carregado nas mãos, montanha acima. Todo o equipamento de câmera, toda a cenografia, todos os suportes, todos os atores tinham de ser transportados por várias milhas, do alojamento mais próximo até o lugar onde as filmagens seriam feitas. E nós tínhamos uma grande plataforma que tinha de desaparecer. Para isso reinventamos um velho truque de mágico."

Abaixando a voz como que para não ser apanhado revelando um segredo do ramo, Zimmerman descreve o ilusionismo: "Há um truque de uma mesa que desaparece, onde a mesa está arrumada para o jantar e há um flash e então a mesa aparece vazia. E você não sabe o que aconteceu ao jantar. Bem, o que acontece é que as facas, garfos e pratos, taças, flores, comida, etc., estão colados à mesa, que gira, e é escondida dentro da base da mesa através de um leve toque, fazendo tudo parecer que desapareceu em um instante.

"Assim, nós pegamos uma página desse velho truque de salão e fizemos um lançador de torpedo em uma plataforma que girava de modo a ser escondida dentro da base do lançador. Nada disso vai aparecer no filme, mas o que nos permitiu fazer foi ter uma base muito pesada para um lançafoguete que parecia desaparecer. Eu marquei o tempo da equipe. Na primeira vez eles o fizeram em onze minutos, e isso foi um tempo muito bom, eu penso. Depois disso eles o fizeram em cinco ou seis. Com a equipe esperando e sendo paga dentro algo próximo a quinze mil dólares a hora, você quer minimizar o tempo que leva para mudar aquele cenário." Então, Zimmerman conclui, depois que a fotografia principal foi completada, Patrick Stewart foi suspenso diante de uma tela azul no estúdio da Paramount para que pudesse ser composto em sua posição no ar, na metragem do lançador encoberto, filmada em locação.

O fim da fotografia principal usualmente significa que o trabalho dos atores está acabado — exceto por ser pendurado no meio do ar, ou regravar diálogos, ou ser chamado para qualquer um dos muitos arranjos e melhorias de última hora. Contudo, para o *staff da ILM* e de outras pessoas envolvidas na pós-produção, o fim da fotografia principal marca o início real do seu trabalho. De fato, a ILM espera estar trabalhando nas seqüências de *A Nova*

*Geração* ainda em outubro de 1994, a despeito da data de lançamento do filme ser em meados de novembro.

Mas como Bill George aponta, esse não é um quadro de circunstâncias incomum, especialmente quando comparado à programação de pós-produção de um outro filme da ILM: "Nós estávamos realmente trabalhando em *O Império Contra-Ataca* aqui na ILM, depois que o filme foi lançado nos cinemas. Há uma cena bem no fim, onde Luke e Leia estão na nave hospital, e Lando e Chewie estão no *Fakon*. Quando George Lucas estava olhando para a seqüência ele pensou que não estava claro onde eles estavam em relação um ao outro. Por isso há uma tomada onde você parte do compartimento maior do hospital, e então desloca até o *Millennium Falcon*. Essa foi a tomada na qual eles estavam trabalhando enquanto o filme já estava lançado nos cinemas. Um par de semanas mais tarde, eles incluíram essa imagem."



*A tripulação da Ave-de-Rapina de B'Etor e Lursa relaxa entre tomadas no estacionamento da Paramount. Feio menos nós pensamos que eles estão relatando.*

Enquanto a data de estréia de *A Nova Geração* se aproxima, porém, ninguém está esperando que o cronograma para o término do filme será tão estreito quanto o de *O Império Contra-Ataca*. De fato, a produção do primeiro filme da *Nova Geração* tem sido notavelmente livre de problemas,

graças em especial ao fato de que a equipe que o está fazendo ter sido afiada por anos de experiência de televisão sob a direção de Rick Berman, e por seu desejo de assumir um projeto que eles amam e movê-lo para dentro de uma nova arena.

Enquanto Rick Berman revê o processo de guiar a série à sua próxima encarnação, ele reflete que, "quando você começa um filme para a tela grande, Você está lidando com uma miríade de coisas que ansiava por fazer: Ser capaz de contar uma história que não tenha que começar e terminar em cinco atos em quarenta e três minutos — algo com um alcance maior, algo que se sustente sozinho. Ser capaz de usar locações e levar sua equipe para lá. Ser capaz de ter muitas mais seqüências óticas complexas. Ser capaz de ter cenas onde você tem cem extras, em oposição aos quinze que o orçamento da TV possibilita. Ser capaz de gastar mais tempo para fazer o trabalho apropriadamente.



*William Shatner tem a sua maquiagem ajustada nesta maravilhosa foto mostrando o quão complexa pode ser a produção de um filme. Além dos atores Shatner e Malcom McDowell, há 36 pessoas neste única foto — 37 se você contar o fotógrafo. O número real de membros da equipe do estúdio nesta locação foi cerca de 150 — sem contar cerca de 30 outros trabalhadores de construção e motoristas — todos necessários para a filmagem da dramática seqüência na qual apenas três pessoas aparecerão! Note também que, a despeito de estarem em locação no deserto no meio do verão, iluminação adicional do refletor na plataforma ao fundo é ainda necessária.*

"Cada diretor de televisão em seu coração deseja filmar duas páginas de

roteiro por dia. Mas ele é forçado a fazer sete páginas por dia porque essa é a natureza do ramo. Quando você tem de fazer duas páginas por dia, o que é feito nos filmes, você pode se demorar para fazê-las corretas. O cameraman e o diretor podem trabalhar juntos e podem coreografar tomadas e podem trabalhar com os atores e ensaiar, e fazer coisas muito mais sofisticadas e muito mais suaves, e muito mais pensadas para parecer e soar melhor."

Quando perguntado se há certas cenas no filme que se sobressaem para ele como exemplos brilhantes do que se dispôs a fazer, Berman pode apenas suspirar pensativamente, enquanto diz: "Eu vi o filme tantas vezes. Algumas vezes, eu o vi enquanto trabalhava em um ato de dez minutos, durante cerca de cinco horas. Outras vezes, eu me sentava e projetava o filme por duas horas direto. E esse é o modo que tem sido no último mês." Mas seu entusiasmo pelo filme não permanece contido por muito tempo: "Há momentos em que coisas me surpreendem", continua. "Há uma cena em um cenário chamado Cartografia Estelar. É uma cena de sete páginas em uma sala com duas pessoas. E nós estávamos assustados com a possibilidade de que ela ia ser mortalmente vagarosa. Mas não é. Ela funciona maravilhosamente.

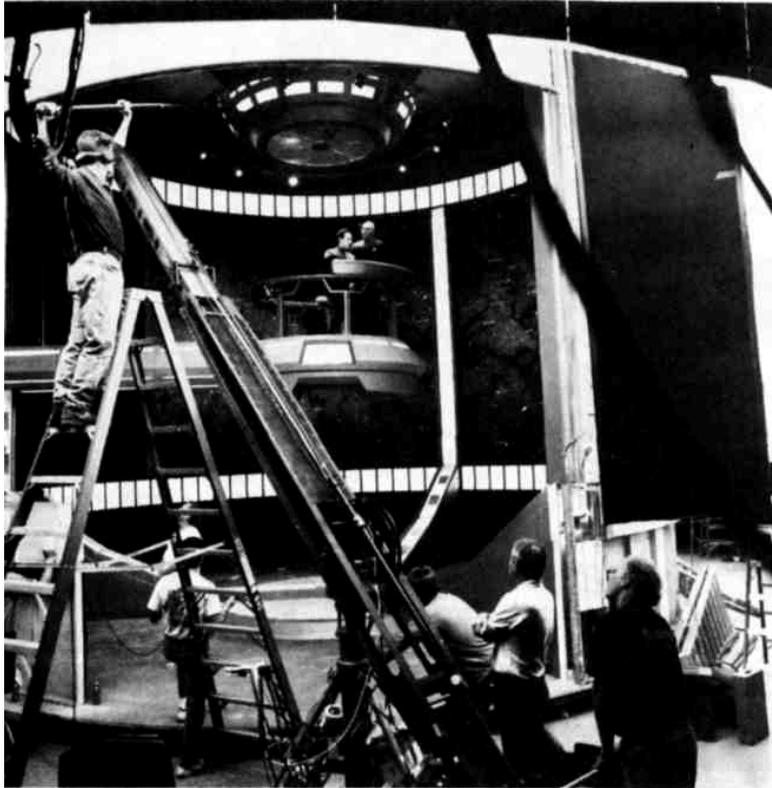
"Há também uma cena entre Picard e Troi nos alojamentos dele. Uma cena muito emocional que funciona belamente."

A esta altura o sentimento de excitação de Berman sobre o filme supera tudo o mais: "Obviamente, a queda da *Enterprise* é a maior seqüência de ação e aventura. Mas, para o meu deleite, a batalha e destruição do vaso Klingon é uma incrível cena de ação e aventura no filme. Como é também a abertura com Kirk na sala do defletor na *Enterprise-B*. Assim, há surpresas contínuas para nós. Essas são apenas algumas daquelas que surpreenderam a mim, por se sobressaírem mais do que eu talvez pensasse que o fariam. Mas nós mudamos tantas coisas... e temos estado esmiuçando e mudando e reordenando coisas nas últimas cinco semanas... que é meio difícil ser específico sobre coisas que foram surpreendentes. Porque elas continuam a nos surpreender, diariamente."

Se JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA GERAÇÃO pode ainda trazer tal excitação a alguém que trabalhou nele por quase dois anos, que o conhece por dentro e por fora, cada virada e cada nuance do enredo, então as chances são excelentes de que a audiência ficará encantada.

Mas se alguma coisa dá um índice verdadeiro de como um filme será recebido, é a velocidade com que o estúdio decide seguir em frente com uma continuação. Em Hollywood, uma cidade notoriamente conservadora, quando o problema é gasto de dinheiro, a decisão de fazer seqüências não é usualmente abordada até que preocupados executivos vejam quais são os

ganhos de bilheteria no fim de semana de estréia. Todavia no caso de *A Nova Geração*, três meses antes do filme estar programado para estréia, Rick Berman e a Paramount já haviam começado o planejamento para o próximo filme.



*A Sala de Cartografia Estelar a bordo da Enterprise-D. Este é o dramático cenário para a crucial cena na qual Picará — e o público — finalmente entendem o que Soran planeja.*

Como Rick Berman coloca, "o 'zum-zum em torno do filme tem sido muito bom, e todo mundo parece bem excitado com isso."

Quase trinta anos se passaram desde que a criação de Gene Roddenberry foi pela primeira vez apresentada ao mundo, e graças à Paramount e a Rick Berman, e produtores, escritores, elenco, e equipe de *JORNADA NAS ESTRELAS: A NOVA GERAÇÃO*, o futuro que ele imaginou está em boas mãos, sem que o término das aventuras esteja à vista.